



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**VINDE A MIM OS PEQUENINOS: História da educação de crianças desamparadas na
Instituição Educativa Espírita (1947-1992)**

ROSEMEIRE SIQUEIRA DE SANTANA

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**VINDE A MIM OS PEQUENINOS: História da educação de crianças desamparadas na
Instituição Educativa Espírita (1947-1992)**

ROSEMEIRE SIQUEIRA DE SANTANA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josefa Eliana Souza

Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Pensamento Educacional.

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S232v Santana, Rosemeire Siqueira de
Vinde a mim os pequeninos : história da educação de crianças
desamparadas na Instituição Educativa Espírita (1947-1992) /
Rosemeire Siqueira de Santana ; orientadora Josefa Eliana Souza.
– São Cristóvão, 2016.
206 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal
de Sergipe, 2016.

1. Educação – História - Sergipe. 2. Espiritismo - Educação. 3.
Pobreza – Crianças. 4. Assistência social - Crianças. 5. Escola
Amélie Boudet. I. Santana, Rosemeire Siqueira de, orient. II.
Título.

CDU 37.014.523:133.9(813.7)(091)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO



ROSEMEIRE SIQUEIRA SANTANA

“VINDE A MIM OS PEQUENINOS: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE
CRIANÇAS DESAMPARADAS NA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA
ESPÍRITA (1947-1992)”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Federal de Sergipe e aprovada pela Banca
Examinadora.

Aprovada em: 26. 02. 2016

Prof.ª Dr.ª Josefa Eliana Souza (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição /
Programa de Pós- Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. José Costa D'Assunção Barros
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ UFRRJ

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016

*Para meus meninos,
Pedro Luís e João Antônio.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer deveria ser à parte mais fácil, porém não é! Porque corremos o risco de esquecer de alguém, mas tento viver a seguinte filosofia, um dia escrita na composição de Luís Gonzaga Jr. “Tantas pessoas, sempre é as marcas das lições diárias de outras pessoas...”

E começo agradecendo não a uma pessoa, mas a um sujeito abstrato Deus, responsável pela energia que me fortaleceu a cada amanhecer, durante este dois anos, não permitindo desânimo nesta jornada, mesmo quando as dificuldades pareciam superiores.

A minha mãe Georgina Almeida Siqueira, quem chamo carinhosamente de “mainha”, obrigada pelas orações, por me educar e fazer ver que o estudo seria a única maneira de mudar a minha história.

A minha tia e madrinha Maria José de Santana, pelas orações e carinho que sempre demonstrou para comigo.

Aos meus irmãos:

Josi Siqueira por me fazer perceber que não adiantava ser apenas esposa e mãe, mas era preciso sair das quatro paredes do lar, porque lá fora havia um mundo acadêmico me esperando para ser explorado. Esta pesquisa também é sua!

Amanda Siqueira irmã mais nova, que por vezes parece mais velha, com suas reflexões e conselhos. Obrigada por ser tia e “mãe” do Pedro e João, por me salvar nas traduções e nas panes de informática.

Marcelo Siqueira companheiro de concursos, sonhos e viagens que do seu jeito sempre dizia tudo vai dá certo!

Ao meu esposo Raimundo Venâncio por compreender as minhas ausências, principalmente nos filmes quantas vezes, envolvida com os documentos da pesquisa, ouvia do do quarto: “se a Rose estivesse aqui já teria desvendado o mistério”. Obrigada por cuidar dos nossos meninos, quando o tempo não me permitia tais ações. Por ouvir cada descoberta da pesquisa me auxiliando nos momentos em que a mente cansava e as palavras faltavam. Serei eternamente grata!

Aos meus filhos Pedro Luís e João Antônio, ao tempo que agradeço, também peço-lhes desculpas pelas ausências, por vezes tive que dizer: meninos, agora não! Preciso fazer a leitura e digitar. Sei que um dia compreenderão que tudo foi em busca de bons frutos.

Ao meu sobrinho e afilhado Heitor Siqueira Barreto que na magia da infância sabe me encantar, com suas respostas sincera.

Ao meu enteado Ruriá Araújo Venâncio pelo auxílio na parte gráfica.

À professora Dr^a. Josefa Eliana pela orientação comprometida, por acreditar na minha pesquisa e abraçar comigo essa ideia, mesmo sabendo, que o meu estudo não comugava com o seu campo de pesquisa. Meu muitíssimo obrigada!

Ao professor Dr. Joaquim Tavares da Conceição pela leitura atenta do trabalho e por me ensinar a dialogar com as fotografias e fazer enxergar que as entrelinhas possuem as suas falas.

Ao professor Dr. José Costa D'Assunção Barros pelo olhar perspicaz de pesquisador, sinalizando brechas que deveriam ser desvendadas. E por apontar, que os sujeitos são plurais.

Ao professor Dr. Magno Francisco de Jesus Santos pela sua contribuição em Seminário de Pesquisa e Exame de Qualificação me orientando por onde seguir, abrindo meus olhos para os registros orais que representam o presente revisitando o tempo passado, e que os atores mudam suas concepções ao longo do tempo.

Ao professor Dr. Edmilson Menezes que na sua maestria filosófica, sinalizou para várias possibilidades no estudo, ajudando-me a costurar esta história.

Aos professores do PPGED em especial: Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, Dr^a. Verônica dos Reis Mariano, Dr^a. Silvana Bretas, Dr^a. Veleida A. Silva, Dr. Anselmo Menezes, Dr. Bernard Charlot, Dr. Jorge Carvalho do Nascimento e Dr. Luiz Eduardo Menezes Oliveira pelas contribuições no decorrer do mestrado.

À professora Msc. Rita de Cássia Dias Leal, minha orientadora na graduação e porque não dizer a incentivadora para o mestrado.

Aos meus entrevistados: Lourenço Cruz, João Batista Santana, Marta Batista, Maria da Anunciação, Sandra Maria, Esmeralda Menezes, Edilma Lima, Carmem Novais, Delvanir Figueiredo, Neyde Mesquita, Maria Auxiliadora Santos e Maurilourdes Ramos que abriram seus baús de memória, para eu compor a minha história.

Aos cunhados Antônio Venâncio, Eloisa Venâncio e Adriana Barreto pela torcida.

A Dona Erine, diretora da Casa do Pequenino que desde do primeiro contato me acolheu muito bem, colocando à disposição todas as fontes necessárias.

As amigas Ana Cristina Vieira e Alessandra Lima Souza pelos anos de cumplicidade e por comemorarem comigo cada conquista.

As novas amigas Ane Rose companheira de orientação e de viagens; Cibele, Carla Nery, Carla Uilliane, France Robertson, Risia Rodrigues, Nayara Alves, Eanes Correia e Douglas Alves.

Aos funcionários do PPGED Guilherme Biriba e Graciele Moreira pela forma prestativa como sempre me receberam.

Aos membros do GREPHES – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior.

Aos amigos da Escola Núbia Lima do Nascimento Carlos, Juçana, Deyse Fabiane, Karine, Maria do Sacramento por tornarem as minhas idas para à cidade de Estância no processo do mestrado, menos dolorosa.

A Secretaria de Estado da Educação de Sergipe – SEED e a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Estância - SEME pela concessões das licença.

RESUMO

O presente estudo busca compreender o processo de implantação da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, que engloba a Escola Amélie Boudet e o Lar Meimei, como a cultura escolar e as práticas educativas desenvolvidas nessas instituições. Além do procedimento educacional usado para essas crianças e a atuação da referida instituição no campo da educação à infância pobre, requer o uso de alguns conceitos, dentre eles, o de cultura escolar. O marco temporal da referida pesquisa corresponde ao período de 1947 a 1992; o mesmo foi delimitado a partir do ano de concepção de uma instituição espírita voltada à educação e o ano de encerramento das atividades do Lar Espírita Meimei. Os fundamentos teóricos metodológicos desta pesquisa estão contidos nos pressupostos da Nova História e têm como fundamentação as pesquisas relacionadas à História da Educação, Educação de Órfãos e Cultura Escolar, produzidas pelos pesquisadores, tais como: Clarice Nunes, Dominique Julia e Irma Rizzini. Para uma melhor compreensão do tema proposto, fez-se uso dos conceitos de representação e apropriação de Roger Chartier (2002), e memória de Pollack (1992). Durante a realização da pesquisa documental buscou-se várias instituições, entre elas: Arquivo Público do Estado de Sergipe, Arquivo da Escola Espírita “Casa do Pequenino”, Arquivo da União Espírita de Sergipe, Arquivo da Federação Espírita de Sergipana e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Foram utilizadas e analisadas diversas fontes, tais como: Livros de Matrículas, Diários, Leis e Decretos do Estado de Sergipe, Regulamento Interno, Jornais da época, Atas, Relatos Oraís, além da bibliografia especializada. A história da assistência à infância pobre no Brasil passou por vários formatos, por acreditar que a caridade era senso humanitário e que estaria contribuindo, através dessas entidades educativas filantrópicas para a formação da criança pobre. Da mesma maneira, os representantes da União Espírita Sergipana, abraçaram o desejo de apresentarem às crianças desvalidas a possibilidade de construir uma “estrada diferente” para as suas vidas. No Brasil, o surgimento de Escolas Confessionais Espíritas ocorreu no início do século XX, uma vez que os seguidores da doutrina viam a prática da virtude “caridade”, como essencial para o melhoramento do homem, principalmente com relação ao acolhimento de crianças órfãs e pobres. Assim, baseando-se na possibilidade de acolhimento desses menores, os seus seguidores estavam atentos a formar pessoas, cuidar, instruir e apresentar possibilidades de crescimento. Durante o ano de 1947, os seguidores da Doutrina Espírita em Sergipe, ocuparam-se da realização de obras de amparo social, tais como a construção de escolas e orfanatos. Desse modo, almejavam contribuir com educação aos menos favorecidos à luz dos preceitos religiosos do espiritismo.

Palavras-chave: Casa do Pequenino. Cultura Escolar. Educação Espírita. História da Educação. Infância Pobre.

ABSTRACT

This study aimed to understand the implementation process of the Spiritualist School “Casa do Pequenino”, which encompasses the Escola Amélie Boudet and Lar Meimei, and school culture and educational practices developed in these institutions. Besides the educational procedure used for these children and the role of the institution in the field of education poor childhood, some concepts were used, among them, the school culture. The time frame of this research is the period 1947-1992; it was delimited from the year of conception of a spiritualist institution dedicated to education and the year of closing of the activities of the Lar Meimei. The theoretical and methodological basis of this research are contained in the presuppositions of the History New and have the basis researches related to the History of Education, Education of Orphans and School Culture, produced by researchers such as: Clarice Nunes, Dominique Julia and Irma Rizzini. For a better understanding of the theme was used concepts of “representation” and “appropriation” of Roger Chartier (2002), and “memory” of Pollack (1992). During the research, several institutions were visited, including: Arquivo Público do Estado de Sergipe, Arquivo da Escola Espírita “Casa do Pequenino”, Arquivo da União Espírita de Sergipe, Arquivo da Federação Espírita Sergipana e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Were used and analyzed various sources such as: Registrations Books Registrations, Diaries, Laws and Decrees of the State of Sergipe, Intern Rules, Newspapers, Minutes, Oral Reports, as well as professional literature. The history of assistance to poor children in Brazil went through several formats, believing that the charity would contribute through these philanthropic educational institutions for the formation of poor children. Likewise, representatives of the Spiritualist Union in Sergipe, embraced the desire to present the underprivileged children the opportunity to build a different "way" to their lives. In Brazil, the emergence of spiritualists schools occurred in the early twentieth. The followers of doctrine saw the "charity" as essential for the improvement of man, especially with regard to the care of orphans and poor children. Thus, based on the possibility of receiving these children, his followers were attentive to educate people, care for, instruct and present opportunities for growth. During 1947, the followers of the Spiritualist Doctrine in Sergipe, occupied themselves realization works of social protection, such as building of schools and orphanages. Thus, they aspired to contribute to education of the poor from the religious precepts of spiritualism.

Keywords: Casa do Pequenino. School Culture. Spiritualist Education. History of Education. Poor childhood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alunos da Escola Amélie Boudet e internos do Lar Meimei.....	15
Figura 2: Professores e alunos do Colégio Allan Kardec.....	62
Figura 3: Crianças saindo de uma aula de Moral Cristã no Lar de José (MA) – 1947.....	68
Figura 4: Folhetim de divulgação do Lar de Maria, em Belém do Pará	69
Figura 5: Primeiros órfãos do Asilo Mansão do Caminho.....	71
Figura 6: Laura Amazonas – 1905.....	75
Figura 7: Livro elaborado por Laura Amazonas.....	80
Figura 8: Desembargador Hunald Santa Flor Cardoso e Laura Amazonas doaram terrenos a UES.....	88
Figura 9: Mocidade Espírita no Parque Teófilo Dantas, durante a Feira de Natal.....	92
Figura 10: Folhetim de divulgação.....	95
Figura 11: Atores do Espetáculo Tapete Mágico, na apresentação do 2º Ato.....	101
Figura 12: Espetáculo Tapete Mágico.....	102
Figura 13: Cena inicial do Espetáculo.....	104
Figura 14: Elenco do Espetáculo Tapete Mágico.....	115
Figura 15: Ofício Grupo Espírita Irmão Fego.....	120
Figura 16: Fachada da Casa do Pequenino.....	122
Figura 17: Laura Amazonas, Neyde Mesquita e José Mesquita, recebendo doações da Philips para a Casa do Pequenino.....	122
Figura 18: Termo de Abertura Casa do Pequenino	123
Figura 19: Inauguração Lar Meimei	126
Figura 20: Alunos da Escola Améli Boudet e internos do Lar Meimei.....	127
Figura 21: Piso da Casa do Pequenino – Lar Meimei e Escola Amélie Boudet.....	129
Figura 22: Primeira Turma de Internos do Lar Meimei.....	134

Figura 23: Neyde Mesquita – 1967.....	145
Figura 24: José Mesquita – 1937.....	148
Figura 25: Internos com os presentes de Natal.....	165
Figura 26: Descrição do Fardamento Amelie Boudet.....	181
Figura 27: Primeira Formatura da Escola Amélie Boudet.....	184

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição da população segundo a religião nas décadas de 1940 e 1950 Sergipe.....	97
Quadro 2: Mulheres Associadas à União Espírita de Sergipe	97
Quadro 3: Homens Associados à União Espírita de Sergipe	98
Quadro 4: Homens Associados à União Espírita de Sergipe.....	99
Quadro 5: Programa do Espetáculo de Teatro Tapete Mágico.....	102
Quadro 6: Dos Sócios Efetivos da Sociedade Orfanato de São Cristóvão.....	109
Quadro 7: Demonstrativo Alunos Matriculados 1966.....	130
Quadro 8: Alunos Matriculados.....	130
Quadro 9: Primeiros Internos do Lar Meimei.....	133
Quadro 10: Cardápio Refeição da Manhã.....	157
Quadro 11: Cardápio Refeição do Almoço.....	158
Quadro 12: Cardápio Refeição do Almoço.....	159
Quadro 13: Cardápio Refeição do Jantar.....	159
Quadro 14: Número de Alunos matriculados entre 1966 a 1982.....	182
Quadro 15: Plano de Curso de Ciências.....	185
Quadro 16: Plano de Curso Comunicação e Expressão.....	186
Quadro 17: Plano de Curso de Matemática.....	186
Quadro 18: Plano de Curso Estudos Sociais.....	187

SUMÁRIO

1. ABREM-SE AS PORTAS.....	15
2. BERÇO DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA.....	37
2.1 O ESPIRITISMO EM SOLO SERGIPANO.....	37
2.2 PENSAMENTO EDUCACIONAL ESPÍRITA.....	44
2.3 ESPIRITISMO E POSITIVISMO: CIÊNCIAS E RELIGIÃO TÊM UMA VISÃO DIFERENTE?.....	48
2.4 VINDE A MIM OS PEQUENINOS: A CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS ESPÍRITAS.....	55
2.5 A EDUCAÇÃO ESPÍRITA E O LEMA: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.....	65
3. RECONSTRUINDO OS FIOS DA MEMÓRIA.....	73
3.1 SONHOS NÃO ENVELHECEM: LAURA AMAZONAS E A CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS ESPÍRITAS.....	73
3.1.1 Laura Amazonas e o seu caminhar.....	75
3.1.2 As práticas pedagógicas de Laura Amazonas.....	79
3.1.3 Não há vida feliz sem ideal: caridade a maior das virtudes.....	83
3.2 PRIMEIROS PASSOS DA CASA DO PEQUENINO.....	85
3.3 TAPETE MÁGICO: FECHAM-SE AS CORTINAS.....	93
3.3.1 A polêmica: A Mágica de um Tapete.....	106
3.3.2 A resposta: praticar a caridade será erro?.....	110
3.4 CASA DO PEQUENINO: “ESTRADA DE FAZER O SONHO ACONTECER”.....	117
3.4.1 “Além do horizonte existe um lugar”.....	128

4. LUGARES QUE MORAM NA GENTE.....	138
4.1 “RECORDAR É VIVER”	139
4.2 AS LEMBRANÇAS DOS PRIMEIROS DIRETORES.....	143
4.3 TODO DIA ERA SEMPRE IGUAL.....	152
4.3.1 Hora de comer!.....	157
4.3.2 A higiene do corpo e do espaço.....	160
4.3.3 A costureira chegou!.....	162
4.3.4 “A festa acabou”.....	163
4.3.5 Domingo e? Dia de visita e passeio.....	166
4.3.6 Estrada.....	168
4.4 CULTO EVANGÉLICO NO LAR MEIMEI.....	172
4.4.1 Escola de Evangelização.....	174
4.5 SISTEMA DISCIPLINAR.....	176
4.5.1 As práticas na Escola Amélie Boudet.....	178
5. O FIM É O COMEÇO.....	191
REFERÊNCIAS.....	195
ANEXOS.....	205

LISTA DE SIGLAS

UES	-	União Espírita de Sergipe
FEB	-	Federação Espírita Brasileira
FES	-	Federação Espírita de Sergipe
UMEI	-	União da Mocidade Espírita de Ituitabana
AFBI	-	Associação Beneficente e Instrutiva
CAPEMI	-	Instituto de Ação Social
BANESE	-	Banco do Estado de Sergipe
PPGED	-	Programa de Pós-graduação em Educação
IHGS	-	Instituto Histórico Geográfico de Sergipe
BICEN	-	Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe

1. ABREM-SE AS PORTAS


Figura 1 - Alunos da Escola Amélie Boudet e internos do Lar Meimei



Autoria: Desconhecida. 1974. Acervo - Casa do Pequeno.

Nada na vida de uma instituição escolar acontece ou aconteceu, por acaso, assim como o que se perdeu ou transformou, com o que permanece. A memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais.

(MAGALHAES, Justino, 1996).

 Fotografia em preto e branco remete a momentos únicos, vivenciados pelos primeiros alunos e internos da Casa do Pequenino – Escola Amélie Boudet¹ e Lar Meimei²; leva a um passado tão presente na memória de cada aluno, com suas impressões que, por vezes, não dita, mas sentida e guardada no baú de cada memória, essa, por sua vez, “é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”³. O tempo que marcou a história dos alunos foi vivido diferencialmente por cada um, pois o mesmo é:

Um movimento de múltiplas faces, características humanas, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidade, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o futuro. (DELGADO, 2010, p. 33).

Assim, o olhar do homem para o tempo vem carregado de registros que marcam a historicidade. São os homens que vão construindo, pouco a pouco, sua visão, e criando sua própria representação das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram a própria história. Então, compreende-se que tempo, memória e espaço caminham unidos para a

¹ Amélie – Grabielle Boudet, filha única do casal Julien-Louis Boudet e Julie-Louise Seigneat de Lacombe, nasceu em 23 de novembro de 1795, em Thiais, cidade do menor e mais populoso Departamento francês, o Sena. Desde muito cedo demonstrou interesse pelos estudos. Vivaz e alegre, recebeu uma fina educação se tornando professora diplomada de Letras e Belas Artes; tinha dote para poesia e desenho. Escreveu três livros: “Contos Primavera” (1825), “Noções de Desenho” (1826) e “O Essencial em Belas Artes” (1828). No ano de 1832 casou-se com Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido por Allan Kardec. Com seu esposo dedicou-se, por algum tempo, à educação feminina, fundando e dirigindo um pequeno pensionato nos arredores de Paris. Conferir: DAMAZIO, Sylvia. F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. – Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994, p. 43; YSHIYAMA, Mary. Amélie Grabielle Boudet. In: **Jornal Mundo Espírita**. Disponível em: <<http://www.mundoespirita.com.br>>. Acesso em 12 de janeiro de 2015.

² Foi uma expressão, adotada pelo casal Arnaldo Rocha e Irma de Castro, a partir da leitura da revista de um autor americano que descrevia uma personagem chamada Meimei. Em chinês, Meimei significa “amor puro”, apelido esse que passou a ser usado pelo casal. Irma de Castro, a Meimei, nasceu em 22 de outubro de 1922, na cidade Mateus Leme, Minas Gerais. Aos dois anos de idade foi morar em Itaúna, Minas Gerais, com seus pais, Adolfo e Mariana Castro, e mais quatro irmãos. Ficou órfã de pai aos cinco anos de idade. Cursou a Escola Normal de Itaúna, porém a moléstia nefrite que a acompanhava desde da infância, manifestou-se mais uma vez enquanto cursava o 2º ano normal. Adorava crianças, e seu maior desejo era o de ser mãe, mas a sua morte precocemente não possibilitou. Após sua morte começou a utilizar a nomenclatura Meimei em mensagens psicografadas por Chico Xavier, nome que passou a ser utilizado para denominar lares, abrigos e creches espíritas. FELIPOZZI, Rosana. Meimei: Uma Vida de Dedicção e Amor. In: **Revista Espiritismo & Ciências – Especial Meimei**. Editora Mythos, São Paulo, n.1, p. 22-28, out. 2004.

³ Sobre Memória consultar: BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

construção de uma História. E é sobre a história de vida de menores abandonados⁴, acolhidos por uma Escola Espírita que será trilhado um caminho que tem muito a se revelar. Discussões em torno dos desvalidos⁵ da sorte, segundo Bonifácio (2010, p. 2) é “um tema ainda tímido na historiografia da educação sergipana”. Nesta pesquisa busca-se compreender o processo de implantação da Escola Confessional⁶ Espírita “Casa do Pequenininho”, que engloba a Escola Amélie Boudet e o Lar Meimei, como a cultura escolar e as práticas educativas desenvolvidas nessas instituições.

Porém, é preciso enfatizar que pesquisas dessa natureza só estão sendo possíveis porque após a Revolução Historiográfica Francesa, denominada de “A Escola dos Annales”, concretizava-se a abertura para novos objetos de pesquisa, o que acabou ocasionando uma busca por novas abordagens e novas fontes, como a História da criança desamparada. O que antes havia, de acordo com Burke (1997, p. 21), era “uma eterna preocupação com a história política, as guerras que conferiam a esses eventos uma exagerada importância: a ênfase excessiva nos chamados grandes homens”.

Apesar desse novo momento possibilitar o acesso a novos estudos, apenas com a Terceira Geração dos Annales começaram a aparecer as contribuições com relação à construção da História, abraçando pesquisas sobre a História das mulheres, da criança, além da inserção de outras fontes: a literatura, as artes e a iconografia, assim:

O que possibilitou em parte, a renovação dos estudos historiográficos no século XX, entre outros aspectos, a tomada de consciência por parte dos historiadores da relação dinâmica entre o passado e o presente [...]. No âmbito da história da educação, não há dúvida de que a renovação dos estudos esteve (e está) intimamente atrelada à possibilidade de uma nova

⁴ O termo ‘criança’, naquele período, foi empregado para os filhos das famílias bem postas. ‘Menor’ [e sujeitos de direitos] tornaram-se o discriminativos da infância desfavorecida, delinquente, carente e abandonada. A infância abandonada, que vivia entre a vadiagem e a gatunice, tornou-se, para os juristas, caso de polícia. Assim, a criança abandonada não era uma criança normal “inserida em uma família padrão, em moldes socialmente aceitáveis”, era uma criança que sofria os “chamados efeitos da ausência” de seus “pais presumidos como ausentes”. Verificar: MARCILIO, Maria Luiza. **História Social da Criança Abandonada**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p. 19; SILVA, Roberto da. A construção do Estatuto da Criança e do Adolescente. In: **Revista Jurídica Trimestral**. Disponível em: <<http://www.ambito-juridico.com.br/aj/eca008.htm>>. Acesso em 24 de abril de 2015.

⁵ O termo desvalido significa desvaler. Que não tem valimento; desprotegido, desamparado. Conferir: FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua Portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, vol. 5, 1954.

⁶ Significa: “ Confessional [Do lat. Confessione + -al ¹]. Adj. 2g. 1 – Relativo a, ou próprio de confissão. 2 – Relativo a uma crença religiosa. V. sigilo. O ensino Confessional, não está limitado a o ato de confissão e sim, a orientação religiosa do grupo condutor da instituição.

história das instituições escolares e a pretensão de se produzir uma história do cotidiano escolar. (GONÇALVES; FILHO, 2005, p. 53-54).

Dessa maneira, a História da Educação está consolidando sua marca e vem chamando a atenção, principalmente através dos estudos de Roger Chartier, que enfatizam “a necessidade de se estudarem os objetos culturais em sua materialidade, restabelecendo os processos implicados em sua produção, circulação, consumo, práticas, usos e apropriações” (LOPES; OLIVEIRA, 2001, p. 40), ou seja, é possível estudar a escola enquanto espaço e suas contribuições.

Essa abertura a novas pesquisas possibilitou a retirada do antigo e o vislumbrar de outros objetos para a edificação da História, atraindo vários pesquisadores que, em busca de modernos olhares e conceitos, vêm adentrando por esse caminho. Isso ocorre devido a “uma enorme capacidade de renovar temas e instigar o olhar que hoje marca a presença da História da Educação no campo da pesquisa educacional”. (CARVALHO, 2003, p. 257). Esse atual percurso na historiografia educacional não significa deixar de lado tudo que já foi criado, porém deve-se reinventar e apresentar outras maneiras de construir a História. De acordo com esse pensamento, Julia (2001, p.10) nos informa que, “cultura escolar não pode ser estudada sem análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, como conjunto das culturas que lhes são contemporâneas: cultura religiosa⁷, cultura política ou popular”.

Assim, foi dado início ao estudo da história da assistência à infância pobre no Brasil, que passou por vários formatos de instituições: Roda dos expostos⁸, Asilo⁹, Orfanato¹⁰,

⁷ Grifo nosso.

⁸ A roda era um dispositivo “de madeira, de forma cilíndrica” e móvel, que afixada ao “muro ou janela da instituição”, na qual o responsável desconhecido deixava a criança enjeitada (exposta). No Brasil, as rodas “de São Paulo e da Bahia” eram as únicas sobreviventes em todo o mundo”; foram abolidas em meados do século XX depois de debates contra seu funcionamento. Conferir: MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da Criança Abandonada**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p. 2001; MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar de Freitas. **História social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 57.

⁹ Do Gr. “asylou”. Do Lat. “asylou”. Abrigo concedido por países ou suas legações, aos estrangeiros perseguidos pelos respectivos governos como criminosos políticos. “O asilo é benefício: não se impõe; cessa quando o beneficiado o renuncia” (Rui). Lugar ou de alguém se acolher para não ser preso ou morto. Estabelecimento de caridade, onde se recolham crianças, velhos, mendigos, inválidos, etc. refúgio, amparo, proteção. Antigo lugar de refúgio, de onde ninguém podia tirar quem ali se acolhesse, sem ofender os deuses, a religião ou certos privilégios. Conferir: FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, vol. 5, 1994.

Patronato¹¹ e Lares; por se acreditar que a caridade era senso humanitário e que estariam contribuindo, através dessas entidades educativas filantrópicas, em sua grande maioria laicas, e vinculadas às instituições religiosas, para que a criança pobre não permanecesse entregue à própria sorte. Baseando-se na possibilidade de acolhimento desses menores, a Doutrina Espírita surgia também como mola para a transformação da criança desamparada. Por isso, os seus seguidores estavam atentos a formar pessoas, cuidar, instruir e apresentar possibilidades de crescimento.

Deve-se levar em consideração que o país vinha passando por um momento de transformações. Segundo Leal (2004), no período republicano a sociedade brasileira adquiriu novos padrões de vida. A urbanização e a industrialização contribuíram para o processo de crescimento e mudanças de valores sociais, afetando a família, a educação e o trabalho. Com essas transformações vieram o crescimento das cidades, o aumento da população e a necessidade de escolarização. Nicolau Sevcenko vê esse momento como “um conjunto de transformações que gerou um amplo processo de desestabilização da sociedade e cultura tradicionais”. (SEVCENKO, 1998, p. 16). Assim, o impacto do progresso contribuiu para que:

Legiões de crianças maltrapilhas, desamparadas, tornaram-se uma constante nas grandes cidades. Surgia a chamada ‘questão do menor’, que exigia políticas públicas renovadas. Mas, desde o império, as políticas sociais adotadas limitaram-se quase que tão-somente à mera transposição de experiências bem-sucedidas, sobretudo na França, na Inglaterra e depois nos Estados Unidos. (MARCÍLIO, 2006, p. 193).

Durante o fim do século XIX e início do XX, era forte, nos discursos republicanos, o sonho de se construir uma nação civilizada. Mas, como, se a cada dia o índice de pobreza vinha aumentando, e com isso a desintegração de famílias, devido aos vícios praticados por alguns de seus integrantes.

¹⁰ Palavra de origem latina: “orphanus”, significa Denominação dada ao estabelecimento pio, onde se recolhem, se sustentam e se educam órfãos. Consultar: FIGUEIREDO, Candido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa, Livraria. Editora Tavares Cardoso e Irmão, 1899. Vol. 2. Biblioteca Nacional.

¹¹ Palavra originada do Latim “patronatu”. Qualidade ou direito do patrão, em relação ao cliente, na antiga Roma. Autoridade ou qualidade de patrão. Patrocínio, padroado. Estabelecimento onde se abrigam menores e se lhes dá instrução. Verificar: FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, vol. 5, 1994.

As famílias dos setores populares, quase sempre associadas à ignorância, pobreza, descuido, vício, abandono, licenciosidade, e, muitas vezes, vistas como criadoras de criminosos e delinquentes, eram acusadas de incapazes no que dizia respeito à educação e à formação de suas crianças. (OLIVEIRA, 2012, p. 23).

Desse modo, o pobre era considerado como incapaz de conduzir a criação e educação de seus filhos. A criança pertencente a essas famílias, estava sendo vista como um problema para o país, e os governantes não estavam dando conta da demanda; foi preciso a ação de pessoas, já que durante o período de 1800 a 1900 o lema do país era “salvar a criança, salvar a nação”. (RIZZINI, 2008, p. 27). A criança pobre começava a ser imaginada como uma possibilidade de regeneração: se as crianças fossem moldadas para o bem se tornariam virtuosas, caso contrário, se fossem moldadas para o mal, seriam viciosas e colocariam em risco toda a ideia de progresso da nação.

A causa da regeneração das crianças passou a fazer parte do discurso da elite intelectual do período, formada por médicos, juristas, filantropos¹², moralistas. A única maneira de educar essas crianças, já que as famílias foram consideradas como incapacitadas e despreparadas, era colocando-as em instituições com a função de realizar a salvação. Então, elas seriam entregues às instituições asilares, que no momento estavam sendo vistas como uma possibilidade de:

[...] tirar as crianças dos perigos da rua, do botequim, da malandragem, da vadiagem, etc. Retirada da família e da sociedade, para bem construir sua família, dentro do amor e do preparo para o trabalho. Pelo menos essas eram as expectativas utópicas dos teóricos filantropos. Com a maioridade, a criança sairia desse microcosmo estruturado e profilático e seria devolvida “apta” para viver em sociedade. (MARCÍLIO, 2006, p. 207).

O que se pretendia naquele período, visto como civilizatório, era diminuir a ausência de embasamento do povo no tocante à educação moral, física e higiênica. Havia então, uma

¹² Arthur Moncorvo Filho, médico-higienista-filantropo, presença de suma importância no processo higienista e eugênico no Brasil e nos cuidados científicos, principalmente com a saúde da criança pobre. Fundou “o Instituto de proteção à Infância do Rio de Janeiro (IPAI-RJ), a 24 de março de 1899”. A partir desse momento trabalhou organizando eventos para esclarecer a situação da criança pobre no Brasil. Em Sergipe também tivemos uma sede do IPAI, filiada ao Instituto do Rio de Janeiro e ao Departamento Nacional da Criança, porém instalada pelo médico Augusto Leite, em 1933. Para maiores informações consultar: KULMANN Jr., Moisés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 84-85; MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da Criança Abandonada**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p. 207-208. Sobre o IPAI-SE, verificar: LIMA, Solyane Silveira. **“Uma maneira de proteger e educar”**: a casa maternal Amélia Leite (1947-1970). São Cristóvão, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação).

preocupação por meio de algumas profissionais, em orientar a população contra as doenças que por ventura poderiam ser adquiridas pela falta de cuidado, com o propósito de torná-las obedientes e cumpridoras das suas obrigações com a higiene. O que se estimava, na realidade, era reduzir a ausência de disposição de uma parte da população, transformando as crianças pobres, que não tiveram o direito de aproveitar a sua infância¹³, em um produto útil à sociedade. Desta maneira, a educação das crianças desvalidas seria apenas a educação para o trabalho, na intenção de que, futuramente, as mesmas serviriam à elite e não colocariam mais em risco a sociedade, com suas resistências.

Segundo Kuhlman Jr. (2002, p. 464), a partir do século XIX o discurso de proteção à infância impulsionou, em todo mundo ocidental, a criação de uma série de associações e instituições para cuidar da criança, sob diferentes aspectos da sua saúde e sobrevivência.

Portanto, no período de 1900 houve uma preocupação, dentro da Doutrina Espírita, com a educação, baseada nos lemas: “Fora da caridade não há salvação” e “Instruí-vos uns aos outros”. O que se viu por todo o Brasil foi a expansão da construção de Escolas Espíritas, com o propósito de conter o analfabetismo, dar abrigo às crianças órfãs e contribuir para um país civilizado¹⁴. Assim, “o grande número de obras assistenciais, é, na realidade, consequência da maneira como essa ideia é trabalhada no plano das representações espírita”.

¹³ De acordo com filósofo Rousseau (1712 – 1778), a infância é uma fase da vida do indivíduo em que sua natureza anseia por brincadeiras e recreações, porque a liberdade nos movimentos auxilia no enrijecimento do corpo. Aos sete anos de idade as crianças eram incorporadas ao mundo dos adultos e vistas como homens e mulheres em miniatura. Em sua obra, *Emílio*, ele enfatiza que no processo de formação do homem existem fases, e em cada fase uma natureza a ser respeitada e trabalhada, uma aprendizagem que leva o indivíduo a se adaptar a cada tempo, estimulando um novo sentimento dos adultos com relação às crianças, através do cuidado, assistência e educação. Ver: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. No final do século XIX, o pensamento proporcionou, no Brasil, conferir – lentamente – à criança, “lugar de importância nas preocupações e nas decisões dos construtores da sociedade. A saúde e a educação surgem como prioridades das políticas públicas. Paralelamente, a valorização da família e das relações passaram a ser vistas como fator importante para o desenvolvimento harmônico da criança”. MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da Criança Abandonada**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p. 37. Para Allan Kardec (1859) A definição de infância consiste no período propício à abertura do Espírito para a aquisição de novas experiências, assim “encarnando-se com o fim de se aperfeiçoar, o Espírito é mais acessível na infância às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados de sua educação”. Conferir: KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. São Paulo: Boa Nova Editora, 2004.

¹⁴ “Os desequilíbrios causados pela ‘nova ordem’ na sociedade afetaram, sobretudo, as pessoas pobres. Com a falta de políticas públicas efetivas que atenuassem o desemprego, a falta de moradia, a alimentação, a saúde e a educação, essa população agrupava-se em favelas, cortiços, casebres, habitações coletivas ou moradias improvisadas, contrariando o sentido de civilidade adotado pelo país”. BONIFÁCIO, Nádja Santos. **Acolher, evangelizar e educar**: contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para a educação feminina em Aracaju (1914–1952). São Cristóvão, Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2011, p. 7. (Dissertação de Mestrado).

(MENEZES, 2000, p. 171). Essas obras começaram a ganhar forma e respeito na sociedade, assumindo um papel governamental.

Num país e numa época em que o bem-estar-social, em todas as formas de assistência material e previdenciária, não é assumida como dever do Estado, à maneira como Kardecismo realiza a virtude da caridade, que é assistência espiritual mas também sanitária e material, fez dele importante parceiro, no conjunto da sociedade civil, como as sociedades de misericórdia católicas, com quem por muito tempo dividiu papéis no cuidado dos desvalidos e desamparados. (PRANDI, 1990, p. 63).

O movimento espírita chegou a Sergipe em meados de 1880, em cidades do interior, e apenas em 1903, se faz presente em Aracaju. No entanto, a expansão do Espiritismo em Sergipe ocasionou polêmica, assim como em todo o país, por parte de seguidores de outras religiões.

Dessa forma, os espíritas se viram obrigados a afirmarem sua identidade religiosa, e se posicionaram da mesma maneira como a doutrina vinha agindo no país, daí passaram a implantar obras filantrópicas no campo da educação. Com isso, acreditavam que “deveriam fazer ‘como os católicos, contribuindo com alguns centavos por semana e capitalizando esses recursos, de modo a chegarem a fundações sérias, grandes e verdadeiramente eficazes’ [...]”. (AZEVEDO, 2010, p. 293).

Havia a defesa de que uma iniciativa nessa proporção, além de realizar o bem se constituiria, segundo Azevedo (2010, p. 293), “num monumento do valor moral do Espiritismo”. Diante disso, durante o ano de 1947, seguidores da Doutrina Espírita, como Martins Peralva¹⁵, João Resende¹⁶, Doutora Laura Amazonas, José Elson Fontes¹⁷, José

¹⁵ Ex-Presidente da União Espírita de Sergipe, jornalista e escritor; no decorrer dos anos de 1940 escreveu vários artigos em jornais do estado, divulgando o Espiritismo em Sergipe. “Martins Peralva, foi uma figura destacada no Movimento Espírita de Minas Gerais, porém nasceu em Buquim cidade do Sul de Sergipe, em 1º de abril de 1918; filho de Basílio Martins Peralva e Etelvina da Fonseca Peralva, seu pai (espanhol) foi considerado um dos pioneiros do Espiritismo em terras sergipanas. Martins Peralva iniciou-se no Espiritismo sob assistência e orientação diretas de seu pai, que era considerado um excepcional médium curador, vigoroso polemista e excelente doutrinador, acompanhando, desde os seis anos de idade, os trabalhos desenvolvidos por seu pai. Assim, teve a infância e a adolescência enriquecidas pelo contato com a Doutrina, o que lhe proporcionou uma formação Espírita. Aos treze anos perdeu seu pai, ficando em companhia de sua mãe e seus três irmãos. Apesar de ser o filho mais novo, assumiu o comando da casa e procurou logo trabalhar. O primeiro emprego foi como balconista, na padaria Ephrem Fernandes Fontes; o segundo, boy do Cartório de Heráclito Araújo Barros; o terceiro, na cidade do Rosário do Catete, como apontador na construção do Grupo Escolar Senador Leandro Maciel; o quarto, como apontador na conservação de estradas de rodagens, responsável pelo trecho que percorreria diariamente, a pé, cerca de 80 quilômetros (ida e volta), um trabalho considerado penoso para um adolescente franzino. Posteriormente fez o concurso público para o cargo de escriturário da Prefeitura Municipal de Aracaju, tendo sido aprovado e nomeado. Depois, por merecimento, ocupou os cargos de oficial

Mesquita Neto¹⁸, Deusdedit Fontes¹⁹, pautados na Escola de Evangelização Lindolfo Campos e no documento Base da doutrina, que determinava aos Centros Espíritas, abrirem pequenas escolas e mantê-las, aproveitando todo o espaço disponível no mesmo, levando em consideração que a educação também era tarefa da mesma.

Então, alguns adeptos do espiritismo sergipano, pensando na educação como estratégia começaram a idealizar uma nova instituição educativa filantrópica. A instituição deveria ser um ‘Lar e Escola’ para atendimento às crianças órfãs e abandonadas, com o objetivo de evangelizar, educar e instruir. Segundo Mendes (2014, p. 19), “a educação está para a formação moral, assim como a instrução está para a formação intelectual de um indivíduo”, e eles acreditavam que a criança poderia ser trabalhada moralmente “virtude, respeito e ética” e instruída, assim, transformada. A União Espírita de Sergipe considerava relevante a realização de obras de amparo social, e acreditava que isso era dever de todos.

O Governo não pode alcançar toda uma carência no meio de humildes criaturas. Mesmo os povos mais ricos e desenvolvidos defrontam-se, de uma forma ou de outra, com esse complexo problema. Em países subdesenvolvidos o estado de necessidade é mais variado, e os religiosos de todos os credos dão-se as mãos por minimizarem dificuldades. (JESUS, 2006, p. 45).

administrativo e assistente da Procuradoria da Fazenda Municipal, sob a direção do bacharel Mário de Araújo Cabral. Tendo-se revelado funcionário exemplar e capaz, granjeou a simpatia e confiança de alguns prefeitos, sendo escolhido para secretário particular dos prefeitos Carlos Firpo e José Garcez. Até sua aposentadoria, motivada por doença pulmonar, permaneceu servindo a todos os prefeitos como oficial de gabinete. Foi também, árbitro de futebol, diretor do Tribunal de Justiça Desportivo e redator esportivo do Correio de Aracaju, jornal em que também escrevia sobre Espiritismo, poesia, política e assuntos gerais. Em agosto de 1942, casou-se com Jupira Silveira, com quem teve três filhos: Ieda, Basílio e Alcione. Em 04 de setembro de 1949, deixava a capital sergipana para fixar residência na capital mineira, local este que desenvolveu uma vasta atividade no meio espírita”. Conferir: <<http://www.febnet.org.br>>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

¹⁶ Ex-Presidente da União Espírita de Sergipe. Durante o seu mandato a Casa do Pequenino passou por reestruturações, como o fechamento do Lar Meimei.

¹⁷ Membro efetivo da União Espírita de Sergipe, mentor do Movimento Jovem: “Juvenil Espírita”, órgão da juventude espírita sergipana, foi Diretor do Jornal “Bimensário do Espiritismo religioso, científico e filosófico” que circulou por alguns anos em Aracaju.

¹⁸ Nasceu no Ceará, em 26 de abril de 1907. Mudou-se para Aracaju, como representante do Laboratório Raul Leite. Converteu-se ao Espiritismo em 1937. Foi presidente da União Espírita de Sergipe e esteve, também, à frente da presidência da Federação Espírita de Sergipe. Criou e dirigiu, juntamente com sua esposa, a professora Neyde Mesquita, o programa “A Hora Espírita”, transmitido pela Rádio Difusora de Sergipe, aos sábados, às 18 horas, servindo como base de divulgação da Doutrina Espírita.

¹⁹ Viveu em Aracaju. Era comerciante da Firma “Fontes Irmãos e Cia” e funcionário dos Correios; irmão de Genésia Fontes, fundadora do Oratório Festivo Dom Bosco; adepto da religião Espírita e membro efetivo da União Espírita de Sergipe. Participou de todos os projetos para a construção da Escola Confessional Espírita Casa do Pequenino. Faleceu em 30 de julho de 1951.

Desse modo, a filantropia surgia como modelo assistencial para substituir os modelos antigos de caridade, voltando-se para a tarefa de organizar a assistência dentro dos novos conceitos sociais, políticos, econômicos e morais, que surgiram no início do século XX no Brasil. Nesses termos, “a filantropia era claramente entendida como a substituição de uma ação essencialmente religiosa por uma assistência de cunho social”. (RIZZINI, 2008, p. 108). As Associações filantrópicas foram sendo criadas, visivelmente, a partir dos anos de 1930, porém deveriam dosar a liberdade e moldar os comportamentos.

Em Sergipe, a partir do início do século XX, surgiram instituições de cunho governamentais e religiosas para a infância desamparada, com o fim de formar homens úteis à sociedade. No levantamento realizado junto ao PPGED – Programa de Pós-Graduação em Educação, localizou-se alguns estudos no campo da História da Educação que se debruçaram sobre instituições e práticas educativas voltadas às crianças desvalidas. Patrício (2003), pesquisou sobre a Escola de Aprendizes e Artífices, criada em 1910 com o intuito de preparar “os filhos dos pobres para atenderem ao mercado urbano”, que necessitava de profissionais para desenvolver o ofício de marceneiro, sapateiro e alfaiate”; Bispo (2003), contextualiza a Cidade de Menores “Getúlio Vargas” e nos mostra que essa tinha como função, “manter os menores abandonados e criminosos e menores de famílias muito pobres” que procuravam a instituição, pois não tinham condições de criar as crianças; Mendes (2014), tem como foco o mesmo objeto, porém com o seguinte viés: o menor abandonado, da instrução ao Cárcere na Cidade de Menores; Costa (2013), faz um estudo sobre o menor delinquente sergipano, tentando estabelecer uma relação entre educação e criminalidade. Sobre a Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão, há alguns estudos acerca da mesma. Podemos citar: Nascimento (2004), Nery (2006) e Conceição (2007). A instituição serviu de internato e proporcionou instrução aos jovens pobres da área rural de Sergipe, da mesma maneira que abrangeu a educação de jovens pobres de outros Estados.

Destacaram-se também as instituições de modelo católico, embora essas tenham contribuído para uma educação separatista²⁰, como se pode demonstrar: Costa (2003), a Escola Nossa Senhora do Bom Conselho, construída em 1932, em parte do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju, oferecia às filhas de operários e empregadas domésticas

²⁰ A educação separatista realizada pelas Escolas Católicas, mesmo atendendo a elite e a pobreza mantinham projetos educacionais diferentes para ambas as classes. A proposta das Escolas Espíritas, desde o seu princípio não tinha como missão atender a elite, assim consideramos projetos educativos diferenciados.

“Curso primário”; Melo (2007), a Escola de Santo Antônio, com ensino gratuito, estabelecida no Colégio Nossa Senhora das Graças, no município de Propriá, no ano de 1916; Rodrigues (2008), a Congregação Santa Terezinha, que pretendia atender aos filhos dos pobres, em Boquim, construindo o Lar Nossa Senhora das Graças; Bonifácio (2011), dedicou-se ao estudo da educação e instrução de meninas órfãs e pobres, no Oratório Festivo “São João Bosco”²¹; Santana (2011), analisou a educação feminina nas instituições católicas Orfanato de São Cristóvão e Escola da Imaculada Conceição, localizadas no município de São Cristóvão e mantidas pela Congregação Religiosa “Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus”²², ambas para o acolhimento de menores órfãos/pobres.

Havia uma preocupação com a pobreza, porém todos os estudos analisados, na sua grande maioria, estavam focados nos preceitos católicos. Assim, percebe-se a não existência de um estudo eficaz em torno das Escolas Confessionais Espíritas.

As instituições conhecidas como Escolas para pobres, mantidas pelas congregações católicas, na maioria das vezes localizavam-se anexas aos colégios que atendiam às filhas da elite sergipana, porém não tinham a função de asilar as crianças. Mas a construção dessas escolas era vista com bons olhos, principalmente pelas alunas que formavam a classe da elite, ao ponto de serem consideradas, segundo Costa (2003, p. 61), “um exemplo para as meninas da elite, despertando-as para compreenderem a pobreza e as injustiças sociais”. Porém, essas escolas só preparavam o pobre para o acesso ao trabalho.

Deve-se salientar que, embora a prática das Escolas Católicas fosse a separação entre as classes, foram construídas instituições no Estado de Sergipe como o Oratório Festivo “São João Dom Bosco” e o Orfanato de São Cristóvão, que possuíam uma prática diferenciada, uma vez que não foram construídas no anexo de outras escolas e atendiam apenas órfãos²³.

²¹ Sobre o Oratório “Festivo São João Bosco verificar: BONIFÁCIO, Nádja Santos. **Acolher, evangelizar e educar**: contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para a educação feminina em Aracaju (1914 – 1952). São Cristóvão, Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2011 (Dissertação de Mestrado).

²² Quanto ao Orfanato de São Cristóvão conferir: SANTANA, Josineide Siqueira de. **Entre bordados, cadernos e orações**: a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922 -1969) São Cristóvão. Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2011 (Dissertação de Mestrado).

²³ No oratório, uma das cláusulas para o ingresso do interno era que o menor fosse órfão, tanto de pai como de mãe; no Orfanato de São Cristóvão, a exigência consistia na comprovação da orfandade de um de seus genitores, porém existiram algumas internas que ingressaram por meio de padrinhos ou a pedido de políticos. Conferir: : BONIFÁCIO, Nádja Santos. **Acolher, evangelizar e educar**: contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para a educação feminina em Aracaju (1914–1952). São Cristóvão, Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2011 (Dissertação de Mestrado); SANTANA, Josineide Siqueira de. **Entre bordados, cadernos e orações**: a

Mas, mesmo dessa maneira, a separação entre as filhas da elite e as filhas da pobreza era consolidada, principalmente por “meio da vigilância ou isolamento” (BONIFÁCIO, 2011, p. 10). dentro das escolas anexas, não sendo permitido, em hipótese alguma, o contato entre ambas.

Diferenças, distinções, desigualdades [...]. Desde seu início a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos-tornando aqueles que nela entraram distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. (LOURO, 1997, p. 57).

Porém, essa diferenciação nas Escolas Espíritas não era permitida, pois o que se pretendia era educar sem distinção. Ao contrário, as Escolas Católicas, faziam distinção de credo; tinham a prática de educar fazendo separação entre a elite e a pobreza. Aos filhos da elite era proporcionada uma educação mais apurada; aos filhos da pobreza a educação seria apenas para exercer ocupação subalterna, como auxiliar na cozinha. A educação no modelo católico estimulava a distinção e a hierarquia. O molde educativo espírita propunha uma ideia igualitarista, as escolas conduzidas por Anália Franco exerceram essa forma:

A caridade não é só aquela que acolhe o desprotegido, mas a que lhe dá independência. Agasalha-o, sim, mas também incute-lhe confiança em seu potencial e valores próprios. A caridade verdadeira, como a entendemos, torna o asilado elemento construtivo do grupo social, não parasita a recolher migalhas que sobram dos que as possuem em excesso [...] Não seria apenas o abrigo material, mas transformando em colmeia de operários. Queremos formar cidadãos úteis, com iniciativa e capacidade, prontos a colaborar, nunca a pedir. (MONTEIRO, 2004, p. 89).

Em Sergipe essa metodologia estava bem distante, já que os primeiros trabalhos voltados à filantropia²⁴, no estado começaram a se destacar com a presença das Congregações

educação de meninas e as práticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922-1969), São Cristóvão. Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2011 (Dissertação de Mestrado).

²⁴ Substituta da antiga caridade, estava reservada à missão de prestar assistência aos pobres e desvalidos, em associação às ações públicas. A composição desses movimentos resultou na organização da Justiça e da Assistência (pública e privada) nas três primeiras décadas do século XX. Com discursos e práticas que nem sempre se harmonizavam entre si, a conexão jurídico-assistencial atuaria visando um propósito comum: ‘salvar a criança’ para transformar o Brasil. Consultar: RIZZINI, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil**. 2 ed. rev. São Paulo: Cortez, 2008, p. 26-27.

Religiosas, principalmente as femininas, que fundaram “Orfanatos e acolhimentos” para menores, mas lá se fazia distinção entre ricos e pobres. Mas a necessidade de inserir a moral, no que diz respeito aos princípios e valores, despertou o interesse e a atuação dos órgãos responsáveis e de grupos comprometidos com a formação social da pessoa. Além desses religiosos, levantam essa bandeira, também, seguidores da doutrina espírita; porém mesmo dizendo que não havia uma separação dentro das Escolas Espíritas, essas tinham um diferencial em relação às Escolas Católicas: as mesmas no começo eram construídas apenas para os pobres, porém suas portas estariam abertas a todos sem distinção de classe, atendendo os três níveis educacionais primário, ginásio, secundário, essas instituições se interessavam, assim como os católicos com a educação em todos os níveis e modalidades escolares. Dentro dos princípios da doutrina espírita se encontra a educação como uma possibilidade de ascensão: a criança seria educada não especificamente para o trabalho, teria acesso à educação “sem proselitismo, baseada numa filosofia espírita de ensino, liberal e democrática, marcada pela ausência de castigos e recompensas, voltadas para o desenvolvimento das potencialidades do ser integral” (FRATTARI NETO, 2009, p. 235) o que possibilitaria vários caminhos, cabendo à mesma fazer as suas escolhas.

O interesse em estudar a Casa do Pequenino – Escola Amélie Boudet e Lar Meimei –, começou durante as aulas da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, quando a professora²⁵ declarou: “não é o pesquisador que procura o seu objeto, ao contrário, é o objeto que procura o seu pesquisador”. Tais palavras promoveram uma inquietação vivenciada num momento da dúvida – O que pesquisar?

No semestre seguinte era o período de colocar em prática todos os conceitos aprendidos na Academia. A relação com o objeto de pesquisa se deu dessa maneira: durante o estágio na graduação, pode se dizer, foi daquelas coisas que acontecem por acaso, sem se ter uma explicação. Então, fui designada à Instituição Casa do Pequenino para a realização da prática; ocorreu um fato interessante, no primeiro dia de observação: ao chegar à escola podia-se perceber que era executado um fundo musical, a Oração da Paz, por muitos

²⁵ Rita de Cássia Dias Leal, licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, possui Mestrado em Educação-UFS. Professora da Faculdade São Luís de França, desenvolveu sua Dissertação de Mestrado sobre o Jardim de Infância Augusto Maynard, a primeira instituição infantil pública do estado de Sergipe.

conhecida como a Oração de São Francisco²⁶, possível de ser ouvida em toda a estrutura do prédio. À medida que os alunos iam chegando, dirigiam-se às salas de aula sem nenhum alvoroço; a sensação era a de que o canto tinha a função de acalmá-los, ou, talvez, discipliná-los²⁷.

Ao caminhar pela escola podia-se observar as salas e suas arrumações, os materiais, a arquitetura do espaço, a postura dos professores e perceber que ali havia uma história que trazia marcas e precisava ser contada, e uma cultura escolar gritando para ser conhecida. Nesse momento, a fala da professora se concretizava e o objeto fazia a escolha do seu pesquisador. Porém, somente após o meu ingresso como aluna especial do PPGED - Programa de Pós Graduação Educação na disciplina Práticas e Culturas Escolares, e depois como membro do GREPHES – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior²⁸. Embora, meu objeto não esteja dentro desta vertente, mas foi a partir das leituras

²⁶ A primeira exibição da Oração da Paz, hoje conhecida como Oração de São Francisco, ocorreu em torno de 1912, em uma pequena revista local da Normandia, na França. Vinha sem referência de autor. Universalizou-se a partir de sua publicação no “Ossevatore Romano”, órgão oficial do Vaticano, no dia 20 de janeiro de 1916, no dia 28 de janeiro do mesmo ano foi publicada no conhecido diário Católico francês “La Croix”. Era tempo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, por toda parte faziam-se orações pela paz. Pouco tempo depois da publicação da ‘Oração da Paz’, em Roma, um franciscano, visitador da Ordem Terceira Secular de Reims, na França, mandou imprimir um cartão, tendo, de um lado, a figura de Francisco de Assis, e, do outro, a referida oração, com a indicação da Fonte: Souvenir Normand. No final, uma pequena frase, dizia: “essa oração resume os ideais franciscanos, e, ao mesmo tempo, representa uma resposta às urgências de nosso Tempo. Atualmente, ela é rezada pelos fiéis de todos os credos”. Conferir: PILONETTO, G. Adelino. A “Oração pela Paz” atribuída a São Francisco. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br>>. Acesso em 12 de maio de 2015.

²⁷ Disciplina é compreendida, no pensamento de Foucault, como o método que permite o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade; são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, fórmulas gerais de dominação. Conferir: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 133.

²⁸ Que vem se consolidando desde 2011, principalmente em torno de pesquisas que versam sobre Instituições de Ensino Superior, produzindo os seguintes trabalhos desde da sua criação. SANTOS, Gilvan Victor dos. **O círculo Operário Católico em Sergipe**: práticas educativas e organização da cultura operário (1935 – 1969). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe; CARMO, Kátia de Araújo. **Uma história do curso de ciências biológicas da Universidade Federal de Sergipe**: para que? O quê para quem? Como? (1969 -1983). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe. MATOS, Luana Silva Boamorte de. **Patrimônio cultural e educação**: um estudo das representações sobre educação patrimonial desenvolvidas em Aracaju-se (1985 – 1991). 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe; SILVA, Anna Karla de Melo e. **As contribuições do professor sergipano Felte Bezerra para a disciplina etnografia do Brasil na Faculdade Católica de Sergipe (1953 – 1956)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe; LIMA, Ana Paula Soares. **Educação e Cultura**: aspectos desenvolvidos pela professora Albertina Brasil em Sergipe. 2012. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal de Sergipe; SANTOS, Cora Linhares dos. **Construção do primeiro Campus Universitário de Sergipe (1972 – 1980)**. 2013. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe; FELIX, Irla Ulliane Pereira. **Da selvageria à civilização: Educação, Disciplina e Moral na obra “sobre a pedagogia”**, 2014. Trabalho de conclusão de

e discussões no grupo sobre as instituições educativas que amadureci a ideia, que se mantinha adormecida em torno do meu estudo.

Mesmo que, já tivesse passado algumas vezes à frente da Casa do Pequenino, conhecesse alguns ex-alunos da instituição, porém desconhecia a história daquele espaço escolar. Só após o meu encontro com o objeto, foi possível a partir desse momento “adentrarmos os muros da instituição e nos depararmos com antigos baús” (SANTANA, 2010, p. 19) que nos levaram a:

Olhar papéis guardados por pessoas comuns, como cartas, diários [...], agendas, cadernos, bilhetes, fotografias, cartões e postais, constitui-se em convite para leituras diversas. Para aquele que guardou, o reavivar de lembranças, um retorno ao passado. Para os que ainda virão, fios que tecem a memória de uma família, de uma instituição, de uma sociedade, de uma época. (MIGNOT, 2003, p. 2).

A partir desse instante, de posse de algumas fontes, seria necessário juntar os retalhos da história dessa instituição e deixar-se conduzir por um caminho cheio de surpresas. A primeira foi a descoberta de que aquela instituição era uma escola espírita. Primeiro desafio: era preciso entrar em um universo totalmente novo, por não se saber nada sobre a Doutrina Espírita; necessitava-se sair à procura de materiais sobre o assunto. Daí se chegou à uma amplitude de informações²⁹, principalmente quanto às ações dos espíritas em escolas. De posse de tais informações, chegou-se à conclusão de que “as fontes são a ferramenta primordial do historiador; elas são capazes de nos dar pistas, ajudar a elucidar sentimentos, épocas, costumes e apontar os trajetos por onde seguir”. (SANTANA; SANTANA, 2012. p. 1).

Então, percebia-se que essa história estava cheia de lembranças solitárias ou seja, “uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas” (PORTELLI, 2001, p. 4) e que precisavam ser unidas, assim, ajudariam a percorrer o trajeto que estava se iniciando. A busca por ex-alunos, ex-diretores e uma longa caminhada por arquivos. A cada fonte encontrada

curso. (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe; SANTOS, Andréia Bispo dos. **A Educação e o professor na “Didática Magna”**. 2014. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe

²⁹ Foi preciso fazer escolhas, uma vez que não daria conta de todas as fontes que foram apresentadas. Porém, ressalta-se que aqui se consolidam, apenas os primeiros passos de uma pesquisa, à qual será dada continuidade posteriormente.

uma comemoração; o cruzamento das mesmas é essencial, e leva ao pesquisador um arcabouço de informações, pois é preciso conhecer, segundo Bassanezi (2012, p. 47), “a origem dos documentos e a evolução histórica de sua confecção administrativa e armazenamento”, só assim, após a coleta dos materiais, pode-se iniciar um longo diálogo com as fontes. Com isso, algumas vezes se obtinham, de imediato, respostas às interrogações; em outras, precisava-se refazer o caminho para compreender o que elas, em silêncio, queriam dizer.

Nesta pesquisa busca-se compreender o processo de implantação da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, que engloba a Escola Amélie Boudet e o Lar Meimei, como a cultura escolar e as práticas educativas desenvolvidas nessas instituições.

Portanto, “para que [o estudo] se torne historicamente pensável” (LE GOLF, 1996, p. 47), é preciso definir uma periodização. Assim, a delimitação do marco temporal está direcionada às primeiras iniciativas para a construção da Instituição Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, em 1947, e a desativação do Lar Meimei, ocorrida em 1992, após mudanças sugeridas no Estatuto da Criança e do Adolescente, que determinavam que fosse preservado “o elo da criança e do adolescente com sua família e comunidade, como direito seu”. (RIZZINI; RIZZINI, 2004, p. 50). Não havendo mais uma ligação com a família de origem, as Instituições deveriam entregar a criança a uma família substituta. Embora o marco esteja delimitado, havia a necessidade de um recuo temporal, e podia se justificar a partir do momento em que era um mundo que não pertencia ao autor desta pesquisa; assim, foi preciso trazer à tona aspectos sobre a doutrina e a disseminação dela pelo Brasil.

A princípio levantou-se como possível problema de pesquisa, a existência de proximidade entre as práticas educativas desenvolvidas na Casa do Pequenino com as práticas determinadas pelo Manual das Escolas Espíritas³⁰; porém, esta hipótese teve que ser abandonada, levando-se em consideração que o marco temporal não condizia com a construção do Manual. De acordo com Caleffe, “a tarefa de definir um problema de pesquisa exige uma combinação de experiência e intuição, e os esforços gastos para desenvolver tais habilidades são úteis, mesmo que o problema venha a ser abandonado”. (2008, p. 23).

³⁰ A construção do Manual das Escolas Espíritas foi alicerçada no pensamento dos seguidores Ney Lobo, Leopodo Machado, Anália Franco. Antes da formatação do mesmo, os literatos já haviam registrado um possível modelo de educação, dentro dos princípios religiosos da doutrina.

Durante o processo e à medida que vão surgindo novas interrogações há a possibilidade da modificação do problema, ou seja, uma mudança de rumo. Dessa forma, pensou-se em outro caminho: Escola Espírita ou Escola mantida pela União Espírita de Sergipe? Mais uma vez abandonou-se a ideia, pois logo de início foi descoberto que, diferentemente das Escolas Católicas e Protestantes, nas Espíritas não se ensinava o espiritismo; esta prática ficava a cargo dos Centros Espíritas. Dentro destas escolas o que se pretendia era construir o homem para o bem, caráter e moral, pontos fundamentais para a educação espírita. Assim, seguindo o olhar do pesquisador e sempre está atento a uma certa intuição, continuou-se o percurso por outro caminho: a forma como a educação era pensada pela Dr^a Laura Amazonas suplantando os muros da instituição, e as práticas educativas vivenciadas nos primeiros anos da Casa do Pequenino foram reflexos da educadora.

Então, neste estudo será usado o conceito de “Cultura escolar” utilizado por Dominique Julia³¹, pois o mesmo define que já que se pretende estudar os símbolos, normas e práticas dentro de um espaço escolar, é preciso analisar e examinar os processos de produção escolar, a aquisição de modelos culturais, sua movimentação e as representações que irão variar de acordo com a época e o grupo. Ao passo que Chartier a define como “Imagem que remete a ideia e a memória aos objetos ausentes que os pinta tais como são. Neste primeiro sentido, a representação mostra “o objeto” (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma “imagem” capaz de representa-lo adequadamente”. (CHARTIER, 2002, p. 165). As representações são importantes à medida que possibilitam refletir sobre os mecanismos e meios pelos quais um grupo impõe ou tenta impor sua concepção de mundo, seus valores e o seu domínio ao outro. Por sua vez, e ainda de acordo com Chartier, apropriação nada mais é do que a forma como os indivíduos ou determinado grupo irá reinterpretar ou utilizar os modelos culturais, impostos e em circulação em um determinado período.

Para a realização desta pesquisa foi preciso investigar o processo de formação da Casa do Pequenino, a cultura escolar, as práticas educativas desenvolvidas na Instituição e a contribuição da mesma à infância pobre de Aracaju. Destarte, foram delimitados três objetivos específicos: a) Analisar o processo de implantação da Casa do Pequenino - período

³¹ Levando em consideração a busca, nesta pesquisa, em analisar as práticas educativas e a cultura escolar, serão tomados como base, além dos conceitos de Dominique Julia, os de Rosa Fátima de Souza (2000), Viñao Frago (1994) e Augustin Benito Escolano (1998), que contribuem com os conceitos de cultura escolar, para além do espaço escolar, ou seja, tudo que está ao redor da instituição é visto como parte daquela cultura escolar.

de construção, reação da sociedade à construção da escola e as perseguições sofridas por se tratar de uma Escola Espírita; b) Conhecer os elementos da cultura escolar, e perceber quais foram os reflexos das práticas educativas da Doutora Laura Amazonas na instituição; c) Estudar a contribuição dessa instituição para a educação e a importância da mesma na educação de órfãos em Aracaju - qual representação e apropriação os alunos da instituição levaram para suas vidas.

O processo de pesquisa permite várias interpretações: “qualquer pesquisa social, educacional, é desenvolvida com base em suposições subjacentes básicas e emprega procedimentos determinados”. (CALEFFE, 2008, p.15). Nesta perspectiva, foram utilizados como objetos de análise documentos bibliográficos, fotografias e entrevistas.

A entrevista pode ser definida como o processo de interação social entre duas pessoas no qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevistas constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguido. O processo de interação contém quatro componentes que devem ser explicitados, enfatizando-se suas vantagens, desvantagens e limitações. São eles: a) o entrevistador; b) o entrevistado; c) a situação da entrevista; d) o instrumento de captação de dados ou roteiros de entrevistas. (HAGUETE, 1990, p. 75).

Quanto às entrevistas, foram realizadas e coletadas num total de 12, assim distribuídas: 04 ex-alunos; 04 contemporâneos da Doutora Laura Amazonas; 03 ex-diretores e 01 ex-professora. Utilizou-se para a seleção dos entrevistados os seguintes pontos: os ex-alunos, levou-se em consideração os que conviveram mais de dez anos dentro da instituição; a escolha de pessoas próximas a Laura Amazonas, com a opção por ex-alunos da Escola de Evangelização Lindolfo Campos, crianças carentes acolhidas por ela e seguidores da Doutrina Espírita; para a escolha dos ex-diretores, considerou-se os que estavam na Instituição, principalmente no momento da ativação e da desativação do Lar Meimei. No tocante à professora, fez-se a predileção pela profissional que vivenciou o primeiro ano de fundação. Houve uma variação no roteiro, assim como na forma de executá-lo. As perguntas feitas aos entrevistados nos permitiram a compreensão de fatos vivenciados dentro e fora da instituição: “a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva”

(DELGADO, 2010, p. 18), posto que as mesmas irão contribuir para a construção de novas fontes que servirão de subsídios à pesquisa. É preciso se considerar a importância da história oral para a consolidação desta pesquisa, principalmente por se tratar de relatos. Mas, a utilização dessa prática implica em alguns desafios.

[...] o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente. Adultos que trazem em si memórias de suas experiências e também lembranças a ele repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao disseminá-las. Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções de hoje. (DELGADO, 2010, p. 18).

Com essa perspectiva, é preciso o olhar vigilante do pesquisador para decifrar suas fontes e interrogá-las. Mas, ainda sobre História Oral, neste estudo ela será unida ao conceito de memória, segundo Pollak (1992, p. 02), quando afirma que a “mesma está ligada aos acontecimentos vividos pessoalmente ou àqueles vividos pelo grupo, ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”, ou seja, a memória é necessária para a manutenção interna dos grupos, “pois, ouvir história de vida é também compartilhar o fazer da História” (DELGADO, 2010, p. 20), além de possibilitar “a construção de elementos essenciais à identidade coletiva”. Assim, a memória coletiva, segundo Le Golf (1994, p. 410), não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder.

Acredita-se que a mesma levará aos caminhos necessários para a realização da pesquisa, de maneira que permitirá compreender o que se passou. E, para chegar onde se está hoje foi necessário reviver o passado, e, com isso, entender o que já foi vivido e a contribuição dada ao que se está vivendo. Assim, pode-se dizer que “uma memória gerada por contraposição com outras memórias, que corre ao ritmo do tempo – tempo da ou das pessoas, o tempo das gerações” (MAGALHÃES, 1996, p. 9), é necessária para a construção de uma história.

Vários acervos foram percorridos na intenção de se reconstruir as ‘histórias guardadas’, que permaneciam caladas. Ao interrogá-los nos arquivos, começa-se a ouvir o que estava em silêncio em uma estante, em um jornal, em um livro, ou, muitas das vezes, abandonado em um canto qualquer da instituição:

Quando penetramos nos arquivos como uma possibilidade de navegar numa imensidão da qual apenas suspeitamos, saboreamos as palavras [...], descobrimos que quase tudo está escrito: as paisagens, as casas, os amigos, os livros. A atividade da consciência vai lentamente se escoando na reelaboração de hipóteses, nas leituras teóricas e na cópia de centenas de folhas escritas. Descobrimos nossos tesouros [...]. (NUNES, 1990. p. 38).

As fontes, quando bem interrogadas, transformam-se em tesouro e passam a dar voz ao pedaço de papel, à fotografia e ao jornal, aguçando um diálogo constante com o pesquisador que, ao entrar nos arquivos permite que estes comecem a fazer parte da sua rotina.

Os arquivos também nos invadem, embaralhando nossas fantasias, nossas imagens-reminiências de uma infância distante e até nossas horas de sono. Enquanto dormimos as vozes masculinas e femininas dos arquivos passam a soar desconcertantes nas nossas cabeças. Aqueles rostos que abandonam as gavetas vêm abrigar-nos em nossos sonhos, atrapalhando enredos, virando-nos do avesso. Teríamos ousado penetrar num tempo proibido? (NUNES, 1990. p. 39).

Não, mas entra-se em um mundo cheio de informações; assim, percorrem-se diferentes acervos em busca de fontes. No Arquivo da Casa do Pequenino foi possível a localização do maior número de documentos:

Livro de Ata e outras Inaugurações – nele está registrada a data da pedra inaugural da Casa do Pequenino, como se processaram as festividades de inaugurações da Escola Amélie Boudet e do Lar Meimei, fatos que ajudam a compreender como ocorreu esse momento. Aí contém, também, os registros de encerramento dos anos letivos e aniversário do primeiro ano da Escola.

Livro de Ata – contém informações sobre o surgimento da ideia para a construção da Casa do Pequenino e criação de comissão responsável pelo acompanhamento das obras; campanhas realizadas para a arrecadação de recursos; mudança da nomenclatura, a princípio Casa do Pequeno Pobre, passando a ser nominada somente Casa do Pequenino; implicância sobre a planta durante a construção; conflitos internos devido à morosidade da obra.

Ofícios - esses possuem sua importância porque levam a uma relação existente entre a União Espírita Sergipana e demais instituições espíritas que, no mesmo período, estavam

construindo escolas e asilos espíritas pelo país. Informam sobre doações recebidas e solicitação de subvenções aos governos Estadual e Federal.

Regulamento Interno - foi fundamental para se verificar o funcionamento da Casa do Pequenino; se realmente condizia com os princípios da educação espírita.

Planos de Curso – pode se verificar aí como eram aplicadas as disciplinas, os conteúdos e as metodologias usadas em salas de aula, além dos métodos pedagógicos colocados em prática no Lar Meimei.

Livros de Matrícula - através dele a pesquisadora pôde se debruçar em torno de algumas perguntas realizadas no ato da matrícula, porém criou-se um diálogo maior acerca dos endereços, filiação, grau de instrução dos pais e religião. Outro ponto que foi necessário ver com “as lentes da história”³², estava na questão da religião: embora fosse uma Escola Espírita, nos primeiros anos nenhuma família se declarou como espírita.

Fotografias - “compreendem, pois, um objeto cultural a serviço da memória, seja ela individual/familiar ou institucional”. (SOUZA, 2000, p. 19). Por meio delas, foi possível entender aspectos do período estudado.

Além dos arquivos da Casa do Pequenino, Escola Amélie Boudet e Lar Meimei, pesquisas foram realizadas no Instituto Histórico Geográfico de Sergipe (IHGS). Na Hemeroteca da Biblioteca Pública Epiphâneo Dória as fontes foram os **Periódicos** referentes ao marco temporal idealizado na pesquisa; maior atenção foi dada aos que continham informações sobre quem fizera oposição à construção de uma Escola Espírita, assim como a produção de críticas à Doutrina Espírita. No Arquivo Público de Sergipe foi o local onde se teve acesso às **Leis e Decretos** que faziam referência ao objeto de estudo aqui abordado. Na Biblioteca Infantil Aglaé Fontes a busca circulou em torno de **Livros Infantis** utilizados nas Escolas Espíritas para reforçar as virtudes; como: “O peixinho azul”, “O orgulho e a humildade”, “Maricota serelepe”. Na Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe (BICEN) – Setor de Documentação Sergipana, foram analisadas as **Monografias**; e na Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED), as **Dissertações** foram utilizadas. Percorreram-se, também, os Arquivos: da União Espírita de Sergipe, da Federação Espírita de Sergipe e da Federação Espírita Brasileira – as informações

³² VIDAL, 2005, p. 1.

solicitadas foram, principalmente, em torno da educação espírita e da criação de escolas espíritas. E, além dos arquivos, foram utilizadas entrevistas e fontes eletrônicas.

Por fim, o trabalho foi dividido em cinco partes: a introdução: “*Abrem-se as Portas*” e três seções para exposição do material coletado na pesquisa e argumentação sobre o mesmo, e, por último, as considerações pessoais intitulada de “*O Fim é o Começo*”. Na segunda seção “*O Berço do Pensamento da Educação Espírita*”, foi colocada a importância da educação recebida por Allan Kardec, no colégio de Yverdon, e a inserção desta prática dentro das escolas espíritas, bem como a chegada da Doutrina Espírita a Sergipe. O último ponto desta seção abordará as Escolas Espíritas no Brasil e o crescimento delas a partir 1900.

Nas linhas da terceira seção, “*Reconstruindo os Fios da Memória*”, a intenção foi marcar: a construção e implantação da Casa do Pequenino, a inauguração e, a representação da Doutora Laura Amazonas para a Escola Espírita, os eventos em prol da edificação, a visão da sociedade sergipana para a instituição e as perseguições.

Os escritos da quarta seção, “*Lugares que Moram na Gente*”, versarão sobre a cultura e as práticas escolares vivenciadas na instituição, no período delimitado, a chegada dos primeiros alunos, bem como da representação que esta instituição proporcionou aos mesmos e o que levaram para além, do que foi vivido lá dentro. Serão tratadas, também, as representações do que foram os primeiros diretores da Casa do Pequenino, a professora Neyde Albuquerque Mesquita e José Mesquita Neto, para os ex-alunos e internos.

As informações expostas em “*Vinde a Mim os Pequeninos*” contribuirão para a História da Educação, completando a lacuna de conhecimentos sobre a história educacional sergipana, principalmente porque ainda não se encontrou nenhum trabalho efetivo a respeito da atuação e práticas educativas espíritas no campo da História da Educação em Sergipe, em especial a Casa do Pequenino, que mesmo sendo criada em 1947 não conta com um estudo amplo a seu respeito. Embora a presença espírita em institutos de educação venha sendo registrada no Brasil desde a primeira metade do século XX, porém ainda há um espaço a ser preenchido por pesquisas em torno dessas instituições.

2. BERÇO DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA

O estudo da memória da Escola confessional Espírita “Casa do Pequenino”, deu asas e proporcionou ao pesquisador alçar voos longos. Assim, permitiu-lhe abrir uma janela, que os levou a conhecer o que até então era desconhecido: a Doutrina Espírita e o seu papel na educação. Para entender como se processava a educação dentro de uma Escola Confessional Espírita, foi preciso entrar em um mundo que não lhe pertencia, teve que desconstruir pré-conceitos, para construir a memória dessa instituição. Agora, convida-se cada leitor a percorrer as páginas desta história. Esta segunda seção irá trilhar por um caminho que levará à chegada da doutrina em Sergipe, os princípios da educação espírita, a disseminação de Escolas e Abrigos espíritas para menores no país, e o papel primordial da educação dentro da doutrina.

2.1 O ESPIRITISMO EM SOLO SERGIPANO

O século XIX foi um período de várias transformações em todo mundo, o Brasil também vivenciou essas mudanças. A ebulição mundial deixou marcas intensas, que mudaram todo o alicerce organizacional da sociedade sergipana, a exemplo do acesso a novas práticas religiosas.

A chegada do Espiritismo no Brasil se processou em meio a esse período de transformação pelo qual passava o país. A ida de jovens brasileiros, pertencentes à classe mais abastada da nossa sociedade, à Europa, à procura de estudos, levando em consideração que lá estavam as novas ideias e os grandes pensadores, possibilitou o ingresso da doutrina no país.

Estreito contato com a Europa, notadamente com a França, para onde se dirigiam partes das novas gerações das elites brasileira em busca de um diploma; favorecera a importação das ideias correntes no velho continente. Com isso, as mais diferentes tendências científicas, filosóficas e religiosas foram absorvidas pela intelectualidade do país. (DAMAZIO, 1994, p. 12).

Depois de três anos da publicação do Livro dos Espíritos, em 1860, é que as obras espíritas em francês começaram a chegar ao Brasil. Foram trazidas por franceses que

habitavam no país, pessoas da elite que tinham contato com a Europa e os jovens que saíram daqui para estudar no continente europeu e trouxeram novos pensamentos. Simpatizantes que demonstravam uma aptidão pelo assunto e já vinham acompanhando alguns debates em jornais franceses e de outros locais tiveram acesso ao Livro dos Espíritos.

Diz-se, então, que a elite brasileira contribuiu para o advento do espiritismo no país, ou seja, “da elite ao povo”, fez caminho, de cima para baixo. As novas ideias não eram de fácil compreensão. Então os intelectuais da sociedade letrada foram os primeiros a se envolverem, já que as obras espíritas a princípio não eram traduzidas, o que nos leva a crer que os principiantes que tiveram acesso aos escritos pertenciam a um grupo possuidor de um capital intelectual de nível avançado. Os três campos abrangentes da doutrina: ciência, filosofia e religião³³ chamavam a atenção, mas o fato de ter vindo da França, logo de início serviu como atração para os intelectuais da elite, em várias cidades do Brasil. A versão francesa do espiritismo, quando chegou ao Brasil, aos nossos intelectuais, estava focada em três caminhos vistos como princípios de ideais:

Uma ‘cientificista’, fascinada com a leitura de manuais de positivismo, evolucionismo e darwinismo social; outra, ‘liberal’, associada ao princípio de liberdade humana e das bandeiras políticas do republicanismo e do abolicionismo; e outra, ‘conservadora’, dominada fundamentalmente pelo pensamento católico. (GUIMBELLI, 1997, p. 60).

Foi possível perceber que os adeptos do espiritismo construíram relações com personagens e saberes ligados a cada uma dessas vertentes: por um lado aqueles que viam o espiritismo no sentido religioso, voltado para a caridade; por outro, os que defendiam a ciência, e ainda havia os que saíram na defesa da liberdade, igualdade e fraternidade, e é dessa forma que o espiritismo começa a ser propagado pelo Brasil. No entanto, embora as primeiras conversas envolvendo o espiritismo tivessem ocorrido em rodas de intelectuais na sede da

³³ Na visão de Kardec o espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos espíritos, e de suas relações com o mundo corpóreo. É considerado filosofia porque dá uma coerente e exata interpretação da vida. Toda filosofia gera uma ética. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. Como filosofia o espiritismo compreende todas as consequências morais que dimanam das relações que estabelecem entre nós os espíritos. É religião porque tem por fim a transformação moral do homem, retornando aos ensinamentos de Jesus Cristo, para que sejam aplicados na vida diária de cada pessoa. Revive o cristianismo na sua verdadeira expressão de amor e caridade. Segundo Emanuel, “a ciência, a filosofia e a religião constituem o triângulo do espiritismo, assentando as próprias bases, preparando a humanidade”. Conferir: <<http://www.feparana.com.br>>. Acesso em 26 de março 2015.

corte, no Rio de Janeiro³⁴ “onde estava a vida cultural do país, os melhores museus e bibliotecas” (FERNANDES, 2008, p. 85), foi na Bahia³⁵ que se inseriu mais firmemente no país, mas não ficou por aí; outros estados também vivenciaram a presença da Doutrina Espírita.

E, em Sergipe, o início da difusão do espiritismo³⁶, segundo Menezes (2000, p. 159), “enquanto conjunto doutrinário e de práticas religiosas” é incerto, não há uma afirmação concreta quanto ao marco inicial desse movimento. O que se sabe foi coletado de relatos orais de antigos seguidores, e, como “a memória sempre entrelaçada é quase sempre dotadas de poder: poder de esquecer, de lembrar, de omitir, de silenciar” (DELGADO, 2010, p. 31), neste caso, ou fora esquecida, omitida ou simplesmente silenciada, já que a memória por vezes nos trai. Então, provavelmente o princípio do movimento espírita se deu “na década 1880/90,

³⁴ Foi na corte o início dos primeiros debates realizados sobre a nova Doutrina na ‘roda do Courier do Brésil’, um jornal de origem francesa, editado no Brasil, visto como anticlerical e como um órgão que se opunha às ações de Napoleão III. Porém, era rotina desse jornal realizar reuniões na sua redação, pois havia a adesão da elite intelectual, em que se registrava com frequência a presença de Machado de Assis e do professor francês Casimir Lieutaud. Os conteúdos tratados nessas rodas mantinham como preocupação o debate sobre assuntos da moda. Levando-se em consideração que o Brasil era um país católico, um dos focos debatidos após 1857 era justamente o espiritismo, que causava uma curiosidade aos intelectuais que costumavam frequentar as rodas do Courier, mas as discussões eram apenas conversas em tom de curiosidade em torno dos fenômenos espíritas que vinham ocorrendo na França e se proliferando por outros países. Depois dos episódios vivenciados pelos espíritas baianos, a população carioca se aguçou, aumentando a vontade de se aprofundar sobre o espiritismo, e o ar de curiosidade foi abandonado; o que importava agora era conhecer, o que ocorreu após o prestígio da doutrina, com a liberação do Estatuto da Sociedade Espírita Brasileira cujo reconhecimento oficial deu asas ao movimento que, vinha tentando decolar no Rio. Assim, entrava em cena o espiritismo no Rio de Janeiro.

³⁵ O grande responsável pela introdução do espiritismo no Brasil, por terras baianas, foi o intelectual Luiz Olímpio Teles de Menezes, conhecido pelas contribuições que havia dado aos conselhos artísticos imperiais, e pela sua participação na imprensa baiana. O intelectual, depois de se aproximar da proposta de Kardec, na Doutrina Espírita, por meio da leitura do Livro dos Espíritos, resolveu que a sociedade brasileira da época deveria conhecê-la. Então, trabalhou para que o espiritismo não fosse apenas uma curiosidade; ao contrário, desejava que o mesmo fosse enxergado com outro olhar. E, para isso, o intelectual, após cinco anos de estudos realizaria, no ano de 1865, no dia 17 de setembro, a primeira sessão espírita do Brasil; no mesmo ano foi fundado o Grupo Familiar do Espiritismo. Assim, era fundada a primeira comunidade de espíritas no Brasil.

³⁶ O surgimento do espiritismo ocorreu durante o ano de 1855, quando o pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail começou a ampliar o seu olhar em relação à possibilidade de uma vida após a morte, passando, então, a se dedicar com maior rigor aos estudos envoltos na questão. E, para aprofundar esse pensamento, realizou uma pesquisa em forma de questionário, consistindo em perguntas e respostas sobre vários temas, “segundo se acredita no Espiritismo, de informações passadas, através de mediúnicos, por espíritos de homens que teriam vivido na Terra”. De posse desse material, percebeu que suas fontes, “se devidamente organizadas”, seriam a base de uma doutrina pronta para ser transmitida ao povo; porém, teve a preocupação de “expurgar qualquer traço que pudesse dificultar a aceitação da doutrina, por parte das várias correntes religiosas, e concedeu tanta ênfase à parte mística quanto à parte moral”. Assim, em 18 de abril de 1857, depois de ter organizado todas as suas fontes, lançava a primeira edição do “O Livro dos Espíritos”, que trazia, nas suas linhas, os princípios da doutrina em torno da imortalidade da alma, da natureza dos espíritos e seu relacionamento com os homens, a comunicação entre os vivos e mortos, as leis morais, a vida presente, a vida futura e a posterioridade da humanidade. Conferir: DAMAZIO, Sylvia. F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994, p. 46; e SOARES, Ana Loryn. A “Orientação pelo Evangelho” e a consolidação do Espiritismo no Brasil (1860-1940). **Revista Eletrônica História em Reflexão**: vol. 7. n° 14 - UFGD/Dourados, jul/dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistaeletronicahistoriaemreflexao.com.br>>. Acesso em 22 de março de 2015.

tendo por cenário as cidades de Laranjeiras, terra de Bittencourt Sampaio³⁷ – uma espécie de Ouro Preto ou Congonhas do Campo sergipano –; e Estância, a ‘Princesa do Piautinga’, onde nasceu o primeiro jornal de Sergipe”. (PERALVA, 1970, p. 148).

O que permite pensar se realmente a doutrina chegou ao solo sergipano pelas cidades de Estância e Laranjeiras? Ousa-se afirmar que o ingresso se deu nestas cidades, pois ambas eram abertas a novas ideias: “primeiro teatro, primeiro jornal”; provavelmente a imprensa estanciana tivera acesso aos artigos publicados na imprensa baiana, envolvendo a doutrina espírita, o que ocasionou a disputa de campo religioso entre católicos e espíritas na Bahia, “já que as famílias mais abastadas de Estância mandavam seus filhos estudar em Salvador” (SOUZA, 2009, p. 23) e, com certeza, esses estudantes divulgaram sobre os fenômenos espíritas.

Em 1903 o espiritismo chegou à capital. Pode-se justificar o intervalo temporal do surgimento dos primeiros núcleos no interior à entrada na sede do estado, levando-se em consideração que apenas no ano de 1855 Aracaju fora transformada em capital, por ato administrativo, porém “era quase um povoado, carente não só de estrutura física adequada às suas novas funções político administrativas, mas também de vida urbana” (MENEZES, 2000, p. 159 -160), sendo vista, por algumas pessoas, como uma localização que não vingaria: “não se tinha otimismo para a nova cidade que emergia dos mangues e apicuns, banhada pelo Rio Sergipe”. (NUNES, 2008, p. 93). A falta de estrutura e de vida urbana acarretou ao não acesso de novas abordagens religiosas.

Ao contrário de Aracaju, Laranjeiras e Estância “eram centros populacionais com aglomerações mais densas e se constituíam em locais onde elementos de diferenciação sócio-

³⁷ O poeta e escritor Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, nasceu em Laranjeiras (Se), dia 11 de fevereiro de 1834, e faleceu no Rio de Janeiro, em 10 de outubro de 1895. As suas contribuições consistem no fortalecimento do espiritismo no Rio de Janeiro. Foi juriconsultor, magistrado, político, alto funcionário público, jornalista, literato, renomado poeta lírico. Militante na política, filiou-se ao partido liberal, sendo eleito deputado para a Assembleia Geral Legislativa nas legislaturas 1864-1866 e 1867-1870. Neste último período foi Presidente do Espírito Santo, nomeado por carta imperial. No ano de 1870 abraçou ideais republicanas e foi um dos fundadores do Partido Republicano. Como jornalista, colaborou em diversos órgãos de imprensa no Rio de Janeiro e em São Paulo. Não era só admirado pelo brilho de seus artigos, mas também era respeitado pela elevação, sinceridade e firmeza com que sustentava e defendia seus ideais a ponto de ser um dos primeiros integrantes do Grupo Confúcius, ou Sociedade dos Estudos Espíritas no Rio de Janeiro. Outro posto que lhe coube foi o de ser o primeiro administrador da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Na literatura foi autor de várias obras em prosa e verso, sendo considerado, por Sylvio Romero e João Ribeiro, o primeiro dos autores líricos brasileiro, logo depois de Gonçalves Dias. Disponível: <<http://www.feparana.org.br>>. Acesso em 27 de março de 2015.

econômica e cultural indicavam presença de certa vida urbana”. (MENEZES 2000, p. 160). Laranjeiras, terra de poetas e da aristocracia sergipana; Estância, cidade do polo comercial e marítimo; assim, seriam mais propícias a novas abordagens, principalmente no campo religioso. É claro que o envio de jovens para outros estados só contribuiu para a aquisição de novas práticas, e acabou estimulando uma forma diferente de ver o mundo. E é justamente em Laranjeiras que se instalaram os primeiros núcleos de protestantes em Sergipe, no final do século XIX, entrando em embates com os católicos; e em Estância³⁸, a mesma cena se repete, porém no início do século XX, confirmando que ambas estavam abertas a outras religiões.

Na fase inicial do espiritismo em Sergipe as pessoas se reuniam em casas residenciais, para o conhecimento da doutrina espírita e da prática mediúnica.

Na capital, só no começo do século XX, nos idos de 1903, um Sr. Serôa da Mota, em sua residência, na antiga praça da Matriz, hoje Praça Olímpio Campos, onde fica o magnífico Parque Teófilo Dantas, em casa que ainda existe, na contraesquina da rua da Capela, nome de uma linda cidade sertaneja de Sergipe, conhecida como a ‘Princeza dos Taboleiros’, realizava as primeiras sessões espíritas, com familiares e amigos, estudando “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, além de praticar o intercâmbio com o mundo espiritual, pela mediunidade. (PERALVA, 1970, p. 148).

Em Sergipe, assim como em todo o Brasil, era nos lares que aconteciam as reuniões espíritas, modelo vivido na França e exportado a outros países. Anos mais tarde essa prática começa a mudar, dando lugar aos Centros Espíritas.

A expansão da doutrina espírita no referido Estado se deu principalmente entre os operários, especificamente os ferroviários, aumentando o número de adeptos nos diferentes campos sociais; dessa maneira, “repete-se em Sergipe o que se passara no Brasil, onde no início do século XX, com o movimento de urbanização, o espiritismo foi aceito a princípio pelas classes menos favorecidas”. (MENEZES, 2000, p. 161). Mas, logo depois a elite se sentiu atraída.

³⁸ Podemos confirmar a presença da religião protestante na cidade de Estância, no início do século XX, principalmente pelo ocorrido no ano de 1918, quando o Monsenhor Vitorino Correia Fontes, resolveu fazer um ato religioso na cidade, e convidou para conduzir a Santa Missão o frei Capuchinho, Francisco de Urbânia, que no último dia do ato, lançou o seguinte desafio: convidou os protestantes da Igreja Presbiteriana para um debate público. Surgindo um pastor protestante que aceitou o convite, porém no dia em que ocorreria o debate, uma multidão de católicos ocupou o local onde o mesmo aconteceria, a fim de impedir que a conferência do pastor se realizasse. Conferir: SOUZA, 2009.

Porém, o crescimento da doutrina, não diferente do que aconteceu em outros Estados, acabou criando certa polêmica durante a década de 20, divulgada pelos jornais, embate esse envolvendo um pastor protestante e o líder espírita Basílio Martins Peralva.

Sergipe Espírita recorda, ainda hoje, interessante ocorrência com renomado Pastor protestante que, tendo chegado da América do Norte, onde os seus companheiros de fé tentaram iniciar, na imprensa aracajuana, campanha difamatória contra o Espiritismo. Isto mais ou menos entre 1925 e 1930 (PERALVA, 1970, p. 155).

Nesse entrave entre os dois líderes o que se encontrava em disputa era a representação do poder simbólico que permeia o campo religioso, tanto o protestante como o espírita precisavam se autoafirmarem em uma sociedade dominada pelo catolicismo. Porém, os espíritas foram consolidando o seu espaço com a construção das primeiras instituições em Sergipe, propriamente em Aracaju, de personalidade jurídica, que foram conduzidas por Viana de Carvalho³⁹, Lindolfo Campos⁴⁰, Deusdedit Fontes, e esses, com o crescimento do espiritismo, viam a necessidade de regularizarem os núcleo de estudo da doutrina e da prática mediúnica diante da lei: “mais ou menos por volta de 1925/26, organizaram-se, como personalidade jurídica, as primeiras instituições: Sociedades ‘Obreiros do Senhor’, ‘Amor e União’, Grupo Espírita ‘Regeneração e Centro Espírita ‘Humildade’⁴¹, e, mais tarde, o Centro Espírita Viana de Carvalho”⁴².

A unificação do espiritismo em terras sergipanas ensaiava os primeiros passos, o movimento espírita sergipano possuía características semelhantes à comunidade do Rio de Janeiro. No tocante às intrigas internas o movimento possuía certa dificuldade em chegar a uma opinião única. Na doutrina sergipana “havia muito desentendimento, muito

³⁹ Nascido na cidade de Icó, Estado do Ceará, em 10 de dezembro de 1874. Era filho do professor Tomás Antônio de Carvalho e de D. Josefa Viana de Carvalho. Faleceu a bordo do navio ‘Íris’, em 13 de outubro de 1926. Numa época em que a divulgação da doutrina ensaiava os seus primeiros passos e encontrava pela frente a mais obstinada oposição, o Major Dr. Manuel Vianna de Carvalho, com pulso firme, espírito idealista preparou a área para propagar o espiritismo. Assim, no movimento espírita foi considerado um dos mais animados, o seu nome representava a bandeira no campo da disseminação do mesmo. <<http://www.rcespiritismo.com.br>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

⁴⁰ Ex-presidente da Sociedade Espírita Obreiros do Senhor (1928), ex-presidente da União Espírita de Sergipe (1930), deu nome à escola de Evangelização, que funcionava aos domingos com um propósito religioso e educativo, na Sede da União Espírita à rua Santa Luzia, n. 164. <<http://www.fees.org.br>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

⁴¹ Os Centros Regeneração e Centro Espírita Humildade, foram fundados por Martins Peralva.

⁴² PERALVA, J. Martins. O Espiritismo em Sergipe. In: **Anuário Espírita**. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1970, p. 155.

personalismo, muita ciumada” (PERALVA, 1970, p. 155); o movimento vinha se consolidando com disputas.

Depoimentos de vários adeptos falam do surgimento de centros espíritas, hoje existentes em Aracaju como resultantes de dissensões internas de várias ordens, tais como: divergência nas decisões relacionadas ao direcionamento das atividades mediúnicas e de estudo, questões econômicas especificamente sobre a destinação de recursos obtidos, competição e rivalidade no campo pessoal entre indivíduos de destaque no grupo. Não raro, divergências desse tipo redundaram em conflitos que desembocaram numa ruptura (MENEZES, 2000, p. 163).

Mesmo sabendo que o “espiritismo se caracteriza por valorizar a harmonia, o respeito às posições estabelecidas, a tolerância, o controle” (CAVALCANTI, 1983, p. 35), os desafetos internos existiam: “o espiritismo não é homogêneo, e, como as demais religiões, é marcado por tensões internas e externas que atuam como fatores de dinamismo e complexificação desse quadro”. (CAVALCANTI, 1983, p. 146-147). Amenizar os conflitos era um dos motivos para se pensar na unificação do movimento, que corria grande risco em se dilacerar. Como forma de conter os atritos, o seguidor Viana de Carvalho defendia a unificação dos espíritas e das instituições, mas o ensaio para a junção só ocorreu em 30 de julho de 1930, com a realização da primeira reunião que acoplava os representantes das Sociedades Espíritas ‘Obreiros do Senhor’; ‘Amor e União’ e ‘Vianna de Carvalho’. Com isso, “davam-se os primeiros passos no sentido de se unir aquelas instituições em torno de uma nova entidade – a União Espírita Sergipana”⁴³, inaugurada em 3 de setembro de 1930.

Após a unificação do movimento, os espíritas em Sergipe se ocuparam da realização de ações por meio dos Centros Espíritas, principalmente as obras no campo assistencial, à infância pobre, em forma de instituições como, escolas e orfanatos. Porém, é preciso informar que “não existe uma padronização no planejamento e execução das atividades assistenciais e a proposta de cada centro se dá de acordo com os recursos financeiros e humanos disponíveis” (MENEZES, 2000, p. 170), isso porque as escolas espíritas, na sua grande maioria, sobreviveram por meio de subvenções. Embora cada órgão imprimisse suas características, não se devia deixar de seguir os princípios da moral dentro da doutrina.

⁴³ Estiveram presentes nesse ato os seguintes confrades: Manoel Batista, Lídia Campos, Antônio Joaquim Magalhães, Virgílio Pedro de Almeida, Temístocles Pereira de Albuquerque – distinto Oficial da Polícia Militar de Sergipe –, Elizabete Ferreira, Grafton Campos, Antônio Paulino, Lindolfo Campos, Amélia Alves, Sérgio Nogueira. Conferir: PERALVA, J. Martins. O Espiritismo em Sergipe. In: **Anuário Espírita**. São Paulo. Instituto de Difusão Espírita, 1970, p. 156.

O Movimento Espírita de Sergipe não surgiu no mesmo tempo que o da Bahia e nem do Rio Janeiro. Embora tenha iniciado tempos mais tarde, viveu situações idênticas às duas localidades: sofreu perseguições, entraves na imprensa e brigas internas, mas conseguiu se consolidar, principalmente pela sua “prática no campo assistencial à infância desamparada, com a implantação das escolas espíritas e asilos”. (MENEZES, 2000, p 171). A Doutrina Espírita em Sergipe se dedicou a colocar em ação a educação espírita, idealizada por Allan Kardec⁴⁴.

2.2. O PENSAMENTO EDUCACIONAL ESPÍRITA

A educação espírita pensada por Allan Kardec (1804–1869) teve seus fundamentos dentro do estabelecimento de ensino implantado por Johann Heirinch Pestalozzi (1746-1827), num castelo em Yverdon⁴⁵, cidade suíça no Cantão de Vaud:

A cidade das caixas de música situada na margem meridional do lago de Neuchâtel, numa das instituições mais célebres da Europa, dirigida por Jean-Henri Pestalozzi, discípulo de Rousseau, que punha em prática os ensinamentos de Émile. Neste estabelecimento convive com alunos vindos de toda a Europa e recebe uma educação liberal⁴⁶ fundamentada na confiança na natureza e na infância, deixando de lado os castigos corporais. (AUBRÉE, 2009, p. 37).

A proposta educacional de Pestalozzi “tinha como objetivo tocar, vivificar e fortificar o que há verdadeiramente humano, espiritual e moral na criança. Era essencialmente positivo [...] Ativar e fazer a criança conceber a si mesma não é limitar a partir do exterior, mas fazer crescer a partir do interior”. (PESTALOZZI, 1927, p. 296-297). Este método comungava com

⁴⁴ Nesta escrita, optou-se por não utilizar o nome verdadeiro do pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, e sim o seu pseudônimo, levando-se em consideração que foi pela nomenclatura de Allan Kardec que ele edificou a Doutrina Espírita e ficou mundialmente conhecido. Embora, seja preciso explicar que estudos, apontam que a adoção do pseudônimo por Rivail, se deu por acreditar que seu nome, bastante conhecido nos meios científicos, poderia comprometer a evolução do seu empreendimento – sua missão, segundo os espíritos. Sua escolha foi por um nome de origem druida (uma classe poderosa dentro da sociedade Celta, povo que há três mil anos habitaram territórios, onde hoje estão o Reino Unido e norte da Espanha, de Portugal e da França, na Europa, eram conhecidos como os intelectuais e conselheiros); que de acordo com a crença espírita, recebera o nome de Hippolyte L. D. Rivail em uma das encarnações.

⁴⁵ Foi fundada sobre a colina Fouvière, como uma colônia romana, em 43 a.C, por Munatius Plancus, um tenente de Júlio César, num assentamento de uma colina chamada Lug[o] dúnon, dos seus Ceita Lugus (“Luz”, do velho irlandês moderno Lú) e dúnon (“colina” ou “forte”). Lyon foi primeiramente denominado Lugduno, significado de “Monte de Luzes” ou “Monte de Corvos”. Durante a Revolução Francesa, Lyon se opôs à convenção e apoiou os Girondinos. Em 1793 a cidade esteve sob o cerco durante mais de dois meses. Agredida pelo exército revolucionário, teve em torno de duas mil pessoas executadas e vários edifícios destruídos, antes de se render. Uma década depois o próprio Napoleão ordenou a reconstrução de todos os edifícios que haviam sido destruídos durante aquele período. Disponível em: <<http://www.cidadesvirtuais.net/história.htm>>. Acesso em 09 de março 2015.

⁴⁶ Grifo nosso.

“um universalismo e individualização; autonomia e liberdade, com forte presença e estímulo do educador; ênfase na proposta de formar o homem ético, sem desprezo pelo desenvolvimento cognitivo, e, afinal, ideais de transformação sociopolítica sem apelo a um sistema totalizante e autoritário”. (INCONTRI, 2001, p. 179). Essa forma de educação mais tarde se tornaria um dos princípios da educação pensada por Allan Kardec, dentro das Escolas Espíritas que acreditava, assim como Pestalozzi, que era preciso educar as pessoas para que as mesmas pudessem caminhar por si só, sem depender do outro, dando-lhes liberdade. Assim, rompia com o caráter repressor e de moldagem de antigas práticas de educação.

O modelo e a influência de Pestalozzi não se limitaram apenas ao caráter intelectual adquirido por Allan Kardec durante a sua formação no Instituto Yverdon, mas também abriu um leque em torno de um “pensamento religioso e moral do mestre, impregnado de tolerância, fora absorvido pelo discípulo que, mais tarde, sistematizaria a Doutrina dos Espíritos no sentido de conciliá-la com as várias correntes religiosas”. (DAMAZIO, 1994, p. 43). A sua base de formação, deve-se muito a Pestalozzi, podendo ser explicado, pela afirmação de L. Meylan:

De todos os educadores e filósofo da educação, Pestalozzi é, provavelmente, o único conhecido nos cinco continentes, o único que haja chegado à grandeza mítica de um Beethoven: o gênio pedagógico [...]Desempenhou em seu tempo, e para além dos limites de seu país, papel de primeiro plano; e não seria possível escrever a história da civilização na Europa Ocidental, no fim do século XVIII e no começo do século XIX sem evocar-lhe os escritos e as ações. (MEYLAN, 1978, p. 210).

Pestalozzi via a educação dentro da escola, como uma extensão da educação familiar: assim, a sua grande preocupação pautava-se na educação para a vida, que contribuiria para que o aluno buscasse:

A dignidade humana; pondo acima de tudo o respeito, pela pessoa, pela crianças, pelo aluno; praticando o afeto, o amor, o carinho, a afeição, a benevolência, o humanismo; Pestalozzi sobressaiu-se na recuperação de crianças e adolescentes, abandonados, órfãos, miseráveis, elevando-os à condição de pessoas humanas dignas, autoconfiantes, seguras, serenas, felizes. (COSTA, 2009, p. 125).

Ao ponto de ser considerado como a figura do pai e os alunos como os filhos, o seu ato de educar, além de conduzir à autonomia, era repleto de dedicação para os alunos e percebida pelo:

Fato de que essas crianças recebiam dele, não apenas o ensino, mas os cuidados mais continuados, que ele atribui o êxito de sua “loucura”. Estava sozinho com elas de manhã à noite. Eram de minha mão que recebiam tudo quanto reclamavam o seu corpo e sua alma. Todo socorro, toda consolação, toda a instrução lhes vinha imediatamente de mim. Sua mão estava em minha mão; meus olhos não desfitavam seus olhos. Minhas lágrimas corriam com suas lágrimas e eu sorria com elas. Estavam fora do mundo, estavam fora de Stans; estavam comigo e eu estava com elas. (MEYLAN, 1978, p. 216).

Segundo essa dedicação, Pestalozzi fez a seguinte reflexão:

Pergunto a mim mesmo como vim a ter, com respeito aos homens, amor, confiança, reconhecimento e obediência; como apareceram, em minha natureza, os sentimentos nos quais repousam essencialmente o amor, a gratidão e a confiança para com os homens, e as ações pelas quais se forma a obediência humana. E acho que tem, antes de tudo, por ponto de partida, as relações existentes entre a criancinha e sua mãe[...] A criança é cuidada, está alegre. O germe do amor está desenvolvido nela. (PESTALOZZI, Apud, MEYLAN, 1978, p. 219).

Assim, não resta dúvida de que os princípios que foram defendidos por Allan Kardec começaram a surgir dentro da instituição de Yverdon, tendo como base a personalidade de seu condutor. Pestalozzi era, para Allan Kardec, “os valores da moral e da instrução e é, sem sombra de dúvida, a figura do mestre e do educador que ele próprio se tornará em sua existência profana (até 1854), quanto na sua existência espírita (1854-1869)”. (AUBRÉE, 2009, p. 38). A partir da base universalista do ensino recebido durante o período de estudante dentro do colégio suíço, foi possível edificar o que seria a grande família espírita, regulada em alguns princípios vivenciados naquela instituição com tantas diferenças. Os exemplos repassados por Pestalozzi foram seguidos, pois assim como seu mestre, Kardec acreditava em:

Uma ciência da educação – que inclui as mulheres – fundamentada na natureza e não nas crenças no sobrenatural é a marca da evolução harmoniosa de uma sociedade. E, finalmente, o protestantismo liberal de Yverdon molda a própria idéia do Espiritismo em sua doutrina e em sua organização, o que pode ser caracterizado da seguinte maneira: desconfiança

em relação à improvisação, pontualidade das reuniões, extremo despojamento do cerimonial, silêncio e recolhimento, em suma, um rigor bem calvinista. (AUBRÉE, 2009, p. 37).

A educação espírita também fora pautada dentro da filosofia do século XVIII, na qual “educação adquire, sob tal enfoque, perspectiva totalizadora e profética, na medida em que, através dela, poderiam ocorrer as necessárias reformas sociais perante o signo do homem pedagogicamente reformado” (BOTTO, 1996, p. 20), vivenciada através de Pestalozzi, que dera forma ao espírito de Allan Kardec e servira de base para a construção do espiritismo no “seu ideal de tolerância, de fraternidade e de universalidade”. (AUBRÉE, 2009, p. 38). Mas, também, da moral helvética, na defesa de que a “educação pode tudo” (BOTTO, 1996, p. 25), desde que o “homem seja condicionado aos hábitos, e, em consequência, à educação”. (BOTTO, 1996, p. 25). Assim, Kardec dizia: “a educação, se bem compreendida, é a chave do progresso moral”⁴⁷, ou seja, é a condução da moral “que exige de cada um a reforma de si mesmo”. (KARDEC, 1971, p. 268). Era preciso proporcionar ao homem educação. Segundo Incontri (2010), a mesma serviria de acesso às transformações econômicas, políticas e sociais, para que a partir dessa aquisição ele visualizasse possibilidades de mudanças, pois essas levariam a uma transformação chamada de progresso.

A preocupação com a educação foi levada para dentro da Doutrina Espírita: “uma das mais importantes influências em Kardec, no seu contato com Pestalozzi é a aquisição da educação voltada para o melhoramento moral. Esse será o legado que Rivail herdará de Pestalozzi, carregando-o para dentro do espiritismo” (FERNANDES, 2008, p. 75), até porque acreditava que, para criar uma nova sociedade seria preciso, em primeiro lugar, a reconstrução de um novo homem. Desta maneira, a educação era vista por Allan Kardec como:

Uma arte particular, bem distinta de todas as outras e que, por consequência, exige um estudo especial; que não é aliás a mais fácil de se estudar e nem a mais fácil de se praticar; ela exige disposições e uma vocação muito particular; exige qualidades morais que não são dadas a todos os homens, tais como uma paciência e uma sabedoria à toda prova, uma firmeza

⁴⁷ Existem dois significados correspondentes ao do substantivo moral: 1. atinente à doutrina ética. 2. “atinente à conduta e, portanto, suscetível de avaliação moral, especialmente de avaliação moral positiva. Assim, não só se fala de atitude moral para indicar uma atitude moralmente valorável, mas também coisas positivamente valoráveis, ou seja, boas. Em inglês, francês e italiano, esse adjetivo depois passou a ter o significado genérico de espiritual, que ainda conserva em certas expressões. Hegel lembrava este significado com referência ao francês [Ene, §503]; ele ainda persiste, p. ex., na expressão “ciências morais”, que são as “ciências do espírita”. Conferir: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 693.

misturada à doçura, uma grande penetração para sondar os caracteres, um grande império sobre si mesmo, a vontade e a força de domar as próprias paixões, enfim, todas as qualidades que se quer transmitir à juventude. Ela exige ainda um conhecimento profundo do coração humano e da psicologia moral, um conhecimento perfeito dos meios mais apropriados a desenvolver nas crianças as faculdades morais, físicas e intelectuais, e um tanto especial para aplicá-los a propósito. (RIVAIL, 1997. p. 29-30).

E, assim com a propagação do espiritismo pelo mundo, escolas foram sendo construídas e mantidas pelos seguidores da doutrina, tendo como espelho a “pedagogia do amor” vivenciada dentro do Instituto de Yverdon. De acordo com Incontri (2001, p. 179), essa prática “é justamente a que não apenas enxerga, mas sente o ser humano como detentor de potencialidades, como herdeiro da divindade e como dono de si mesmo, no processo de autoeducação que o Cristianismo veio deflagrar na humanidade, e que o educador deve deflagrar no educando”. Essa maneira de educar, não somente construiu o pedagogo Rivail, mas o preparou para se auto nomear como Allan Kardec, divulgador da Doutrina Espírita.

2.3. ESPIRITISMO E POSITIVISMO: CIÊNCIAS E RELIGIÃO TÊM UMA VISÃO DIFERENTE ?

O Espiritismo, como dito anteriormente, foi consolidado na França. Seus seguidores, viam os movimentos daquele período como um possível caminho a ser seguido, já que toda marcha era uma reação à forma de governo exercida na Europa, como o exercício das velhas estruturas feudais, a influência política e cultural da igreja, o privilégio da nobreza, a servidão no campo, os monopólios comerciais de certas corporações e do estado e a falta de liberdade e expressão. Os pensadores, defendiam a educação popular e a tolerância religiosa; tinha uma visão otimista sobre a capacidade humana de criar um mundo melhor, realizar inventos e controlar a natureza por meio das ciências. E o espiritismo veio justamente, após esse pensamento, então:

A doutrina espírita desenvolvida pelo movimento espírita particularmente na França, estava de acordo com as idéias triunfantes de progresso e da ética ao trabalho, características da sociedade burguesa, assim como dos princípios positivistas do amor, da ordem e do progresso. (COSTA, 2009, p. 83).

Um dos questionamentos construído, durante a pesquisa era o da existência de uma proximidade entre o Positivismo e o Espiritismo, se levarmos em consideração que o primeiro foi uma vertente das ideias do século XVIII, tendo no seu bojo a pregação da igualdade, liberdade e fraternidade, objetivos estes bem vivos dentro da Doutrina Espírita. Sim! Além do tocante científico.

O século XIX conheceu uma intensa busca das leis da natureza e das sociedades — herdeiro que foi dos séculos imediatamente anteriores, quando o dogma racional da imutabilidade das leis naturais esvaziou a fé no sobrenatural. A ciência e o materialismo se achavam fortemente entrelaçados, e qualquer tentativa de legitimar uma crença religiosa esbarrava nos estreitos limites da ciência positiva. (DAMAZIO, 1994, p.29).

Foi nesse contexto de ideias que Kardec construiu sua doutrina filosófica, religiosa e científica. Para ele e seus adeptos, o espiritismo deveria ser considerado científico, porque os fenômenos metafísicos, possibilitavam a observação e descobertas⁴⁸. Há quem afirme que:

Uma relação possível entre o Espiritismo e o Positivismo é que o Positivismo estava na “moda” na França dos anos de Kardec porque privilegiava a demonstração científica pelo estudo dos fatos e o prognóstico sobre a realidade, e qualquer nova doutrina que quisesse respeito deveria seguir tal modelo para ser aceita como “científica”. (SCHULZ; VITÓRIO, 2012).

Mas, o certo é que o pensamento edificado por Kardec, veio de uma reflexão em torno da sociedade vivida por ele, que tentava a todo custo separar a ciência do materialismo “afirmando o caráter científico da apreensão do mundo espiritual, que contrapunha às crenças religiosas abstratas e hipotéticas”. (DAMAZIO, 1994, p. 29). Ele acreditava que o mundo espiritual, mesmo extrapolando o nível do concreto, se apresentava-se como prolongamento da vida material, o que deveria ser considerado como fator importante, porque era eterno, apreensível pelos sentidos e possível de ser comprovado por experiências, ou seja, poderia ser estudado cientificamente.

⁴⁸ “Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental”. Kardec, Allan. **A Gênese: Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1988, p. 20.

O mundo material, por sua vez, sendo regido por leis perenes, era a comprovação irrefutável de um saber divino todo-poderoso, espécie de parte visível de um imenso iceberg, só compreensível quando detectável em toda a sua extensão. A vida humana, efêmera e sem sentido se vista descontextualizada, provia-se de significado quando colocada contra o pano de fundo constituído por um universo eterno e imutável, fantástico mecanismo organizado, onde a existência do homem — longe de iniciar-se e acabar-se no mundo terreno — preexistia e continuava além da morte física, num plano espiritual diferente dos das religiões tradicionais por seu aspecto cognoscível e comprovável. Sem descartar o materialismo científico, Kardec o incorporava e o ultrapassava ao afirmar que “O Espiritismo marcha ao lado do materialismo no campo da matéria; admite tudo o que o segundo admite, mas avança para além do ponto onde este último pára”. (DAMAZIO, 1994, p. 29-30).

Essa foi à maneira que Kardec encontrou para legitimar o Espiritismo, não apenas como religião, mas como uma ciência, que explicaria perguntas comuns da humanidade, a exemplo: De onde viemos? Para onde vamos? Perguntas como essas, fizeram com que Kardec considerasse o Espiritismo como uma obra inacabada, pois determinadas respostas só seriam encontradas com a evolução da ciência. Assim, a doutrina deveria acompanhar os avanços existentes nos vários campos do conhecimento, à medida que a ciência fosse progredindo. Para ele seria importante que os seguidores da doutrina agissem assim, acompanhando o crescimento, pois dessa maneira, não passariam pelos mesmos declínios das religiões tradicionais.

De acordo com Kardec, era preciso que o espiritismo criasse terminologias novas, e assim, o fez: psicografia⁴⁹, psicofonia⁵⁰, tiptologia⁵¹, perispírito⁵², no século XIX, tudo se

⁴⁹ Palavra originada do grego, significa escrita da mente ou da alma, sendo considerada como a mediunidade pela qual os espíritos influenciam a pessoa, levando-a a escrever mensagens ditadas por Espíritos desencanados. Os que a possuem são denominados médiuns escreventes ou psicógrafos e se classificam em três tipos: intuitivo, semi-mecânico e mecânico. Disponível em: <<http://www.rcespiritismo.com.br>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

⁵⁰ Consiste na mediunidade que permite a comunicação oral de um espírito, através do médium. Kardec denominou “mediunidade falante”, ou seja, aquela faculdade que propícia o ensejo para que o espírito entre em contato através da palavra, o que contribuiu para uma conversação entre o médium e o espírito. Disponível em: <<http://www.rcespiritismo.com.br>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

⁵¹ É a comunicação obtida pela sucessão de pancadas ou batidas curtas feitas em algum material rígido, geralmente madeira, produzindo ruídos. De acordo com muitos espiritualistas, na história do Moderno Espiritualismo a tipologia foi o meio utilizado nas primeiras comunicações entre os mortos (espíritos desencarnados) e os vivos, no episódio protagonizado pelas Irmãs Fox em Hydesville, nos Estados Unidos da América, em 31 de março de 1848. Nesse episódio registrou-se a utilização da forma mais simples de tiptologia, ou seja, uma combinação, entre as duas partes comunicantes, em que certas quantidades de pancadas significariam “Sim” e outra quantidade, “Não”. Logo, essa forma simples de comunicação evoluiu para uma forma mais elaborada, a chamada tiptologia alfabética, no qual a quantidade de pancadas significam uma determinada letra do alfabeto ou determinado algarismo, conforme combinação prévia entre duas partes

tornaria científico, inclusive o espiritismo, o que gerou algumas críticas. Da mesma forma que outros campos como, o socialismo, o anarquismo e o impressionismo, passaram por esse dissabor .

A pesquisa das leis da “natureza” é considerada pelos cientistas positivistas como atividade propriamente humana, na qual devem se inspirar todas as práticas sociais, todos os engajamentos. Não somente a ciência, mas também a religião (Kardec), a fotografia (Nadar), a crítica artística (Champfleury) e a própria política devem se adaptar à natureza. (AUBRÉE, 2009, p. 80).

Para Allan Kardec, o pensamento de evolução foi fundamental dentro de sua doutrina, assim, como para Augusto Comte⁵³, seu contemporâneo. Para ele “o progresso humano se realiza através de etapas sucessivas e necessárias. A diferença é que, para Comte, a evolução do homem começa e termina no mundo físico, enquanto que para Kardec, a evolução transcende a matéria e desdobra-se pela vida espiritual, pontilhada pelos interregnos das reencarnações, enquanto necessárias”. (DAMAZIO, 1988, p. 32). Ele acreditava, que a história humana, deveria ser apreendida e compreendida a partir da representação dos fatos, que levariam o homem à tomada de consciência, de acordo com o seu pensamento que seria realizado pela sua ação; assim o homem tomaria conhecimento de sua liberdade e do seu poder de transformação da realidade. “A transcendência e o finalismo são fundamentais a sua

comunicantes. Disponível em: <<http://www.livrosdosmediuns.wordpress.com>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

⁵² Palavra originada do grego (peri – em torno), significa envoltório semimaterial do Espírito. Nos encarnados, serve de intermédio entre o Espírito e a matéria; nos Espíritos errantes, constitui o corpo fluídico do Espírito. Conferir: COSTA, Celma Laurinda Freitas, 2009.

⁵³O idealizador do Positivismo, nasceu em Montpellier em 19 de janeiro de 1789, era filho de uma família pequeno-burguesa, católica e monarquista. Estudou no Liceu de sua cidade e na Escola Politécnica de Paris, onde foi admitido antes da idade legal, sendo mais tarde expulso, devido às suas ideias ultrademocráticas. Anos mais tarde retorna à Instituição como examinador de admissão. Em 1825 casa-se com Caroline Massin e após dezessete anos de convivência separam-se; conhece Clotilde de Vaux por quem alimenta um amor platônico. Após a morte de Clotilde, Comte assume como objetivo a realização da missão para a regeneração da humanidade. Segundo ele foi Clotilde que lhe deu forças para iniciar e acabar a segunda parte de sua obra e lhe fez a importância social dos sentimentos sobre a teoria e a práxis. Em 1847 proclamava a religião da humanidade; Comte expressou o seu pensamento nas suas obras: Curso de Filosofia Positiva, em seis volumes (1830-1842), Discurso preliminar sobre o espírito positivo (1844) e Sistema de política positiva ou tratado de sociologia instituindo a religião da humanidade, em quatro volumes (1851-1854). Em síntese, para ele, a evolução do pensamento humano deu-se em três etapas. É a conhecida “Lei dos Três Estados”: a primeira é a Teológica – nos primórdios, a humanidade procurava a explicação para os fenômenos da natureza do universo; a segunda é a Metafísica (meta = além de) – os fenômenos passam a ser explicados abstratamente pela razão. É o chamado “racionalismo abstrato” (como exemplo tem-se o iluminismo do século XVIII; a terceira é a Positiva – procura-se explicar os fenômenos da natureza “positivamente”, isto é, através da simples observação e experimentação, visando às leis que os regem. Em outras palavras é através dos efeitos físicos (portanto objetivos, tangíveis, visíveis, e palpáveis, que poderá chegar às suas causas e, consequentemente, às suas Leis Regentes Fundamentais. Comte faleceu em 5 de setembro de 1857, em Paris. Conferir: RIBEIRO JÚNIOR, João. 2006, em: <<http://www.divinismo.org>>. Acessado em 17 de outubro de 2015.

doutrina, e a conscientização do homem, o passo inicial do processo dialético de transformação moral e social”. (DAMAZIO, 1988, p. 31). Augusto Comte, apreciava o mesmo pensamento na questão moral e social, porém não acreditava na ideia de imortalidade da alma.

Mas, para compreender o pensamento de Augusto Comte é preciso entendermos o que fora as ideias positivistas, essas passaram a conduzir o pensamento de base do século XIX, em duas vertentes como método e como doutrina. Como método Augusto Comte, via que era preciso a certeza dos fatos de experiências para fundamentar a sua contribuição teórica; como doutrina, ele se volta para o estudo da humanidade como o Grande Ser⁵⁴. Na sua maneira de ver, a religião tentaria resolver problemas humanos do ponto de vista intelectual, moral e material. Comte via a religião como um conjunto de preceitos intelectuais, práticas efetivas e normas de vida capazes de fazerem sobressair o altruísmo sobre o egoísmo, objetivos estes bem próximos das bases que edificaram a Doutrina Espírita.

Confiava que para reformular a sociedade, fazia-se necessário, em primeiro lugar, descobrir quais as leis que conduziam os fatos sociais “cuidando-se de afastar as concepções abstratas e as especulações metafísicas, que são estéreis”. (RIBEIRO JUNIOR, 2006, p.16). Acreditando que as Ciências Naturais levariam ao caminho a ser percorrido; descobrindo por meio das observações e experimentações, fatores que contribuiriam para as reformas econômica, política e social da sociedade. Comte via o positivismo como “uma filosofia determinista que professava, de um lado, o experimentalismo sistemático e, de outro considera anticientífico todo o estudo das causas finais”. (RIBEIRO JUNIOR, 2006, p.16). Assim, pode-se dizer que na visão desse filósofo o homem seria capaz de atingir verdades positivas ou de ordem experimental, porém não resolveriam as questões metafísicas, não verificadas pela observação e pela experiência. Então o positivismo pode ser definido como:

Regime definitivo da razão humana frente à ação dissolvente da metafísica, surgiu do progressismo, baseando no desenvolvimento científico que dominou todo o século XIX, como o objetivo de aproveitar as virtudes do progresso, ou da evolução progressiva, pela compreensão racional e

⁵⁴ É “o motor imediato de cada existência individual ou coletiva”, que inspira a fórmula máxima do positivismo: “O Amor por princípios, e a Ordem por base; o Progresso por fim”. Afim de melhor conduzir a vida real, esta fórmula universal do positivismo se decompõe em duas divisas usuais - uma moral: “Viver para outrem”, ou seja, subordinar o indivíduo à família, esta à pátria a pátria da humanidade; e outra estética: Ordem e Progresso”, isto é, arranjo, organização, cada coisa em seu devido lugar para perfeita orientação ética da vida social. Verificar: RIBEIRO JUNIOR, João, 2006.

científica do problema da ordem, determinando os elementos fundamentais de toda sociedade humana. (RIBEIRO JUNIOR, 2006, p.27).

O pensamento de Augusto Comte se caracterizava principalmente, pela sua preocupação em guiar-se pela moral, que nascia da necessidade de uma fraternidade universal. Assim, pensava que qualquer decisão deveria ser tomada, tendo como único ideal o bem público, ou seja, para todos, se não atendessem ao coletivo, não estariam agindo de acordo com a moral. Para Comte é ela que nos move a servir ao outro, e a esse serviço ele deu o nome de altruísmo⁵⁵, pois acreditava que o mesmo era inato ao ser humano, da mesma forma que o egoísmo. Porém, a humanidade só poderia viver em sociedade; se esta evoluísse, de acordo com Comte, pelo sacrifício e pela dedicação, já que para o pensador a lei da humanidade se resumia em “Viver para outrem”. Dessa forma, a moralidade consistia na primazia dos instintos altruístas sobre os egoístas; predomínio este que resultaria da educação e da ciência. Então, pode-se dizer que o ideal positivista contribuíram para a edificação do espiritismo, já que ambos eclodiram na França no mesmo período; assim:

É incontestavelmente o positivismo de Auguste Comte que abre o caminho ao espiritismo e se torna rapidamente uma de suas ramificações. Exemplo a “lei dos três estados”: teológico, metafísico e positivo, sendo o último apreendido imediatamente pelos discípulos de Kardec como sendo a era do espiritismo. Ou ainda a classificação das Ciências: as diferentes ciências se sucedem numa ordem racional e o espiritismo pode ser considerado como mais jovem das ciências que embora, abandonando os limites concedidos ao naturalismo, pretende permanecer integralmente no interior da ciência. (AUBRÉE, 2009, p. 80).

O espiritismo e positivismo, tiveram uma aproximação nos seus discursos trilharam os mesmos caminhos e muitos períodos da História, viveram pontos semelhantes: cientificismo, doutrinal, embora cada um com sua crença religiosa. Assim, Schulz e Vitória (2012) buscaram caracterizar o positivismo e espiritismo.

É comum a ambas doutrinas a ideia de progresso. No positivismo o homem deve praticar o progresso material, no espiritismo o progresso espiritual. A

⁵⁵ Termo criado por Augusto Comte, que quer dizer tendência ou inclinação de natureza instintiva que incita o ser humano à preocupação com o outro e que, não obstante sua atuação espontânea, deve ser aprimorada pela educação positivista, evitando assim a ação antagônica dos instintos naturais do egoísmo, o amor desinteressado ao próximo; filantropia, abnegação. Conferir: <<http://www.dicionárioenciclopedico.com.br>>. Acesso em 16 de outubro de 2015.

ideia de “evolução”, também é comum. O ser humano em geral é fruto da natureza para os positivistas. Para o espiritismo de Kardec, embora de origem material, o homem tem uma “alma” imortal que carrega consigo a índole e o caráter moral, além de capacidade de sobreviver sem corpo. Para o espiritismo Kardecista o homem nasce imperfeito e precisa, cada vez mais para evoluir, livra-se das “prisões” da matéria como os desejos corporais, a inveja, a mesquinharia, a maldade e outros, todos estes considerados impuros e motivo de atraso para o espírito encarnado. (SCHULZ; VITÓRIO, 2012).

Porém a maior semelhança entre ambos, está na parte moral e ética, pois caminharam juntos para o melhoramento do homem, assim viveram os seus lemas: no positivismo “Viver para os outros, não é somente a lei do dever, mas também a lei da felicidade”, enquanto o espiritismo defende que “Fora da caridade não há salvação”. Eram esses conjuntos de virtudes que ambos, almejavam alcançar, por meio da disciplina e da moral, para que o ser humano atingisse a perfeição, ou seja, às práticas das virtudes levariam ao bem-estar da humanidade. E sobre esta o Evangelho segundo o Espiritismo diz: “A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso”. (KARDEC, 2008, p.173). Na Doutrina Espírita havia um compromisso em colocar em prática os ensinamentos por meio do lema⁵⁶ “fora da caridade não há salvação”, e nas ações de caridade estava presente o trabalho com a educação, e, principalmente, com a infância pobre. Diz-se, então, que “a educação é, para os Kardecistas, o vetor principal da melhoria espiritual e, conseqüentemente, social”. (AUBRÉE, 2009, p. 174). Nessa premissa Escolas Espíritas⁵⁷ foram construídas para atenderem, principalmente, às crianças desvalidas, e educá-las seguindo o princípio da doutrina.

⁵⁶ Existem registros de que a Caixa Geral do Espiritismo, que foi criada após o falecimento de Allan Kardec, foi um pedido deixado em testamento, para que fosse colocado em prática o lema “fora da caridade, não há salvação”, com atitudes para os menos favorecidos, a exemplo das crianças pobres. Conferir: Régis Ladous, *Le spiritisme*, 1989, p. 42.

⁵⁷ A primeira Escola Espírita do mundo, com o nome de Spiritualist Progressive Lyceum foi fundada, em 1863, por Andrew Jackson Davis, médium americano, considerado o profeta do Espiritismo. Acreditava ele que cada criança é um ser espiritual único. As classes eram pequenas, não seriadas por idade, e as aulas eram dadas com método socrático. Ver: <<http://www.waymemorial.org/AndrewDavis.htm>>. Também, existiu uma Escola Espírita na Argetina, Colégio La Fraternidad, fundada em 1880 por Rosa e Antônio Ugarte, cujas atividades se desdobraram até o início do século XX. César Bogo informa que por este colégio passaram 1500 alunos, e que seu declínio se deu com a morte da fundadora, porém de acordo com esta fonte, o método de ensino era o tradicional, inclusive com distribuição de prêmios e medalhas, ao contrário da proposta educativa espírita. Conferir: BOGO, Cesar. **1880-1980 Fraternidade Centenária** – Síntesis de la actividad desplegada em 100 años por la Asociación La Fraternidad. Buenos Aires, La Fraternidade, 1980, p. 82.

2.4. VINDE A MIM OS PEQUENINOS: A CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS ESPÍRITAS

A análise das fontes, correspondências e os ofícios recebidos e enviados pela União Espírita Sergipana, induziu à descoberta da existência das Escolas e Asilos Espíritas por todo o Brasil, a exemplo das instituições conduzidas por Anália Franco⁵⁸ à frente da Associação Beneficente Feminina e Instrutiva no início do século XX, embora não utilizasse, na sua nomenclatura, o nome espírita, uma forma, talvez, de driblar as perseguições que, por ventura, pudessem ocorrer em torno da instituição.

As Escolas Espíritas existiram, assim como os Asilos Espíritas⁵⁹, porém muito pouco se sabe sobre essas instituições, tanto no campo da história da infância brasileira, como da história da educação; mas o “pensamento pedagógico espírita vem desde Sócrates e Platão, passando por Comenius, Rousseau e Pestalozzi, e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento desse pensamento no Brasil e sua interação com nossa cultura” (INCONTRI, 2001, p. 22), ou seja, tais princípios e fundamentos foram trazidos para dentro da educação espírita e vêm firmando lugar desde o início do século XX. Essa é uma prática que se realiza no Brasil, conforme pode ser verificado na declaração abaixo.

Em 1940 o Juiz de Menores do Rio de Janeiro, Saul Gusmão (1940), deu início ao “serviço de recenseamento e fiscalização das casas de proteção à infância”. Com esse fim, o curador de menores inspecionou pessoalmente 54 estabelecimentos, 33 deles registrados no Juízo de Menores. Das instituições registradas, 27 eram católicas e 6 espíritas. (RIZZINI, 1995, p. 267).

Porém, é fatual que o movimento espírita brasileiro comungava de uma preocupação com a educação e além das reuniões de estudo doutrinal e das sessões mediúnicas, nas suas

⁵⁸ Anália Emília Franco nasceu em 1º de fevereiro de 1853, em uma família católica, na cidade de Resende, no estado do Rio de Janeiro. Filha de Antônio Mariano Franco Júnior e Thereza Franco era a mais velha do casal, tendo como irmãos: Antônio Mariano Franco e Ambrosiana Franco. Assim, Anália nasceu no período imperial, cuja sociedade era altamente conservadora, patriarcal e monárquica, defensora da escravidão. Conhecida na comunidade espírita como a dama da educação brasileira, embora exista controvérsia em torno da educadora, principalmente porque não assumia a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva como uma instituição espírita; porém, salienta-se aqui que muitas instituições disfarçaram o seu verdadeiro objetivo, com medo de perseguições, talvez a postura de Anália em não assumir a associação como um órgão espírita estivesse em torno dessa premissa, já que a sua figura estava sempre relacionada ao espiritismo. Porém, é indiscutível a contribuição da mesma para a educação. À frente da associação construiu mais de 120 escolas e asilos, e fundou o Liceu Feminino de São Paulo. Na imprensa editou sua própria revista, *Álbum de Menina*, que tratava de assuntos referentes à educação da mulher; e o jornal *Voz Maternal*, órgão que repassava para a sociedade, a título de prestação de contas, as atividades realizadas pela Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo.

⁵⁹ É salutar atentar para o fato de que as obras educativas espíritas se dividiam em duas vertentes: escolas, asilos ou abrigos. As escolas surgiram primeiro, anos depois os espíritas depositaram os seus ideais na construção de casas para asilar a orfandade, endossados pelo lema: “Fora da caridade, não há salvação”.

ações “realizavam tarefas cotidianas nas quais o desenvolvimento da educação, da higiene e da saúde tinham papel preponderante”. (AUBRÉE, 2009, p. 163). Afirma-se que esse ato contribuiu para a criação das primeiras obras espíritas de benemerência da Federação Espírita Brasileira.

Entretanto, o termo educação começou a ser mais enfocado na Doutrina Espírita, no Brasil, durante o período 1900 a 1913, época em que Leopoldo Cirne, esteve à frente da FEB - Federação Espírita Brasileira, colaborando para a expansão e o dinamismo das ações junto à federação. Porém, a educação sempre foi vista por Allan Kardec como fundamental para o progresso do homem. Então, Cirne pensando na educação como a mola para o desenvolvimento da criança, deu-se início ao processo de implantação de escolas espíritas.

Assim, a educação escolar espírita teve o seu marco no movimento espírita brasileiro em meados de 1904, durante as comemorações do centenário de nascimento de Allan Kardec, pela FEB, e dentro das atividades comemorativas estava “a inauguração das aulas de humanidades, na sede da Federação, de acordo com o programa que tiver sido organizado, abrindo-se, para isso, oportunidade e respectiva matrícula”. Aqui se consolidava o primeiro passo da Federação Espírita Brasileira para investir no campo da educação escolar, pois o curso de humanidades englobava as disciplinas de português, francês, aritmética e filosofia/moral, “iniciadas com vistas à concretização de um “sonho” de se ter um curso completo do que na época poderia ser chamada instrução secundária”. (AZEVEDO, 2010, p. 294).

O assunto educação era primordial e, no mesmo período em que era implantado o possível curso de instrução secundária, também foi assinado o documento denominado de “Bases da Organização Espírita”, apontamento esse debatido pelos representantes espíritas de diversos lugares do Brasil. Segundo artigo publicado no jornal “Reformador”, o documento Base da Organização Espírita, previa, como um dos seus objetivos, instituir, por toda parte, “cursos gratuitos de instrução elementar ou secundária, com uma parte destinada ao ensino da moral ou filosofia Espírita”. (REFORMADOR, 15 de novembro, 1904). Assim, Leopoldo Cirne surgia como defensor do que ele denominou de obra educativa espírita, defendendo educação escolar como um ato que:

Sobreleva [...] na ordem dos benefícios a realizar em nome da fraternidade espírita, a instituição das aulas gratuitas de instrução elementar, porque, se é útil desenvolver a inteligência nas aquisições do conhecimento superior, necessidade mais imperiosa é dissipar as primeiras trevas da ignorância, emancipando da sua acabrunhadora tutela não somente os adultos que a negligência própria deixou ao abandono, mas sobretudo à infância que é o penhor e a esperança do futuro. (AZEVEDO, 2010, p. 294).

Leopoldo Cirne contou, para a construção do ideal de Escolas Espírita, também, com o apoio de Anália Franco, espírita e educadora, que desejando contribuir com a obra educacional espírita enviou a Cirne uma proposta do projeto de uma instituição, para o conhecimento e pronunciamento da Federação Espírita Brasileira. Leopoldo relatou que:

Num requinte de cortesia e generosidade, a nossa respeitável irmã se dignou solicitar a nossa opinião e beneplácito. Mas, só podemos ter aplausos para essa obra de incalculável alcance sobre a marcha e o futuro do Espiritismo no Brasil, sendo para desejar que nas capitais de todos os Estados, e mais tarde em todas as cidades do país, essa benemérita iniciativa seja posta em prática, dentro dos moldes de uma orientação esclarecida, porque os seus frutos só podem ser benéficos. A existência de tais Institutos corresponde a uma necessidade insofismável, e tem que ser parte integrante da organização espírita – período que sucederá ao de simples vulgarização, e no qual já nos vamos ensaiando. (AZEVEDO, 2010, p. 292).

Anália Franco, demonstrava interesse em fundar uma instituição espírita, dentro dos modelos em que outras já vinham tentando ser implantadas. Algumas tiveram sucesso, outras nem tanto. Esse era o modelo que Leopoldo Cirne queria ver se multiplicando, declarando por várias vezes na Revista Reformador. Em 1º de fevereiro de 1909 ele dirá:

Há muito se faz sentir a necessidade de estabelecimento de educação e instrução peculiares, em que os espíritas possam fazer preparar seus filhos, iniciando-os desde cedo no conhecimento, ao menos, dos princípios gerais desta doutrina que está destinada a transformar o mundo. [...] No Brasil, infelizmente, nada de semelhante possuímos, ou antes, possuíamos. Porque uma louvável iniciativa acaba de ser tomada por nossa digna e respeitável irmã em crença D. Anália Franco, de S. Paulo, eficazmente secundada por seu esposo e também nosso confrade Francisco Antônio Bastos. (AZEVEDO, 2010, p. 303).

A necessidade de instrução era visível, e os espíritas foram abrindo escolas para crianças e adultos, com a perspectiva de fornecer uma educação dentro dos seus princípios religiosos, desenvolvendo, assim, uma cultura escolar apresentada como:

Conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas, finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. (JULIA, 2001, p. 10).

Os espíritas queriam colocar em prática a sua maneira de educar. Uma das culturas desenvolvidas dentro dessas escolas era a de não ensinar o espiritismo, mas a de se utilizar da filosofia espírita⁶⁰ e de seus princípios para educar: ensinar o espiritismo ficava a cargo dos Centros Espíritas, mesmo sabendo que a Escola Espírita era considerada, pela legislação, como Escola Confessional. Tal postura se deve ao seu norte filosófico-religioso, e não porque poderia administrar aulas ou disciplina de espiritismo, pois o que se desejava dentro dessas escolas era “a formação do homem de bem, a espiritualização e moralização do ser, e não a formação doutrinária; essa o educando promoverá através de decisão própria”⁶¹.

O investimento no campo da educação escolar foi bem menor do que no campo da assistência à infância abandonada; porém a prática de escolarização, após a assinatura do documento Base, tornou-se tão comum na comunidade espírita, a ponto de promoverem a seguinte campanha: “Em cada centro uma escola deve ser o slogan da educação segundo o Espiritismo”, levando em consideração que a “Doutrina multiforme, onímoda, que é o Espiritismo, grande e bela através de quaisquer de seus aspectos, sua maior e mais bela diretriz não é outra senão a educacional”. (MACHADO, 1944, p.1). Essa, então, tornou-se uma prática própria do espiritismo. Devido a isso, Santos (1960, p. 98) se expressou: “há desamparados? Lá está o Lar ou o Albergue. Há muito analfabeto? Mas cada Centro tem a sua escola”. Essas instituições foram construídas ao lado dos Centros Espíritas, muitas das vezes em uma arquitetura simples, porém com o propósito de transformar o homem pela educação.

As Escolas Espíritas⁶² foram construídas com a meta de reduzir o analfabetismo no país. No início do século XX, a necessidade da abertura de escolas era imprescindível, pois as

⁶⁰ Define-se como o fulcro de um novo ciclo da evolução humana. Não se trata de um fato ocasional ou isolado, mas do resultado de todo o processo histórico do pensamento, ou da razão, como queria Hegel em seu desenrolar na temporalidade. Conferir: PIRES, J. Herculano. **Introdução à Filosofia Espírita**. 2ª ed., São Paulo: Editora FEESP, 1993, p. 13-14.

⁶¹ MARIO, Marcus Alberto de. **A Escola Espírita**. Disponível em:< <http://www.esprito.org.br>>. Acesso em 27 de abril de 2015.

⁶² Escola Primária do Centro Auxiliadora Espirituais, em São Lourenço-MG; Escola Industrial Nazaré, mantida pelo Centro “Ivon Costa”, em Juiz de Fora-MG; Escola Primária de Pascoal Comanducci, que funcionava no

mesmas assumiram um papel fundamental na transmissão dos hábitos de higiene, ou da nova sociabilidade do convívio: a educação, instrumento para a vida pública. Com tal atitude estariam colaborando com o projeto nacional de incorporação do povo à nação, ou seja, o homem, depois de educado e instruído, estaria preparado para viver em sociedade.

É preciso observar que essas escolas espíritas no início foram edificadas, em sua grande maioria, no estado de Minas Gerais, talvez pelo fato dos grandes movimentos libertários do país ter a sua consistência nesta localização; porém, há registro que elas “se espalhavam por outras partes do país, a FEB subvencionava mais de 20 escolas espalhadas por todos os estados.” (SANTOS, 1960, p. 235). A ação educativa realizada pela Federação Espírita Brasileira estava construindo a sua representação.

Bastava esta faceta para dignificar uma agremiação que não tivesse outros pergaminhos. Nada existe de mais grandioso do que instruir as multidões ignorantes (...). E como já dissemos noutro passo dessa obra, foi a obra educativa que mais nos sensibilizou durante a viagem de amizade e compreensão que fizemos através do Brasil. (SANTOS, 1960, p. 235).

A exemplo dessa obra que tanto sensibilizou o visitante brasileiro o português Isidoro Duarte Santos⁶³, convém citar como marco histórico da fundação da primeira Escola Espírita do Brasil o Colégio Allan Kardec, que foi construído na região do triângulo mineiro, na cidade de Sacramento, no estado de Minas Gerais, em 31 de janeiro de 1907. Fundada pelo seu idealizador, o educador e espírita Eurípedes Barsanulfo⁶⁴, a escola assumiu com clareza a orientação espírita.

Centro Espírita Francisco de Assis, em Belo Horizonte. Essas instituições foram Escolas Espíritas construídas no início do século XX.

⁶³ Isidoro Duarte Santos, em 1939 fundou com sua esposa, a médium portuguesa Maria Gonçalves Duarte Santos, e dirigiu durante 35 anos a revista “Estudos Psíquicos”. No período da repressão do Estado Novo Português ao movimento espírita no país, que atingiu o seu auge a partir da década de 1950, esta revista foi a base para o ressurgimento do movimento, após a Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974.

⁶⁴ Nasceu em Sacramento, a 01 de maio de 1880. Filho de Hermógenes de Araújo e de Jerônima Pereira de Almeida. A infância e a juventude fora de pessoa religiosa e cumpridora de suas obrigações para com o catolicismo, que seguia com devoção. Ajudou a fundar o Grêmio Dramático Sacramentano, no qual figurou como ator, local em que eram apresentadas diversas peças clássicas. Foi vereador. Em 1902 fundou com seus antigos professores João Gomes Vieira de Melo, Inácio Martins de Melo e outros, o Liceu Sacramentano, onde passou a lecionar. Alguns alunos do Liceu, mais tarde, fundaram um serviço de assistência aos necessitados, denominando-o Sociedade dos Amiguinhos dos Pobres. Na mesma época, Eurípedes participou da fundação do jornal semanal “Gazeta de Sacramento”, em que publicava artigos sobre economia, literatura e filosofia, estreando, assim, como jornalista. Autodidata, adquiriu conhecimentos de Medicina e Direito, além de Astronomia, Filosofia, Ciências Físicas e Naturais e Literatura, mesmo sem ter cursado o ensino superior. Um dos fatores que sempre favoreceu Eurípedes foi a Educação. Seu governo, na época, estava progredindo com a

Embora já existissem as escolas conduzidas por Anália Franco e mantidas pela AFBI – Associação Feminina Benéfica e Instrutiva, elas não utilizavam o nome espírita deixando obscura a sua real prática. O medo da represália contribuía para essa ação, já que a assinatura do primeiro Código Penal republicano em 1890 acabou reforçando a perseguição em torno da Doutrina Espírita, tornando a prática do espiritismo crime, por não considerá-lo uma religião:

Art. 157 – Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans e cartomancia para despertar sentimentos de ódio ou de amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: Pena? de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$000 a 500\$000 [100 mil a 500 mil réis]. (CÓDIGO PENAL 1890).

Porém, mesmo omitindo a origem espírita da nomenclatura, alguns aspectos da instituição estavam focados dentro dos preceitos educacionais espírita: não faziam distinção de credo ou de cor e recebiam crianças e mulheres de qualquer procedência religiosa ou étnica. Mas, mesmo a AFBI-Associação Benéfica e Instrutiva se declarando leiga, ensinava a existência de Deus, falava sobre a imortalidade da alma e sobre a importância da moral, não fazia proselitismo a uma nem a outra religião; seguiam o estatuto. Qualquer culto deveria ser realizado fora das dependências da instituição.

Falava-se de Deus de modo que católicos, evangélicos, espíritas, muçulmanos e judeus podiam plenamente assimilar, mas não se falava de Maria, de Santos, de Espíritos ou de Profeta em particular. Falava-se de alma imortal, mas não de reencarnação ou céu e inferno. E cada abrigado, aluno ou asilado, poderia aderir ao culto que mais lhe conviesse. (INCONTRI, 2001, p. 232).

A Associação não usava o termo espírita; não que Anália negasse a sua crença, mas porque a educadora fazia questão de manter um distanciamento entre as atividades espíritas e as educacionais “para não prejudicar a última, já que no começo do século era muito forte a influência da Igreja na sociedade e deveras considerável o preconceito contra os espíritas”. (MONTEIRO, 2004, p. 83). Nesse momento o país possuía uma sociedade conservadora e profundamente marcada pelo catolicismo, “a igreja percebia também, além da sua luta contra o anticlericalismo dos amantes do progresso em geral, a necessidade de evitar uma possível

epidemia de espiritismo”. (NUNES, 2000, p. 56). Em todo o país havia uma preocupação com o avanço de outras religiões, principalmente a Doutrina Espírita.

Ao contrário das escolas mantidas pela educadora Anália Franco, o Colégio Allan Kardec, desde o início, foi denominado como uma instituição espírita, e nos primeiros anos de fundação a escola recebeu centenas de alunos: “tal cifra era muito vantajada para a época, guardadas naturalmente as proporções de relatividade, tendo em vista a densidade demográfica local, bastante reduzida”. (NOVELINO, 1983, p. 111). Em pouco tempo o colégio prosperou em alunos e se tornou célebre em toda a região, embora durante o período da construção a população não se mostrasse satisfeita com edificação de uma escola confessional espírita.

Alguns consideraram a demanda pela instituição como um verdadeiro milagre diante do preconceito da época, porém acredita-se que um dos motivos de tão grande procura ao estabelecimento de ensino, pode ser explicado pela proposta pedagógica utilizada dentro da instituição, que mantinha relação com os ensinamentos repassados por Pestalozzi a Allan Kardec dentro do Instituto de Iverdon, independente do credo religioso. “A nova linha pedagógica, que, aliás, já se tornava patente sob muitos aspectos, em países europeus como Suíça e França, através da Escola Ativa de Pestalozzi, proporcionava a Sacramento, pela visão extraordinária de Eurípedes, o enriquecimento do contingente didático-pedagógico”. (NOVELINO, 1983, p. 116).

Os ensinamentos de Heinrich Pestalozzi, aprendidos por Kardec, foram consolidados na Doutrina Espírita. Por isso essas escolas usavam, dentro das suas estruturas, práticas propostas pelo pedagogo. No Colégio Allan Kardec não seria diferente, mas no meio de todas as outras escolas espíritas do país, foi uma das poucas que inseriu, no seu currículo, o ensino do espiritismo⁶⁵.

A forma evolutiva do colégio se revelava em vários sentidos, apontando, em todos eles, a confiança no ser humano, abolindo as punições e não se utilizando de práticas que estimulassem a recompensa. Apesar da visão do pecado sexual impedir coeducação entre os sexos, Eurípedes implantou as classes mistas enquanto as diretrizes oficiais mantinham

⁶⁵ As quartas-feiras eram consagradas inteiramente ao estudo do Evangelho Segundo o Espiritismo e o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Assistiam essas aulas os alunos do Colégio e numerosos visitantes. O início das aulas dava-se às 12 e meia horas, prolongando-se, até às quinze horas, aquelas lições excepcionais para todos. Conferir: ⁶⁵ NOVELINO, Corina. **Eurípedes: O homem e a missão**. Araras-SP, Ed. IDE, 5ª, 1983, p. 123.

horários diferenciados para alunos do sexo masculino e feminino: turmas mistas eram “poucos antecedentes no Brasil”⁶⁶, e tal atitude promoveu um escândalo na pequena cidade de Sacramento, suscitando campanhas contrárias à convivência entre os sexos opostos no mesmo espaço educativo. Mesmo assim, o Colégio Espírita Allan Kardec continuou em expansão.

Figura 2 - Professores e alunos do Colégio Allan Kardec



Ano: 1913. Acervo - Memorial Eurípedes Barsanulfo.

Foram encontrados registros do Educandário Espírita Ituiutabano, que foi construído também no Triângulo Mineiro, na cidade de Ituiutabana no período de 1954 a 1958. Foi uma idealização da União da Mocidade Espírita – UMEI, pois viam na construção do educandário, além da implantação de um curso ginásial gratuito na cidade, a possibilidade de redução o analfabetismo, levando em consideração que a grande maioria da população de Ituiutaba nos anos 50 era analfabeta.

Será inaugurado solenemente no dia 9 o Educandário Ituiutabano, arrojada iniciativa de uma plêiade de homens amantes da cultura e do progresso, que contou com o apoio de toda a população de Ituiutaba, destinado a proporcionar ensino primário e secundário gratuito a nossa juventude desprovida da fortuna. A falta de um ginásio estadual, não obstante as

⁶⁶ Quem se adiantou, em primeiro lugar, no ensino misto, ainda no Brasil do final do século XIX, foram as escolas protestantes americanas. Aliás, podemos dizer que em vários aspectos havia semelhanças entre a escola de Eurípedes e a proposta protestante; isso se deve à influência de Pestalozzi em ambas as práticas. Conferir: INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*. São Paulo, FEUSP, 2001. (Tese de Doutorado).

promessas dos nossos homens públicos e as inúmeras oportunidades que temos perdido nesse particular, representa ele uma legítima aspiração de todas as nossas classes sociais, principalmente das famílias pobres locais, desde que, o afirmam publicamente seus diretores o Educandário tem suas portas abertas a todos, sem distinção de classe e cor, política e religiosa, haja vista o número de matriculados no estabelecimento que atinge no curso primário 598 e no de admissão ao ginásio a 30 alunos[...] (FOLHA DE ITUIUTABANA, 1958, apud. (FRATTARI NETO, 2009, p.233). (Grifo nosso).

Em 9 de fevereiro de 1958 a comunidade ituiutabana, recebia o educandário, que tinha como princípio ministrar o ensino de forma gratuita às crianças pobres sem recurso, sem distinção de credo religioso, e sem visar lucro material. Assim “as finalidades sociais e filantrópicas estavam explícitas, demonstrando tanto a necessidade educacional da comunidade, quanto vigorando os pressupostos Espíritas de caridade. Mas, também garantem o caráter leigo e democrático da instituição, aberta a todos”. (FRATTARI NETO, 2009, p. 240). Uma das marcas das escolas espíritas é que sua grande maioria são construídas com o auxílio de doações, nesta instituição procedeu da mesma forma, apesar de ter sido construída e idealizada sob a iniciativa da UMEI à população contribuiu com várias doações, “principalmente com os bailes da “Rainha do Arroz”, cuja a renda total era revertida a tal construção”. (FRATTARI NETO, 2009, p. 234). A arrecadação, além de contribuir para a edificação do Educandário Espírita Ituiutabano, possibilitou a implantação de uma metodologia educacional própria e diferenciada do molde educativo vigente, assim a instituição, permitia:

Participação integral da família, com atividades de envolvimento; valorização das potencialidades do aluno; instigação de lideranças políticas, esportivas e artísticas na escola; viagens de investigação educativa e outras práticas diferenciadas que só passaram a ser reveladas mais tarde [...] A escola passou a ser referência para os alunos, carentes em sua maioria, que encontravam a oportunidade de desenvolvimento cognitivo, mas também social, haja vista a pequena cidade de Ituitabana não oferecer muitos recursos nas áreas da cultura, do esporte, nem mesmo da educação[...] As aulas passeio, ou piqueniques, como eram chamadas, não eram apenas visitas aleatórias, mas faziam parte das aulas. (FRATTARI NETO, 2009, p. 234-258).

Os membros da União da Mocidade Espírita de Ituiutabana, ao implantar o curso ginásial para a população pobre, fizeram o contrário do que era proposto na educação brasileira, uma vez que o curso ginásial e o secundário eram caminhos percorridos apenas

pela juventude da elite brasileira, desejosa em ingressar no ensino superior. A atitude de implantação veio provavelmente, “dos princípios liberais do Espiritismo, norteando a referida escolha, pois os integrantes principalmente os membros da diretoria, eram profissionais liberais, industriais, maçons, entre outros, que comungavam do perfil liberar e mais intelectualizado do espírita no Brasil”. (FRATTARI NETO, 2009, p. 237). Os idealizadores do educandário espírita queriam que seus alunos, independentemente da situação de pobreza, tivessem o mesmo destino da elite do nosso país.

Pensando assim, o Educandário Espírita Ituiutabano organizou os seus componentes curriculares, para atender ambos os sexos nos seguintes cursos: primário, admissão do ginásio – ginásial, curso de inglês infantil e superior, curso de esperanto, curso de datilografia, e curso de corte e costura. O pensamento de Frattari Neto (2009) consiste em que a formação do caráter cristão espírita nesta instituição estava implícita nos cursos extracurriculares que envolveram toda a comunidade escolar, principalmente com o ensino do Esperanto, língua divulgada pela religião espírita. Além do educandário, apenas o Colégio Allan Kardec inseriu, no seu currículo práticas que eram realizadas dentro dos centros espíritas.

A instituição cumpria com vigor os princípios espíritas, ao ponto de determinar como primordial o oferecimento de vagas aos pobres, sem distinção de sexo, e sem a observância de religião. Assumia assim, a principal característica da Doutrina Espírita, a caridade por meio das atividades assistenciais. A União da Mocidade Espírita Ituiutabana, acabou proporcionando àquela comunidade a abertura de escolas, abrigos e orfanatos tudo por meio de doações e campanhas. Essa forma assistencial também perdurava na manutenção do Educandário, com a seguinte prática, pequenas contribuições eram cobradas dos alunos, porém de acordo com a condição de cada família. O foco assistencial estava acima de qualquer Lei, pois o importante para a UMEI era assegurar uma convivência cristã harmoniosa entre direção, docência e discentes, ocasionando um respeito entre as partes. O importante para a Doutrina Espírita Ituiutabana era sanar as necessidades educacionais da cidade, assim a UMEI conseguiu oferecer uma possibilidade de acesso aos alunos pobres da cidade, na expectativa de contribuir para a formação de futuros profissionais liberais.

Porém, as escolas espíritas não tiveram uma duração longa. Pode-se atribuir isso ao fato que na grande maioria essas escolas eram construídas “nas sedes das próprias instituições espíritas, aproveitando os espaços existentes ou ampliando provavelmente com condições

bastante precárias”. (AZEVEDO, 2010, p. 301). Assim, as Escolas Confessionais Espíritas, com algumas exceções, não tiveram a mesma eficácia, que “suas irmãs dedicadas à proteção da infância sob a inspiração de caridade”. (AZEVEDO, 2010, p.301). Ao contrário das escolas, os asilos espíritas para as crianças órfãs, que nem sempre eram construídos ao lado da instituição, acabaram ganhando espaço.

2.5. A EDUCAÇÃO ESPÍRITA E O LEMA: “FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO”

A virtude na visão da Doutrina Espírita, é formada de todas as qualidades necessárias à constituição do homem de bem: ser bom, caridoso, laborioso, moderado e modesto, são qualidades esperadas em um homem virtuoso. Assim, a caridade e a humildade são consideradas as maiores das virtudes, pois a prática destas levaria o homem à salvação; pois essas duas são contrárias ao egoísmo e ao orgulho que levam ao caminho da perdição, “caridade e humildade, tal é, pois um caminho da salvação”. (KARDEC, 2008, p. 151). Para a doutrina essa é a única forma de salvação⁶⁷.

Não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar ao próximo, nem amar ao próximo sem amar a Deus; portanto, tudo que se faz contra o próximo, se faz contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se encontram resumidos nesta máxima: Fora da caridade não há salvação. (KARDEC, 2008, p. 152).

Dentro do lema Fora da Caridade não há salvação, estão contidos o destino de cada homem aqui na terra e no céu; na terra porque se presume que com a prática da caridade, viverão em paz; no céu aqueles que a tiverem colocado em prática, também viverão graças diante do Senhor, assim a caridade é: “a luz celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida para conduzi-lo à Terra Prometida”. (KARDEC, 2008, p. 153). Os espíritas não acreditam, que a salvação estará determinada de acordo com a sua crença, mas sim de acordo com os seus atos e são estes que determinarão se o espírito retornará para mais uma oportunidade de colocar em prática a caridade.

⁶⁷ Embora, sabendo que os seguidores da Doutrina Espírita reencarnarão, porém é preciso observar que esta ocorre apenas, com os espíritos que não desenvolveram o seu papel na terra, e uma das ações observadas é justamente o lema: fora da caridade não há salvação.

Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade, e vossa consciência vos responderá; não somente ela vos evitará de fazer o mal, mas vos levará a fazer o bem: porque não basta uma virtude negativa, é preciso uma virtude ativa; para fazer o bem é preciso sempre a ação da vontade; para não fazer o mal basta, frequentemente, a inércia e a negligência. (KARDEC, 2008, p. 154).

E uma das práticas da caridade é justamente o acolhimento à criança órfã. E durante as leituras silenciosas das fontes foi revelado que os seguidores da doutrina espírita se sentiam incomodados com a situação das crianças pobres do país, levando a sério os ensinamentos da Doutrina:

Amai os órfãos; se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos para nos exortar a lhes servirmos de pais. Que divina caridade ajudar uma pobre criança abandonada, impedi-la de sofrer fome e frio, dirigir sua alma a fim de que não se perca no vício! Que estende a mão à criança abandonada é agradável a Deus, porque compreende e pratica sua lei. (KARDEC, 2008, p. 140).

Este pensamento, explica em parte a atuação da Doutrina Espírita em abrigos ou asilos para órfãos, ou seja, crianças abandonadas. As instituições essas cujo papel era proteger a infância, também foram marcadas, assim como as escolas, desde da primeira metade do século XX. Embora os asilos não tivessem sido mencionados no documento Base como fundamental a princípio, começaram a aparecer de acordo como o Reformador⁶⁸ de 1º de janeiro de 1905, como uma proposta para o futuro, desde que existissem possibilidades para o seu financiamento.

Para já não falar da fundação de asilos e hospitais, que, por sua natureza complexa e dispendiosa, exigindo a multiplicidade de um concurso com que por ora não seria lícito contarem as agremiações espíritas, em geral de formação mais ou menos recente, deixamos propositalmente de incluir nas “Bases”.

⁶⁸ O jornal Reformado criado em 1865 por Augusto Elias da Silva e outros espíritas; é considerado o mais antigo periódico da imprensa espírita brasileira. Em todo mundo ocupa o quinto lugar em antiguidade. Registram os Anais da Biblioteca Nacional (Vol.85) ser o reformador um dos quatro periódicos surgidos no Rio de Janeiro, de 1808 a 1889, que sobreviveu até os dias de hoje. São eles, pela ordem: Jornal do Comércio (1827); Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839); Diário Oficial (1862); Reformador (1883). À exceção do Diário oficial Reformador é o único que jamais teve interrompida sua publicação.

No ano de 1927 o comandante da marinha, João Torres⁶⁹, escreveu várias publicações na imprensa espírita brasileira, com o título “As obras de caridade espírita”. Por meio dessas a população tomava conhecimento da quantidade de obras mantidas pelos espíritas. Esses escritos proporcionaram “o conhecimento de que, pelo menos a partir do final da década de 20 os espíritas já faziam um inventário das obras assistenciais que surgiram dentro do seu movimento”. (AZEVEDO, 2010, p. 293), principalmente os asilos para as crianças.

Foram encontrados, também, registros referentes a essas instituições, no ano de 1955, exatamente quinze anos após o recenseamento realizado por Saul de Gusmão. Neste período visitava o Brasil, o espírita português Isidoro Santos. Durante o tempo em que esteve neste país, construiu registros de sua viagem e organizou-os em um livro. Porém, em um dos seus relatos, informava que ao chegar ao país costumava ir aos Centros Espíritas e participar de palestras. “Mas a maior parte de seu tempo disponibilizava para visitar um tipo de instituição espírita”⁷⁰ que a cada dia vinha aumentando, eram as chamadas casas “asilos e abrigos” que se dedicavam à assistência à criança abandonada.

⁶⁹ Falece no Rio de Janeiro, em 14 de agosto de 1958, tendo nascido no Ceará, em 08 de março de 1873. Foi um ativo colaborador na Liga Espírita do Brasil, através da qual exerceu funções de Vice Presidente e Presidente. Foi militar da marinha. Na Liga iniciou a campanha contra o analfabetismo. Sua gestão foi muito produtiva, e sob a bandeira do Educar para Salvar, desenvolveu grandes campanhas para a erradicação do analfabetismo.

⁷⁰ As instituições visitadas por Isidoro, e que constam nos seus relatos foram: Casa de Lucía, no Rio de Janeiro-RJ; Lar de Jesus, em Nova Iguaçu-RJ; Educandário Espírito Demétrio Monteiro e Orfanato Dr. March, em Niterói-RJ; Lar de Maria, em Macaé-RJ; Escola Jesus Cristo, em Campos-RJ; Casa da Criança Abandonada, em Cachoeira Paulista-SP; Lar Manuel Pessoa de Campos, em Três Rios-RJ; Instituto Maria, em Juiz de Fora-MG, e Abrigo Jesus, em Belo Horizonte-MG.

Figura 03 - Crianças saindo de uma aula de Moral Cristã no Lar de José – MA. Instituição Espírita, fundada em 03 de outubro de 1947



Ano - 1952. Acervo - Lar de José.

Assim, pode-se afirmar que no ano de 1919, em 01 de janeiro, era fundado o primeiro Asilo de Menores denominado espírita, “Asilo Santa Thereza de Jesus”, na cidade do Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, no lar do casal Ernestina e Ignácio Ferreira dos Santos onde funcionava o grupo Espírita Cultivadores da Verdade.

[...] O Grupo Espírita “Cultivadores da Verdade” acaba de fundar um asilo para a infância desamparada, que sem pão, sem lar, sem proteção, e na sua inconsciência é arrastada aos maiores vícios e à prática de atos que deprimem, mercê da frequência e permanência numa escola de crimes e de miséria. O espetáculo triste, doloroso e compungente que se observa nas ruas e praças desta cidade, como de outros centros, de crianças que são aproveitadas para as piores profissões, não é mais do que o resultado do abandono a que são atiradas. Maltrapilhas, esqueléticas, de fisionomia macilenta tisonada pela necessidade, estigmatizadas pela dor e pela opressão, vão esses pobrezinhos pondo em prática as lições dos seus miseráveis professores. (REFORMADOR, 16 de JULHO, 1919).

Nesse espaço surgiu a ideia que fora materializada com a fundação do Abrigo. Este, por sua vez, atendia a ambos os sexos. Depois desse, tantos outros vieram, e, para os espíritas, a expansão dessas instituições tornava-se motivo de encantamento.

Existiu, ainda, a Confraternização Espírita Paraense que construiu, em 15 de agosto de 1947, o Lar Maria, fundação cristã de amparo à infância e velhice abandonadas. Era uma instituição filantrópica destinada a abrigar e proteger os idosos, educar e instruir meninas órfãs ou desamparadas. Nesta instituição se confirmava, mais uma vez, a propaganda das Escolas e Asilos Espíritas que deveriam receber a todos sem “distinção de raça, cor, nacionalidade e credo religioso e prepará-los para uma vida honesta, laboriosa e útil à família, à pátria e sobre tudo a Deus”.⁷¹

Figura 4 - Folhetim de divulgação do Lar de Maria, em Belém do Pará



Ano: 1948. Acervo - Casa do Pequenino.

A União Espírita Sergipana, nos anos de 1947 e 1948 por mais de uma vez, contribuiu para a construção do Lar de Maria, porém os valores não eram altos, sempre o equivalente a vinte cruzeiros a cada doação, pois se encontrava na mesma campanha para a construção de uma Escola Espírita. Além do Lar de Maria, na região Nordeste, já havia Asilos Espíritas, tanto em Maceió, Pernambuco, Maranhão e na cidade de Salvador. As obras educacionais

⁷¹ Trecho retirado do folhetim de divulgação do Lar Maria, no ano de 1947.

espíritas foram construídas, mesmo com críticas realizadas a todo instante. Durante a expansão de tais obras:

O jornal católico ‘O São Paulo’, de 29 de janeiro de 1908, exorta o público católico de Campinas a “não dar auxílio a semelhantes escolas, e sim combatê-las”. Para nós essas escolas são perigosíssimas. Elas vieram sob a guarda de subvenções maçônicas e de livres pensadores. (MONTEIRO. 2004, p. 104).

Mas, apesar de todas as dificuldades “essas obras se tornam um orgulho para os adeptos do espiritismo e passam a povoar seu imaginário, o que acaba estimulando, ainda mais, a proliferação das mesmas”. (AZEVEDO, 2010, p. 296). Além da caridade, outro motivo pode ter contribuído para tamanha obra, mesmo sabendo que quando questionamos os seguidores da doutrina sobre o porquê da construção das escolas e os asilos, a resposta obtida é a prática do lema “Fora da caridade não há salvação”, mas a efetivação do lema, foi a forma encontrada por eles para se fazerem reconhecer. “A busca de legitimidade e reconhecimento pela sociedade, visando consolidar-se perante ao Estado e à sociedade civil como competente na prática desta “utilidade pública”. (CAMURÇA, 1997, p. 151). As ações dos espíritas chamavam a atenção e inquietava principalmente a igreja, que a partir de então, estabelece uma relação de conflito, com o desejo de impedir o avanço do espiritismo.

Roma resolveu combater, por todos os meios, o Espiritismo no Brasil. Ultimamente, há uma coisa de meses, voltou do Brasil um jesuíta dos mais influentes, que visitara em missão especial do Papa Negro, a República Brasileira e que estudara, sur place, os meios mais eficazes de dar combate ao Espiritismo. Um relatório em regra foi apresentado ao Geral dos Jesuítas pelo emissário em questão, que no Brasil teve conferências com os mais altos dignatários eclesiásticos e com personalidades católicas influentes na política, sendo assentado todo um plano de campanha a dar aos nossos confrades brasileiros. (REFORMADOR, 31 de março de 1910).

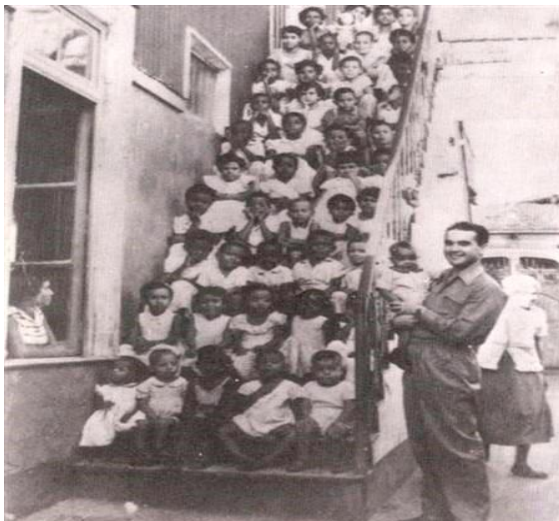
A partir da circulação dessa informação, que foi publicada no Reformador com a denominação de “Espíritas, a postos!”, sendo uma transcrição de um texto publicado na “Revista Internacional do Espiritualismo Científico”, de Paris, as ações de caridade tomaram uma força maior “os espíritas adquiriram uma feição de “luta” por sobrevivência, por espaço e também por hegemonia de projeto social” (AZEVEDO, 2007, p. 5), e nessa disputa, as

ações de caridade assumem o papel de defesa. Com essa situação conflituosa, Leopoldo Cirne, adverte aos espíritas que deveriam se comportar:

Como? Atacando os representantes dessa religião que morre, porque já fez o seu papel na história e tem que fatalmente ceder à lei da finalidade, pois que não quer evoluir? - Não, que não é de demolição, nem de invectivas, nem de ódios, mas de amor o nosso ministério. O que cumpre é organizar sistematicamente, de norte a sul, a propaganda espírita[...] Há ainda uma obra, por assim dizer preparatória ou, se o quiserem, paralela dessa outra e da máxima eficácia: é de um lado criar as aulas de instrução primária, em que o indivíduo, aprendendo a ler, se habilite a compulsar os livros e jornais espíritas e neles abeberar de luz a inteligência e de pureza o coração. E de outro lado instituir os serviços de curas. Com o auxílio dos espíritos, e os de assistência de toda ordem aos necessitados, aos detentos, a infância abandonada e aos desvalidos na velhice. (REFORMADOR, 31 de março de 1910).

Aqui percebemos que os espíritas para conter a igreja utilizaram-se de um único brasão, com dois propósitos o de se defenderem, já que estavam se sentido acuados pela Igreja Católica, e o de afirmação, porque por meio das ações de caridades a visibilidade em torno da Doutrina Espírita aumentou e com isso começaram a ganhar espaço. Assim, faz-se imperioso dizer que a partir dessas obras o orgulho dos seguidores perpassou para a afirmação da sua identidade, já que fora definida como algo que “se constrói em torno de elementos de positividade, que agreguem as pessoas em torno de atributos e características valorizadas, que rendam reconhecimento social a seus detentores. Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com esse endosso”. (PESAVENTO, 2004, p. 91).

Figura 5 – Primeiros órfãos do Asilo Mansão do Caminho



Ano: 1952. Acervo - Mansão do Caminho.

Os seguidores da Doutrina Espírita provaram que da mesma maneira que os católicos realizavam suas ações caritativas, eles também poderiam realizar por meio do lema “Fora da caridade não há salvação”, proposta essa lançada desde o início da doutrina, ainda na França.

Os espíritas tiveram, efetivamente, consciência do importante papel desempenhado pelos “monumentos da fé” que erigiam. Eram mais que uma obra de propaganda doutrinária, um atestado necessário de suas boas intenções cristãs que os ajudaram a enfrentar com muita desenvoltura a hostilidade diante da qual se sentiram vitimados. Uma afirmação, para os outros e para si mesmos, da identidade espírita. (AZEVEDO, 2010, p. 294).

É sabido que durante o século XX houve dezenas de escolas e abrigos espíritas; não podemos negar que “caridade e abrigos para a infância fizeram parte, sim, das disputas hegemônicas no campo social e cultural, mas também integraram o consenso e as parcerias construídas com vistas a superar os problemas da infância brasileira”. (AZEVEDO, 2007, p. 8). O certo é que essas instituições foram construídas, por todo o país, e trouxeram para a História da Educação Brasileira e da infância pobre a sua contribuição. Identidade ou não, “o exercício da caridade logrou assegurar reconhecimento e popularidade para o movimento que se traduz no número considerável de instituições Kardecistas”. (AZEVEDO, 2010, p. 293), servindo para a construção de uma memória coletiva⁷² produzida dentro do movimento espírita.

⁷² Memória coletiva se alimenta de imagens, sentimento, ideia e valores que dão identidade a uma determinada classe, e possui um poder de difusão. Conferir: Bosi, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.16.

3. RECONSTRUINDO OS FIOS DA MEMÓRIA

Reconstruir essa história só foi possível devido à preservação das fontes. Quando se chega a uma instituição, cada documento encontrado revela, nas leituras de cada linha ou imagens, um pedaço daquela história que muitas vezes estava guardada ou esquecida em um canto. Esta III Seção Reconstruindo os Fios da Memória, mostrará nas entrelinhas dessa história, dando a conhecer algumas personagens, conflitos religiosos, bem como divergências entre os membros da Doutrina Espírita, que serviram de base para a consolidação da Casa do Pequenino.

3.1. “SONHOS NÃO ENVELHECEM”: LAURA AMAZONAS E A CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS ESPÍRITAS

A construção de Escolas Espíritas no estado de Sergipe, teve a contribuição de alguns atores, porém dentre eles a figura da doutora Laura Amazonas, foi fundamental para a consolidação da implantação da Escola Espírita “Casa do Pequenino” mantida pela União Espírita do Estado de Sergipe. Ela desejava fundar uma escola dentro dos fundamentos da Doutrina Espírita, era um sonho da odontóloga “ter uma escola formal e religiosa espírita” (RAMOS, 2011), ou seja, desejava implantar uma Instituição educativa dentro dos princípios da sua religião.

O desejo de divulgar o conhecimento da doutrina espírita que tem como lema a prática da caridade e amor, estes postulados, foram codificados por Allan Kardec em Paris, que tinha como propósito permitir acesso ao conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e porque está na terra, atraindo para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e esperança. Como a Doutora Laura Amazonas era seguidora da doutrina espírita e acreditava, que esse seguimento deveria ser estudado, analisado e praticado em todos os aspectos fundamentais da vida, tais como: científico, filosófico, religioso, ético, moral, educacional e social; pensando nos dois últimos tópicos e preocupada com o meio que cercava o homem, a Doutora Laura Amazonas sentiu-se motivada para a criação da Casa do Pequenino, a instituição atenderia os menores favorecidos. (BEZERRA, 2009).

Da mesma forma, que haviam escolas católicas e protestantes cada uma educando de acordo com os seus preceitos; os seguidores da doutrina, também almejavam ter a mesma oportunidade de mostrar a sua maneira de educar, assim, evitaria situações como:

Sempre fui de família espírita. Era a maior dificuldade na hora de fazer a matrícula na escola, tanto minha como de meus outros oito irmãos. Na escola João Pinheiro⁷³ a professora chegava na sala toda segunda feira, dia das aulas de Religião e perguntava: - Quem foi à missa ontem? Fique de pé por favor [...] – Ai de quem não se levantava, aí começava a sabatina: - Porque você não foi? [...] Ah, então você não é católico? [...] Era uma perseguição que não tinha fim. Os evangélicos e os espíritas, em menor parte, eram perseguidos o tempo todo pela professora de religião. Dizer que era espírita era sacrilégio e motivo de perseguição para ela. Da mesma forma ela nos arguia sempre querendo saber quem frequentava o catecismo na Igreja e quem tinha feito primeira comunhão, era uma perseguição aquilo. (PASSES, 2008, Apud. FRATTARI NETO. 2009, p.243). (Grifo nosso).

A criação de escolas espíritas, além de abrir um novo caminho na História da Educação, contribuiu para a formação de um ser completo na visão espírita, mas para isso, era preciso trabalhar no homem, questões importantes como: altruísmo, respeito, assistência, criticidade, ao contrário de se realizar o proselitismos e a instrução, práticas essas vivenciadas nas escolas católicas. Laura Amazonas, mesmo sabendo da existência de uma longa estrada a ser percorrida, o seu sentimento pela infância desamparada foi mais forte, pois “tinha um carinho imenso pela infância, principalmente pelas crianças pobres, ela tinha uma preocupação enorme com essas crianças”. (SANTANA, 2010). Embora, não tenha se graduado em magistério, matinha uma interesse voltado para a educação, de modo especial, para as crianças carentes. Para ela o importante seria possibilitar a formação espiritual e moral das crianças que seriam acolhidas pela instituição, pois ambas seriam o alicerce para a formação do homem. Essa vontade permitiu que o sonho nutrido por Laura não envelhecesse, mas para se compreender onde tudo começou é preciso transitar pela sua trajetória.

⁷³ A escola está localizada na cidade de Ituiutabana no Estado de Minas Gerais.

FIGURA 6: LAURA AMAZONAS – 1905

Autoria não identificada. Acervo: União Espírita de Sergipe.

3.1.1. Laura Amazonas e o seu caminhar

Assim, nascia em 03 de maio de 1884, em Aracaju Laura Amazonas. Seu nascimento ocorreu em um período de transformações: o país passava pelos últimos anos do 2º Império e à espera pelos anos da República. Fruto da união do casal Manoel Amazonas e Josefa da Silveira Amazonas, além dela, a família estava composta por mais três irmãos: Cleobo Amazonas, Josefa Amazonas e Maria Júlia Amazonas. Laura Amazonas iniciou sua vida escolar em Aracaju, sendo orientada pela sua madrinha, a professora Rosa⁷⁴. Após, a conclusão do curso primário, mudou-se para a cidade de Santos, no Estado de São Paulo, em companhia de seu irmão Cleobo Amazonas, advogado reconhecido e que já havia fixado residência naquela região. Dessa maneira, o irmão passa a ser o grande incentivador e responsável pela educação dela, possibilitando-lhe o acesso à instrução. A presença de seu irmão em sua formação, teve uma representação, o que se pode definir como algo marcante, tanto que na sua solenidade de graduação, encontrava-se “na frente do Diploma da Dr^a. Laura Amazonas, uma pequena caixinha oval, amarrada ao mesmo tempo com fitas verde e amarela,

⁷⁴ Durante a pesquisa não encontramos o sobrenome da referida senhora.

contendo o brasão da Escola de Pharmácia de São Paulo e por fora a seguinte frase: ‘A minha mãe, sincera amizade. A meu irmão, eterna gratidão’.” (FREITAS, 2000, p. 161). A foto de abertura desta seção nos remete ao ato de formatura de Laura Amazonas com apenas vinte e um anos.

Graduou-se em Odontologia, num período em que ser professora e enfermeira, seriam as únicas maneiras da mulher exercer uma atividade profissional fora do lar. Com apenas vinte e um ano de idade, recebeu o seu título de Cirurgiã-dentista pela Faculdade de Pharmácia de São Paulo, em 08 de fevereiro de 1905, quatro anos, após, a assinatura do Código de Ensino Eptácio Pessoa, que autorizava o acesso das mulheres aos cursos superiores, desde que acompanhadas; tornando-se, assim, a primeira sergipana diplomada em um curso superior e, em uma profissão liderada por homens.

Mesmo com o aceso ao curso superior, a maioria das mulheres optava por enfermagem ou pedagogia, por acreditarem que essas profissões seriam uma extensão da rotina do lar no sentido de cuidado com o outro. Mas, existiram outras que não visualizaram essa oportunidade como a única maneira de adquirirem sua independência intelectual e econômica. Não podemos negar que a partir do ingresso nas faculdades: “as mulheres tiveram acesso às profissões liberais e consequentemente à independência econômica e a possibilidade de interferir no momento atual. A universidade foi mais importante do que a conquista do voto feminino”⁷⁵. (ANDRADE, 1984).

Assim, a doutora Laura Amazonas mostrou que em uma época na qual a mulher era colocada de lado, foi possível quebrar paradigmas e estabelecer novos conceitos para atuar na sociedade, servindo de alicerce para algumas mulheres, tais como: Cezartina Régis de Amorim⁷⁶, Maria Rita Soares de Andrade⁷⁷, Quintina de Diniz⁷⁸, Ítala Silva Oliveira⁷⁹ e

⁷⁵ Citação extraída do artigo intitulado: “Maria Rita Soares de Andrade – Uma feminista convicta sempre cercada de amigos”. Sem autoria identificada. Conferir: FREITAS, Anamaria G. Bueno de. Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX. Campinas/Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2003.p.184 (Tese de Doutorado).

⁷⁶ Nasceu em 1890 e faleceu em 1980, primeira farmacêutica sergipana. Conferir: FREITAS, Anamaria G. Bueno de. Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX. Campinas/Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2003. p.184 (Tese de Doutorado).

⁷⁷ Nasceu em 1904, foi primeira Juíza Federal do Brasil; professora, advogada e editora da Revista Renovação. Faleceu em 1998. Conferir: FREITAS, Anamaria G. Bueno de. Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX. Campinas/Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2003. p.184 (Tese de Doutorado).

⁷⁸ Nasceu em 1878 e faleceu em 1942, primeira Deputada Estadual de Sergipe, e professora da Escola Normal Rui Barbosa. Conferir: FREITAS, Anamaria G. Bueno de. Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX. Campinas/Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2003. p.184 (Tese de Doutorado).

outras que conseguiram dar um rumo diferente ao curso das suas histórias de vida. Sendo capazes de quebrar tabus e contribuírem para a história da sociedade sergipana ao atuar em espaços públicos, definidos socialmente como masculinos.

Em 1910, cinco após a conclusão de seu curso, retornou a Aracaju e, no mesmo período, implantou o seu Consultório Odontológico. O mesmo foi estruturado em parte de sua residência, situada no centro da cidade à Rua Itabaiana, nº 164, onde desenvolveria sua atividade profissional liberal até a década de 1950. Nessa mesma casa, residiam com Laura Amazonas à sua irmã Maria Júlia Amazonas, conhecida como “Dona Santinha” e sua filha adotiva Maria Domília Santos, ex-interna do Lar da Imaculada Conceição⁸⁰, instituição esta conduzida pela Igreja Católica na cidade de São Cristóvão. Apesar de ser espírita Laura Amazonas adotou uma criança em uma instituição asilar católica. Ao se pensar sobre os prováveis motivos que contribuíram para que Laura fizesse a adoção de uma criança dentro de instituição católica, levantam-se as seguintes questões: ou em Sergipe, neste momento, ainda não havia instituições espíritas; ou simplesmente, a odontóloga não se omitiu de realizar o que a nova doutrina propunha, dentro do princípio da caridade “fazer apenas o bem”, independente do credo religioso.

Laura Amazonas não casou, dessa forma não constituiu uma família, mas acreditava ser, a humanidade, sua própria família. Mesmo assim, segundo os relatos, era uma mulher feliz e acreditava:

Que a sua família era tão grande que ela não poderia se dedicar a um grupo só de pessoas, então ela tinha como seus filhos as crianças que ela tanto amava, que tanto zelava e mais as pessoas pobres que batiam à sua porta e que ela tratava com respeito e dignidade, mas sem formar clientelismo. Ela era uma pessoa pragmática, era uma pessoa que tinha sensibilidade, mas não era prodígia. Portanto, ela sabia como administrar os seus bens em favor de quem realmente precisava. (SANTANA, 2010).

⁷⁹ Nasceu em 1897 e faleceu em 1984, primeira Médica de Sergipe, professora particular de meninas e jovens, professora e secretária da Liga Sergipense contra o Analfabetismo, colaboradora dos jornais sergipanos e na Revista Feminina. Conferir: FREITAS, Anamaria G. Bueno de. Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX. Campinas/Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2003.p.184 (Tese de Doutorado).

⁸⁰ Antes o Lar da Imaculada Conceição, respondia pela nomenclatura de Orfanato de São Cristóvão. Sua fundação ocorreu em 1911, graças à iniciativa da enfermeira Dona Josefa Felizarda e dos frades franciscanos Frei Conérlio Neises e Frei Elias Essafeld, ambos da Ordem dos Frades Menores (OFM). A instituição apresentava como objetivo primordial “amparar crianças órfãs, preferencialmente meninas”. Em 1922 a casa de educação passou a ser dirigida pelas Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Conferir: SANTANA, Josineide Siqueira de. 2011.

A doutora Laura Amazonas, embora tenha sido criada dentro dos princípios do Catolicismo Romano, em seu retorno a Aracaju se identificou com a Doutrina Espírita e admitiu publicamente a sua nova condição religiosa, o que a levou a enfrentar preconceitos. Os seguidores do catolicismo não demonstravam simpatia pelos adeptos do espiritismo, o que acabou por ocasionar várias críticas e perseguições por parte dos católicos, além da contribuição para o esquecimento em torno das suas ações, que acabaram por não receber o destaque merecido.

Provavelmente, o fato de ter dedicado a sua vida à difusão do espiritismo, nas primeiras décadas do século XX, período no qual esta religião ainda sofria muito preconceito, principalmente em Sergipe, que possuía uma sociedade conservadora e profundamente marcada pelo catolicismo, pode ter ocasionado um certo “silenciamento” em torno de sua trajetória. (FREITAS, 2004, p. 14-15).

Mesmo com todas as críticas à sua opção religiosa, a Dr^a. Laura Amazonas participou e deu a sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade sergipana.⁸¹ Isso só foi possível, por meio do investimento realizado em prol da sua escolarização, o que lhe proporcionou a aquisição de saberes e práticas significativas. O capital cultural por ela obtido foi responsável por sua efetiva colaboração, em vários campos da sociedade sergipana no início do século XX em Sergipe.

⁸¹ A contribuição de Laura Amazonas pode ser sentida em diversos âmbitos, atuou em vários campos da sociedade sergipana, sua presença foi registrada em várias instituições. No ano de 1929, em Aracaju, era criado o Diretório da União Universitária Feminina, tendo como objetivo, a proliferação do número de jovens estudantes no ensino superior, assim podendo favorecer o ingresso no mercado de trabalho. Estava à frente do Diretório a advogada Maria Rita Soares de Andrade, sendo auxiliada pelas doutoras Laura Amazonas, Heloisa Santos e Cezartina Régis. Outro campo de destaque para suas ações foi na filantropia, essa era uma atividade forte no seu dia-a-dia, por isso teve uma participação ativa na sociedade. Pode-se verificar, registro de sua figura em vários momentos do início do século XX: esteve presente na construção e inauguração do Asilo Rio Branco, uma entidade sem fins lucrativos, implantado em 20 de outubro de 1918. A sua presença também foi notória na Cruz Vermelha, “fundada em 26 de novembro de 1929, e contou com a participação entre outras, de Cezartina Régis (farmacêutica), Heloísa Santos (Cirurgiã-dentista)”; esteve presente como sócia benfeitora do Orfanato de São Cristóvão na cidade de mesmo nome. A instituição era administrada pelas Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Em novembro de 1950, participou da fundação da Federação Espírita de Sergipe, sendo eleita posteriormente para assumir a presidência da mesma, no período de 27 de março de 1954 a 06 de outubro do ano de 1956. Conferir: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Vestígios da Dr^a Laura Amazonas: Aspectos da condição feminina em Sergipe. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol. 6, 2004 e SANTANA, Rosemeire Siqueira de; SANTANA, Josineide Siqueira de. Laura Amazonas: sua contribuição para as instituições educacionais espíritas e suas práticas pedagógicas. In: **Revista do Instituto Geográfico de Sergipe**, n. 42. 2012.

Viveu de forma lúcida e faleceu na cidade de Aracaju, conforme o necrológio publicado na imprensa da época:

Faleceu [...] nas primeiras horas do dia de ontem, D. Laura Amazonas, senhora de grande mérito e de uma das famílias mais inteligentes do nosso Estado. D. Laura, em vida, foi uma espírita convicta e como tal, a extinta havia se dedicado de corpo e alma a todos os movimentos filantrópicos havidos na capital sergipana. Foi Dona Laura quando em vida, dentista, e por longos anos operosamente usou a sua força em servir a todos que dela necessitavam e quando as forças lhe faltaram, ela doou o seu gabinete à Fundação Lívio Pereira, no Bairro Siqueira Campos. Além de outros de outros trabalhos que soube fazer no campo da filantropia, Dona Laura Amazonas foi uma das fundadoras da Federação Espírita Sergipana e sempre soube incentivar os jovens e aos que necessitavam com palavras que revelavam um grande conhecimento, com uma boa dosagem de humanismo. (JORNAL GAZETA DE SERGIPE, 1968, p. 8).

O falecimento da doutora Laura Amazonas causou em parte da sociedade sergipana, certa comoção. Acreditamos que as suas ações, foram as responsáveis.

A demonstração que a sociedade perdeu naquele momento, uma pessoa ilustre, uma pessoa que contribuiu muito no estado; não só com o seu trabalho profissional, mas no movimento espírita com doações, era uma pessoa que a perda foi sentida; ela não foi uma pessoa anônima, ela teve uma história, de exemplo: como mulher, porque mulher na época dela, era algo que não tinha muita colocação, e ela pela formação dela, pela maneira dela ser, ela descortinou. (LIMA, 2014).

É inegável a presença e contribuição de Laura Amazonas não só na Doutrina Espírita, mas no campo da filantropia, da educação e saúde da infância pobre em Sergipe.

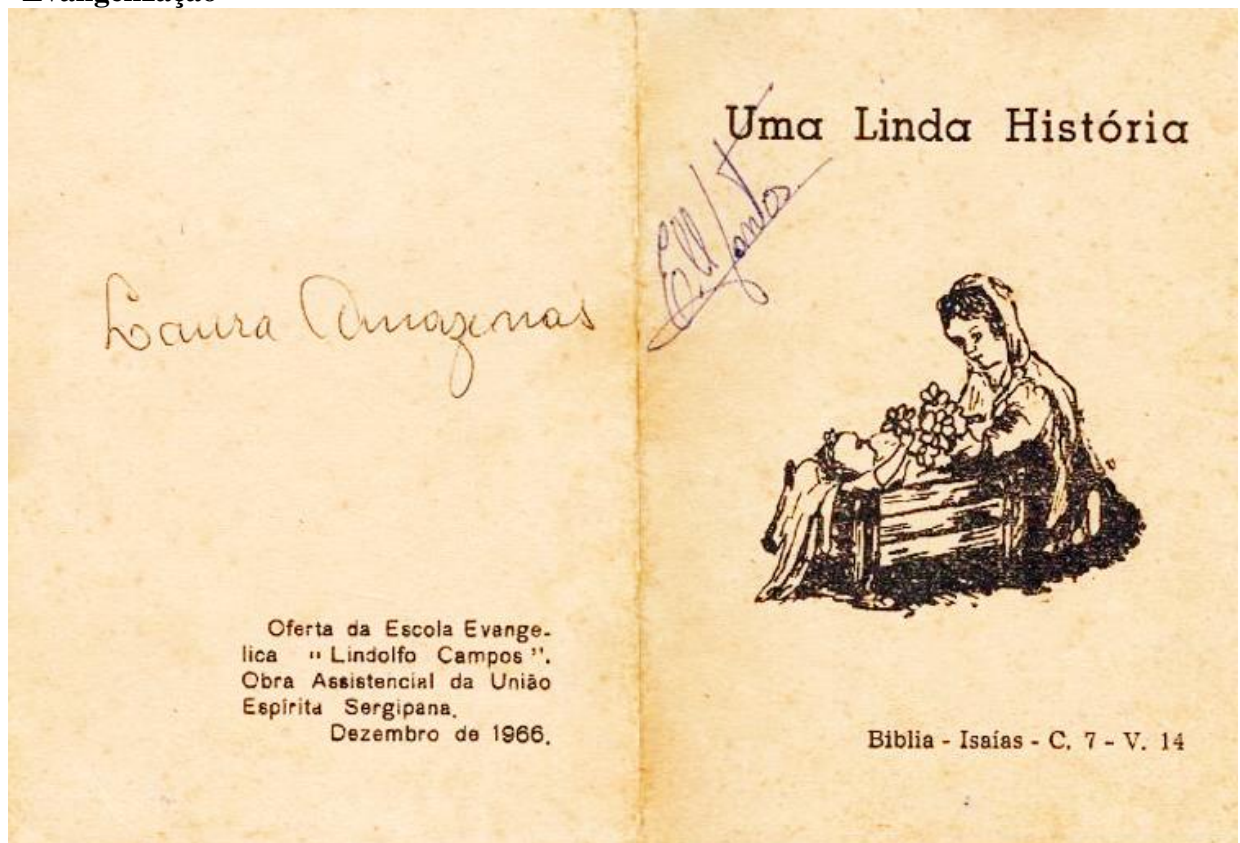
3.1.2 - As práticas pedagógicas de Laura Amazonas

Apesar de não ter formação no magistério, a dentista, sempre acreditou e apoiou a educação. Por esse motivo, empenhou-se pessoalmente em transmitir às crianças da instituição tudo o quanto fosse importante a uma boa formação educacional e moral.

As práticas pedagógicas desenvolvidas pela Dr^a. Laura Amazonas nas Escolas de Evangelização “Lindolfo Campos e Laura Amazonas”, consistiam na utilização de um pequeno livro, com apenas sete páginas, elaborado pela mesma, cujo título: “Uma Linda História - Bíblia – Isaías – C.7 – V.14” trazia uma narrativa sobre o nascimento de Jesus

Cristo. Na capa de uma maneira bem simples a imagem que aparece é a de uma criança dentro de uma caixa de madeira, sendo contemplada por uma mulher. A ilustração nos remete à chegada do menino Jesus. Na contra capa em fontes menor está registrado que o livro é uma oferta da Escola de Evangelização Lindolfo Campos, obra assistencial da União Espírita Sergipana, seguido do ano de publicação.

Figura 7 – Livro elaborado por Laura Amazonas e utilizados em suas aulas de Evangelização



Autoria Laura Amazonas. 1966. Acervo - Edmilson Menezes.

Utilizava também, durante suas aulas de evangelização as “52 Lições do Catecismo Espírita” de Eliseu Rignonatti, composto por perguntas e respostas, uma compilação dos Livros dos Espíritos. Era uma forma de fazer com que as crianças desde cedo, tivessem contato com os fundamentos da doutrina. Mas, além do educador espírita, a benemérita usava textos de Monteiro Lobato e outros escritores da nossa literatura, principalmente para trabalhar poemas, pois as aulas eram ministradas, a partir de histórias, leituras de poemas, utilização de gravuras e cartazes. Em suas aulas, os chamados “temas do mundo”, além dos assuntos pertinentes à doutrina espírita, eram trabalhados de maneira que alunos da escola de

evangelização a definia como uma pessoa criativa, Santana (2010), relatou que: “na escola evangélica ela sempre usava o potencial dos alunos para desenvolver teatro, poesia, contos, história, enfim, todos com cunho moral, evidentemente. Então, ela utilizava sempre o potencial dos alunos para desenvolver essas aptidões”. Os materiais usados, durante as suas aulas eram:

[...] fichinhas, cartazes para ilustrar, e tinha as chamadas em um papelzinho de cartolina e lá tinha pregas, o quadro de pregas. Ela ensinava a gente a trabalhar com as crianças, quando ia contar uma história, ia contando e colocando os personagens naquelas pregas, ia encaixando, eu aprendi a trabalhar com ela isso, contava histórias, fazia teatro (SIC) (teatrinho as poesias) chamavam dramas. (RAMOS, 2011).

Dessa forma, orientava-se para a vida, cidadania, moral e religião, “ela era evangelizadora, e acreditava na infância, ela acreditava, se você forma-se bem a criança, não teria adultos problemáticos”. (RAMOS, 2011).

Sua preocupação não estava apenas na transmissão de conceitos religiosos para as crianças, mas também na questão da higiene e da disciplina, acreditava que o indivíduo para ser bem formado, era preciso que a ele fossem transmitidos ensinamentos e regras que lhe serviriam de suporte futuramente.

Dessa maneira, durante as aulas na Escola Evangélica Lindolfo Campos, era ensinado aos alunos o respeito, principalmente com a pontualidade e os cuidados com a higiene. Uma criança para ser considerada normal, deveria ser saudável, e essa deveria ser uma preocupação não apenas de médicos, mas dos pais e educadores; assim, a doutora Laura Amazonas:

Orientava aos alunos que bebessem água em casa, e usassem o vaso sanitário em casa, para não usar fora de casa. Não era só na Escola Evangélica, na rua em lugar nenhum. [...] Nos ensinava a cuidar das unhas, da limpeza, enfim a higiene corporal. Ela tinha esse cuidado. (SANTANA, 2010).

Outra forma, utilizada nos seus ensinamentos era a de como conduzir a higiene no ambiente doméstico. Ela orientava da seguinte maneira: assim que as crianças chegavam à escola de evangelização, eram conduzidas para a realização da limpeza do local, no qual aconteceria a aula: “Nós chegávamos a Escola Evangélica, a primeira coisa que fazíamos era vasculhar o teto, passar o espanador nos bancos e o pano, e depois varrer. Tudo isso, fazíamos com a orientação dela”. (SANTANA, 2010).

Quanto a disciplina⁸², era bem utilizada. Tanto que para alguns alunos às vezes era difícil de compreender “como uma pessoa disciplinadora, poderia ser ao mesmo tempo bondosa, extremamente dinâmica e caridosa”. (RAMOS, 2011). A disciplina era de fundamental importância e nas aulas de evangelização, aplicava como castigo, os “sermões” para aqueles que não tivessem memorizado as atividades passadas para casa. Assim, “deixava os desobedientes separado das outras crianças e chamava a atenção: você precisa estudar”⁸³. (JESUS, 2008). Essas atitudes levaram alguns seguidores da doutrina de acordo com Santos (2014) a enxergar a postura da doutora Laura Amazonas, como autoritarismo, “porque ela era exigente demais, ela era uma educadora, não uma autoritária. Até as mães pobres que não tinham muito educação ela educava”. Pessoas que conviveram com a doutora Laura, principalmente seus ex-alunos da escola de evangelização e algumas crianças que em determinado tempo de suas vidas, estabeleceram uma ligação muito próxima com ela, ao ponto de diariamente estarem em sua residência, a definiram como:

É tão difícil a gente defini-la; difícil e fácil, quando eu digo assim, ela era uma mulher rígida, mas digo também, que ela era extremamente caridosa, então você pode não compreender aonde a rigidez se encontra em uma caridade: bondosa, afetuosa. Aí é isso que eu digo, que é meio complexo fazer esse parâmetro, entre uma criatura extremamente rígida, cumpridora de deveres, horário e que obrigava as pessoas que estavam com ela, serem também disciplinada. Ao lado dessa disciplina rígida, ela era afetuosa, doce, idealista, é ela idealizava ter uma escola regular espírita[...] Ela não era desmachada é tão difícil falar desta personalidade tão complexa dela, é tão difícil ela não era rude, ela era rígida, ela podia lhe dizer você está certa e na mesma entonação dizer você está errada. (RAMOS, 2011).

A representação da Doutora Laura, deixou marcas, e para Lima (2014), a definição seria:

Uma pessoa disciplinada, enérgica, elegantíssima, e muito à vontade, quando ela precisava, ela não media, não tinha nenhuma preocupação se estava ou não lhe chamando atenção, mas ela chamava com uma certa classe que você ficava quieto, no meu caso uma menina, uma jovem, fazendo uma formação na vida, causava um certo impacto, mas um impacto que ao mesmo tempo eu aprendia.

Já para Santana (2010), defini-la resumia em “Uma personalidade forte, marcante. Mas, sempre voltada para o bem. Alguém que escolheu amar a Deus sobre todas as coisas e

⁸² O ato disciplinador da doutrina, atraiu no Brasil funcionários da força Armada.

⁸³ JESUS, José Monteiro de. Entrevista concedida a Iadry A. Lima e Flaviana M. Gomes em São Cristóvão/SE em 15 de abril de 2008.

ao próximo como a si mesmo”. Laura Amazonas, acreditava que era preciso ensinar, desde da infância, assim trabalhava a disciplina da seguinte maneira:

A postura no sentar, ela orientava como deveríamos nos sentar. [...] O horário era oito horas, oito horas à porta era fechada, oito horas e um minuto não adiantava bater na porta, porque não entrava. Então, tinha que aprender a disciplina, ela era uma mulher disciplinadora. (SANTANA, 2010).

A Doutora Laura Amazonas via nas práticas educativas uma possibilidade de se levar aquelas crianças a futuras conquistas em espaços públicos da sociedade sergipana. Existem indícios de que estas práticas de Laura Amazonas, foram implantadas na Casa do Pequenino, especificamente no Lar Meimei, durante os seus primeiros anos.

3.1.3. Não há vida feliz sem ideal: caridade a maior entre as virtudes

A atuação mais efetiva dessa ilustre cidadã foram nas ações voltadas para a educação. A cirurgiã-dentista demonstrava um carinho imenso pela infância. Segundo Santana (2010) “ela era uma educadora nata, uma verdadeira pedagoga”; em todas as atividades pensadas pela doutrina espírita com relação a educação, era visível a sua colaboração.

No ano de 1946, grande público da sociedade local, seguidores da doutrina e Laura Amazonas assistiram ao batimento da pedra fundamental para a construção da escola, Lívio Pereira “A obra mereceu especial carinho e ajuda da benfeitora dentista Laura Amazonas. Periodicamente essa confrade, fazia chegar às mãos do Presidente da União Espírita de Sergipe. Sr. Milton de Oliveira, o silencioso cheque de honorários para que a obra não parasse”. (JESUS, 2006, p.115). Por conta da sua efetiva colaboração da Dr^a. Laura Amazonas parte da escola foi entregue à sociedade sergipana durante o ano de 1948. Após, a sua aposentadoria “doou seu gabinete dentário, para a Escola Lívio Pereira do Grupo Espírita Irmão Fêgo e semanalmente sempre às segundas-feiras, ela ia dar assistência odontológica às crianças daquela escola, graciosamente”. (SANTANA, 2010). Sua preocupação voltava-se, exclusivamente para a infância desamparada. “Às dez horas do dia 20 de abril de 1952, o Gabinete Odontológico Dr^a. Laura Amazonas, tal como de sua vontade, e, nos mesmos princípios de doação em favor do próximo, estava solenemente entregue à pobreza e a criança carente das Escolas mantidas pela Associação”. (JESUS, 2006, p.115). Porque a

Doutora Laura Amazonas exercia tão bem as ações de caridade? Seria simplesmente como ela própria disse: “Viver, pois de tal modo que todos aqueles que conviveram contigo possa mais tarde, lembrar de teu nome, como que abençoa a presença da fonte ou agradece a passagem da luz”. A caridade segundo o espiritismo se fosse bem praticada, não permitiria ações de sofrimento, para tanto, era preciso que os homens:

Se amassem mutuamente, a caridade seria melhor praticada; mas seria preciso, para isso, que vos esforçásseis em vos desembaraçar dessa couraça que cobre vossos corações, a fim de serdes mais sensíveis para aqueles que sofrem [...] A caridade sem a fé não bastava para manter, entre os homens, uma ordem social capaz de torna-los felizes [...]. (KARDEC, 2008, p. 115).

O ato da caridade é para ser praticado, não dá para viver algo que se acredita, sem colocar em prática, talvez essa fosse a grande investida de Laura Amazonas, provar que não bastava acreditar, porém era preciso vivenciar, ou será que a odontóloga, assim como a doutrina vinha fazendo, queria se fazer notar por meio de suas ações de caridade. O certo é que suas atitudes de benevolência, foram praticadas. No período do Natal, costumava fazer cartas, solicitando aos comerciantes, uma ajuda, essa seria revertida em compra de tecido e brinquedos, para serem distribuídos com as crianças carentes. Porém, de acordo com relatos havia uma instituição comercial, cujo o proprietário era católico e resistente a doar qualquer coisa para uma instituição espírita, mas mesmo assim, ela insistiu durante anos, até que em uma determinada vez, foi recebida pelo proprietário; o seu ideal junto com sua persistência acabaram por modificar essa história.

Um moço muito católico, e ele dizia não estou aqui não, e ela respondia: “eu sei meu filho que você está e manda dizer que não está. Deus lhe de um feliz Natal e um próspero Ano Novo e até para o ano”; durante dez anos ela foi: insistiu, persistiu e nunca foi recebida. No décimo primeiro ano, quando ela chegou as portas que eram aquelas divisórias, que não eram transparentes, então as portas estavam aberta, ele a beijou à mão dela, pediu perdão, e ela respondeu: “não meu filho, não faça assim”. Ele disse o seguinte a senhora sabe que sou católico praticante, e ela disse: pois não si senhor, respeito todas as religiões, são boas, não tem problemas nenhum. E, ele continuou dizendo que andou conversando com um frade e disse a ele que ficava impressionado com um fato que acontecia, porque eu sei que aquela senhora é espírita e negócio de espiritismo não tinha condição de aceitar. Então, sempre digo as pessoas que atendem no escritório, para dizer que não estou, e ela sempre diz, meu filho até para o ano, feliz Natal e um próspero Ano Novo, aí o frade me disse você errou, durante estes anos todos, porque caridade não tem bandeira. (NOVAES, 2014).

Todos os eventos espíritas de caridade eram marcados, na sua grande maioria, pela presença da odontóloga. Após, a inauguração da Escola Líveo Pereira, primeira instituição espírita do estado, mantida pelo grupo espírita Irmão Fêgo, Laura Amazonas integrante da União Espírita de Sergipe, uniu toda sua força com atividades para fundar a Escola Espírita “Casa do Pequenino”, com a finalidade de evangelizar, educar e instruir, assim, sempre estando à frente das campanhas de arrecadação monetária para a construção da nova instituição que para Laura seria: “A realização não total, mas a realização de uma pensamento, de um ideal de amor, aonde manter aquelas crianças abrigadas, onde se pudesse ensinar religião a elas, acolher na educação formal e na religião”. (RAMOS, 2011). O interessante é que mesmo dizendo que o princípio para a educação espírita é justamente o não ensinamento do espiritismo nas escolas espíritas, tanto na fala da contemporânea de Laura quanto nos objetivos da escola é possível se notar a presença da religião. Agora, basta descobrir como essas crianças eram evangelizadas? E como se trabalhava religião dentro de uma escola espírita, se não for no molde da doutrina? Será que dentro da Casa do Pequenino, realmente não se ensinava o espiritismo?

A história das instituições espíritas no Estado de Sergipe se confunde com a trajetória da Dr^a. Laura Amazonas. Assim, a odontóloga, ou simplesmente Dona Laura, empenhou-se pessoalmente no complexo de Educação Espírita “Casa do Pequenino”. Para ela o importante seria educar as crianças menos favorecidas. Sonhos não envelhecem, Laura Amazonas vivenciou parte do seu desejo, pois dois anos após, a inauguração da Casa do Pequenino, veio a falecer, deixando a sua contribuição à História da Educação Espírita em Sergipe.

3.2. PRIMEIROS PASSOS DA CASA DO PEQUENINO

Apesar de uma sólida campanha por parte da Igreja Católica para a não propagação das escolas espíritas, as construções aumentavam a todo instante e o estado de Sergipe, mesmo com o jornal A Cruzada, com suas publicações para não doações em prol dessas instituições, seguiu no mesmo rumo de outras escolas espíritas do país, como se pode verificar por meio de ofício s/n, emitido pela União Espírita de Sergipe, em seis de janeiro de 1947, assinado por José Martins Peralva e enviado ao Coronel Antônio Freitas Brandão que, no momento, ocupava o cargo de Interventor Federal do Estado.

A União Espírita Sergipana, confiando no apoio do governo e povo sergipano e na cooperação indistinta de todos os brasileiros de qualquer crença religiosa, doutrinas filosóficas ou ideologias políticas resolveu encetar uma espinhosa campanha para que, anexos à sua futura sede social, sejam construídos também, um Albergue e uma Escola Primária [...]. Para esta campanha, Senhor Interventor, é que a União Espírita Sergipana, que já tem prestado relevante cooperação no setor de assistência social, nesta capital, solicita e espera de Vossa Excelência imprescindível apoio, como base inicial desta vultosa campanha. (OFÍCIO S/N 06 de JANEIRO 1947).

A União Espírita Sergipana via na construção de uma Escola a possibilidade para o preenchimento de uma lacuna existente na sociedade sergipana, com relação ao acolhimento de crianças que viviam no abandono, e, assim, iniciou uma campanha para a construção de Instituições Educativas Espíritas, tendo como fortalecimento a existência de instituições em outros estados.

Na Bahia, um único Albergue existente, Senhor Interventor Federal, e, permita-nos ressaltar ser realização espírita, mantido pelo “Instituto Kardecista da Bahia”, com sede á rua João de Deus, 6 – andar térreo –, sendo essa obra amparada pelo Governo e povo baiano. Em Maceió, além da majestosa obra que é o “Orfanato Espírita S. Domingos”, no subúrbio Mangabeiras – existe o Albergue Tereza de Jesus, funcionando á rua Barão de Maceió, 212 (antiga rua do Hospital). Isto, Senhor Cel. Freitas Brandão, sem mencionarmos as portentosas obras de assistências sociais que no Recife, no Rio, S. Paulo, Belo Horizonte e outras grandes capitais do Brasil os espíritas realizam com o pensamento desligado das convenções e interesses mundanos, pensando, tão somente, na grandeza do amor de Jesus pelos humildes e sofredores. (OFÍCIO S/N 06 de JANEIRO 1947).

Essa vontade aliada ao documento Base da doutrina, fez com que seguidores do espiritismo sergipano, juntamente com a odontóloga Laura Amazonas, em 1947 dessem início à idealização dessa nova instituição educativa e filantrópica, que passou a ganhar forma, de acordo com citação extraída do Livro de Atas da UES - União Espírita Sergipana.

[...] Pelo confrade José Gonçalves de Oliveira, foi lida a Ata da sessão extraordinária no dia 15 de março de 1947, que foi organizada para estudo e início da campanha da Sede, Albergue e Escola. [...] onde possa funcionar uma creche, uma escola e um gabinete médico [...] (Livro de Atas nº III, 02.06.1947 a 29.02.1964, p. 23).

A princípio a instituição foi denominada “Casa do Pequeno Pobre”. Os espíritas sergipanos queriam acolher os que tinham sede e os que tinham fome, pois pensavam que dando-lhes educação a situação de desamparo mudaria. Mas, para isso, era preciso construir

instituições, e essas também foram construídas da mesma maneira, sempre ao lado de um centro espírita. Por isso, pode-se dizer que a doutrina espírita sergipana, não diferente do movimento no Brasil, via a educação da criança pobre como fundamental, e deu início à construção de orfanatos e escolas. Assim, desempenharam um papel marcante com o auxílio à infância pobre: “a formação de centros que vão gradativamente se institucionalizando como forma de viabilizar, inclusive, o trabalho assistencialista que se constituiu num elemento forte da prática espírita”. (MENEZES, p. 63). Além da União Espírita Sergipana com a Casa do Pequenino, “Lar Meimei e Escola Amélie Boudet”, outros grupos também assumiram as obras assistenciais⁸⁴. Apenas no ano de 1949 o desejo dos integrantes da União Espírita Sergipana para a edificação da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino” ganha impulso, após doação do terreno que media 650m² pela benemérita Laura Amazonas.

[...] O confrade Francisco Oliva, com a palavra, fala em organizar a comissão que se encarregará do assentamento da primeira pedra da “Casa do Pequenino Pobre”, no dia 25 deste, ficando deliberado ser a mesma anterior (Laura Amazonas, Neide Mesquita, Augusto Pinho, Élson Fontes e José Martins) e mais os irmãos Francisco Oliva e José Francisco da Silva. (LIVRO DE ATAS nº III de 02.06.1947 a 29.02.1964, p. 37).

No Brasil uma das práticas comum, desde da implantação das Escolas Espíritas conduzidas por Anália Franco, era o recebimento de doações que vinham tanto do poder público, como de particulares. Essa medida segundo Pilotti (1995, p.35), significa dizer que a responsabilidade de oferecer abrigo para os mais necessitados seguia, em grande parte, nas mãos de grupos religiosos, que recebiam fundos complementares, assim como doações de terrenos e imóveis antigos, de fontes governamentais e filantrópicas. Na imagem a seguir percebe-se que a União Espírita de Sergipe, também recebeu essas doações.

⁸⁴ O Centro Espírita Amor e Caridade administrava, no seu núcleo educacional, a Escola Primária Professora Zizinha Guimarães, localizada à Rua Riachão, nº 1270, bairro Cirurgia, fundada em 17 de abril do ano de 1966, que manteve suas atividades até o ano de 2010, porém foi apenas escola; dentro do seu complexo não houve a prática de asilar menores. O Grupo Espírita Irmão Fêgo manteve a Escola Primária Líveo Pereira e o Orfanato Nosso Lar, localizado à Rua Vereador João Claro, antiga rua Sergipe do Bairro Aribé, atual Siqueira Campos. Teve sua pedra fundamental assentada em 1946, porém sendo fundada em 1948. A princípio a escola funcionou com o apoio da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, sendo aí implantada a escola noturna de alfabetização; logo depois a escola primária e o orfanato, encerrando suas atividades no decorrer de 1990. E o Centro Espírita Caminho da Redenção manteve a Escola Major Vianna de Carvalho; desta última não foram encontradas informações sobre implantação e término da escola. Os centros espíritas desenvolveram grandes obras de caridades, porém nem todas tiveram vida longa; principalmente, porque sobreviviam de doações e subvenções, muitas das vezes incertas, o que dificultava a sobrevivências das crianças dentro dessas instituições. Esse foi um dos fatores que contribuiu para o fechamento das outras escolas espíritas do estado de Sergipe.

Figura 8 – Desembargador Hunald Santa Flor Cardoso e Laura Amazonas doaram terrenos para a UES

Declarações.
 O prezadíssimo confrade Presidente confiou-me por
 nimia gentileza, a custódia dos seguintes documen-
 tos patrimoniais da nossa sociedade: —
 198 apolices da dívida pública do Estado doadas ao
 nosso sodalicio, em condições especificadas; es-
 crituras do terreno doado pela nossa alienagada con-
 freia D^{na} Laura Amazonas, que também nos doou
 as apolices; as escrituras de um terreno, a título pra-
 cário, doado pelo Desembargador Hunald Santa Flor Car-
 doso, quando da sua intervenção e a escritura
 da casa sede do sodalicio.
 Com humildade e fraternidade abrange a todos os
 companheiros de Ideal a Santa Paz de Jesus.
 Leva-se o presente officio e seja arquivado na Secretaria
 como documento. Inscreva-se esta ata presente as
 sugestões e informações contidas neste.
 Lemão em Cristo-Jesus
 Deusdedit-Tanti
 Orador Oficial
 Aracaju, 14 de Novembro de 1947.

Ano: 1947. Acervo – Casa do Pequenino.

Embora, tivesse sido determinada a construção de escolas espíritas, ao lado dos centros espíritas, esses nem sempre dispunham de espaços, ficando, muitas vezes, no aguardo de uma ação de caridade, envolvendo a doação de terrenos, para a construção de escolas. Assim, de acordo com Lima, a odontóloga, fizera a cessão do terreno porque:

[...] Ela com o conhecimento e entendimento da Doutrina Espírita, é claro que achou por bem, que aqueles bem dela nas mãos de quem ela entregou, para se tornar um abrigo, uma casa de crianças menos favorecidas a deixava feliz, realizada, então se ela fez isso, foi pelo entendimento dela de doação, era uma coisa muito presente nela, e a gente sabe disso, que ela teve muitos gestos de pessoas a quem ela estendia a mão, sem fazer alarde, mas que ela percebia e chegava. Então, é isso os bens dela materiais, ela preferiu reverter em doações para pessoas menos favorecidas; a quem ela acreditava que iria fazer um bom uso [...]. Naquela época, o orfanato era uma salvação para as crianças que não tinham famílias. Então, ela fazia, digo mais ainda, praticando o que ela concebia, como sempre a caridade. (LIMA, 2014).

Assim, em 25 de dezembro de 1949, aconteceria a cerimônia de assentamento da pedra inaugural da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, instituída pela União Espírita

de Sergipe, após doação do terreno, conforme se lê no Livro de Atas do Lançamento da Pedra e Outras Inaugurações:

Aos vinte e cinco dias do mez de Dezembro do ano de mil novecentos e quarenta e nove, da era cristã, às nove horas, no terreno baldio, sito a rua N. Senhora da Glória, entre à rua Duque de Caxias e Av. Augusto Maynard, terreno este, medindo 23m80cm de largura 24m10cm. de comprimento [...] lavrado por escritura pública pela Exm^a. Doutora Laura Amazonas, à União Espírita Sergipana [...] Foi dito pelo cidadão Francisco Oliva que a presente reunião tinha como objetivo lançar a primeira pedra da “Casa do Pequenino Pobre”. (LIVRO DE ATAS – 05.12.49 a 23.12.1988, p. 1).

Dessa forma era iniciada a construção da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, que compreendia a Escola Amélie Boudet e o Lar Meimei. A primeira desenvolveria as funções de pré-escolar e curso primário; e o segundo, o orfanato, que promoveria o atendimento a crianças carentes e abandonadas. No entanto, o início da construção não se deu de imediato, tendo em vista problemas na planta baixa, conforme se lê na Ata nº 41, de 25 de fevereiro do ano de 1950.

O presidente esclareceu que, em virtude da planta da “Casa do Pequenino Pobre” não achar-se de acordo com as necessidades do momento, não poderá dar começo às obras da referida Construção. Informa, entretanto, que está tratando de uma nova planta de acordo com as mediações da Legião e Saúde Pública. (LIVRO DE ATAS nº. III 02.06.1947 a 29.02.1964, p. 39).

Em junho de 1950 é que se voltava a pensar na possibilidade de iniciar a construção da Casa do Pequenino, tendo em vista a isenção da taxa de licença para construção, concedida pela Prefeitura. De acordo com Oliva (1950), “dentro de poucos dias daria início à construção da Casa do Pequenino Pobre, posto que a planta achava-se devidamente despachada pela Prefeitura e assinada pelo construtor Dr. Clóvis Mozart Teixeira”, problema resolvido as obras poderiam ser iniciadas. Porém, havia outro obstáculo: a ausência de verba financeira. Assim foi preciso a consumação de muitas campanhas destinadas à construção da Escola Espírita “Casa do Pequenino”. Mesmo com a doação do terreno, fazia-se necessários recursos financeiros para a referida obra.

Os integrantes da União Espírita de Sergipe defendiam que se proporcionasse o mínimo de educação e instrução às crianças carentes, além de protegê-las, já que essas pertenciam geralmente a famílias sem perspectivas de vida. O que, para Schueller (2001, p.163),

referente a condição de pobreza, assistir e proteger a infância pobre seriam ações fundamentais para o alcance de objetivo comum; nesse caso, a UES estaria possibilitando um futuro diferente aos órfãos. E, era o pensamento de um futuro diferenciado para aquelas crianças que impulsionava os membros da União Espírita Sergipana, e fazia com que eles não desanimassem e saíssem em busca de capital. Esse foi um dos motivos pelo qual a doutora Laura Amazonas, além de doar o terreno sempre estivera à frente das campanhas para a edificação da Casa do Pequenino.

A União Espírita Sergipana, veterana nas atividades Evangélicas em nossa Capital, vem ativamente emprestando todos os esforços no sentido de concretizar um dos seus grandes anseios que é construir a “Casa do Pequenino”. Segundo estamos informados, dentro de poucos dias será dado início a essa extraordinária obra de caridade Cristã, pelo qual vem se empenhando ativamente as diretoras dessa Instituição, notadamente a nossa confrade D. Neide Mesquita e Dr^a. Laura Amazonas. (JUVENIL ESPÍRITA, 1951, p. 2)

As escolas espíritas sempre foram construídas com o auxílio da comunidade e com doações diversas, até porque, as subvenções não supririam o atendimento a todas as necessidades, ao ponto de serem consideradas por Isidoro Duarte, durante sua visita às instituições educativas espíritas na cidade de Cachoeira Paulista, como insuficientes. Por isso ele afirma que:

O Estado entra com muito pouco no auxílio às obras espíritas. Em 1955 a subvenção federal foi 2.000 cruzeiros; a estadual de 10.000 e a municipal de 1.000. Uma ninharia. Mercê de fortes deligências houve subvenção federal extraordinária de 95,000 cruzeiros que permitiu a ampliação de obras. (SANTOS, 1960, p. 210).

A consolidação dessas obras se deu com muita dificuldade, nem sempre podiam contar com o auxílio do poder público, mesmo fazendo o papel que estaria designado a esse. Mas se os recursos não viam do lado do governo, era preciso criar maneiras para essa arrecadação, e a arte através das apresentações artísticas, era a solução. Essa era uma das formas utilizadas pelos espíritas para angariar recursos. A educadora Anália Franco, para manter as escolas que conduzia, criou o Grupo Dramático Musical do Asilo e Creche da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva do Estado de São Paulo⁸⁵, formado por internas. Esse grupo passou a

⁸⁵ O grupo musical nos seus oito anos de atividades, visitou as seguintes cidades: Jundiaí, Rio Claro, Piracicaba, São Carlos, Araraquara, Jaboticabal, Barretos, Bebedouro, Matão, Pontal, Rincão, Dobrada, Viradouro,

fazer viagens, principalmente pelo estado de São Paulo, para se apresentar em público buscando recursos para a manutenção das obras sociais e educacionais mantida pela espírita Anália Franco.

Modelos como esses podem ter influenciado a odontóloga Laura Amazonas e a educadora Neyde Mesquita, que durante o ano de 1951 perceberam que não podiam aguardar pelas subvenções. Assim, passam a se movimentar com inúmeras atividades para a arrecadação de subsídio que auxiliariam na construção da instituição. Eram realizadas quermesses na Praça Olímpio Campos, já no período das comemorações natalinas que acontecia na Praça Teófilo Dantas. As pessoas que iam àquele local, além do “Carrossel do Tobias”⁸⁶, poderiam conhecer um pouco da arte culinária do país, pois a União Espírita⁸⁷, montava uma tenda com aspectos culturais: havia toda uma preocupação, desde a ornamentação do ambiente ao uniforme das meninas que faziam parte da Mocidade Espírita Sergipana⁸⁸, jovens essas que cooperavam nos serviços da Tenda.

Toda a renda arrecada no evento era repassada às mãos da tesoureira da Casa do Pequenino, a benemérita Laura Amazonas que, às vezes, revertia de imediato em materiais para a construção do prédio. Outras enviavam o numerário para depósito na conta da Casa do Pequenino Pobre – Obras Sociais da União Espírita Sergipana, nas instituições financeiras Bancos Rezende Leite S/A ou Casa Bancária Freire Silveira e Cia. Ltda.

Dourados, Agudos, Bauru, Ribeirão Bonito, Ribeirão Preto, Casa Branca, São José do Rio Pardo, São José do Rio Preto, Taquaritinga, Jáu, Pederneiras, Dois Córregos, Mineiros do Tietê, Bariri, Sales de Oliveira, Fernando Prestes, São Simão, Santa Adélia, São João da Ariranha, Guataporã, Vila Americana, Capivari, Rio das Pedras, Itapólis, Igarapava, Ibatinga, Brodóqui, Vila Bonfim, Limeira, São Manoel do Paraíso, Nuporanga, São Joaquim, Jardinópolis, Franca, Batatais, São João da Boa Vista. Todas estas cidades fazem parte do estado de São Paulo, mas o grupo também se apresentou no sul de Minas Gerais e no Triângulo Mineiro nas cidades de: Uberaba, Uberabinha, Araguari, Guaranésia, Guaxupé, Monte Santo, Muzambinho, Poços de Caldas, Sacramento e Cidade da Prata. Além da arrecadação de fundos, a educadora também pretendia em cada cidade visitada pela banda instalar filiais das escolas e asilos mantidos pela Associação.

⁸⁶ O carrossel do Tobias era um boneco preto que girava a cabeça quando estava em movimento, e era a atração das feirinhas de natal da cidade de Aracaju durante as décadas de 50 à 80 do Século XX. Melins explica que “sobre sua grande plataforma circular móvel, instalavam-se os lindos cavalos com aparência de fogosos corcéis a subirem e descenderem nos seus galopes, graças a engrenagens mecânicas. As parelhas de cavalos e éguas, puxavam lindas carruagens dotadas de poltronas imponentes, coloridas e confortáveis, lugares apropriados para as madames que levavam seus filhos no colo, ou para as senhoras tímidas. Até os primeiros anos da década de 40, o Carrossel era movido a vapor, dotado de enorme caldeira e uma chaminé que lançava ao ar, fagulhas, que vistas à noite, pareciam minúsculos pirilampos que se desfaziam em fuligens, pontilhando as roupas brancas tão em moda na época”. Conferir: MELINS, Murillo. **Aracaju Romântica que vi e vivi: Anos 40 e 50**. 3ª ed., Aracaju: Unit, 2007, p. 6.

⁸⁷ A educadora Neyde Mesquita ficava à frente dos trabalhos conduzidos na Tenda.

⁸⁸ A Mocidade Espírita Sergipana, grupo este que visava entre outros pontos, a socialização do espiritismo por meio de movimentos de confraternização, doutrinação do Evangelho de Cristo, tinha como fundamento atrair a juventude transmitindo-lhe consciência religiosa espírita. Foi fundada em 23 de novembro de 1946, inicialmente como dependência da União Espírita Sergipana, porém em 8 de julho de 1947 recebeu sua autonomia, quando então, se tornou pessoa jurídica a 28 de outubro do mesmo ano.

Figura 09 – Mocidade Espírita no Parque Teófilo Dantas, durante a Feira de Natal



Ano: 1951. Acervo - Maurilurdes Ramos.

As realizações das quermesses, e o que era arrecadado na tenda não cobriam todas as despesas necessárias para a construção da Casa do Pequenino. Era preciso uma ação em que o retorno fosse de imediato, então, foi pensado em um espetáculo de teatro prevendo que o valor arrecadado com a temporada seria maior do que o angariado e outros eventos, além de servir como divertimento para a sociedade, levando-se em consideração que, nos anos 50:

Aracaju, costumeiramente silenciava e adormecia após as 22 horas, com o encerramento das sessões dos cinemas, das retretas e o recolhimento dos bondes. Apenas alguns seresteiros e outros noctívagos que procurava a zona da boemia, os operários que demandavam as fábricas ou o guarda noturno com seu apito, quebravam o silêncio das noites. (MELINS, 2007, p. 149).

O dia a dia na cidade era pacato e a rotina da sociedade, apenas mudava nos períodos da feira de natal, nas comemorações de carnaval, no ciclo junino, nas quermesses e quando os circos apontavam na região para suas temporadas, servindo de divertimento para a sociedade.

Então, montar o espetáculo alteraria a rotina da cidade, e angariaria fundos para a construção da referida escola.

3.3. TAPETE MÁGICO: FECHAM-SE AS CORTINAS

O Tapete Mágico começou a ser pensando pela professora Neyde de Albuquerque Mesquita, já que era preciso conseguir recursos para colocar em ação a construção da Escola Espírita “Casa do Pequenino”. Segundo Ramos (2011), a necessidade da captação de recurso era preciso porque, para construir fora doado o terreno, mas precisavam dos materiais para construção. Então, o que aconteceu: os homens pensaram e Dona Neide, Dona Laura, as mulheres mais destemidas executaram. E, porque não o espetáculo? Assim, em uma determinada noite, sentada à varanda de sua casa, ao observar crianças brincando, a professora Neyde Mesquita construiu o seu pensar em torno:

De uma roda de crianças, alegres e inocentes, chegava aos meus ouvidos, uma algazarra brejeira e pueril, o éco de histórias encantadas. Lembrei-me então de outras criancinhas que também poderiam reproduzir as imorredouras e inconfundíveis aventuras de fadas e de gênios, mas, que as necessidades de alimentar-se e vestir-se, a falta de amparo e de aconchego materno, por razões várias, e muitas vezes à falta de tudo que significa conforto e carinho impediam que fossem crianças e se tornassem apenas seres vegetativos, como que esquecidas de Deus, sem a felicidade de conhecer um Lar. (PROGRAMA DO ESPETÁCULO TAPETE MÁGICO, s.n.t, 1951, p. 3).

De acordo com Neyde Mesquita meio que um sonho “ao escutar as vozinha infantil que exagerava os poderes mágicos de gênio da lâmpada maravilhosa, desejei que esse gênio se transportasse até nós, transformando as necessidades em conforto, as lágrimas em risos, a fome em fartura, a tristeza em alegria, enfim, os espinhos em flores”. (Albuquerque, 1951). Dessa maneira surgia a ideia de montar um espetáculo de teatro.

O “TAPETE MÁGICO” que transportará o leitor amigo a diferentes regiões, proporcionando-lhe num momento de diversão e oportunidade de fazer o bem, proporcionando-lhe meios para auxiliar criancinhas desamparadas botões que ao desabrochar agradecerão comovidas a cooperação que destes ao empreendimento que ora movimentamos ao mesmo tempo que oferecemos às adolescentes, oportunidades de tomarem contacto mais direto com a arte, praticando a mais pura das artes – a caridade – que pendurará por todos os tempos. (PROGRAMA DO ESPETÁCULO TAPETE MÁGICO, s.n.t, 1951, p. 3).

No mesmo ano a educadora Neyde Mesquita, juntamente com Nilita Nascimento, Wanda Teles, Heitor Dias Teles⁸⁹ e Laura Amazonas resolveram investir na montagem do espetáculo Tapete Mágico que “levaria os espectadores a uma viagem aos diversos países do mundo, mostrando em quadros seus costumes, danças e músicas, viajando em um tapete mágico, como as histórias contadas nas páginas famosas de Mil e uma Noites”. (MELLINS, 2007, p. 153) . Coube à Dra. Laura Amazonas incumbir-se de convencer personalidades da sociedade sergipana a prestigiar o espetáculo, assim como, os pais dos componentes da peça teatral a permitir, que seus filhos fizessem parte da encenação.

Dona Neide Mesquita, com o apoio dela e de outras senhoras, fizeram um teatro (sic) “O Tapete Mágico”. Eu fui artista do Tapete Mágico, foi, com a intervenção dela junto ao meu pai. O Tapete Mágico se apresentou em 1951, no Cine Teatro Rio Branco em quatro apresentações, toda de casa lotada. Dra. Laura tentava conscientizar as famílias para permitir que suas filhas participassem em face da finalidade da peça. (OLIVEIRA apud. GOMES e VASCONCELOS, 2008, p.13).

Para a realização do espetáculo foi preciso convocar dezenas de rapazes e moças da sociedade aracajuana, principalmente os que tinham uma certa desenvoltura artística, como Aglaé Fontes Alencar⁹⁰, além de jovens da Mocidade Espírita, que após a concordância de seus pais, passaram a frequentar as residências de Neyde Mesquita e de Nilita Nascimento para os ensaios. Depois de alguns meses de preparação o espetáculo estava organizado para iniciar a temporada e as divulgações foram iniciadas, como podemos observar o anúncio realizado na seção Notícias e Comentários do Sergipe Jornal:

A entrada da primavera este ano vai ser festivamente comemorada. Aracaju assistirá a uma autêntica parada de arte, de elegância e de bom gosto, num show alegre [...] no “Tapete Mágico” que está sendo organizado por madame Neyde Albuquerque Mesquita. Que venha logo o “Tapete Mágico”, para dissipar, um pouco, esse contagiante spleen aracajuano. (SERGIPE JORNAL, 5 de julho, 1951, p.1)

⁸⁹ A professora Neyde Mesquita, após compor a linha mestra do espetáculo, passou para Heitor Teles, funcionário do Instituto dos Bancários, a responsabilidade de fazer a produção, cabendo a ele, também, a interlocução junto à Igreja Católica para a realização do musical.

⁹⁰ Nasceu na cidade de Lagarto, estado de Sergipe. Morou em várias outras cidades, devido à profissão do seu pai que era funcionário público federal. Estudos anteriores apontam que uma das grandes paixões, da educadora, seria lencionar ao ponto de afirmar: “que se tivesse de nascer outra vez, gostaria de continuar professora. Escritora, historiadora e folclorista; integrante do Instituto Histórico Geográfica de Sergipe, Membro da Academia Sergipana de Letras. Nos finais dos anos 50 cria uma escola de música em Aracaju, contribuindo para o ingresso de jovens na vida artística. Música e teatro são os pilares da educadora, que mesmo aposentada, continuou em atividade. A maioria dos seus textos versam em torno das manifestações folclóricas de Sergipe. Atualmente é diretora do Centro de Cultura de Aracaju.

Todo um trabalho de divulgação, foi feito para que a sociedade aracajuana, pudesse prestigiar a encenação, não levando em consideração que eram os idealizadores. Assim, no mesmo jornal era publicado outra nota, no dia 03 de setembro, com o seguinte texto: Importante “avisamos a sociedade Aracajuana que os lugares numerados para o “Tapete Mágico” já estão sendo reservados, podendo ser procurados com Nilita Nascimento e Neyde Mesquita. (SERGIPE JORNAL, 1951, p. 4a).

Figura 10 - Folhetim de divulgação



Ano: 1951. Acervo - Autora.

No dia 12 de setembro outra nota era publicada: “no próximo dia 21, no Cine Teatro Rio Branco, será exibida a interessante revista musical ‘Tapete Mágico’. Esse festival artístico tem por finalidade angariar donativos para a obra de assistência à criança pobre de Sergipe”. (SERGIPE JORNAL, 1951, p. 2a). Todo esse trabalho era feito porque o que se pretendia era levar a população ao espetáculo e lotar o cine teatro, e com a renda arrecadada construir a Escola Espírita “Casa do Pequenino”, e implantar os serviços de assistência à criança pobre.

Porém, Laura Amazonas e Neyde Mesquita não imaginavam que o espetáculo se tornaria alvo de críticas, passando de uma ação de caridade para um ato de intolerância religiosa. Quando a divulgação do evento começou a circular na cidade de Aracaju, logo fizeram uma ligação das pessoas que estavam à frente do espetáculo com a religiosidade que professavam. Assim, para a igreja católica ficava claro que um grupo de seguidores da Doutrina Espírita estaria se movimentando para a montagem de um espetáculo de teatro, e a renda desse seria destinada a uma escola espírita. O que se viu na imprensa sergipana, durante alguns meses, foram críticas produzidas em forma de artigos e publicados no jornal *A Cruzada*, este, fundado pelo primeiro Bispo da Diocese, Dom José Thomaz Gomes da Silva, durante o ano de 1918, depois da realização de um retiro espiritual dos diocesanos, quando perceberam a necessidade de implantarem um jornal para propagar os ensinamentos da religião católica, uma vez que suas oficinas e a administração funcionavam nas dependências do Seminário Diocesano Aracajuano. Estiveram à frente da direção o Monsenhor Aldaberto Sobral, desempenhando a função de redator-gerente o cônego Floduardo de Brito⁹¹; tendo como redator o padre Solano Dantas.

Esse jornal teve sua primeira edição publicada em 2 de junho de 1918, como “*Orgam Official da Diocese*”⁹², com o objetivo de conduzir os católicos sergipanos e transmitir os ensinamentos de uma moral, ou seja, fazer brilhar a luz de cristo nos lares católicos; considerava-se o porta-voz da ordem e da verdade. (ANJOS, 2006). Foi desativado em um período de crise, reaparecendo durante o ano de 1935. E, em defesa da “verdade” a administração do jornal, trouxe para debate, temas e questões que considerava importante, dentre eles a não propagação de outras religiões. Essa ação “determinava tanto a natureza, a forma e a força das estratégias que estas instâncias poderá colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos” (BOURDIEU, 2011, p. 57), assim não economizavam tempo para a realização de críticas, contra os grupos religiosos que vinham crescendo no Estado, principalmente o espiritismo, o protestantismo e a maçonaria⁹³.

⁹¹ Nasceu em 1892, em Aracaju, filho de Corolino Jardim Fontes e Maria de Britos Fontes. Estudou no Seminário de Maceió, de onde se transferiu, em 1913, para o Seminário Sagrado Coração de Jesus em Aracaju, onde se ordenou em 1914. Exerceu, na Diocese de Aracaju, os cargos de vice-reitor (1915), diretor espiritual (1917 – 1921) e professor, entre outros cargos. Foi secretário da Obra da Boa Imprensa e redator-chefe de “*A Cruzada*”, em que escreveu alguns textos sob o pseudônimo de “Luiz Tarcísio”. Conferir: BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. 2004, p.103.

⁹² Conferir: *A CRUZADA*, n. 01, ano I, 1918, p.1.

⁹³ Nas explicações de Nascimento, “a Maçonaria é, um movimento filosófico, educativo filantrópico e progressista que adota a investigação da verdade, em regime de plena liberdade, assim é uma sociedade formada por livres pensadores, amantes da cultura moral. Não podendo ser considerada como uma seita religiosa, mas como uma supra religião, pois aceita no seu bojo, cristãos, judeus, mulçumanos, budistas e qualquer homem de

Quadro 1: Distribuição da população segundo a religião nas décadas de 1940 e 1950 em Sergipe

Credo Religioso	Adeptos Credos Religiosos (1940)	Adeptos Credos Religiosos (1950)
Católicos	537.698	630.081
Protestantes	3.240	6.825
Espíritas	457	2.184
Outras religiões	568	4.556

Fonte: ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. A presença missionária Norte-Americana no Educandário Americano Batista. São Cristóvão, 2006.

No ano de 1947, em 14 de setembro, durante reunião da União Espírita de Sergipe⁹⁴, foi apresentado aos membros da instituição, o quadro de associados, que nesse período já contava, com 108 integrantes. Claro que este somatório se refere apenas à UES, porém no estado haviam outros grupos espíritas, contribuindo para a confirmação do crescimento da nova doutrina na sociedade sergipana.

Quadro 2: Mulheres Associadas à União Espírita de Sergipe

Sócias da União Espírita de Sergipe (1947)		
Nº	Associado	Endereço
01	Alzira Regis	Av. Simeão Sobral, 542
02	Amélia Alves	Rua Laranjeiras, 841
03	Benilde Dias Vieira	Trapiche Entrepasto
04	Dalva Bomfim	-----
05	Debora Costa Wynne	Av. Barão de Maruim, 742
06	Edeltrudes Araújo Oliveira	Av. Barão de Maruim, s/n
07	Joana Fontes Nunes	Hotel Comercial
08	Jupira Silveira Peralva	-----
09	Dr ^a . Laura Amazonas	Rua Itabaiana, 164
10	Lindalia Barreto	Rua Laranjeiras, 856
11	Maria Antonieta de Carvalho	Rua Itaporanga, 82
12	Maria dos Prazeres Silva	-----
13	Maria José Móta	Rua Geru, 207
14	Maria Lúcia da Silva	Rua Simão Dias, 104
15	Nair Azevedo Fontes	Agência Crisler
16	Neyde Albuquerque Mesquita	Rua Estância, 675
17	Raquelina Goes	Rua Laranjeiras, 472
18	Zuleika Marques Fontes	Rua Pacatuba, 61

Fonte: Relação dos Associados à União Espírita de Sergipe (1947). Arquivo Casa do Pequeno.

fê. O termo Maçonaria simbolicamente representa a construção”. Conferir: NASCIMENTO, José Anderson. **A contribuição da maçonaria para a prática educativa em Aracaju (1970-1980)**. São Cristóvão. Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2010 (Dissertação de Mestrado).

⁹⁴ A União Espírita de Sergipe, se reunia a cada primeiro domingo do mês de outubro, de acordo com o 4º artigo do seu Estatuto, para realização de eleição, em que seriam ocupados os seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro, Conselho Fiscal e Suplência; os demais cargos, ficava sob responsabilidade do Presidente em fazer a nomeação.

Quadro 3: Homens Associados à União Espírita de Sergipe

Sócios da União Espírita de Sergipe (1947)			
Nº	Associado	Profissão	Endereço
01	Alfredo Leão Mendonça	Comerciante	Rua Santa Rosa, 27
02	Alcino Melo	-	Travessa Municipal s/n
03	Alvaro Garcez	-	Rua Itaporanga, 49
04	Alvino Cardoso	-	Casa Vivinha
05	Antônio Fernandes Barbosa	-	Armazém Dois de Julho
06	Antônio Grossi Missano	Comerciante	Empresa Fontes Irmãos & Cia
07	Antônio Rodrigues	-	Farmácia Ipiranga
08	Áureo Freire	-	Rua Capela, 40
09	Austelino Rocha	Comerciante	Casa Rochedo
10	Benigno Melo	-	Casa Zenit
11	Braulio Costa	Médico	Prefeitura
12	Camilo Calazans	Cormeciante	Rua João Pessoa, 208
13	Dr. Celso Oliva	Dentista	Rua São Cristóvão, 302
14	Cid Leão Mendonça	Comerciante	Rua Capela s/n
15	Deusdedit Fontes	Comerciante	Rua Pacatuba, 61
16	Francisco D'Almeida Barreto	-	Rua Laranjeiras, 856
17	Francisco Nascimento Portugal	Professor	Camerino, 290
18	Francisco Teles Barreto	-	Rua João Pessoa, s/n
19	Gaspar Fontes	Comerciante	Empresa Fontes Irmãos & Cia
20	Heriberto Correia Cerqueira	-	Rua Santa Rosa, 10
21	João Rezende	-	Rua Laranjeira, 21
22	João Ávila Boaventura	-	EPANS
23	João de Lucas	-	Av. João Ribeiro, 1260
24	João Figueiredo Melo	Comerciante	Empresa Fontes Irmãos & Cia
25	Dr. Job Lins de Carvalho	Médico	-
26	José Albuquerque Feijó	Músico	Prefeitura
27	José de Oliveira Sá	-	Rua Santa Luzia, s/n
28	José Elson Fontes	Comerciante	Agência Crisler
29	José Ferreira da Silva	-	Rua Vitória, 509
30	José Freiras Andrade	-	Rua Laranjeiras, 781
31	José Gonçalves de Oliveira	-	Rua Santa Rosa, 28
32	Leovigildo Goes	Comerciante	Agência do Loide
33	Manoel Coelho Cruz	-	Salvador – Bahia
34	Manoel Rolemberg Aguiar	-	-
35	Mário Passos	-	Av. Simeão Sobral, 762
36	Nelson Mascarenhas	-	Rua São Cristóvão, 40
37	Pedro Souza Resende	-	Agências de Jornais
38	Rabid Abud	-	Rua Laranjeiras, s/n
39	Sérgio Nogueira	-	Rua Nobre Lacerda
40	Simião Aguiar	-	Empresa Aguiar & Irmão
41	Wilson Wynne da Mota	-	Rua Geru, 207

Fonte: Relação dos Associados à União Espírita de Sergipe (1947). Arquivo Casa do Pequeno.

Quadro 4: Homens Associados à União Espírita de Sergipe

Sócios da União Espírita de Sergipe (1947)			
Nº	Associado	Profissão	Endereço
01	Aderbal Fontes Goes	-	Rua São Cristóvão, 473
02	Adolfo Silva França	-	Rua Laranjeiras, 367
03	Alfredo Gomes	Escritor e jornalista	Alfandega
04	Anísio Azevedo	-	Recebedoria Estadual
05	Antônio Carlos Borges	-	Bar Apolo
06	Antônio Conrado Dantas	Funcionário Público	Prefeitura
07	Antônio Oliveira Lima	-	Rua Geru, 205
08	Antônio Oliveira Silva	Funcionário Público	Alfandega
09	Antonio Vieira Goes	-	Escritório Mercado
10	Augusto Francisco Mélo	-	Travessa Municipal, s/n
11	Aureo Ozorio de Matos	Funcionário Público	Imposto de Renda
12	Carlos Correia de Araujo	Funcionário Público	Tesouro Estadual
13	Damião Mendonça	Militar	C. Recrutamento
14	Daniel Monteiro de Jesus	-	I.A.P.C
15	Francisco Oliva	-	Av. Simeão Sobral, 629
16	Honório Alves	-	Rua Santo Amaro, 207
17	Ivo Soares dos Santos	-	Rua Capela, 447
18	Jamil Chadud	Empresário	Rio de Janeiro
19	Joaquim Moreira	-	Rua João Pessoa, 266
20	Joaquim Nunes de Oliveira	Empresário (Hotel Comercial)	Hotel Comercial
21	Joaquim Sinfrônio da Silveira	-	I.A.P. Comerciais
22	José Ouro	Funcionário Público	Recebedoria Estadual
23	José Adelson Mélo	-	Rua Dom Quirino, 320
24	José Antônio Dias	-	Rua Lagarto, 653
25	José C. Barreto	-	Rua Santa Rosa, 55
26	José Fontes Cardoso	-	Rua Santo Amaro, s/n
27	José Martins Peralva	Funcionário Público	Prefeitura
28	José Mesquita Neto	Comerciante	Rua Estância, 675
29	José Rodrigues Lima	-	Rua Divina Pastora, s/n
30	José Smith	-	Av. Pedro Calazans, 1028
31	José Wagner dos Santos	-	Correios
32	Leopoldo Correia Paes	-	Escola Normal
33	Manoel Timóteo dos Santos	-	Rua Laranjeiras, s/n
34	Marcelino Morato	-	Rua Nobre Lacerda, 730
35	Mario Xavier e Oliveira	-	Palácio da Justiça
36	Murcio Carvalho Andrade	-	Farmácia Santa Cruz
37	Nilo Calazans de Menezes	-	Areia Branca
38	Odilon Soares de Mélo	-	Banco Prado Vasconcelos
39	Orlando Menezes Silveira	-	Rua Santa Rosa, 33
40	Pedro Araujo Barros	-	Rua Itabaianinha, 573
41	Pedro Bastos	-	Instituto do Alcool
42	Dr. Rooswelt Cardoso de Menezes	-	Rua Siriri, 866
43	Virgílio Pereira Rios	-	Rua Simeão Dias, 109
44	Waldemar Francisco dos Santos	-	Rua Laranjeiras, 1251
45	Waldomiro Teófilo dos Santos	-	Polícia

46	Walfrido Resende	-	Teixeira Chaves & Cia
47	Walter A. Ferreira Batista	-	Banco Sul America
48	Walter d' Almeida Barreto	-	Rua Laranjeiras, 856
49	Walter Oliveira Mesquita	-	Rua Laranjeiras, 734

Fonte: Relação Associados União Espírita de Sergipe (1947). Arquivo Casa do Pequeno.

A relação de sócios da União Espírita de Sergipe⁹⁵ mostrou que a composição da instituição era formada por ambos os sexos, porém a maior representação era masculina; os associados da União exerciam as seguintes profissões: funcionários públicos, médicos, comerciantes, afirmando o que acontecia em outros estados do país, em que a maioria dos adeptos da doutrina eram pessoas com um nível de instrução elevado e profissionais liberais que faziam parte de um grupo mais distinto da sociedade: “o espiritismo difundiu-se entre profissionais liberais e pessoas da classe média dos Centros Urbanos porque exigia leitura e instrução”. (CAMURÇA, 2002). Com isso, pode-se constatar, quando da análise da coluna dos endereços, que, com exceção de dois integrantes não residentes no Estado, os demais moravam na região do centro, localidade essa ocupada, nas décadas de 40, 50 e 60, por uma camada nobre da sociedade sergipana.

Não se pode negar, que o número de adeptos do espiritismo demonstrou crescimento durante as duas décadas, porém esse número não se aproximou do total de católicos existentes no Estado, mas mesmo assim, assustou o clero. E o órgão da imprensa que representava o catolicismo na nossa sociedade tentava chamar a atenção da mesma que, na sua grande maioria, era formada por católicos; alertava em seu editorial, para que não colaborasse, de forma alguma, com o evento que vinha sendo organizado pelos espíritas.

Recebemos uma consulta sobre o anunciado festival “Tapete Mágico”. Como hoje não aparece a seção “Consultório” trataremos aqui do assunto. Perguntam-nos se é lícito colaborar com o referido festival, uma vez que ele se destina a obras espíritas, embora inclua também o SAME entre os contemplados com a distribuição da renda. Bem. É preciso averiguar mesmo este assunto de que a renda vai reverter para obras espíritas, sobre o qual já ouvimos também falar, mas não podemos informar, por enquanto, com absoluta certeza. Ser for verdade, quem for realmente católico não pode cooperar, pois a cooperação como erro, sob qualquer disfarce em que se oculte, é sempre vedada a qualquer católico. A inclusão do SAME, no caso não ajuda nada. (A CRUZADA, 16 de setembro 1951, p.1a). (Grifo nosso).

⁹⁵ Estudando a relação de Associados da UES, verificou-se a representação de alguns deles para a sociedade sergipana, ao ponto de terem seus nomes em ruas das cidade de Aracaju: Anísio Azevedo, Camilo Calazans, Celso Oliva, Deusdedit Fontes, José Mesquita Neto; outros receberam como homenagem a sua nomenclatura em instituições pública: Escola 1º e 2º Francisco Portugal, Escola Estadual de 1º Professeora Neyde Mesquita.

Os católicos deveriam seguir a orientação do Diretor do jornal A Cruzada, ficando proibida a colaboração deles, a qualquer ação quem envolvessem espíritas. No entanto, no dia 23 de setembro era publicada, no mesmo editorial, uma nota explicativa em forma de resposta, com o seguinte teor - A Cruzada Informa:

Em nosso número passado, respondendo a uma consulta sobre as finalidades, do festival “O Tapete Mágico”, escrevemos: É preciso averiguar mesmo este assunto de que a renda vai reverter para obras espíritas, sobre o qual já ouvimos também falar, mas não podemos informar por enquanto, com absoluta certeza”. O rumo da finalidade a que nos referíamos vinha criando uma certa confusão na opinião pública, havendo já pessoas que se tinham retraído do referido festival. (A CRUZADA , 23 de setembro, 1951, p. 1a).

A montagem do espetáculo tinha o ideal “de angariar fundos para a construção da primeira creche espírita em Aracaju”. (MELINS, 2007, p. 153). É evidente que o dinheiro arrecadado seria revestido para a construção da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, que tinha como objetivo diminuir o problema da assistência à criança que vinha atingido todo o país. Porém, não impossibilitaria a divisão desse recurso com outras instituições, que mesmo professando outra fé desenvolviam trabalhos com a mesma finalidade. Mesmo assim, a igreja, por meio do seu órgão de imprensa, continuou insistindo nas publicações de artigos maldosos: “Enquanto a carne de boi sobe de preço, a carne humana é dada de graça no tapete mágico”.

Figura 11 – Atores do Espetáculo Tapete Mágico na apresentação do 2º Ato



Autoria: Cine foto Walmir.1951. Acervo - Autora.

Figura 12 – Espetáculo Tapete Mágico



Autoria: Cine foto Walmir. 1951. Acervo: Autora.

A titulação do artigo levava em consideração os figurinos utilizados em determinadas cenas, como nas exibidas no registro fotográfico anterior, sendo considerado pela igreja como inapropriado. Porém, analisando o programa do espetáculo Tapete Mágico, não se percebe a existência de nenhum ato que ferisse a moral e a índole dessas moças. A programação visava proporcionar aos espectadores uma viagem por diversos lugares do mundo, sendo preciso trazer para o público a cultura, vestimenta e música das localidades apresentadas na peça. E a forma utilizadas pelos organizadores, para envolver o público na história, foi justamente a caracterização das personagens.

Quadro 5: Programa do espetáculo de teatro Tapete Mágico

O TAPETE MÁGICO	
PROGRAMA	
Genio.....	João Gracez
Menina da Lampada.....	Nadia
Guardião do Harem.....	Jayme
Araustos do Tapete.....	Mário Jorje, Lídia, Eleonora e Leila
1º ATO	
Rumba Oriental.....	Maria do Carmo, Rose Mary, Clarinha, Luiza, Zaíra, Zuliná e Teresinha
C'est Bon.....	Libânia
Loz Piconeros.....	Clese Mary, Terezinha, Flora e Ruy

Tirolino.....	Renato, Margot, Aglaé Fontes, Luiza, Neuza, Zaira, Zuliná, Clarinha e Rose Mary
Valsa Luiz XV.....	Maria Helena e Flora
Mambo Jambo.....	Zaira, Clarinha, Maurilurdes, Clese Mary, Aglaé Fontes, Libania, Rita, Margot e Terezinha
2º ATO	
Poema da Vaidade – Rose Mary, Clarinha, Neuza, Luiza e Maria do Carmo	
Mulher Carinhosa - Ruy e Rita	
No Villero – Josefina, Libania, Maurilurdes, Aglaé, Maria Helena, Clese Mary e Floro	
Enviezado – Neuza, Margot, Ruy e Flora	
Pecado – Clese Mary	
Can – Can – Margot, Maurilurdes, Clese Mary, Aglaé, Rita, Maria do Carmo e Ruy	
Marcha do Tempo: 1900 – Maria Helena – 1915 – Avany 1920 – Maurilurdes – 1950 – Ruy e Floro	
3º ATO	
Chula – Neusa, Rosa, Zuliná, Luiza, Clarinha, Maria Helena e Aglaé.	
Maracatu – Zaira	
Baião – Margot, Maria do Carmo e Rita	
Samba – Clese Mary e Maurilurdes	
Marcha – Josefina, Libania, Flora e Renata	
Maxixe – Ruy e Terezinha	
Frevo – Detinha e Gildo	

Fonte: Programa do espetáculo. Acervo – Autora.

Assim, consolidava-se uma disputa de campo religioso, entendida como “a autoridade propriamente religiosa e a força temporal que as diferentes instâncias religiosas podem mobilizar em sua luta pela legitimidade religiosa dependem diretamente do peso dos leigos por elas mobilizados na estrutura das relações de força entre as classes”. (BOURDIEU, 2011, p.70). A igreja, a todo modo, desejava incutir na cabeça dos católicos que qualquer ação vinda daquele grupo estaria cercada de pecado, e os que apoiassem também permaneceriam no pecado, todas as estratégias foram colocadas em prática pelo padre Luciano Cabral Duarte, por meio do seu instrumento de imprensa o jornal A Cruzada:

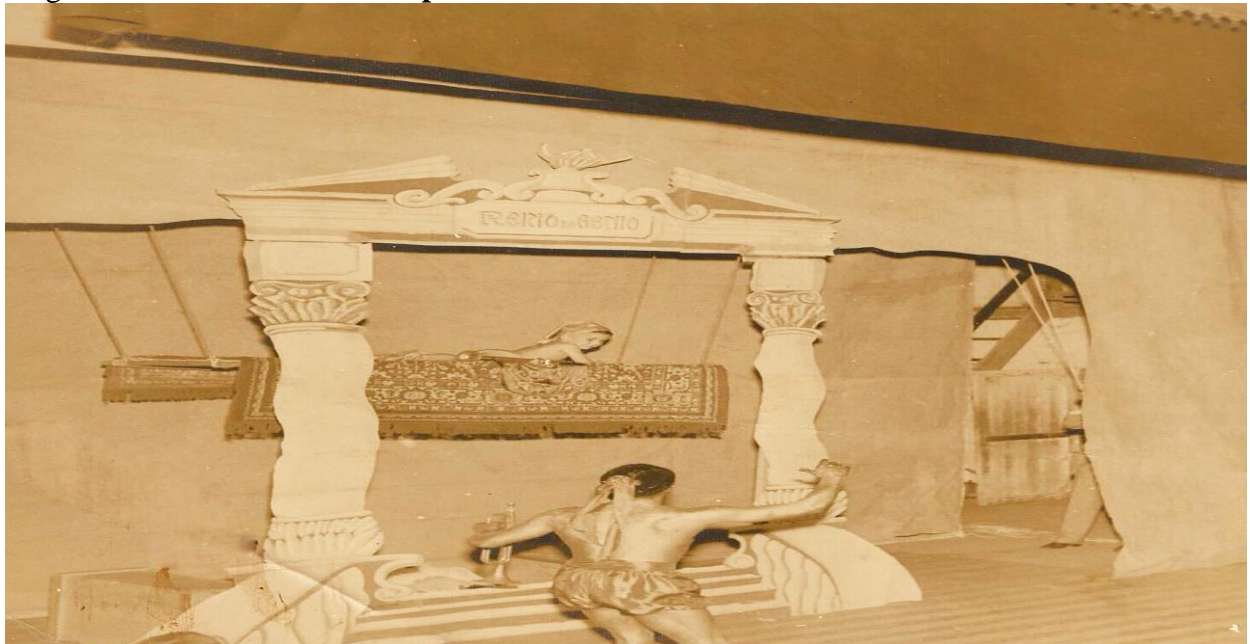
Estamos dizendo aos católicos, como órgão do povo católico de Sergipe, que este mesmo povo católico não pode contribuir para a difusão daquilo que ele, por ser católico, afirma estar errado, não pode ajudar a sua pedra para que se propague a doutrina anti-cristã do espiritismo, que reserva a si mesma o direito de interpretar os Evangelhos segundo Kardec. (A CRUZADA, 23 de setembro, 1951, p. 1).

E os espíritas no meio desta disputa pela legitimidade, afirmavam estar, a religião católica, em defasagem, precisando rever as suas práticas. Mas, apesar dos conflitos religiosos, o tão comentado e esperado Tapete Mágico conseguiu estrear em 25 de setembro, mudando a rotina do Cine Teatro Rio Branco. Nas primeiras horas da manhã já havia uma movimentação próximo ao local e, ao cair da tarde a rua João Pessoa, acabou sendo contagiada pela euforia do público.

Senhoras e senhoritas da sociedade já tinham preparado seus luxuosos vestidos de “soirées”, para se exibirem no grande acontecimento. Na noite de estréia, desde de cedo, a Rua João Pessoa apresentava um movimento fora do comum. Fila imensa já se formava nas imediações do “Rio Branco”, por pessoas que procuravam a bilheteria do Cinema, enquanto dos carros de praça desembarcavam os passageiros dos bairros mais distantes. Dos automóveis particulares, as grã-finas chegavam ostentando seus caros vestidos e jóias reluzentes. (MELINS,2007, p.154).

As cortinas se abriram e o espetáculo começou; a primeira imagem que apareceu para o público foi justamente a de uma criança. Não podia ser diferente, o Tapete Mágico foi idealizado e montado em prol das crianças que muitas vezes, foram empatadas de sonhar com um lar, com um futuro e com uma vida menos árdua.

Figura 13 – Cena inicial do Espetáculo



Autoria: Cine foto Walmir. 1951. Acervo - Autora.

Assim, entrava em cena o espetáculo:

Quando se abriram as cortinas do teatro, duas crianças sentavam no tapete, e, sob intensa nuvem de fumaça, surgiram o “Genio”, representado por João Garcez, a “Menina da lâmpada”, o “Guardião do harém”, os Arautos do tapete” e, logo, ouviram-se as vozes dos locutores Euclides e Avany, que iriam narrar essa bela e fantasiosa aventura no mundo da fantasia, que começava como toda história: “Era uma vez”... (MELINS, 2007, p. 155).

Um tapete Mágico que, iria percorrer “as principais cidades do mundo, focalizando suas músicas, danças e trajes.” (MELINS, 2009, p. 155). O espetáculo superou as expectativas, tanto dos organizadores como dos irmãos Juca Barreto e Paulo Barreto, que mesmo acostumados à realização de espetáculos nacionais e internacionais, da música e arte cênica como Bidú Sayão, Procópio Ferreira e Tito Shipa, ficaram surpresos com a lotação do Cine teatro Rio Branco .

Devido às críticas da Igreja Católica o espetáculo teve que acontecer em uma curta temporada, mas, mesmo assim, foi possível viver naqueles quatro dias, “momentos que envaideceram e alegraram Juca Barreto e seu irmão, Paulo, (dramaturgo), que colaboraram com os artistas amadores, que ali estavam”. (MELINS, 2007, p.154). Mesmo com a casa lotada, durante todas as apresentações, as críticas continuaram. Diariamente, havia um embate de forças e essa guerra entre católicos, representados pelo Padre Luciano Cabral Duarte⁹⁶ e os

⁹⁶ O responsável pelas tão duras críticas, nasceu em 21 de janeiro de 1925, filho de José de Góes Duarte e da senhora Célia Cabral Duarte, recebeu suas primeiras noções de alfabetização em casa por sua tia materna e madrinha, Maria Cabral. Durante sua infância morou na cidade de São Cristóvão, dos 04 aos 8 anos de idade, justamente no período em que seu pai que exercia a função de telegrafista, havia sido transferido para àquela cidade. Aos 11 anos de idade decidiu pela vida clerical, e em 1936 ingressou no Seminário Menor Sagrado Coração de Jesus, pertencente à Diocese de Aracaju, em regime de internato, ficando neste, durante seis anos. Assim, no ano de 1942 com dezessete anos, seguiu para o Seminário Provincial de Olinda no Estado de Pernambuco. Em 1945 agora, já com 20 anos de idade, Luciano parte para o Seminário Maior de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Em 1947, mais especificamente em 04 de agosto, o seminarista Luciano Duarte recebia a “Sacrum Sacerdotis Ordinem”, tornando-se diácono. Em 18 de janeiro de 1948 o diácono ordenava-se padre na Catedral Metropolitana de Aracaju, local em que celebrou sua primeira missa, desta maneira, padre Luciano se ordenou antes de completar a idade requerida pela Lei canônica, assumindo a capela de São Salvador, onde desenvolveu suas funções eclesiais, sendo o primeiro aracajuano saído do Seminário de Aracaju a se ordenar sacerdote. No ano de 1948, o padre Luciano Cabral, foi escolhido para exercer a função de Diretor Espiritual do Seminário Menor de Aracaju, lecionando as disciplinas de Latim e Grego, iniciava assim, sua carreira como professor. Nessa mesma época, entre as pregações na Igreja São Salvador, assumia também a função de assistente eclesial dos homens da Ação Católica e da Juventude Masculina Católica, além de manter uma coluna no Jornal “A Cruzada”, sendo em um período de aproximadamente cinco anos diretor do jornal. Em 1954 anuncia seu afastamento do periódico, evidenciando como motivo à sua viagem à Europa em busca de Aperfeiçoamento cultural em razão da nova responsabilidade que assumia, após a criação da Faculdade Católica de Filosofia, mesmo distante, manteve seu compromisso com as crônicas que publicava no jornal A cruzada. Conferir: MORAIS, Gizelda. 2008 e BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. 2004.

espíritas representados pela professora Neyde Albuquerque Mesquita, tornou-se mais evidente nas páginas da imprensa.

3.3.1 – A polêmica: Mágicas de um Tapete

O Padre Luciano Cabral Duarte, desejando que os leitores do editorial fossem esclarecidos sobre os fatos que ocorreram no dia da estreia do Tapete Mágico, utilizou-se da sua escrita e do seu poder de influência, mais uma vez, nas páginas do jornal A Cruzada, publicando em 30 de setembro de 1951, uma matéria com o seguinte título: MÁGICAS DE UM TAPETE - Em que se conta uma acidentada história, em três quadros, pretendendo deixar o leitor a par de tudo o que se processou durante a preparação do espetáculo até a concretização do mesmo. Assim, dividiu a sua escrita em: a) primeiro quadro – Preparativos; b) segundo quadro - Mudança da Rota; c) e, terceiro e último - A lastimável surpresa. O espetáculo passa a ser visto pelo padre como um ato desonesto, por isso expôs o seu pensamento na sua coluna. Logo de início no primeiro quadro inicia o seu diálogo com leitores, usando a seguinte afirmação:

Há alguns meses que vêm sendo noticiado os preparativos de um festival que recebeu o sugestivo nome de “Tapete Mágico”. Diversas pessoas de nossa sociedade estavam à frente do mesmo, e a imprensa começou a divulgar notas sobre o mesmo, para criar o necessário ambiente de expectativa para fins caricativos, em benefícios da criança necessitada de Aracaju; era o que se afirmava nas notas de divulgação. Mas faltava uma palavra realmente esclarecedora. Afinal, crianças necessitadas é uma finalidade muito ampla, há crianças assim no SAME, no leprosário, em todos os Grupos escolares da cidade, etc. Para que grupo de beneficiados se destina finalmente o festival? Não havia um pronunciamento oficial. Entretanto, nesta nossa cidade de Aracaju, onde todo mundo se conhece e tudo se fala, começou a circular à boca pequena que o festival seria para obras espíritas e também para instituições católicas. Esta notícia se baseava no fato de que eram elementos espíritas, sobretudo, que estavam à frente da anunciada festa. (A CRUZADA, 30 de setembro, 1951, p. 3).

De acordo com o Pe. Luciano Cabral Duarte, depois que começou a circular na cidade o real motivo do festival, o jornal A Cruzada recebeu a seguinte consulta para ser respondida na sessão “Consultório Católico”: era lícito a um católico colaborar, ir a tal festival? E ele respondeu: “Não podemos ser intolerantes com as pessoas. Mas temos que ser intolerantes com o erro. Se o católico está convencido da veracidade de sua fé, não pode ser indiferente para ele que se ensina ou se pregue o que é contrário a esta mesma fé”. (A CRUZADA, 23 DE SETEMBRO, 1951, p. 1). Ainda no mesmo artigo, o Diretor da Cruzada abre o 2º quadro,

intitulado de Mudança da rota, falando da sua conversa com o Sr. Heitor Dias Teles durante um encontro nas ruas das cidades, após a divulgação do questionamento de um católico. Assim, afirmou que:

É procurado, na rua pelo sr. Heitor Teles, que lhe aborda o assunto. Entrando em maiores detalhes, informa que está entrosado na parte organizativa do festival, e que a nota da “Cruzada” causara vivas preocupações, uma vez se esboçou uma reação por parte de famílias católicas. Adiantou que ele, católico, não sabia até então que o festival reverteria também em benefício de instituição espírita, mas que agora estava ciente de que realmente havia um pedido de uma obra espírita, e que era intenção das organizadoras do festival contemplar esta obra com parte da renda. Entretanto, acrescentou, para evitar o ambiente de confusão que a falta de uma definição clara inicial estava criando, tinha sido resolvido de comum acordo que o festival seria exclusivamente em benefício das órfãs de Santa Zita e da Casa do Bom Pastor, duas instituições católicas. Adiantava mais que este mesmo esclarecimento ia ser divulgado pela imprensa da cidade. Qual era, neste caso a atitude a ser tomada pela “Cruzada”? Pela Cruzada que levantara a hipótese do festival ser em proveito de obras espíritas? Da “Cruzada” que deixara em suspenso os seus milhares de leitores? (A CRUZADA, 30 de setembro, 1951, p. 3).

Mas a explicação dada por Heitor Dias Teles ao padre Luciano Cabral Duarte pode ter sido a tática encontrada naquele momento, mesmo sabendo que não era a real intenção dos espíritas, mas foi utilizada na tentativa de reverter o jogo e acalmar os representantes da igreja católica que, de certa forma, vinham sentindo-se incomodados com toda a movimentação do grupo espírita. O que a Igreja menos queria era perder o seu espaço e, com isso, os seus adeptos, como bem definiu Pe. Luciano Cabral (1951): no Brasil existia uma população católica onde há uma policromia abundante, uma variedade infinita de matizes de fé: católicos-espíritas, católicos-maçons, católicos-comunistas, católicos-protestantes, seguidores do catolicismo começaram a se identificar com outras religiões e, assim, exerciam a seguinte prática, serviam aos dois lados: “Partes das elites intelectuais e políticas, assim como o povo, continuaram a adotar as doutrinas e/ou as práticas combatidas pela ortodoxia católica, apesar de não afrontarem a Igreja e de permanecerem prestigiando a religião oficial”. (DAMAZIO, 1994, p. 56). Os católicos transitavam pelo espiritismo, mesmo sendo determinado, pela igreja católica, a proibição a qualquer outro culto. Heitor Teles poderia ser um desses católicos.

Para os seguidores da Doutrina, o ideal seria amansar os ânimos da igreja, assim toda expectativa em relação à adesão da sociedade aracajuana ao evento não seria fracassada e a resposta obtida pelo então Diretor da Cruzada foi:

Bem. Nós temos esta linha: acreditar na sinceridade, na honestidade das pessoas, até que se prove o contrário. E assim, julgamos que devíamos proceder. Um festival antes de ser representado, pode merecer ressalvas de uma consciência católica, por dois aspectos: 1) _____ se procede de pessoas indignas da sociedade: não era o caso; 2) _____ se se destina a instituições anti-católicas: deixava de ser o caso, mediante a declaração que vínhamos de receber. E “A Cruzada”, sabendo muito embora que havia na direção da festa elementos que não fazem segredo de sua hostilidade á Igreja, e que ostentam o seu anti-clericalismo como uma bandeira, triste da mudança da rota, e cumpriu o seu dever. Comunicou aos seus leitores que o festival não mais seria em benefício do espiritismo, e que assim desaparecia a ressalva feita por motivo da finalidade do espetáculo. (A CRUZADA, 30 de setembro, 1951, p. 4).

Assim, no jornal “Diário de Sergipe” do dia 19 setembro de 1951 foi possível lê a seguinte nota:

“Em virtude da vinda a Aracaju da consagrada violinista Ida Haendel, que tocará aqui no próximo dia 21, a prof. D. Neide Mesquita, atendendo ao pedido que lhe foi feito pela Diretoria da Sociedade de Cultura Artística, resolveu adiar para terça-feira próximo, 25 deste, a apresentação de “Tapete Mágico” monumental desfile de ritmos e cores, em benefício dos órfãos do Bom Pastor e Santa Zita”. (DIÁRIO DE SERGIPE, 19 de setembro, 1951 p. 4).

O Jornal A Cruzada publicou a notícia da modificação e os seus leitores, tomaram conhecimento, a partir daquele momento, para que se destinaria o dinheiro dos ingressos do “Tapete Mágico”. O interessante, nessa disputa de campo é que para a Igreja, seguindo a interpretação das entrelinhas, não importaria se o espetáculo fosse organizado por espíritas, desde que a verba fosse revertida a instituições católicas. Como? Se a verba viria da mão de pecadores, diante dos princípios da religião católica. A doutora Laura Amazonas, espírita consciente, em vida foi sócia efetiva⁹⁷ do orfanato da cidade de São Cristóvão mantido pelas Irmãs da Imaculada Conceição, uma instituição católica fazendo as suas doações mensalmente, porém em nenhum momento, a Igreja rejeitou seu auxílio financeiro. Todos sabiam que após o

⁹⁷ Os sócios efetivos do Lar Imaculada Conceição, de acordo com o Estatuto do Orfanato, deveriam fazer doações mensais nunca inferior ao valor de Cr.\$ 20,00. Outro atributo determinado para esta categoria era o poder do voto (votar e ser votado), porém desde que estivessem de acordo com as normas do Estatuto e suas mensalidades em dia.

retorno de Laura à cidade de Aracaju havia mudado de religião religião, e quando a mesma associou ao orfanato, ela professava a fé espírita, mas para a igreja não importava de onde vinha o dinheiro, o que não poderia era a contribuição para propagação da nova doutrina.

Quadro 6: Dos sócios efetivos da Sociedade Orfanato de São Cristóvão

Nome	Admissão
Horácio Pio Monteiro	09 de fevereiro 1911
Antônio Miguel Prado	09 de fevereiro de 1911
Manoel Armindo C. Guaraná	14 de janeiro de 1912
Laura Amazonas	07 de outubro de 1917
Leonor Telles de Menezes	02 de dezembro de 1917
Etelvina Amália de Siqueira	02 de dezembro de 1917
Francisco Pereira Lobo	05 de janeiro de 1918
Francisco da Graça Leite	22 de setembro de 1918

Fonte: Livro de Atas da Sociedade Orfanato de São Cristóvão (1911-1935). Arquivo do Lar Imaculada Conceição⁹⁸.

Mesmo sendo publicado anteriormente, que a renda serviria a instituições católicas, no dia do Espetáculo a Rádio Difusora passou o dia divulgado que o “Tapete Mágico” seria em benefício da obra espírita, atitude essa que só confirmou a tática utilizada por Heitor Teles, quando disse que o evento seria em prol das instituições católicas. O padre Luciano Cabral Duarte não deixou por menos, escrevendo: “Ora, que acham os leitores de tudo isto? Uma grande palhaçada. Se-lo-ia, se não fosse também uma autêntica desonestidade”. (CRUZADA, 30 de setembro, 1951). O Diretor de A Cruzada usou vários argumentos para convencer a sociedade a não contribuir com o espetáculo, ao ponto de insinuar que a renda seria para a Casa do Menino Pobre⁹⁹, no bairro Siqueira Campos.

Causou-nos surpresa a atitude da “A Cruzada” porque os espíritas de Aracaju, dos quais me honro estar nas fileiras em prol do bem, não mantêm casa de Crianças espíritas. No bairro Siqueira Campos existe o Albergue Noturno e o nome já o diz, oferece dormida em cama limpa àqueles que pernoitavam nos vãos das portas, embaixo das pontes e os acolhe sem lhes indagar a religião que professam aplicando mais uma vez as lições ensinadas por Jesus: “Fazei o Bem sem olhar a quem”. (SERGIPE JORNAL, 1 de outubro, 1951, p. 4^a).

Será que o padre realmente não sabia que naquele bairro não existia nenhuma Instituição com este nome? O que havia naquela localização eram instituições mantidas pelo

⁹⁸ Conferir: SANTANA, Josideide Siqueira de. 2011.

⁹⁹ A Casa do Pequeno, a princípio recebeu o nome de Casa do Pequeno Pobre, porém em nenhum momento foi idealizada sua construção no bairro Siqueira Campos.

Grupo Espírita Irmão Fêgo, desde de 1950, como a Escola de Corte e Costura “Maria Barbosa”, o Albergue Noturno “Líveo Pereira” e a Escola de Alfabetização Sérgio Nogueira, os espíritas explicam:

Se foi construído e posto em funcionamento um Albergue Noturno pelos Espíritas, a culpa cabe aos católicos e aos governos que sempre menosprezaram os sofrimentos dos infelizes, dos desgraçados. Viviam eles fazendo das sargentas o leito, do meio fio o travesseiro, e aos ébrios inverterados cobriam lhes de pontapés quando voltavam dos cassinos às horas tardias da noite. O que fizemos é ou não caridade? Devem ou não colaborar nessa obra? Pensar negativamente padre Luciano, é ignorar os Evangelhos do Mestre dos Mestres. (JUVENIL ESPÍRITA, setembro a dezembro, 1951, p. 4).

O que o padre de fato pretendia, ao levantar essa hipótese, da Casa do Menino Pobre está localizada no bairro Siqueira Campos, seria justamente que a sociedade constatasse que a União Espírita de Sergipe não mantinha nenhuma instituição no antigo bairro Aribé, constituindo, assim, outro problema: se não havia essa instituição para que iria a verba? Dessa maneira, colocaria a sociedade contra a União Espírita de Sergipe, por achar que esta última estaria ludibriando o povo. Porém, os espíritas a cada ataque, emitiam suas respostas.

3.3.2 – A resposta: praticar a caridade seria erro?

Os seguidores da Doutrina Espírita, indignados, responderam as provocações e os questionamentos do Padre Luciano Cabral Duarte.

Os verdes anos da mocidade, caro diretor da “A cruzada”, oferecem sempre essas miragens que só quando a neve do tempo começa a cair sobre nossas cabeças, é que melhor sabemos encarar a outra face da vida. Admirador que sou do seu dinamismo, da sua inteligência, me consternou profundamente ao ler o seu artigo “Mágica de um Tapete”, pela falta de apoio na lógica e na razão, para defender a nota faciosa publicada dias antes naquele órgão, na qual proibia aos católicos darem apoio àquele festival (Tapete Mágico), por constar entre as instituições beneficiadas (católicas), uma instituição de caridade de nossa iniciativa e no seu desarrazoado montão de impropérios, adjetivou uma infeliz falta de expressão as organizadoras desse festival com títulos de palhaças e desonestas. O conceito de honestidade varia de sexo. Enquanto que no homem, honestidade é sinônimo de lisura nos negócios, nas mulheres implicam na questão de fidelidade conjugal. Nem poderia ser de outra maneira, pois só do meio do século a esta parte, vem as mulheres concorrendo com o homem em todos os misteres; antigamente a mulher era dona exclusivamente do lar, e o seu conceito de honestidade só poderia como ainda, está ligado ao conceito de integridade do mesmo. Amputaram-lhe possibilidade de constituir um lar à luz doutrina cristã e seguir o preceito

bíblico do “crescei e multiplicai-vos”, assim não percebeu as filigramas do vernáculo e mesmo que percebesse a sua intolerância não permitiria dar outra interpretação, pois o objetivo é maltratar e ofender, contrariando a doutrina que manda oferecer a outra face. Quem tem o privilégio do cristo? Ao nosso ver a idéia de privilégio afasta a idéia de cristo que no seu próprio dizer, era o médico dos doentes e não dos sãos. Vê, meu caro amigo, quanto foi infeliz? Quão profundo foi o terreno que a sua leviandade lhe conduziu? E porque? Porque segundo a sua religião pretendeu monopolizar a caridade, quando o Cristo deu condição até ao samaritano pelo que observamos a sua religião atingiu um máximo complexo de medo, que um simples bater de palmas deixa-os apavorados. Naturalmente tudo isso é consequência do passado de crimes, pelos quais estão os responsáveis prestando contas perante a Justiça Divina. Julga que queremos destruir o catolicismo? Não. Quando possível é pela palavra, tencionaremos evangeliza-lo pois a ela falta apenas isso [...]. (JUVENIL ESPÍRITA, setembro a dezembro, 1951, p. 4).

Mas os conflitos não pararam, e José Elson Fontes continuou o seu discurso, questionando até onde ia a honestidade do Padre Luciano Cabral Duarte como representante da Igreja Católica.

No item 8 do seu “Reparos a um ineditorial” no primeiro comentário tenta manchar maldosamente as ilustres promotoras do “Tapete Mágico”, que segundo transparece, a renda desse festival seria para elas, já que não existe a “Casa do Pequeno”. Realmente ela existe, e será um pouco diferente as suas finalidades e aplicação, das subvenções públicas ou particulares que lhes são doadas. A “Casa do Pequeno”, depois de estar funcionando as suas finalidades são somente para beneficiar o pequeno desamparado e não se constituir em fonte de renda para a exploração nos bairros pobres, ou então servindo de intermediário nas compras de propriedades usufruindo dispensas de impostos, ficando o Estado prejudicado em suas rendas, muito embora diga a letra da Constituição Federal e Estadual que há separação do Estado com a igreja. Padre Luciano “quem tem telhado de vidro não joga pedras no do vizinho”. Não nos obrigue a sermos inconvenientes. (JUVENIL ESPÍRITA, setembro a dezembro, 1951, p. 4).

Finaliza os seus escritos, aconselhando ao Padre a agir, com simplicidade e com atitudes de caridade, para com as pessoas que necessitam.

Nesta semana estou lendo “A Largueza do Reino de Deus” de autoria do Reverendo Pader J.Alves Correia. Essa obra que recebeu o IMPRIMATUR da igreja Católica Apostólica Romana pelo card. Patriarcha de Portugal, e pro Vigário Geral do Brasil, devia ser lida publicamente aos seus fieis, e cada diocese oferecer um exemplar aos seus vigários, obrigando-o a ler e fazendo sabatina do assunto da obra. Como não nos é possível fazer comentários nesse artigo da independência e consciência desse padre manifestada em sua obra, e que se fosse em outros tempos já ia a fogueira como o seu colega João Huss, escreve ele em seu “Largueza do Reino de Deus”. “Ser a consciência católica violentada é um mal muito grande; mas muito maior

mal para ele é que em seu nome, se comentam violências”. Escrevendo êle “católicos militantes e católicos valentões” transcreve como subtítulo o que disse S. Jerônimo: Desgraçados de nós, para quem passaram os vícios e manhãs dos fariseus”. Acrescenta ainda com extraordinário comentários aquele versículo de São Tiago: - “Religião pura e sem manchas, diante de Deus Pai, é isto: Acudir a órfãos e viúva na tribulação e guarda-se puro deste século. (Do egoísmo torpe e gozador do mundo). Ficamos por aqui caro reverendo e creia que sou e serei o Padre J. Alves Correia. (JUVENIL ESPÍRITA, setembro a dezembro, 1951, p. 4).

Era apenas um espetáculo, mas a igreja católica visualizou com um certo temor, e tentou defender o seu rebanho publicando vários artigos que recomendava a “interdição de qualquer ajuda ao espiritismo, independente de qual finalidade “asilos, creches, maternidades, hospitais, albergues noturnos, tudo era pensado em nome da caridade pelos espíritas, mas de acordo com a Igreja não passava de propaganda da doutrina espírita, “que acabava sendo sustentada por contribuições que eram arrecadadas através de petições, subscrições, festas populares, entre os próprios católicos”. (FREI BOAVENTURA, 1954, p. 27). Havia uma campanha no país contra a heresia espírita:

1º Suscitar obras sociais, católicas ou de inspiração católica, que se antecipem a obras similares mantidas pelo Espiritismo ou que lhes contrabalancem a eficácia, caso tenha cabido ao Espiritismo a iniciativa; 2º. Atuar junto ao Conselho Nacional de Serviço Social e aos Exmos. Congressistas, mostrando a incongruência de manter o art. 284 do Código Penal e atribuir subvenções a instituições espíritas que, a pretexto de caridade, vão promover exercício ilegal da medicina; 3º. Esclarecer os católicos sobre as penalidades para os que contribuem, com dinheiro ou com trabalho, para obras heréticas. (FREI BOAVENTURA, 1954, p. 62).

Porém, os espíritas de Aracaju não se curvaram às perseguições, embora soubessem que esta vinha acontecendo em todo o país, mas não os assustavam, e a cada crítica, encontravam fôlego para a resposta:

Senhor diretor de “A Cruzada” temos em mão a última edição do órgão católico “A cruzada” e lamentamos profundamente vêr como os que se dizem ministros de Cristo na terra fogem ou esquecem dos ensinamentos do Mestre dos Mestres. Isto porque esse órgão procura sempre das pormenores capciosos, com segundas intenções, quando estamos sendo honestos e certos. Cremos que em nossa cidade de Aracaju onde, no dizer “A Cruzada”, todo mundo se conhece e tudo se fala”, nunca houve uma iniciativa com fins caritativos que causasse tanta celeuma! E por quê? Porque um dos membros promotores desta festividade não professa a religião católica. (SERGIPE JORNAL, 1 de outubro, 1951, p. 4ª).

A professora Neyde Mesquita continuou os seus escritos questionando sobre o que fora publicado no jornal *A Cruzada* de 16 de Setembro do mesmo ano, na coluna *Consultório Católico*, no momento em que o padre afirma que não era lícita a cooperação de católicos com o erro. Porém, a educadora, fez a seguinte indagação:

Praticar a caridade indistintamente, como nos ensinara Jesus Cristo, será erro? Ou erro é julgar que só os católicos sentem fome, frio, necessidade, privações e os outros filhos de Deus que pensam de maneira diferente em matéria de religião não devem ser amparados? (SERGIPE JORNAL, 1 de outubro, 1951, p. 4ª).

Os espíritas não compreendiam como a caridade, virtude que deveria ser praticadas por todos, independentemente da sua crença religiosa, não era admitida pelos católicos; se fosse praticada por outra religião. Assim, os católicos com essa atitude esqueciam que não cabia apenas a eles a prática da caridade, se assim o fosse seria caracterizado o que chamamos de monopólio. Mas, a igreja mesmo sabendo, fazia questão, na pessoa do Diretor de *A Cruzada*, de desmoralizar as ações realizadas por não católicos.

Senhor padre Luciano tendes usado impensadamente o nome dos espíritas sem saber que não costumam mentir, mesmo porque o espiritismo prisma por honestidade. Se soubéssemos que a organização do festival “Tapete Mágico” iria causar essa revolução no meio clerical, não teríamos tido o sentimento de piedade para com as infelizes crianças desamparadas, indistintamente; teríamos meditado antes, na inquisição branca que ora atravessamos, movimento esse que não permite aos católicos tomar iniciativas semelhantes, pois, esqueci-me de que quem levantar a bandeira do catolicismo embora hipocritamente, vendendo o cristianismo e deturpando as lições do que foi mártir para exemplo de humanidade, seria julgado um ser inferior. Mas, como sabemos que há criaturas que não se iludem e que têm “Olhos para ver e ouvidos para ouvir”, queremos frisar que não nos arrependemos da iniciativa, porque essa atitude de vossa reverendíssima em querer separar no mesmo plano de lutas pela vida e trabalho honesto, os católicos merecedores dos gozos eternos e os não católicos, espíritas, protestantes, etc., embora honestos, trabalhadores, mas, necessitados, condenados às penas eternas, serviu-nos de exemplo magnífico. (SERGIPE JORNAL, 01 de outubro, 1951, p. 4ª).

Ao contrário da pregação da igreja católica, os espíritas não faziam separação de credo, e Albuquerque (1951, p. 4ª), confirma que havia a intenção de reverter uma parte da renda do espetáculo para as instituições católicas Casa Santa Zita e Bom Pastor, mas devido a desistência de ambas, que foram “coagidas” de certo, pelos seus diretores espirituais,

lastimamos os ensinamentos evangélicos, ministrados, estimulando-lhes os sentimentos de orgulho, vaidade, intolerância e incentivando-as à mentira.

A direção da “Casa Santa Zita” vem solicitar ao jornal diocesano “A Cruzada”, o obséquio de divulgar, para informação da opinião pública, que, uma vez que foi noticiário ontem, dia 25, pela Rádio Difusora de Sergipe que o Festival “O Tapete Mágico” seria em benefício da obra espírita “Casa do Menino Pobre”, funcionando nesta capital, a “Casa de Santa Zita” instituição de caráter católica, e absolutamente coerente com a orientação da Igreja em todos os problemas, declara que agradece, mas não pode aceitar nenhum donativo do mencionado espetáculo. Caso seus organizadores, segundo o que anteriormente divulgaram pela imprensa de Aracaju, tenham intenção de contemplar a “Casa de S. Zita” com alguma parte da renda do mencionado espetáculo. 26 de setembro de 1951, Olivia Ramos, diretora. (A CRUZADA, 30 de setembro, 1951, p. 4).

Ficando evidente a não aceitação dos católicos da renda dos ingressos, justamente porque essa, além de servir aos católicos, serviria a uma instituição espírita. Segundo Albuquerque (2009), um dos motivos que contribuiu para que o espetáculo saísse de cartaz foi às críticas feitas, pela igreja católica, no jornal A Cruzada. Assim, o espetáculo “Tapete Mágico não pôde continuar a ser exibido devido à intolerância religiosa, por trata-se de um espetáculo em benefício de uma instituição dirigida por espíritas”. (MELINS, 2007, p. 154).

Houve um embate de forças em que ambos os lados obtiveram os seus lucros e prejuízos. A igreja saiu vencedora por convencer alguns católicos a não ajudar no espetáculo, mesmo sabendo que este tinha um real propósito as crianças desamparadas que vinha sendo tratadas com um certo descaso. Mas a igreja não via apenas, este como o único ideal e sim que a doutrina estaria se aproveitando da divulgação do trabalho para se autorregistrar na sociedade sergipana.

Os espíritas tiveram prejuízos, porque o espetáculo só perdurou por quatro dias? Não! Saíram vencedores porque durante esse curto período de exibição do espetáculo todas as sessões estavam lotadas, não apenas por espíritas, mas com católicos, que pensaram no ideal do Tapete Mágico: auxiliar na educação das crianças órfãs, independente que fosse em uma instituição confessional espírita. E se a intenção dos seguidores da doutrina era a da propagação das suas ações, toda a discussão gerada na imprensa contribuiu para uma maior visibilidade.

Figura 14- Elenco do Espetáculo Tapete Mágico



Autoria: Waldir. 1951. Acervo - Autora. Ano: 1951.

Para Maurilurdes Ramos, atriz do espetáculo Tapete Mágico, toda a polêmica da sociedade em torno do evento se deu:

Porque a doutrina espírita naquela época era muito perseguida, a Legislação não permitia, só podia ser católico, até o Império não podia; depois na República se conservou um preconceito, e quando o espiritismo chegou no Brasil, não foi entendido como uma religião cristã, entendeu! Então, os padres, os bispos as autoridades católicas formavam barreiras cerradas para que não se difundisse. Porque se difundindo estava ensinando as pessoas a ler, a estudar, a conhecer a história das religiões, porque a gente estuda a história das religiões, então a gente não só estuda o espiritismo, a gente estuda todo os princípios do cristianismo, das religiões judaicas, da religião egípcia, a gente estuda o passado para saber e compreender o presente. Então, não era permitido você estudar, você conhecer, conhecer o novo testamento o velho testamento; e outra coisa a gente não tinha hierarquia religiosa, geralmente aquelas pessoas que estudavam mais, tinham um destaque, como Dona Laura, Elson e Deusdedit Fontes e vários outros que estudavam. (RAMOS, 2011).

Qualquer ação desenvolvidas por outro credo religioso estaria determinada a sofrer perseguições. Na mesma época os protestantes também foram alvos de críticas, devido a construção do Educandário Americano Batista, assim conflitos em volta dos protestantes, mais especificamente os Batistas, ocorreram na mesma década, com as mesmas ações: ataques com injúrias se consolidaram, através da comunicação radiofônica e da imprensa periódica com o jornal “A Cruzada”, não diferente das perseguições aos espíritas no intuito de menosprezar as ações realizadas por esses grupos, assim:

O clero considerava uma afronta, um desacato, os batistas erguerem uma instituição e, sem escrúpulo, levar seus fiéis menos avisados para fortalecer as fileiras do protestantismo. Por esse motivo o clero passou a alertar seu rebanho que não caísse nas malhas enganadoras dos batistas. (ANJOS, 2006, p. 38).

A Igreja Católica não concebia, de forma alguma, a implantação de Escolas religiosas que professassem outro credo. Via nesta atuação uma possível disputa de mercado no campo educacional e religioso. Assim, começou a temer que a educação recebida nessas escolas, influenciasse os filhos dos seus seguidores; vendo no crescimento dessas, uma ameaça aos lares das famílias católicas.

Os protestantes de Aracaju, da seita Batista vão inaugurar neste ano um Educandário; segundo estamos informados, o plano é transformá-lo, em seguida, em um ginásio. O rádio está transmitindo com frequência, anúncios do referido colégio. Nada temos a censurar que os protestantes mantenham o seu educandário para os seus filhos. O colégio, pela sua estrutura essencial, deve ser o continuador e cooperador do lar. Não há de estranhar, pois que os protestantes queiram para os seus filhos, uma educação protestante. Cabe no entanto, aqui, um reparo da maior importância e gravidade: o colégio protestante de Aracaju não será simplesmente para os meninos protestantes. Ele visa conquistar, para o protestantismo, crianças que não pertencem a famílias protestantes, crianças católicas de cujos os corações ele iria arrancar as sementes da fé católica, para aí lançar o germe do espírito da reforma[...] A igreja tem clara, diante dos olhos, a compreensão deste problema. Por isto é que adverte os católicos a que de modo entreguem seus filhos para serem educados em colégio contra a orientação católica. (A CRUZADA, 20 de fevereiro, 1954). (Grifo nosso).

No final do século XIX e início do século XX, aumentou a preocupação da Igreja Católica com o crescimento do número de protestantes, o que acabou impulsionando a reforma católica no Brasil. Nesse momento a Igreja tentou fortificar o seu espaço, utilizando-se de Encíclicas e Decretos. De acordo com Bonifácio, “a expansão protestante foi um movimento que estava cada vez mais aderindo fiéis aos seus dogmas, tornando-se para a Igreja, um mal que precisava ser combatido. Para isso, utilizou os meios disponíveis e necessários para atrair os fiéis ao catolicismo”. (BONIFÁCIO, 2007, p. 505-506).

Quanto aos espíritas, Gilberto Freire registrou que nos finais dos século XIX, também desenvolveram atividades no Brasil. Porém nessa luta de poder a Igreja Católica, fez uso de todos os meios possíveis para não admitir, de forma alguma, a expansão do espiritismo, que se “estabilizou como aspectos característicos da vida religiosa brasileira, através de casa de

culto ou de oração organizadas com crentes ou devotos de seitas evangélicas”, constituídas de diversos indivíduos tanto humildes quanto “cultos e entusiastas”, consolidando fundação de hospitais evangélicos e colégios protestantes” [denominados] americanos”. (FREYRE, 2004, p.790-791).

Nem espíritas e nem protestantes, podiam pensar na educação como uma prática das suas ações: apenas à igreja católica, a execução de atividades educacionais, como vinha sendo desenvolvida em todo o país. O que estava à prova era a:

Concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. (BOURDIEU, 2011, p. 57).

Os outros credos, se ousassem, assumir essa função passariam por um processo de perseguições, o que, por vezes, contribuiu para que escolas mantidas por eles, com medo de represálias se mantivessem acanhadas, não se fazendo conhecer dentro da sociedade. Porém, os espíritas se sentiram impulsionados a mudar essa situação, e a educação espírita, timidamente, começou a ser implantada.

3.4. CASA DO PEQUENINO: “ESTRADA DE FAZER O SONHO ACONTECER”

Os católicos viram a Casa do Pequenino como uma concorrente às escolas confessionais, pois essas escolas também acolheriam menores pobres. Porém, as crianças carentes recebiam tratamento diferenciado perante os filhos da camada privilegiada economicamente. “A igreja procurou estabelecer uma estratégia de reforma pelo alto, voltando-se prioritariamente para a formação da elite e das filhas das classes dominantes, através da implantação de uma rede de estabelecimento de ensino em todo país”. (SOUZA apud MELO, 2007, p. 43). No Estado de Sergipe a prática da Educação Separatista foi vivenciada na cultura escolar dos Colégios Nossa Senhora das Graças (anexo Santo Antônio), e Nossa Senhora de Lourdes (anexo Nossa Senhora do Bom Conselho). Estas instituições construíram anexos para atender àquelas crianças que se encontravam abaixo do padrão econômico social e sem oportunidade para ascensão. A Educação posta à disposição daquelas crianças era diferenciada, e muitas vezes não era permitido o contato das alunas do anexo com as do colégio.

[...] As irmãs no ano de 1916, abriram a Escola de Santo Antônio, uma instituição gratuita. O problema, então, estendeu-se para a separação de um lado, as filhas da elite e, do outro aquelas, mais desprovida socialmente. . Ao que tudo indica, as alunas das duas instituições eram educadas por membros da mesma congregação; porém, de maneira diferenciada, acabavam não mantendo muito contato e deixando transparecer, atualmente, que as oportunidades, os cuidados e as atenções derivavam da condição social de cada uma das alunas. (MELO, 2007, p. 65).

Embora os Colégios confessionais desenvolvessem atividades voltadas às crianças desvalidas, as suas práticas acabavam por desenvolver o estranhamento e o preconceito entre os grupos sociais. Diante disso, a Casa do Pequenino pretendia reduzir as diferenças através dos ensinamentos educativo, ético e moral independente de etnia e religião.

Era notório o envolvimento e o compromisso desenvolvidos para realização da obra da Escola Espírita “Casa do Pequenino” que passou a ser a pupila dos seguidores da doutrina, representados através da União Espírita Sergipana. Eles acreditavam que seria preciso pôr em prática o que se pregava, e durante a cerimônia de posse da nova diretoria, em 1952, o que foi possível verificar no (LIVRO DE ATAS nº. III – 1947 a 1964, p. 58) o confrade Milton Oliveira dirigiu-se ao atual Presidente no seguintes termos: “[...] Que a grande obra que estamos empreendendo que é sem dúvida a Casa do Pequenino, possa contar, como sempre com o apoio de todos os espíritas, para poder por em prática aquilo que sempre estudamos e que é a caridade”.

Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens, e mesmo a língua dos anjos, se não tivesse caridade não seria senão como bronze sonante, e um címbalo retumbante; e quando eu tivesse o dom de profecia, penetrasse todos os mistérios, e tivesse uma perfeita ciência de todas as coisas, quando tivesse ainda toda a fé possível, até transportar as montanhas, se não tivesse a caridade eu nada seria. E quando tivesse distribuído meus bens para alimentar os pobres, e tivesse entregue meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso não me serviria de nada. (KARDEC, 2008, p.152).

Os espíritas que trouxeram para sua doutrina os ensinamentos de São Paulo¹⁰⁰, viam a fé, a esperança e a caridade como virtudes essenciais para o crescimento humano. Mas, entre elas, a caridade assumiria o primeiro lugar. E, para pô-la em prática, em prol dos desvalidos, foi preciso a realização de várias campanhas; algumas levaram a conflitos

¹⁰⁰ Consultar: 1 Coríntios 13.1-13 enfatiza que acima dos três dons extraordinários fé, esperança e amor está a caridade. 2010, p. 1411 – Bíblia Sagrada. Editora Canção Nova.

internos, constatado durante emissão de uma carta enviada pelo senhor Deusdedit Fontes, questionando a José Gonçalves de Oliveira – Presidente da União Espírita Sergipana (1947), sobre por quais os motivos que o então presidente não havia dado início ao envio de ofício para comerciantes e particulares do estado de Pernambuco¹⁰¹, solicitando ajuda para a construção da Casa do Pequenino.

Esta diretoria precisa ser informada do motivo porque não se deu andamento a uma grande lista contendo endereços pessoais e de firmas comerciais de Recife Estado de Pernambuco, enviada pelo prestimoso confrade Antônio Alves Farias, tesoureiro da Federação Espírita Pernambucana, este se queixa dessa morosidade, com justa razão, no seguinte tópico de sua carta, a mim dirigida, datada de 7 de julho findo: “há dias recebi uma carta, avisando-me as listas e até esta data não tive o menor aviso, pelo que peço aos amigos a finesa de informar algo”. Até a data hodierna, por mais interesse que eu tomasse, não consegui resultado. São decorridos meses. O prezado confrade Presidente procure com a sua atividade proverbial e o seu espírito conciliador, de certo, achará justa a minha sugestão de uma providencia urgente para andamento da lista enviada. Retire a tampa do sarcófago para que tão belo empreendimento não fique mumificado. (FONTES, 1947).

José Gonçalves Oliveira respondeu a Deusdedit que se esforçaria para atender as sugestões: “estamos realizando ou procurando realizar o sugerido, entretanto não deixaremos de aceitar as sugestões, uma vez que, demonstra zelo e amor a causa Espírita”. (OLIVEIRA, 1947). E encaminhou a carta solicitando informações a José Martins Peralva que, neste período, respondia pela presidência da comissão para construção da instituição, obtendo o seguinte parecer:

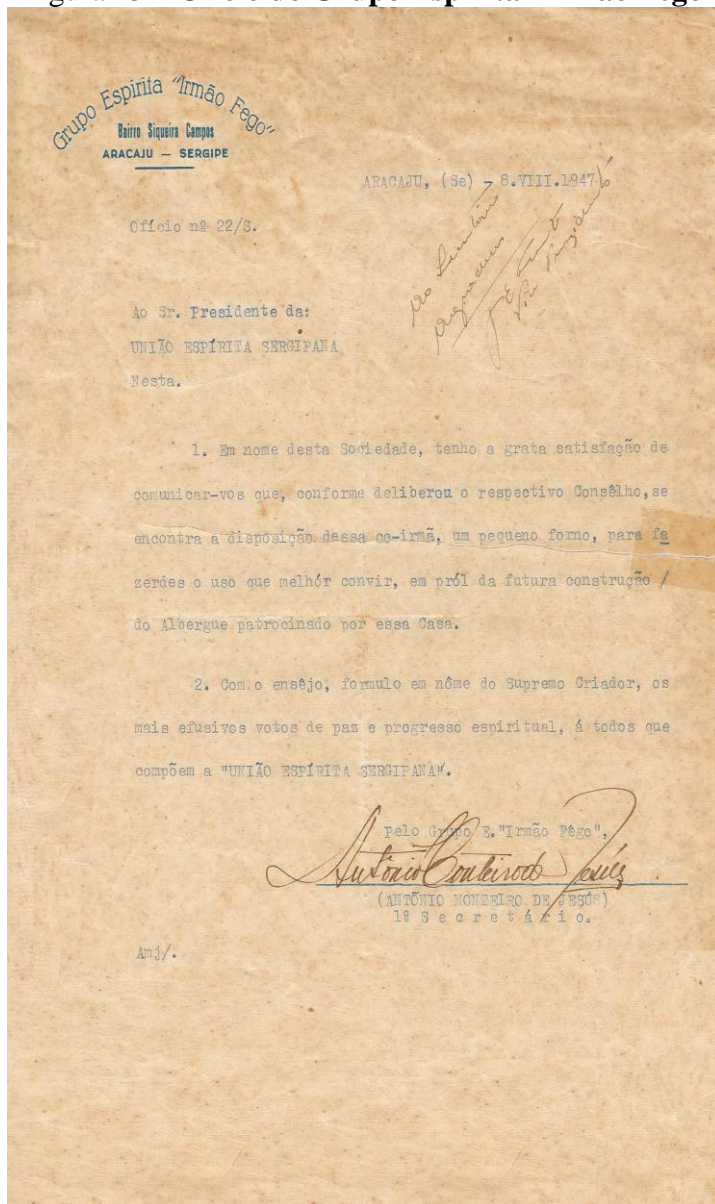
Em cumprimento ao despacho exarado pelo confrade presidente, José Gonçalves de Oliveira, informo o seguinte: I - A relação de nomes, enviada por Antônio Alves Faria encontra-se em meu poder para efeito de confecção dos ofícios solicitando auxílios destinados á construção. Se tais ofícios ainda não foram providenciados é porque desde de Junho do ano em curso, quando fui submetido a delicada operação, tenho estado praticamente impossibilitado de trabalhar pela causa. O confrade Deusdedit Fontes sabe de tudo isto; se pede estas informações é porque quer. Verbalmente, já expliquei a situação a ele na própria residência. II – Quanto ao terreno doado por Elífio Rocha, a confreira dr^a. Laura Amazonas está legalizando os papéis no Tesouro, para efeito da transmissão. O confrade DEUSDEDIT FONTES também sabe disto, pois pessoalmente lhe dei ciência. Ele pergunta porque quer, aliás usando de um direito sagrado de interrogar

¹⁰¹ A prática de solicitar auxílio aos cidadãos de outros estados, era desenvolvida dentro da Doutrina Espírita, desde da época de Anália Franco. A União Espírita de Sergipe, por diversas vezes, recebeu solicitação de ajuda financeira, para a construção de Escolas Espíritas de outros estados.

quantas vezes e quantas cousas quizer. Aqui fico, portanto, á disposição não somente de Deusdedit Fontes mas de todos os sócios da “União”. (Aracaju, 28/11/47 Martins Peralva).

Na realidade o que os integrantes da União Espírita desejavam, naquele momento, era a edificação da obra; e os conflitos ocorreram, como em qualquer outro grupo, justamente, para não permitir que a construção da Escola Espírita “Casa do Pequenino” ficasse apenas no sonho.

Figura 15 – Ofício do Grupo Espírita “Irmão Fêgo”



[Transcrição Figura 15]

Aracaju, (SE) – 8.VIII. 1947.
Ofício nº 22/8. Ao Sr. Presidente da: União Espírita Sergipana. Nesta. 1 – Em nome desta Sociedade, tenho a grata satisfação de comunicar-vos que, conforme deliberou o respectivo Conselho, se encontra a disposição dessa co-irmã, um pequeno forno, para fazerdes o uso que melhor convir, em prôl da futura construção, do Abergue patrocinado por essa Casa. 2 – Com o ensêjo, formulo em nômê do Supremo Criador, os mais fusivos votos de paz e progresso espiritual, á todos que compõem a “UNIÃO ESPÍRITA SERGIPANA”. Pelo Grupo Espírita Irmão Fêgo. Antônio Monteiro de Jesus – 1º Secretário.

Ano: 1946. Acervo: Casa do Pequenino.

Tudo dependia apenas do interesse e do compromisso das pessoas em ajudar. Na imagem acima é possível visualizar que outros grupos espíritas do estado também se

somaram à causa. Assim, foi notório, durante a leitura do documento, as seguintes informações: o grupo espírita “Irmão Fego”, somando-se à causa, estava fazendo doação de um pequeno forno em prol da futura construção.

A União Espíritas de Sergipe, da mesma forma que outras instituições da doutrina, para a construção da obra, realizavam diversos pedidos em prol da mesma, tanto na esfera federal, estadual e municipal, “neste mês expedimos a seguinte correspondência: carta à nossa confrreira Dr^a. Laura Amazonas, na capital da República, solicitando intervir junto ao Dr. Assis Chateaubriand, a fim de conseguir um auxílio para a Casa do Pequenino”. (LIVRO DE ATAS, N. 3, 27 DE DEZEMBRO, 1952, p. 59). Além dos espíritas, solidarizaram-se com essa causa, personalidades de renome na sociedade: o senhor João Cardozo do Nascimento, diretor do Departamento Nacional da Criança.

O confrade Presidente deu conhecimento à casa de em companhia do irmão João Resende, haver comparecido à chegada do professor Martagão Gesteira, diretor do Departamento Nacional da Criança, a quem foram apresentados, como membros da União e no dia seguinte ao da chegada, em companhia do Dr. João Cardozo do Nascimento, visitaram a “Casa do Pequenino”. No sábado próximo passado, a nosso convite, visitou a “Casa do Pequenino”, o deputado federal, Dr. Leandro Maciel, que prometeu trabalhar no sentido de conseguir um auxílio financeiro, para as obras, do Orçamento Federal. (LIVRO DE ATAS, N. 3, 31 DE JANEIRO, 1953, p. 60).

O Deputado Federal Leandro Maciel, foi outra personalidade, que prometeu se esforçar para conseguir auxílio financeiro federal, para a construção da instituição. A edificação da Casa do Pequenino foi sendo construída pouco a pouco, de acordo com as doações recebidas. Durante as realizações das reuniões da União Espírita, os integrantes mostravam-se preocupados com as obras; porém não deixavam de acreditar, envolvendo-se e festejando todas às vezes que era comunicada a retomada da construção.

Presidente fez alusões à atuação do irmão Tesoureiro na “Casa do Pequenino” e de outros, comunicando o reinício das atividades de construção de referida Casa que brevemente será inaugurada e, das campanhas para aquisição de colchões, cobertores e outros utensílios destinados à instalação. (LIVRO DE ATAS nº III 02.06.1947 – 29.02.1964, p.71).

Em 1953, quatro anos, após o início da construção, o prédio já se encontrava edificado, porém faltavam os equipamentos para o funcionamento; o dinheiro em caixa não era

suficiente para arcar com as despesas de compra desses utensílios. Neste período Laura Amazonas já estava à frente da campanha para a construção da escola; José Martins Peralva, que respondia anteriormente pela presidência da comissão para construção da instituição, havia se afastado, cabendo à odontóloga, assumir esse compromisso.

Figura 16 - Fachada da Casa do Pequeno



Autor: desconhecida. 1953. Acervo - Casa do Pequeno. Ano: 1953.

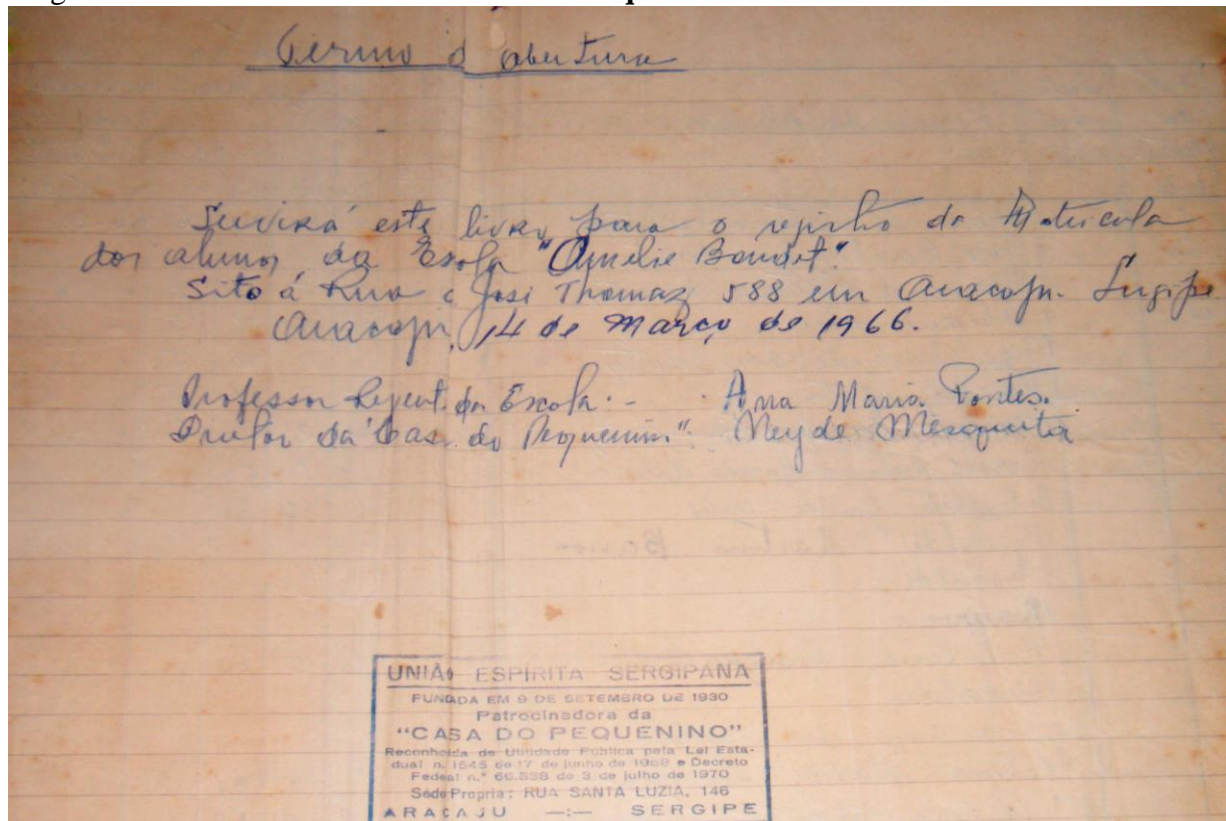
Figura 17 - Laura Amazonas, Neyde Mesquita e José Mesquita recebendo doações da Philips para Casa do Pequeno



Autoria desconhecida. Ano: não identificado.
Acervo – Casa do Pequeno.

Os longos dezenove anos de espera estavam chegando ao fim, e os retalhos que foram unidos nesta composição, a partir daquele momento, uniriam-se a outros para compor a outra parte da história. Assim, no início do ano de 1966, concretizava-se o que vinha sendo esperado desde 1947. Chegava, então, o grande dia, para União Espírita de Sergipe. Em 14 de março a Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino” começava a colocar em prática a Educação Espírita em favor das crianças necessitadas de afeto e da atenção do poder público, conforme pode ser verificado no termo de abertura de matrícula: “servirá este livro para o registro da matrícula dos alunos, da Escola “Amelie Boudet”. Sito a Rua Dom José Thomaz, 588 em Aracaju – Sergipe. Professora Regente da Escola Ana Maria Fontes, Diretora da Casa do Pequenino Neide Mesquita”.

Figura 18 - Termo de Abertura Casa do Pequenino



Ano: 1966. Acervo - Casa do Pequenino.

Embora a Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino” abrangesse o complexo “Escola Amelie Boudet e o Lar Meimei”, no ano de 1966 apenas a escola de alfabetização entrava em funcionamento, conforme artigo do Regulamento Interno.

Art. 2º - A Escola “Amelie Boudet” é um anexo da “Casa do Pequenino”, funciona sob sua direção e se propõe a administrar o ensino primário, gratuitamente, obdecendo ao programa oficial, adotado no Brasil, preparando seus alunos para admissão ao ginásio ou qualquer curso secundário nacional.

A citada escola atenderia as crianças de seis a dez anos de idade; compreenderia o período de alfabetização, da 1ª à 4ª série do primário. Embora o termo de abertura tenha sido assinado no mês de março, a solenidade de inauguração só foi realizada aos vinte e nove dias do mês de junho de 1966, com a presença de várias autoridades: membros da União Espírita Sergipana; componentes de outros grupos espíritas, além do Coral da Escola de Evangelização “Lindolfo Campos”, que no decorrer da solenidade entoou hinos; e da Dra. Laura Amazonas, personalidade importante para a consolidação daquele momento.

Aos vinte e nove dias do mês de junho do ano de mil novecentos e sessenta e seis, às 16 horas, nesta cidade de Aracaju, em a “Casa do Pequenino”, a rua Dom José Thomaz nº 588, realiza-se a inauguração da Escola de Alfabetização “Amelie Boudet”, sob os inspícios da União Espírita Sergipana. (LIVRO DE ATAS – LANÇAMENTO PEDRAS E OUTRAS INAUGURAÇÕES, 05.12.49 – 23.12.1988, p. 1).

O entusiasmo dos componentes foi demonstrado durante a cerimônia de inauguração, quando o então presidente da União Espírita Sergipana, José Mesquita Neto, agradeceu a todos que contribuíram para que a tão esperada obra da Escola Espírita “Casa do Pequenino”, cujo nome remete a algo pequeno, porém grande aos olhos dos seus idealizadores, se tornasse realidade, e nas palavras expressas no discurso do senhor Manoel Cabral Machado, Secretário de Educação e Cultura do Estado, que demonstrou o seu encantamento ao proferir: “[...] vibrante alocações enaltecendo a obra a que vem inaugurar, analisando, com profundezas filosóficas, a expressão – trabalho – solenidade – tolerância, usadas pela professora D. Neide Mesquita [...]”. (LIVRO DE ATAS – LANÇAMENTO PEDRAS E OUTRAS INAUGURAÇÕES, 05.12.49 – 23.12.1998, p. 3). Diante dessa empolgação, a Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino” abria as suas portas, com o objetivo de ser a estrada que faria os sonhos de cada criança acontecer.

A sua proposta de ensino, iria pautar-se no Regulamento: os alunos deveriam ser preparados para admissão ao curso primário, ginásio ou qualquer curso secundário nacional e ainda se propunha a despertar na criança o sentimento de amor à pátria; fazê-la agir dentro do

código do civismo, dando-lhe hábitos sadios, ordem, honestidade, cooperação e trabalho, e acima de todos esses princípios, o mais elevado, o mais sincero e consciente, o amor a Deus.

O ano seguinte foi considerado ímpar para UES, pois se concretizava a outra parte do sonho: a Casa do Pequenino, que já havia inaugurado a Escola Amélie Boudet, implantava os serviços do Lar Meimei, em 1967, que serviria de amparo à criança, em regime de internato. E exatamente em 9 de abril, no salão da Escola, aconteceria a solenidade de inauguração. “Aos nove de abril do ano de mil novecentos e sessenta e sete (9-4-1967) realizou-se no salão da Escola Amélie Boudet, a solenidade de inauguração do “Lar Meimei” sob a direção da irmã D. Neide Mesquita”. (LIVRO DE ATAS – LANÇAMENTO PEDRA E OUTRAS INAUGURAÇÕES, 05.12.49 – 23.12.1998, p. 4).

Da mesma maneira como ocorreu na solenidade de inauguração da escola, foi possível registrar a presença de várias autoridades, dentre elas o senhor José Mesquita Neto - Presidente da União Espírita de Sergipe, Carlos Satler¹⁰² - Venerável da loja Maçônica Capitular “Contiguiba”, Capitão Djalma Farias - representante da CAPEMI; Dra. Laura Amazonas; Dr. Benjamim Leite, e Divaldo Pereira Franco, que teve o importante papel de orador oficial da solenidade, além de representantes de vários grupos da UES - União Espírita de Sergipe.

Foi dado início à solenidade com o convite ao confrade José Smith, que fez a prece inicial. Em seguida falou o Sr. José Mesquita dando pormenores sobre o Lar Meimei. Antes, porém, foram convidados os srs. Carlos Satler – Venerável da Loja Maçônica Capitular “Contiguiba”, Sr. Capitão Djalma Farias – representantes da CAPEMI, orador oficial da solenidade Sr. Divaldo Pereira Franco, representantes da Casa da Fraternidade, Centro Espírita ‘Amor e Caridade’, Grupo de Estudo “Caminho da Redenção”, Centro Espírita Cristãos, Grupo Espírita Irmão Fêgo, Grupo Espírita “Caminho da Luz”, Centro Espírita “Assembléia de Jesus”, bem como as visitantes D. Irma de Castro Rocha, do Centro Espírita ‘André Luiz’, do Rio e Ligia Ferreira de Sá, de Salvador, D. Laura Amazonas, Dr. Benjamim Leite e muitos outros. Convidado o orador oficial Divaldo Pereira Franco para a oração oficial. (LIVRO DE ATAS – LANÇAMENTO PEDRA E OUTRAS INAUGURAÇÕES, 05.12.49 – 23.12.1998, p. 5).

Foi um dia festivo e as palavras proferidas pelo orador emocionaram e contagiaram a todos os presentes à solenidade, principalmente no momento em que chamou a atenção para a responsabilidade e sensibilidade que deveriam ter para com aquelas crianças. “[...] Incentivos

¹⁰² Foi Venerável da Loja Maçônica Cotinguiba, por sete mandatos e fundador da Escola de Datilografia Almirante Amintas José Jorge, durante a gestão de 1971 a 1973. Conferir: NASCIMENTO, José Anderson. 2010.

à educação da criança, ao cuidado para com a criança, pois esta é glória da vida e são as flores da terra [...]. Exaltou a divina tarefa de “plantar almas” no Lar Meimei, construindo aí um ‘Lar do amor’”. (LIVRO DE ATAS DO LANÇAMENTO DA PEDRA E OUTRAS INAGURAÇÕES, 05.12.1949 – 23.12.1988, p. 5). O orador, nas suas palavras, lembrou a criança na visão de Pestalozzi, afirmando que elas são semelhantes a uma flor que para brotar precisam apenas de cuidado. Continuou sua explanação:

Dissertando sobre a biografia de Meimei, produzindo, nos corações presentes, lágrimas íntimas de ternura pela querida irmã Irma. Dando um exemplo marcante do “amor” contou a história real do “Tapete”, sensibilizando a todos os presentes. E agradecendo com uma prece em versos, deu aos pequeninos do Lar Meimei palavras de esperanças. (LIVRO DE ATAS DO LANÇAMENTO DA PEDRA E OUTRAS INAGURAÇÕES, 05.12.1949 – 23.12.1988, p. 5).

Em seguida, os idealizadores da Casa do Pequenino assinaram um novo compromisso, sem medir esforços para dar aos pequeninos do Lar “Meimei” esperanças de um futuro edificante que seria germinado dentro do Lar.

Figura 19 – Inauguração do Lar Meimei



Autoria: Desconhecida. 1967. Acervo - Edmilson Menezes.

Ao encerramento da solenidade, fora convidada a Dra. Laura Amazonas para cortar a fita simbólica do Lar “Meimei”. E não poderia ser o contrário, pois no ano de 1947, naquele grupo de seis amigos que idealizaram a construção da Casa do Pequeno Pobre, estava a Dra. Laura Amazonas¹⁰³, que se empenhava cotidianamente, e não desanimará até vê o sonho tornar-se realidade.

Após a inauguração, os alunos foram chegando, cada um à sua maneira, com a sua história de vida, juntando-se a outras tantas histórias que contribuíram para a construção de uma memória coletiva vivenciada em um lugar que ficou marcado na vida de cada aluno e interno. Logo na chegada se deparavam, de acordo com análise da figura seguinte, com uma fachada sem grandiosidade. A Casa do Pequenino tinha uma arquitetura longe de uma estrutura dentro de um modelo inovador; a sua projeção foi idealizada de maneira simples, composta por dois pavimentos: de um lado a Escola “Amélie Boudet” e do outro o Lar “Meimei” cercados por um muro baixo com um pequeno recuo frontal e a presença de um jardim que, nas entrelinhas, só reforçaria as palavras ditas no discurso de inauguração, que aquelas crianças deveriam ser olhadas como uma pequena flor.

Figura 20 - Alunos da Escola Amélie Boudet e internos do Lar Meimei



Autoria: Desconhecida. 1968. Acervo - Casa do Pequeno.

¹⁰³ Ainda em vida Laura Amazonas deixou em testamento, como doação, três casas, uma situada a rua Santa Luzia, 146, e duas a rua de Estância 392 e 398 para auxiliar nas despesas com a Casa do Pequeno.

3.4.1 – “Além do horizonte existe um lugar”.....

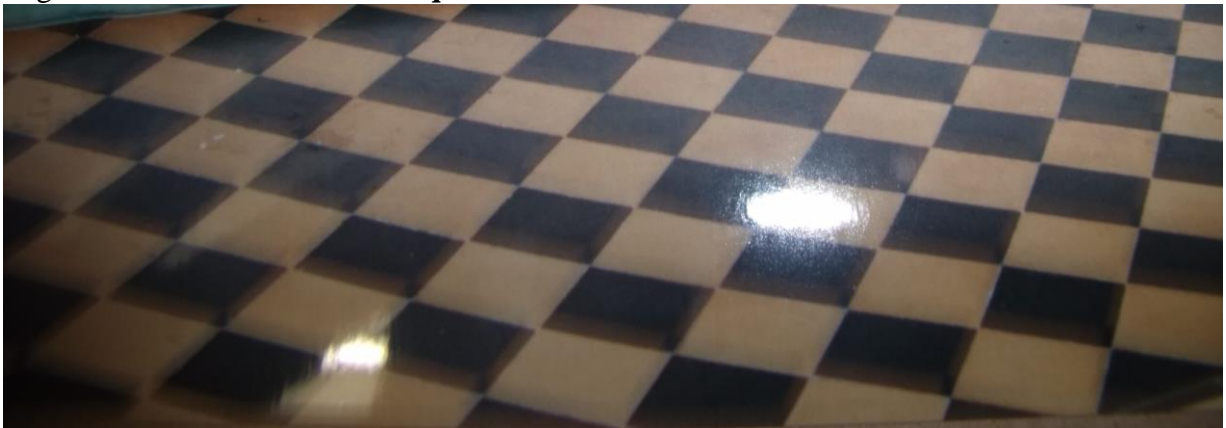
Não havia uma regra dentro da doutrina espírita quanto ao modelo dessas instituições, cada centro espírita teria autonomia para edificar as suas escolas e orfanatos de acordo com suas ideias. A Escola “Amélie Boudet”, logo na entrada, era marcada ao centro por uma porta de madeira de duas folhas com bandeiras, medindo em média 2m de altura, além de duas janelas ao lado e suas paredes eram brancas. A escola era formada por um único compartimento que passou a ser dividido com divisórias de madeira, à medida que as crianças foram chegando. Segundo informações de Souza (2013) “a escola era dividida como é que chama? Divisórias. Não era uma escola grande, se a União Espírita é daquele tamanho, imagine com crianças. Então, não tinha muito espaço para a gente”. Apenas quatro salas de aula existiram na escola para atendimento dos alunos do primeiro a quarto ano primário.

A porta central do Lar “Meimei”, embora mantivesse a mesma dimensão e modelo da escola, localizava-se na lateral da instituição, não sendo possível uma visão do que ocorria dentro do Lar, por pessoas externas à instituição. À frente do espaço era visível a nomenclatura e as famosas janelas basculantes que auxiliavam na iluminação, além de contribuírem para um espaço arejado. Uma das preocupações da instituição era em manter a higiene e a saúde de cada interno, por isso: “os espaços, mobiliários, caminhos, tudo enfim que constitui o complexo deveria ser resultado da reflexão conduzida pelas regras e com o objetivo de permitir sua completa realização”. (BUFFA; PINTO, 2007, p.132). Assim, diz-se que o modelo estrutural da Casa do Pequenino estava longe dos antigos “edifícios-internatos destinados ao internamento de adolescentes e crianças desvalidos [...] espaços apertados em que os menores ficavam amontoados, vivendo em promiscuidade”. (CONCEIÇÃO, 2007, p. 34). Desta maneira, o ideal de funcionalidade foram bases primordiais para a arquitetura da instituição, prezando por um espaço que viesse a contribuir com a higiene e saúde de cada interno, já que:

Havia uma preocupação com a oferta de um lugar e um espaço arquitetônico salubre para o funcionamento dos internatos [...] surgiram propostas para a construções adequadas dos principais espaços do internato (dormitórios, refeitórios, cozinhas, enfermarias, lavatórios, sentinas, entre outros) e normas básicas para uma boa alimentação, asseio do ambiente e pessoal e preceitos morais para a convivência coletiva. (CONCEIÇÃO, 2007, p. 30).

A União Espírita de Sergipe fez a opção por um espaço que lembrasse uma casa singela, não esquecendo a visão da educadora Anália Franco quando pensou em uma possível educação espírita; demonstrou uma preocupação que se “estendia às condições físicas do prédio que abrigasse a Instituição, suas salas, pátio e mobiliário, demonstrando já àquela época, seu conhecimento sobre a importância desses elementos para a Pedagogia”. (MONTEIRO, 2004, p. 92). O telhado da Casa do Pequeno era em formato de losango; as paredes eram brancas, talvez com intuito de trazer uma certa calma, uma leveza àqueles pequenos, que por algum motivo não se encontravam mais no seio das suas famílias de origem. O piso era uma cerâmica contendo, na sua gravura, a forma de um triângulo nas tonalidades marrom claro e marrom escuro.

Figura 21 – Piso da Casa do Pequeno - Lar Meimei e Escola Amelie Boudet



Autoria: Rosemeire S. de Santana.2009. Acervo - Autora.

O Lar “Meimei” possuía cinco quartos: um para os meninos, e dois para as meninas, e os outros para a guardiã e arrumadeira da instituição.

Tinha o quarto dos meninos. Como éramos mais meninas eram dois de meninas, um de meninos. Tinha o quarto da cuidadora. Tinha um corredor enorme para a gente, hoje já não é mais. Os meninos, coitados, os banheiros deles era lá naquele corredor. Eles tinham um medo, ficavam durante o dia ouvindo histórias de terror e à noite tinham medo, faziam xixi na cama mais que as meninas. E as meninas eram mais elitizadas, era tudo mais próximo, eram muito mais cuidadas. (SOUZA, 2013).

A arrumação desse compartimento era organizada com camas no formato de beliches, e armários, onde os internos mantinham suas vestimentas e seus pertences organizados. “Os quartos eram enormes[...] Tinha beliches, tinha guarda roupa, eram armários individuais, um armário grande, com portas individuais”. (CRUZ, 2009). Onde cada interno tomava conta do seu espaço, não havia necessidade de ser trancado a chave, “mesmo porque

lá, inclusive o nome do internato, não sei se você observou era Lar “Meimei”, eles não gostavam que chamassem de orfanato. Então, todo o ensino lá, era que funcionasse como um Lar, que nos tratássemos como irmãos”. (CRUZ, 2009).

O espaço seguia a seguinte divisão: 01 – sala de tv, 01 – sala para a direção, 01 – banheiro com três gabinetes, 01 – corredor, 01 – consultório médico, 01 – cozinha, 01 – refeitório, 01 – dispensa, 05 – quartos distribuídos (01 para os meninos, 02 para as meninas e 02 para as guardiãs) e uma área livre ao fundo da instituição. Ao todo, a estrutura do Lar Meimei era dividida em doze compartimentos. A área livre era o local escolhido pelos internos para as realizações de suas fantasias de criança; na mesma localização existiam árvores e eles adoravam subir. Segundo Souza (2013) “a gente ficava muito na sala, mas bem mais no quintal, porque tinham duas mangueiras e os meninos brincavam de bola”.

O Livro de matrícula do ano 1966 da Casa do Pequenino, foi a segunda relíquia que chegou as mãos da pesquisadora. Trazia na sua capa as seguintes informações: nome da Escola, município, endereço, ano e nome dos membros da diretoria. Ao ser folheado, percebeu-se a forma como havia sido organizado: número de matrícula, data, dia, mês, nome do aluno, série, novo ou repetente, data de nascimento, nacionalidade, naturalidade, endereço, religião, profissão e grau de instrução dos pais. Por meio do acesso a essa fonte de pesquisa descobriu-se quantas e quais foram as crianças, que vivenciaram as primeiras práticas dentro da Escola “Amélie Boudet”, durante o primeiro ano de funcionamento.

Quadro 7: Demonstrativo alunos matriculados 1966

REGISTRO DE MATRÍCULA			
Ano	Total de Alunos	Meninos	Meninas
1966	19	10	09

Fonte: Livro de matrículas (1966). Arquivo Casa do Pequenino.

Quadro 8: Alunos matriculados

Nº	ALUNOS	DATA DE NASCIMENTO
01	Maria de Fátima Santos	04.10.1951
02	*José Carlos dos Santos	-
03	Maria de Fátima Santos	04.05.1949
04	Eliana Rubens Santos	25.04. 1951
05	José Conceição dos Santos	01.10.1960
06	Durval Santos	25.03.1961
07	Amintas Euzébio dos Santos	28.02.1960
08	Elizabete Gomes Sales	04.10.1961
09	Ozenilde Martins Barros	08.03.1960

10	*Cleonilde	1960
11	*Mauricio	-
12	Rosilene Rodrigues Santos	25.05.1960
13	Osvaldo Martins Barros	07.02.1959
14	*Jorge Luís dos Santos	-
15	Selma Maria Santos	07.04.1961
16	Maria Valderez Silva de Oliveira	08.08.1959
17	Nazel Santos	31.10.1960
18	Marcos Antônio Gomes Sales	19.11.1960
19	Edvaldo Santos Teles	01.10.1961

Fonte: Livro de matrículas (1966). Arquivo Casa do Pequeno.

A análise do livro de matrículas revelou algumas omissões a exemplo do sobrenome e data de nascimento de alguns alunos, poderiam ser filhos de funcionários e foram inseridos na relação como uma forma de aumentar o número de matrículas, ou os responsáveis fizeram a reserva de vagas e depois não compareceram para a efetivação da mesma. No encerramento do primeiro ano foi confirmada a conclusão de dezessete alunos.

Com relação aos endereços que constavam na ficha de matrícula dos alunos, em sua maioria era da cidade de Aracaju. Outro ponto referente à localização residencial é que os mesmos correspondiam aos respectivos locais de trabalho dos pais das crianças (Rua Vila Cristina, Avenida Augusto Maynard, Rua Dom José Thomaz, Rua Américo Curvelo, Rua Vereador João Claro, Rua Cedro, Praia 13 de julho). As ruas citadas ficavam próximas à Casa do Pequeno, em uma região privilegiada da cidade, o que reforça que essas crianças eram filhas de empregadas domésticas que prestavam serviços nas residências localizadas naquela região.

Em torno da filiação de todos os alunos do ano de fundação, a maior parte deles apresentou, nas suas fichas individuais, tanto o nome do pai como o da mãe; uma pequena minoria constava ausência de nomes na certidão de nascimento. Quanto às profissões dos genitores houve uma variação, no que se referia à figura do pai, pode-se constatar que eles eram: pedreiro, carpinteiro, pescador, servente, mecânico e pintor. As mães geralmente se definiam como “do lar”, ou empregadas domésticas.

É preciso ressaltarmos que, embora se configurasse em instituição espírita, nenhuma família se declarou seguidora do espiritismo. Porém, o fato de não se declararem espírita não impossibilitava de realizarem a matrícula, levando em consideração que as Escolas

Confessionais Espíritas, tinham como proposta não fazer distinção de cor e credo; além de que “zelar pela criança corresponde a um gesto de humanidade descolado da religião que transcende o âmbito das relações privadas, da família e da caridade para significar a garantia da ordem ou da paz social”. (RIZZINI, 2008, p.24); o importante era contribuir para que as crianças saíssem da margem de pobreza recebendo educação.

Segundo o Regulamento da Escola “Amélie Boudet” - Casa do Pequenino, os alunos deveriam ser preparados para admissão ao curso primário, ginásio ou qualquer curso secundário nacional e ainda se propunha a despertar na criança o sentimento de amor à pátria. A educação cívica deveria abranger “o estudo dos deveres do homem, como cidadão, nas suas relações com a Pátria e a humanidade.”(HORTA,1994, p. 157). Assim, as crianças agiriam dentro do código de civismo, com hábitos saudáveis, levando a honestidade, cooperação e trabalho na instituição.

Ata da 142ª. Sessão extraordinária de Diretoria da União Espírita Sergipana, em sua sede, à rua Santa Luzia, 146, em Aracaju, para leitura e aprovação do Regulamento Interno da Escola “Amélie Boudet”, anexo a Casa do Pequenino, apresentado pela comissão nomeada anteriormente pelo Presidente conforme consta da ata da sessão passada. Depois de lido e analisado e aprovado passamos a transcrevê-lo como segue: Regulamento Interno da Escola “Amélie Boudet” – **Capítulo I (Da Instituição, sua sede e fins)**

Art. 1º - A Escola “Amélie Boudet”, fundada em 14 de março de 1966, título em homenagem a grande mulher, esposa do missionário Allan Kardec, acha-se devidamente registrada no Departamento de Educação, de acordo com as leis em vigor.

Art. 2º - A Escola “Amélie Boudet” é um anexo da “Casa do Pequenino” funcionando sob sua direção e se propõe a administrar o ensino primário, gratuitamente, obedecendo ao programa oficial adotado no Brasil, preparando seus alunos para admissão ao ginásio ou qualquer curso secundário nacional, e ainda se propõe:

- a) Despertar na criança o sentimento de amor à Pátria;
- b) Fazê-la agir dentro do código de civismo, dando-lhe hábitos sadios, ordem, honestidade, cooperação e trabalho;
- c) E, acima de todos esses princípios, o mais elevado, o mais sincero e consciente amor a Deus.

Art. 3º - Tem sua sede e funcionamento no conjunto “Casa do Pequenino na rua D.José Thomaz, 588, nesta capital, por tempo indeterminado e será mantida pela Casa do Pequenino”, patrimônio da União Espírita Sergipana. Poderá receber ajudas, donativos das Instituições particulares ou pessoas, subvenções dos poderes públicos.

Capítulo II – (Do Pessoal)

Art. 4º - A Escola “Amélie Boudet” , sob a direção da “Casa do Pequenino”, terá o número necessário de professores e auxiliares, se regendo de acordo com as normas do ensino.

Capítulo III – (Do Patrimônio)

Art. 5º - O patrimônio da Escola “Amélie Boudet” adquirido, ou que venha a adquirir, em qualquer espécie, pertencerá à “Casa do Pequenino”, patrimônio inalienável da União Espírita Sergipana.

Capítulo IV – (Das disposições gerais)

Art. 6º - Este Regulamento será reformável em parte, ou no todo, quando por deliberação da direção da “Casa do Pequenino”, sempre em harmonia com as normas do ensino, com a aprovação da diretoria da União Espírita Sergipana, sua patrocinadora. Qualquer quantia destinada a Escola “Amélie Boudet”, só poderá ser recebida pelo tesoureiro da “Casa do Pequenino”, com o visto do presidente da União Espírita Sergipana, conforme dispõe o artigo 36 do Regulamento Interno dessa Instituição.

Art. 7º - Este Regulamento aprovado pela Diretoria da União Espírita Sergipana, em sessão de hoje, dois de abril, está em consonância com o art. 1º, parágrafo 3º, dos Estatutos e os artigos 35º, 36º e 37º, do Regulamento Interno da União Espírita Sergipana, será posto em execução depois do registro legal.

Art. 8º - Revogam-se as disposições em contrário. Aracaju, 2 de abril de 1966. (LIVRO DE ATAS, nº 4, 06.11.1964 – 01.01.1979).

No primeiro ano de funcionamento, apenas nove crianças viveram dentro do Lar Meimei, o ano de 1967 seria então o segundo ano de atividade da Escola Amélie Boudet e o primeiro do Lar “Meimei”, de acordo com o livro de matrículas. Dos 48 (quarenta e oito) alunos matriculados, nove eram do Lar “Meimei”, os demais eram apenas alunos da escola, que funcionava no turno da manhã.

Quadro 9: Primeiros internos do Lar “Meimei”

Ordem	Interno	Data de Nascimento
01	Maria da Anunciação	15.08.1958
02	Pedro Mendes Bispo	13.05.1961
03	José dos Santos	18.03.1960
04	José Augusto dos Santos	14.05.1960
05	Maria Rosa dos Santos	31.01.1961
06	Luiz Fernando dos Santos	29.01.1960
07	Daniel Nascimento Santos	25.09.1960
08	Davi Nascimento Santos	05.11.1961
09	Paulo Mendes Bispo	13.05.1961

Fonte: Livro de Matricula (1968). Arquivo Casa do Pequenino.

Figura 22 – Primeira turma de Internos do Lar Meimei



Autoria: Desconhecida. 1967. Acervo – Casa do Pequeno.

No registro fotográfico acima, da esquerda para a direita é possível identificar a presença de Laura Amazonas; Neyde Mesquita; Maria de Lourdes – guardiã; Davi - responsável por fazer às feiras da instituição; José Mesquita Neto e Orlando Macedo. As crianças da fila da frente são: Maria da Anunciação, Pedro Mendes, Paulo Mendes, José dos Santos, Maria Rosa. Na fila de trás estão: Luís Fernando, Daniel Nascimento, Davi Nascimento e José Augusto. A forma como essas crianças chegaram à instituição foram diversas; algumas pela ausência de condição dos pais em poder educá-las, outras porque eram órfãs de um dos genitores, o que acabava acarretando dificuldades na criação dos filhos. Na fala de um ex-interno a condição financeira foi o fator que contribuiu para que ele e mais dois irmãos fossem entregues no Lar “Meimei”: “era a pouca falta de condição, porque minha mãe tinha sete filhos e era desempregada, era cardíaca também. Isso aí foi o que a levou a

matricular a gente”. (CRUZ, 2009). Na fala de uma ex-diretora o motivo se dava após “o falecimento de seus pais, quando as famílias não demonstravam mais interesse em permanecer criando aqueles menores”. (BEZERRA, 2009). Cada família tinha o seu real motivo para entregar seu filho a uma instituição asilar.

O Lar “Meimei”, a partir de 1967 passaria a ser a casa de várias crianças. Só reforçando a fala de Divaldo Franco no mesmo ano, quando na inauguração da instituição disse que o “Lar ‘Meimei’ teria a tarefa de plantar almas, construindo aí um ‘Lar do Amor’.” (LIVRO DE ATAS DO LANÇAMENTO DA PEDRA E OUTRAS INAUGURAÇÕES, 1967, p. 06). A instituição deveria acolher e tentar transformar a vida dos internos. Isso fica visível na fala de um ex-interno: “quando eu cheguei tinham 22 crianças com meu irmão, ele foi primeiro, depois eu fui. Aí depois quando a moça que tomava conta que era Tia Rosinalva, soube que eu tinha outro irmão, e que era doente pediu que trouxesse”. (CRUZ, 2009).

E eles foram chegando. Traziam dentro de si a sua história, a exemplo de Souza, uma menina que chegou à instituição com quatro anos de idade, porém já havia passado por situações, pouco comuns ao seu tempo de vida.

Aos dois anos, foi encontrada maltrapilha, com os pés ungidos pelo chorume dos mercados centrais de Aracaju, uma garotinha de mais de dois anos brinca de corpo sujo e alma limpa. Seu semblante leve, alheio à insalubridade, dá provas de que não há sujeira no mundo capaz de encardir a alma de uma criança. Ao lado dela, sentada na calçada, uma mulher permanece imóvel, cabisbaixa, indiferente. É a mãe, tem obrigação de cuidar da menina, mas já não pode fazê-lo. Está morta. E a pequena diverte sozinha, sem saber. Diante da cena, um jovem de 17 anos estende a mão à criança, pergunta se está com fome, oferece um picolé, depois, um abrigo[...] Quando encontrada na região dos mercados, a pequena tinha a vida por um fio. Perambulava na lama somente de calcinha, apresentava escaras nas nádegas por conta das fezes e urina acumuladas ao longo de sabe-se lá quanto tempo. (MULLER, 2013, p. 67).

A pequena passou a morar na casa desse jovem, porém, no ano seguinte, o mesmo é convocado para servir o Exército, a mãe do rapaz aproveitou-se dessa convocação pelas Forças Armadas, pois não conseguindo mas lidar com a situação, uma vez que além dos seus nove filhos ainda tivera que assumir a menina Souza, decidiu, entregá-la a uma vizinha que se responsabilizou por criar a pequena menina. Pouco tempo depois a mesma ficaria viúva e,

deixando a cidade de Aracaju, mudando-se para o Rio de Janeiro; porém, antes da sua ida, leva a pequena para a sua nova casa o Lar “Meimei”.

Eu cheguei a Casa do Pequenino era cinco horas da manhã, estava todo mundo dormindo, eu tinha 4 anos e meio de idade, foi assim que eu cheguei. Minha mãe, na realidade minha mãe adotiva que me levou para lá. E, ela me levou cedo, porque entrava seis horas no trabalho, os meninos ainda estavam dormindo quando ela chegou. A partir daquele dia já foi para me deixar, antes ela já tinha ido conversar com a direção eu acredito, e depois já foi para me deixar [...] Ela me deixou lá, porque não era minha mãe biológica, estava saindo do trabalho, teve uma decepção na vida dela e estava indo para o Rio de Janeiro, e não tinha com quem me deixar. (SOUZA, 2013).

Essas histórias passaram a permear o cotidiano do Lar “Meimei”. Uma interna conta que tinha na base de seis anos (ANUNCIAÇÃO, 2016), quando passou a residir na instituição, e o motivo para o seu ingresso foi:

Porque nosso pai era doente, mas não tinha morrido; que morreu primeiro foi minha mãe. Eu fui para lá quando minha mãe morreu, mas antes já havia passado por outros. Por um de feiras, nesse eu peguei uma sarna danada, era eu e minha irmã, mas ela morreu em um desses. Eu sei que passei por vários lugares. Aí por último foi nesse e aí eu fiquei. [...] Éramos sete irmãos, minha irmã trabalhava na casa de uns parentes de José Smith, do “Centro Espírita Caminho da Redenção”. Como é que ela ia trabalhar e estudar? Aí ela resolveu: um foi morar com José Smith, uma irmã foi morar com a comadre de minha mãe; meus outros dois irmãos José dos Santos e José Raimundo, foram para a Cidade dos Menores. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Dentro da estrutura do Lar “Meimei”, essas crianças deram início a uma nova fase da vida. Embora a intenção dos condutores da instituição não consistia em futura adoção dessas crianças por outras famílias, o que se pretendia, na realidade, era que a família de origem melhorasse a condição de vida. E para isso, durante um determinado período essas crianças que estavam em situação crítica viveriam na instituição, mas assim que a família estivesse em condição levaria novamente o pequeno ao convívio familiar; a criança deixaria as dependências do Lar “Meimei” retornando ao seu núcleo de origem.

A intenção era ter uma oportunidade. Assim, melhorou de vida já dava o lugar para outro.[...] Não havia adoção, todo mundo tinha um responsável. A gente entrava com essa condição que eu disse, estávamos passando necessidade, mas todos ali tinham pai ou mãe. A única, que não tinha era eu, todos que passavam por ali, tinham pai e mãe, ou então a pessoa responsável. Eu sei que na minha documentação tinha José Smith, mas ele

foi o intermediário; no meu caso era minha irmã que era de maior e ficou tomando conta da gente. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

O Lar não deveria aceitar órfãos. Seguindo o significado de orfandade utilizado pelos Diretores da instituição, na visão dos mesmos não consistia apenas na falta dos genitores, mas na ausência de uma pessoa independentemente de ser o pai ou mãe, que pudesse se responsabilizar pela criança.

Eles pegavam, mas se era você que estava levando, teria que ser o responsável pelas visitas, pelo acompanhamento, por tudo. Essa pessoa não seria órfão, porque ele tinha um responsável; não era aquela coisa de pegar na rua e levar. Existiram, poucos casos como o de Souza, porque a pessoa que levou ela, depois não quis ser o responsável. (CRUZ, 2009).

Por mais que o propósito do Lar “Meimei” fosse apenas acolher os pequenos durante um período, não sendo permitida a adoção de nenhuma criança que ali estivesse; o que se constatou foi que algumas dessas crianças viveram boa parte de suas vidas lá dentro. A menina Souza viveu vinte anos na instituição; Anunciação, que chegou com seis anos de idade, saiu apenas, após o fechamento do Lar. Nesse período a menina já havia se tornado uma mulher, saindo da estrutura da Casa do Pequenino com seus trinta e um anos de idade e de interna passou a guardiã do Lar “Meimei”. Ela vivenciou os dois lados da moeda: recebeu e deu afeto.

4. LUGARES QUE MORAM NA GENTE

Casa do Pequenino para alguns internos e ex-alunos, pode ter sido parte de uma composição, não musical, porém de suas vidas um “lugar além do horizonte, bonito e tranquilo” para que eles pudessem sonhar. E nesta IV Seção, será desvendado o dia-a-dia na instituição, com o propósito de reconstruir o cotidiano escolar e a representação deste lugar para aqueles que passaram por lá em um determinado momento de sua existência. **Lugares que moram na gente**¹⁰⁴ possibilitou a capacidade de construir o significado de um local que deixou suas lembranças.

A história é uma marca,
uma lembrança
que nos acompanha
nas andanças
lado a lado, insistente
que não cansa,
pois, faz parte da gente.
São pessoas, são lugares,
características e impressões
que não se desfazem
que não desatam,
que não desgrudam,
pois a história é um lugar
que mora na gente.
História que é relevante
que é importante,
que é de lida,
que irradia
porque traz no seu alforje
à essência das pessoas
e sua vidas.
Raimundo Venâncio

¹⁰⁴ Lugares que moram na gente é um poema não publicado; construído exclusivamente para a IV seção desta Dissertação de Mestrado, que recebe o mesmo nome da poesia.

4.1 – “RECORDAR É VIVER”

As memórias dos alunos e internos têm um papel fundamental na construção da história de uma instituição, mas sabe-se que ao entrar nesses espaços, que até então pertenciam apenas a eles, traz-se à tona coisas do seu íntimo que podem tê-lo causado alegria ou até mesmo um certo sofrimento. Essas recordações de crianças, hoje narradas por adultos a partir desse momento, deixam de ser apenas lembranças e passam a povoar a memória de uma instituição.

Mas não podemos “esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos, se lembram”. (PORTELLI, 2001, p.122-123). Para a reconstrução da memória foi preciso a utilização do método da história oral de vida, que pode ser resumida, de acordo com Meihy (1998), como um conjunto de narrativas da experiência de vida de uma pessoa. Nesse caso das experiências vividas pelos internos dentro de uma instituição, serão várias. Que elas não sirvam para julgamentos e sim para reedificação de uma história passada, mas, ao mesmo tempo, tão presente em cada ex-interno e aluno¹⁰⁵.

Toda esta seção foi reconstruída sob a análise da memória dos internos e alunos que estiveram na Casa do Pequenino no período determinado pelo marco temporal que norteou a pesquisa, mas aqui especialmente estão registradas respostas emitidas por esses atores que, ao recordar, viveram e conseguiram passar a sua história de vida, cada um com sua emoção. E, à pesquisadora, só coube ser o mais autêntica possível em cada transcrição, porque essa história não é dela, mas deles. “É exatamente porque as experiências são incontáveis, mas devem ser contadas, que os narradores são apoiados pelas estruturas mediadoras da linguagem, da narrativa, do ambiente social, da religião e da política. As narrativas resultantes – não a dor que elas descrevem mas as palavras e ideologias pelas quais são representadas – não só podem, como devem ser entendidas criticamente”. (PORTELLI, 2001, p.106). Assim, para a construção desta história foi preciso entender qual o significado da Casa do Pequenino para os seus ex-alunos.

Ainda significa porque o nome da Casa era, assim, Casa do Pequenino; e interessante que tio Mesquita tinha esse negócio com a gente, pequenino,

¹⁰⁵ Embora, tenhamos realizado doze entrevistas, reconstruímos a memória para esta seção em torno da fala de quatro alunos, sendo três mulheres e um homem. Apenas dois desses alunos, eram órfãos ao ingressarem na instituição e todos pertenciam a menor classe da sociedade.

pequenino, meus pequeninos. Quando eu chego lá eu me sinto realmente a pequenina. Até hoje representa muita coisa, a minha infância. Eu como psicóloga vou levar isso para o resto da vida. Fiquei lá, quer dizer, quase até os vinte anos, só faltou um mês para completar vinte anos. Você imagina ficar dos quatro até os vinte anos? Foi quase uma vida inteira dentro de uma instituição. (SOUZA, 2013).

Não diferente de Souza, a ex-aluna e gaurdiã Maria da Anunciação, demonstrou o seu senso de gratidão, pela Casa e seus administradores.

Foi uma experiência, assim, que nunca vai sair das nossas mentes e de nossas caminhadas, a vida toda eu vou lembrar. Entrei lá com seis anos de idade até o final com trinta e um. Então, sempre vai ficar gravado na memória tudo que passamos lá. Desde de quando era assistida, e quando passei a ajudar tomando conta das crianças. Foram momentos, assim, muito bons mesmo. Tiveram aqueles momentos que a gente se aborrece, mas faz parte de toda caminhada da gente, e eu jamais vou esquecer, principalmente as pessoas que passaram por lá. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Na Doutrina Espírita, acreditasse que todo individuo pode ser modificado, mas é preciso ensinar na infância, para na fase adulta, poder colher bons frutos.

Fez de mim o que eu sou hoje, acho que fui mais feliz lá do que se eu estivesse com minha própria família. Eu sinto falta até hoje, acho que vou morrer sentido falta de não ter tido meu pai e minha mãe. Mas eu acho assim, que tudo que me ofereceram lá, meu pai e minha mãe não teriam oferecido. E para mim as melhores pessoas de lá, na realidade, tinha muita gente boa, tia Terezinha, tia Lindaure, nossa, se eu for dizer! Mas, assim, as pessoas que de certa maneira marcaram a minha vida foram tio Mesquita e tio Sotero. (SANDRA, 2016).

Cada gestor da Casa do Pequenino, acabou contribuindo com a formação de dezenas de crianças. A vivência no lar “Meimei”, pode ter influenciando alguns dos ex-internos a optarem pela Doutrina Espírita. Talvez o propósito das Escolas Espírita fosse justamente fornecer educação as crianças à margem da sociedade, e depois de educadas, essas faria a escolha pela doutrina, se esse realmente era o objetivo não afirmamos, mas a simbologia do espiritismo foi aprendida por elas, ao ponto de dizerem que se tornaram espírita: “porque foi lá que a gente começou a conhecer a doutrina, a primeira professora eu só não lembro se foi tia Augusta que passava, assim, o catecismo espírita”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Outro interno afirmou que a sua passagem pela Casa do Pequenino contribuiu para sua opção religiosa: “Sim! Porque uma coisa que você aprende desde de criança, você tá sempre

acompanhando aquilo na sua vida, no seu cotidiano”. (CRUZ, 2009). A educação espírita foi fonte de representação para os pequenos atores que se apropriaram dos ensinamentos repassados naquele espaço, “quase todos nós somos espíritas pela nossa vivência lá dentro. Pode ter certeza!” (SOUZA, 2013).

Na Casa do Pequenino especificamente na estrutura do Lar Meimei não se permitia a adoção das crianças, as mesmas deveriam permanecer no espaço até a organização financeira de seus familiares, mas existiram crianças que nunca mais retornaram para suas casas, permanecendo no lar até a vida adulta.

Permaneci até adulta, aí quando eu fiquei de maior, depois dos dezoito anos, tio Mesquita disse: olhe, vamos fazer o seguinte, eu vou pagar seu INSS para você ficar, assim, garantida, vamos botar (sic), assim, como você ajuda a tomar conta das crianças. Acho que ele colocou até doméstica na profissional. Aí eu disse: tá tudo bem! Fiquei lá o tempo todo, só saí mesmo quando disseram que não seria mais orfanato. Fiquei lá vinte e cinco anos. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Outros saíram e retornaram:

Eu cheguei lá com oito anos, saí com dezesseis. Nesse intervalo fui para a casa da madrinha do meu irmão, mas não gostei. Acabei fugindo e retornando para a Casa do Pequenino, só depois que fui morar com Josefa, que era irmã de Maria da Anunciação. (SANDRA, 2016).

Retornavam, porque a instituição para muitos não era apenas o espaço que servia de asilo, mas sim pela representação de família construída entre os internos, “se tornava uma família, irmão”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Sendo para alguns um lugar:

Excelente! Porque era aquela convivência de família, os funcionários moravam lá. A condição era essa, de morar para que se entrosassem como família. Até hoje sou amigo de alunos da Escola “Amélie Boudet”; eles tratavam a gente da melhor maneira possível não havia discriminação. Mesmo porque os professores já trabalhavam com isso. (CRUZ, 2009).

Na vida sempre há um professor ou uma professora que marca. Dentro do Lar “Meimei” e da Escola “Amélie Boudet”, existiram essas figuras. “Tia Rosinalva era muito receptiva, inclusive a minha ida para lá foi a pedido dela, e foi fácil a minha adaptação, justamente por isso, porque ela tratava a gente como se fossem realmente filhos”. (CRUZ, 2009). A professora, fazia bem a pedagogia espírita, ou seja cultivava o sentimento nas

crianças, “como eu queria vê-la novamente. Têm umas pessoas que a gente sente vontade de ver”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). As suas práticas aperfeiçoavam às crianças.

Dona Rose que era, na realidade, Rosinalva, ela foi uma pessoa que contrariava certas coisas da instituição, porque era muito favorável a nós nesse sentido. Ela se apegou, se apegava demais à gente, e a saída dela nem a gente entendeu. Primeiro acho que, na época, eu tinha oito anos quando ela saiu, mas lembro que ela era de colocar a gente no colo, deixava de fazer as coisa para cuidar da gente, um cuidar com afeto. (SOUZA, 2013).

Essas pequenas demonstrações de sentimentos, por meio dos métodos e dos processos educativos na educação espírita só contribuiria para a formação de caráter dos internos. Mas além, de D. Rosinalva existiram outras professoras e guardiãs:

Já Dona Zélia foi completamente diferente, mas acho que eles devem ter orientado, dito alguma coisa a ela. Dona Zélia era para fazer as coisas de casa, aí a gente, eu acho que nós ficamos mais desobediente ainda, como que para chamar a atenção de que não era só daquilo que a gente precisava. (SOUZA, 2013).

As lembranças construídas pelas crianças em torno dessa guardiã, não tiveram o mesmos grau de D. Rosinalva, até porque D. Zélia era uma pessoa de mais idade e se preocupava mais com os afazeres da estutura.

Tia Zélia, eu já tomava conta das crianças, já ajudava D. Zélia. Ela era mais, assim, dos afazeres do lar; eu administrava. Os meninos não obedeciam Dona Zélia; ela era devagar, calma, aí os meninos mangavam dela. E eu tinha que tomar à frente senão eles aprontavam com D. Zélia. Ela trabalhou muito tempo lá! Aí simplesmente mandaram embora, como a gente também. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Mas cada professora e guardiã deixaram suas recordações, “teve também D. Marinete e Tia Elda. Eu terminei com elas na evangelização e continuei evangelizando. Quando tia Elda foi embora para Macaé, que o marido foi transferido, ela fez uma festa tão bonita para a gente se apresentar. É pena que não tenho foto”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Outros internos:

Preferia as aulas de evangelização, eram mais interessantes do que a escola. Porque eu fiquei muito tempo no orfanato, e não me lembro o dia se alguém me bateu, acho que não! Mas na escola sim, por isso que eu lembro dessa professora da escola, ela puxava muito minhas orelhas, e eu simplesmente

não podia dizer nada porque o orfanato não queria! Ela puxava muito minhas orelhas e eu não gostava, ela falava muito alto, muito impositiva e aquilo me assustava; as outras acho que foram razoáveis, não tenho lembranças nem boas e nem ruins. Mas a professora Elda, da evangelização, essa sim! Ela contava história, por isso eu gosto muito de contar história, e isso eu devo a ela. (SOUZA, 2013).

E assim, cada interno e aluno ia construindo o seu caminhar com as representações do espaço e os símbolos da Doutrina Espírita. Já que não sabiam, o que estaria traçado nos seus caminhos, após a saída da Casa do Pequenino. “Eu não me formei, fiz um curso de ervas naturais porque gosto muito da medicina natural. Tinha um curso, eu fiz, aí foi minha formatura, pronto aí me realizei, não me preocupei em fazer uma faculdade, fiz o segundo grau de nível médio”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Mas cada um ao seu modo recomeçou a sua própria história “conclui o segundo grau, me casei, tenho uma filha de vinte anos e hoje sou diarista. Trabalhei muito tempo para os outros, mas percebi que trabalhando por conta própria iria ganhar mais”. (SANDRA, 2016). A vivência dentro da Casa do Pequenino, não tirou dos internos os sonhos, “logo depois que saí do Lar fiz o curso técnico de enfermagem. A primeira graduação foi em Serviço Social, hoje sou psicóloga, tenho mestrado em educação e sou professora universitária”. (SOUZA, 2013). “Fui ser office-boy do Banese-Banco do Estado de Sergipe, depois ocupei a gerência da Associação Atlética do Banese; trabalhei em uma empresa de ônibus, sofri um acidente, vivo do auxílio do INSS. Tinha o sonho de ser engenheiro civil, mas ainda não consegui realizar”. (CRUZ, 2009). Trabalhar com história de vidas requer um zelo, pois lida-se com o que há de mais precioso em cada um: a sua própria história.

4.2 AS LEMBRANÇAS DOS PRIMEIROS DIRETORES

A primeira diretora da Casa do Pequenino, a professora Neyde Figueiredo de Albuquerque Mesquita, nasceu a 30 de dezembro de 1919, na cidade de Aracaju. Era filha do alagoano Xisto Ferreira de Albuquerque e Esmera Figueiredo de Albuquerque. Coursou o primário no Colégio Nossa Senhora da Glória, que funcionava na Rua de Maruim, com Dona Yazinha Maia. No curso ginásial transitou pelos corredores do Colégio Atheneu Sergipense, onde fez cinco anos de Humanidades. Foi aluna dos professores: Abdias Bezerra, Franco Freire, Artur Fortes e Oscar Nascimento.

Aos quinze anos conheceu o cearense José Mesquita Neto, casando-se com ele dois anos depois, em 1937. Naquele período as mulheres contraíam matrimônio muito jovens sendo, a elas, reservadas “as responsabilidades e os cuidados com a saúde da prole”. (ALMEIDA, 2007, p. 74). Depois da realização do casamento transferiu-se para o estado do Piauí e, em seguida, para o Ceará. Anos depois retornava a Aracaju.

De volta à cidade toma conhecimento da abertura de concurso para professora de Recreação do Jardim de Infância “Augusto Maynard”¹⁰⁶. Inscreve-se mesmo contrariando o marido, que até então tinha pensamento fixo de que lugar de mulher casada era dentro de casa. “A supremacia masculina e a permanência da mulher no espaço doméstico continuava sendo considerada um tipo ideal de comportamento”. (ALMEIDA, 2007, p. 108). Porém, mesmo com as pressões, por parte do marido, a professora Neyde Mesquita foi aprovada em primeiro lugar e começou a trabalhar cheia de ideias no jardim de infância.

Depois de marcar presença no Jardim de Infância “Augusto Maynard” abriu a sua própria instituição escolar, situada em frente a sua residência, denominando-a de Instituto Sílvio Romero, com vagas até a quarta série do ensino primário. O colégio passou a se destacar por oferecer aulas de inglês e festas de São João, do dia das mães e de fim de ano.

A educadora Neyde Mesquita é lembrada como uma pessoa dinâmica, o que a fazia não parar de se lançar a novos desafios. Assim, submeteu-se à prova de suficiência, para ser professora de educação doméstica da Escola Normal, conseguindo aprovação. Mas, o fato de se assumir espírita convicta lhe valeu algumas perseguições. Porém, sua vitalidade não permitiu que desanimasse, e durante sua passagem pela Escola Normal criou o Clube dos Quatro H's (head, heart, hands and health), que em inglês significam cabeça, coração, mãos e saúde; com ele, através das alunas era desenvolvido um trabalho de preparação de enxovais que eram entregues às crianças pobres e internas no Hospital Cirurgia.

Mesmo com todas essas atribuições a educadora Neyde Mesquita, com o seu espírito inquieto, prestou mais um concurso; dessa vez para ensinar na rede estadual, a disciplina Educação Moral e Cívica, no Colégio Atheneu Sergipense. Sendo aprovada, deu início aos trabalhos na nova instituição. Com seu espírito dinâmico, na década de 60 do século XX

¹⁰⁶ O primeiro Jardim de Infância do estado de Sergipe, fundado em 1932, durante a intervenção de Augusto Maynard, no estado, a princípio denominado Casa da Criança de Sergipe. Foi considerado uma inovação no Estado, já que poucas instituições no país traziam os ideais educativos aliados aos cuidados com a saúde e higiene infantis. Maiores informações ver em: LEAL, Rita de Cássia Dias. **O primeiro jardim de infância de Sergipe:** contribuição ao estudo da Educação Infantil (1932 - 1942), São Cristóvão-Se, 2004. (Dissertação de Mestrado).

iniciou, em Aracaju, o Curso de Desenvolvimento Artístico; nesse período ninguém pensava em ballet como uma possibilidade educativa. Assim, implantou o primeiro espaço para a realização dessa atividade. No Departamento de Educação Estadual marcou presença nas inúmeras funções desenvolvidas: foi membro do Conselho Estadual de Educação, na época de sua criação, no decorrer da administração de Gileno Lima¹⁰⁷; na Prefeitura de Aracaju assumiu o cargo de diretora do Departamento de Educação do Município; na Secretaria de Educação do Estado trabalhou como assessora até 1970, sendo responsável pela Parada de Sete de Setembro e pela criação dos Centros Cívicos nas escolas estaduais.

FIGURA 23: NEYDE MESQUITA - 1967



Autoria desconhecida. Acervo da Casa do Pequeno.

Apesar da gama de atividades em que se via envolvida, a professora também estava comprometida com a Casa do Pequeno, ao ponto de ser indicada pelos membros da UES, a

¹⁰⁷ Nasceu em Cachoeira/Ba, em 03 de abril de 1920 e faleceu na cidade de Aracaju, em 5 de maio de 2006. Dedicou sua vida à medicina e à política. Foi prefeito de Aracaju por apenas quatro meses, em 1967, quando da administração de Lourival Baptista no Governo de Estado de Sergipe. Desenvolveu suas atividades profissionais como Diretor do Serviço de Saúde e Higiene do Trabalho do Serviço Social da Indústria-SESI; Secretário de Medicina Social do Instituto Nacional do Seguro Social-INAMPS; Pró-reitor de Administração da Universidade Federal de Sergipe-UFS e Delegado Federal do Ministério da Saúde. Idealizou e comandou o processo de fundação da Academia Sergipana de Medicina.

assumir a função de primeira diretora pedagógica da instituição. A doutora Laura Amazonas já apresentava idade avançada e Neyde Mesquita, mais nova e dinâmica conseguia transitar muito bem pela administração pública de Aracaju, o que ajudaria nas possíveis subvenções, por meio dos órgãos públicos, para a escola confessional espírita. Na instituição pesquisada documentos apontam que a mesma sobrevivia de subvenções federais recebidas do Conselho Nacional da Criança e de um convênio municipal que garantia o pagamento das professoras.

A professora Neyde Mesquita esteve à frente da Casa do Pequenino no período de 1966 a 1990: vinte e quatro anos, um longo tempo. É lembrada pelos ex-internos e alunos como uma pessoa rígida, chegando a machucar os internos com suas palavras.

Ela passa para a gente um temor. Tio Mesquita mesmo de vez em quando ele batendo nos meninos, mesmo sendo antipedagógico, batia quando os meninos realmente precisavam. Eram poucos os que ficavam tristes, tia Neyde nunca batia em ninguém, mas a gente tinha medo da forma como ela falava com a gente; ela humilhava, humilhava demais a gente. E a gente entendia aquilo que ela falava, aquilo doía muito mais que qualquer coisa. (SOUZA, 2013).

Mas, mesmo com toda rigidez tia Neyde, como era chamada pelos internos, foi compreendida por alguns, que viram nas suas atitudes ensinamentos educativos para a vida.

Eu gostava muito de tia Neyde, não vou dizer que eu gostava tanto como gostava de tio Mesquita e nem que tinha ela como uma mãe! Eu achava ela muito rígida, e, assim, quando você é criança você não gosta, você quer ser educada, mas não com rigidez. Eu lembro de uma vez que tia Neyde rasgou a saia de Aleide, porque era curta! Na frente de todo mundo ela deixou a menina só de calcinha. Aquela atitude me marcou de uma forma que eu não conseguia vê ela (sic) como uma mãe, achava ela muito rígida. Mas ela educava, era o jeito dela, apesar de achar ela muito rígida. Ela era o tipo de pessoa assim, sabe, quando você só chama a atenção de alguém uma vez, pronto! Você não errava mais nunca, pelo menos não por aquele motivo. Isso na época para mim era horrível, mas depois que eu cresci e me tornei adulta eu só tenho a agradecer. Ela nunca precisou bater! Ela era rígida! Ela nunca bateu em ninguém, ela era rígida pela atitude dela, era brusca demais, aí chocava a gente. Era um tipo de educação que ela tinha, que você só errava uma vez; você nunca mais ia cometer o mesmo erro. E são coisas que só depois que você cresce vai perceber como foi importante. (SANDRA, 2016).

Contraditoriamente, essas práticas eram realizadas na Casa do Pequenino, não condizendo com o objetivo da educação espírita. Dentro dessas escolas não deveria existir

espaço que diminuísse o aluno ou interno. As correções por algum ato falho deveriam ser realizadas sim, porém por meio do diálogo e não utilizando-se do castigo corporal, nem colocando o outro em situação de constrangimento.

Tia Neyde, para mim, significou muito, mas ela era uma pessoa rígida, que deixava a gente, assim, meio constrangida, humilhada, assim em criança você não quer que essas coisas aconteçam, mas no final era para o nosso bem! [...] Ela era firme. Tio Mesquita sempre teve aquele temperamento mais calmo, mas todo mundo respeitava, não deixava de respeitar; já tia Neyde era aquele temperamento explosivo. Cada um com a sua forma de ser, mas era uma pessoa boa também. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Alguns internos não compreendiam como é que em uma estrutura que deveria semear o amor havia espaço para atitudes que acabavam ferindo-os.

Isso que eu estou dizendo, eu disse uma vez a ela, não sei por quê. Eu tinha na época quatorze anos, eu saí de lá iria fazer vinte, mas com quatorze anos eu disse isso: que ela não tinha paciência com a gente. E como era que uma pessoa espírita dizia uma coisa na hora que eu assistia às palestras dela, e quando vinha não fazia nada daquilo para a gente? (SOUZA, 2013).

As escolas idealizadas por Anália Franco e colocadas em prática por Leopoldo Cirne deveriam ter, no seu corpo diretivo, “mestres com uma postura modelar que transmitissem alegria, amor à natureza, religiosidade, docilidade, otimismo, tolerância e outras qualidades” (MONTEIRO, 2004, p. 40); seria a educação para com o outro, assim os internos se tornariam seres humanos melhores. A professora Neyde Mesquita, fora do Lar “Meimei” era conhecida como um ser humano alegre e educado, mas dentro da instituição ela não conseguia ser agradável aos internos.

Eu era muito verdadeira, me doía e eu não conseguia guardar. No dia das mães, uma vez, aprendi a bordar, então eu queria presentear-la e fiz um leque bordado para ela; ao invés de me agradecer ela perguntou: Como é que você conseguiu arranjar dinheiro para comprar este tecido? Olhei para ela e disse: é por isso que a senhora é assim, triste. Eu não vou dizer nada à senhora não, porque o que eu queria era que a senhora fosse a minha mãe! Mas, realmente, a senhora não é! Ela me puxou pelo braço e disse: sou sim! Ela tentava, mas não conseguia deixar de ser fria. Eu batia de testa com ela, mesmo com a idade que eu tinha eu desafiava ela. Mesmo assim ela não mudava, era difícil conversar com tia Neyde, ela era uma pessoa muito inteligente, inteligente até demais, mas era muito arrogante na forma de falar, era impositiva, sempre tinha razão. Interessante que ela tinha um poder

de persuasão; se você não tivesse cuidado, você saía de lá fazendo o que ela queria. Era muito difícil. (SOUZA, 2013).

Na educação espírita não há espaço para utilização do poder como forma de intimidação ao outro, porém quando a professora Neyde Mesquita chegava à Casa do Pequenino, ouvia-se o burburinho: “tia Neyde chegou!” (ANUNCIAÇÃO, 2016). Todo mundo corria para sentar, a presença de Neyde Mesquita gerava um grande temor.

Neyde Mesquita era mulher, espírita, e dona de grande inteligência, o que lhe proporcionou um capital intelectual invejável. Transitou muito bem pelas administrações estaduais e municipais, contribuindo para o lugar que ocupou na sociedade. Foi perseguida pela sua opção religiosa e esteve envolvida em conflitos religiosos como representante da doutrina espírita; talvez esses fossem os motivos que a levaram a se tornar uma pessoa dura, firme e fria, mas as crianças do Lar “Meimei” não poderiam ser penalizadas, por mais que estivesse nas mãos dela a responsabilidade de ter que educar crianças que não eram suas, cada uma com a sua forma particular de pensar, com uma família e costume próprios.

FIGURA 24: JOSÉ MESQUITA - 1937



Autoria desconhecida. Acervo da Família.

José Mesquita Neto nasceu no Ceará, em 26 de abril de 1907. Transferiu-se para a cidade de Aracaju em 1935, vindo com a missão de assumir o posto de gerente do laboratório Raul Leite. No ano de 1937 dois fatos aconteceram em sua vida: o casamento com Neyde

Mesquita e a conversão à doutrina espírita; esta última ocorreu durante uma viagem ao Rio de Janeiro, quando foi assistir uma reunião em um centro espírita. A partir dessa data passou a se dedicar aos estudos da doutrina e a contribuir com a mesma, ao ponto de ser Presidente da Federação Espírita do Estado de Sergipe. No seu mandato fundou o Departamento Educacional de Federação.

Foi um dos idealizadores, juntamente com Laura Amazonas, da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, cabendo-lhe o posto de primeiro diretor administrativo da instituição. Dono de uma calma admirável, apaixonado por leitura, ensaiou a publicação de alguns poemas em jornais locais. Mas, após a inauguração do Lar “Meimei”, em 1968, concedeu alguns anos de sua vida àquelas crianças, mudando a sua rotina matinal. Assim, todas as manhãs, geralmente por volta das oito horas, a sua chegada era aguardada com muita expectativa, pois “a gente gostava quando tio Mesquita chegava. Aí um já ia dizendo, tio Mesquita, tio Mesquita, um ia contando por outro e todo mundo corria para a sala, formava uma fila e começava a seção benção tio Mesquita, benção tio Mesquita, e tio Mesquita abençoava a todos”. (SANDRA, 2016). Cada interno construiu para si uma lembrança especial do diretor:

Para mim ele significou muito em minha vida, é como se fosse um pai porque ele se preocupava com tudo lá no Lar “Meimei”; ele ia todos os dias de manhã, oito horas ele já estava passando por lá. Tia Neyde não! Ela ia menos porque na época tinha uma floricultura e um colégio, aí não ia. Ia, assim, mais na parte da escola, ela administrava mais a escola e tio Mesquita era cá no Lar “Meimei”. Então a gente teve muito mais aproximação com ele, com ela também porque na hora de comprar as roupas era com ela. Mas ele era porque estava todos os dias lá, queria saber o que tinha acontecido, e tudo o que acontecia a gente ligava longo para ele. Aí todos os dias ele estava lá tomando conta da gente. Então ele foi uma pessoa muito presente nas nossas vidas. Apesar de não dormir lá, de não comer lá, mas ele dava tudo que tinha pela Casa do Pequenino. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Tio Mesquita, como carinhosamente era chamado pelos pequenos, no primeiro instante parecia uma pessoa séria, uns diziam ser “um espírito tímido”. (SOUZA, 2013). O certo é que os internos nutriam um sentimento especial por José Mesquita não sabendo muito bem explicar o porquê dessa afeição, simplesmente o definiam “como aquelas pessoas que você gosta de graça, sem precisar de nada” (SANDRA, 2016), ou seja, uma pessoa do bem.

Tio Mesquita era mais que um pai! Eu gostava de tio Mesquita porque ele representava algo que eu não tinha. Ele não era de colocar no colo, embora eu ainda sentei (sic) no colo dele algumas vezes; me lembro que ele me chamava de Sandra Passarinho. Depois que eu fui descobrir que Sandra Passarinho era uma jornalista. Assim, ele não tinha muito esse chamego que alguns pais têm, até porque nem todos os pais têm essa atitude de colocar no colo, mas ele passava algo muito bom, entendeu! Eu não sei lhe explicar. (SANDRA, 2016).

As representações que um indivíduo deixa para o outro estão fincadas em suas ações, assim, José Mesquita Neto realmente não era de colocar no colo, beijar e fazer carinho, mas mesmo sendo uma pessoa séria conseguiu suprir algumas ausências que faziam parte da vida de cada interno.

Ele brincava, sorria, conversava. Eu não lembro o dia que tio Mesquita brigou comigo. Ele era muito do conselho. E, assim, como eu era muito triste, porque eu queria ter pai e mãe e sempre me perguntava, por que eu não tinha pai e mãe? O que foi que eu tinha feito de errado? Aí ele passava uma coisa boa, entendeu! Ele fazia com que eu (sic) não ficasse tão sentida, porque não tinha pai e mãe. É como se ele substituísse, de alguma forma, aquela ausência de pai e mãe. (SANDRA, 2016).

José Mesquita Neto se aproximava mais da possível educação espírita, por suas práticas, pois utilizava o diálogo: “ele chamava a gente para conversar e gostava que durante a sua fala olhássemos para os seus olhos”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). A comunicação era exercida pelo diretor: conversava sobre notas baixas, sobre indisciplina, mas mesmo com essas características existiram momentos que simplesmente agiu contrariando todos os ensinamentos da educação espírita. Um determinado dia, em uma conversa com os internos:

Um dia estava conversando com a gente, porque estávamos conversando demais no colégio e, por isso, tirando nota baixa. Todo mês tinha boletim, ou ele ou tia Neyde tinha que assinar. Aí ele, conversando com a gente, que isso não podia está acontecendo, ele estava falando e a gente tudo olhando para ele e Nildete estava olhando para o chão. Aí ele disse: olhe para mim quando eu estiver falando. Aí ela começou a sorrir. Ele, mesmo sentado, só deu um chute que ela voou lá. (SANDRA, 2016).

Na gestão de José Mesquita como diretor administrativo havia a prática de punições: ele utilizava palmatória, batia nos internos. “Uma vez eu levei um tapa dele porque entrei dentro do tanque” (ANUNCIAÇÃO, 2016); os castigos eram aplicados por ele “porque era o diretor, tinham outros diretores, mas o mais ativo lá era ele, tudo quem resolvia por lá era

ele”. (CRUZ, 2009). Mas mesmo com essas atitudes as crianças não tinham raiva e entendiam como uma correção necessária. Porém, em momento algum é enfocado, na educação espírita, que a punição é uma forma de correção.

José Mesquita Neto, além de fazer esse papel da figura paterna, administrava a Casa do Pequenino não deixando faltar nada. “Ele era uma pessoa muito dada ao trabalho, não faltava nada; quebrou uma descarga ele ia consertar, a mínima coisa que fosse. Ele só não ia pintar a casa porque não tinha condições; contratava os pedreiros, os pintores. Mas tinha, assim, o gosto para fazer tudo” (ANUNCIAÇÃO, 2016), e acabava ensinando a uns internos. “Tio Mesquita me chamava de Prefeito do Lar, pois ele dizia que ali era uma cidade, e afirmava que o prefeito dali era eu; então essas tarefas passaram para mim porque aprendi rápido a mexer com eletricidade e também com hidráulica”. (CRUZ, 2009). O interno passou a ficar encarregado por esses pequenos consertos dentro da instituição.

Tio Mesquita faleceu em Aracaju, em 14 de março de 1992, na mesma data em que a Casa do Pequenino foi inaugurada e no mesmo ano de fechamento do Lar “Meimei”. Antes da sua morte já não comparecia com tanta frequência ao lar por conta de uma enfermidade.

Vários internos passaram pelo Lar “Meimei” por conta do método da rotatividade que se construiu na instituição, mas a figura do “tio Mesquita” foi forte em quase todos, a ponto da memória dividi “internamente entre o desejo de silenciar e esquecer e a necessidade de se expressar” (PORTELLI, 2001, p.124) de forma que uma ex-interna assina a seguinte fala:

José Mesquita Neto enquanto Diretor da Casa do Pequenino, sempre todas as manhãs nos visitava e sua chegada era esperada com muita expectativa por todos os seus “pequeninos”, como carinhosamente éramos chamados! Ele chegava e batia o cadeado no portão “nossa então campainha”. Sua batida era peculiar, todos já conhecíamos e para chegar ao portão tínhamos que atravessar um corredor enorme “bom assim víamos” e também tínhamos que lembrar de pegar a chave. Fazíamos “pareia” para saber quem chegava primeiro, e muitas vezes no meio da corrida o tio lembrava: “a chave, meninos!” e todos paravam a corrida do portão para iniciar outra corrida à procura da chave. Quem chegava sem a chave não ficava triste, pois suas mãos enormes e enrugadas atravessavam as brechas do portão e afagava um a um, como forma de consolo, porque quem conseguia abrir o cadeado era colocado no colo! E eu, como era a mais “pequenina” e nunca consegui ganhar a corrida do cadeado, recebia o mesmo prêmio de quem conseguiu abrir. Mesmo sabendo disso sempre quis um dia conseguir abrir o cadeado! Esta cena se repetia todas as manhãs! Agora, então, quando vejo alguma pessoa semelhante ao querido tio Mesquita “batendo o cadeado”, sempre essa cena descrita, que não tem imagem de comprovação, sempre vem à tona com todos os detalhes mencionados. Tenho nas minhas memórias a imagem fotográfica da afetividade emanada pelo tio Mesquita! Obrigado, grande e

inesquecível tio Mesquita! De onde estiver receba todos os afagos e o colo de sua pequenina! (SOUZA, 2014).

As representações dos primeiros diretores da Casa do Pequenino, para os ex-internos e ex-alunos tiveram dois caminhos, uns se apropriaram dos discursos de Neyde Mesquita e outros de José Mesquita Neto. Existiram aqueles que tomaram para si o exemplo de ambos. O certo é que tanto um como o outro, talvez no ímpeto de acertar, cometeram falhas, mas como diz a composição de Luiz Gonzaga Jr. “toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de outras tantas pessoas”, e, assim, o casal deixou seus vestígios fincados em cada interno e aluno que passou pela instituição.

4.3. TODO DIA ERA SEMPRE IGUAL?

A Casa do Pequenino, assim como as demais Escolas Espíritas deveriam seguir o documento Base que mais tarde daria forma ao Manual das Escolas Espíritas, servindo de orientação na condução das mesmas, em torno do funcionamento e das metodologias adotados. Os seguidores da Doutrina Espírita, acreditavam que educar é criar hábitos sadios, pela instrução e para a vivência em sociedade, como as “experiências cognitivas que a escola proporciona e que se estendem à sociedade”. (VIDAL, 2003, p. 26). No entanto, não bastaria apenas ensinar à criança os conceitos formais, mas era preciso ensina-lhes, o amor a Deus e o respeito aos outros. Os espíritas entendem por educação o processo de aperfeiçoamento das faculdades do espírito. Para eles, educar, em sentido lato, não é apenas instruir:

A aprendizagem das letras, da matemática, das artes e ofícios e das ciências em geral não é mais importante do que a formação do caráter, do que aquisição da bondade e do senso de justiça, do cultivo da verdade. A escola não apenas ocupa-se da primeira dimensão instrucional, entendendo deixar para os lares e religiões a segunda dimensão a do desenvolvimento do espírito humano. (MANUAL DAS ESCOLAS ESPÍRITAS, 2007, p. 162).

É por meio da educação que as gerações se transformam e aperfeiçoam. Para uma nova sociedade é preciso homens novos, assim “a moral da escola, desprovida de sanção efetiva, sem ideal verdadeiro é estéril e incapaz de reformar a sociedade”. (MANUAL DA

ESCOLAS ESPÍRITAS, 2007, p.162). Diz-se, que a Pedagogia Espírita se pauta na afirmação que deve ser a formação das novas gerações para um mundo mais cristão.

Não somos apenas nós, os espíritas, que sentimos a necessidade de preparar as novas gerações para um mundo novo e melhor. A Pedagogia moderna, a partir de Rousseau, e alcançando, em meados do século passado, o seu ponto culminante em Pestalozzi, mestre de Kardec, propõe-se precisamente essa tarefa[...] representam esforços concretos e não apenas teóricos, no sentido de uma formação mais adequada do homem, para uma civilização mais humana. (MANUAL DAS ESCOLAS ESPÍRITAS, 2007, p. 167).

As Escolas Confessionais Espíritas, na verdade, filosoficamente, oscilam entre o confessional e o filantrópico, se aproximando mais da segunda categoria, embora tenham sido classificada na primeira categoria. Percebia-se que mesmo na categoria religiosa o seu maior foco estava para a realização da filantropia.

O pensamento na construção de uma sociedade mais humanitária permitiu ao núcleo da doutrina no Brasil, uma preocupação com a rotina dessas escolas. Assim, ao iniciar o ano letivo, as mesmas deveriam organizar, preparar e ornamentar as salas de aulas com os recursos didáticos. Diariamente, deveriam ser estabelecidos quinze minutos, antes de iniciar as atividades, para a realização do culto do Evangelho, no pátio. Durante a formação das filas, seriam entoados cantos e recitação de versos. Acreditavam que essas práticas harmonizaria o ambiente e trariam alegria. Outro ponto importante, que deveria ser trabalhado dentro dessas escolas, era a utilização da agenda de reforma íntima¹⁰⁸, servindo de instrumento para o estímulo ao progresso moral e espiritual. Usada todos os dias facilitaria o processo de educação e assimilação de valores humanos e espirituais, assim promoveria mudanças reais no caráter do educando e do educador.

O estímulo à participação das crianças, de forma ativa, no cumprimento da limpeza do espaço, era uma prática bem viva, dentro do propósito educacional espírita. Vendo nas simples tarefas de lavar as cadeiras, o filtro da sala, varrer o chão, desocupar a lixeira, limpar o quadro como ações necessárias para a formação do espírito de cooperação, e responsabilidade coletiva do ambiente. “A higiene física, a moral e a intelectual são, assim

¹⁰⁸ A agenda na realidade é o que chamamos de um diário, porém nesta estariam registrados todas as virtudes realizadas proposta para aquele dia, de acordo com a leitura do evangelho, não havendo espaço, para a intemperança o que contribuiria para a mal inclinações. E ao iniciar cada dia haveria uma reflexão em torno dessas ações.

saúde para o corpo, caráter para a alma e inteligência para a sociedade”. (OLIVEIRA, 2010, p. 32). Dessa maneira, as Escolas Espíritas deixariam para última escala a aplicação de conteúdos formais, por acreditarem que era preciso primeiro trabalhar a criança internamente, a exemplo das virtudes, para só depois repassarem os conteúdos.

Embora essas práticas tivessem que ser empregadas dentro de uma escola confessional espírita, nem todas elas estiveram embutidas na rotina da Casa do Pequenino. Encontrou-se semelhanças, principalmente dentro do Lar “Meimei”, que tinha por finalidade dar abrigo às crianças desamparadas, servindo de amparo a elas desde a data da sua inauguração, quando os idealizadores assinaram um novo compromisso sem medir esforços para dar aos pequeninos da instituição, esperanças de um futuro melhor que seria germinado dentro daquela arquitetura. Mas também nos deparamos com um certo distanciamento, tanto no espaço da Escola “Amélie Boudet”, como no Lar “Meimei”, do que era proposto em uma educação espírita.

Sabe-se que uma instituição não é feita apenas da estrutura, tudo que está dentro do espaço: o uniforme, a arrumação das classes, os objetos, possuem suas falas e têm o seu significado para o sujeito inserido no processo. Assim, nada pode ser visto como insignificante, por isso a cultura escolar é:

[...] Entendida como a forma como em uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos e a materialidade e os métodos escolares. (FARIA FILHO, 2007, p. 195).

Então, para a reconstrução do cotidiano escolar é preciso usar “a riqueza e a pluralidade das culturas escolares, que são justamente os sentidos e os significados experienciados e compartilhados” (FARIA FILHO, 2007, p. 197), por cada agente da instituição. Pensar a cultura escolar é pensar também as “formas como os sujeitos escolares se apropriam das tradições, das culturas em que estavam imersos nos diversos momentos da história do processo de escolarização”. (FARIA FILHO, 2007, p. 201). Isso proporciona a descoberta do que ocorreu dentro dos muros de cada instituição educativa, quais práticas foram “instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias” (VIDAL, 2003, p.34), consolidando-se nas experiências e nas práticas escolares. Por meio das fontes foi possível recordar e viver a rotina da Casa do Pequenino, que tem muito a

nos revelar sobre as práticas desenvolvidas naquela estrutura. A instituição chegou a abrigar, em um período de sua história, vinte três crianças, jamais ultrapassando essa quantidade.

Nunca foi muito além, mesmo porque eles não permitiam, porque eles não queriam transformar em internato, que não tivesse controle; eles queriam é que funcionasse integralmente como um lar, que pode ter controle de cada um, só entrava outro; quando saía outro, saía um para poder entrar outro, para não superlotar, pra que eles pudessem dá condições. Isso era o controle que tinha, por isso, acho que funcionou tão bem. (CRUZ, 2009).

Havia uma preocupação com o tamanho do espaço, que não era suficiente para acomodar mais do que este quantitativo a União Espírita de Sergipe não desejava fazer da Casa do Pequenino um depósito para amontoar crianças, “porque não tinha como! Já tinha os quartos, as divisórias e não tinha espaço para mais de vinte e três crianças”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). A Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, adotou dentro do Lar “Meimei” a seguinte prática: uma nova criança, só poderia ser inserida naquele espaço, após a saída de um interno, caso isso não ocorresse durante o ano, não seria colocada à disposição das famílias, possíveis vagas para o internamento de seus filhos.

Porém, as crianças que foram atendidas pela instituição, ao chegarem ao Lar “Meimei” eram informadas em qual local deveriam guardar suas roupas e era apresentadas aos demais internos, que ficavam na responsabilidade de acolher o novo integrante para que ele pudesse se adaptar de maneira rápida à instituição.

Quando chegava um novo, a gente tinha que arrumar um lugar. Ele ficava sempre próximo do maior, para ensinar a ele à questão de etiqueta, como comer; isso era estratégia e sempre ele ia para àquele local. Era tanto, que quando chegava o novo os outros estranhavam, porque tinha que fazer um pouquinho de mudança. (SOUZA, 2013).

Com a chegada à Casa do Pequenino o interno modificava a sua rotina, tendo que se adaptar ao dia a dia do Lar, que acontecia da seguinte maneira: as crianças eram acordadas às seis da manhã, não estava nas práticas da instituição, a utilização de objetos como sino e corneta; o sinal para o despertar estava na voz da guardiã, que ia de quarto em quarto dizendo - hora de levantar -, e depois de despertados formavam fila na porta do banheiro. A primeira atividade que deveria ser realizada no dia era o cuidado com o corpo, que consistia no tomar banho. Prática esta já apontada desde do século XIX como a mais indicada pelos princípios

higienistas, como apontou Buriti analisando o livro, *A Alegria da Casa de Sarah Kalley*, “as crianças devem-se lhes lavar a cabeça logo de manhã, livrando-as das más exalações dos fedores do corpo. O ritual do banho torna-se uma prática pedagógica higienizadora”. (OLIVEIRA, 2010, p. 32), que fazia parte da rotina do Lar “Meimei”, assim:

Acordava seis horas da manhã em ponto, teria que escovar os dentes, tomar banho, se aprontar para seis e meia em ponto, estar na mesa tomando café devagar, pois não podia correr. E quando fosse dez minutos para sete, tinha que está todo mundo pronto em fila para ir ao colégio que era anexo. (CRUZ, 2009).

Essa prática de tomar o café pausadamente eram ensinamentos de Laura Amazonas que foram inseridos dentro do Lar “Meimei”.

[...] Quando eu ia pegar Laura Amazonas de manhã cedo para leva-la a uma reunião chamada meditação, no Centro Espírita, [...] aí eu tinha que tomar um cafezinho lá, alguma coisa para o desjejum. Então se eu fosse tomar em pé (sic), ela dizia: sente-se, pegava no braço dizendo sente-se e coma devagar, não se come em pé, por mais apressado que você esteja. (LIMA, 2014).

Embora, o Lar “Meimei” fosse conduzido por José Mesquita Neto e Neyde Mesquita, os métodos pedagógicos colocados em prática tinha muito das metodologias adotadas pela educadora, principalmente o cuidado com o corpo, o zelo pelas roupas, alimentação saudável, aulas de boas maneiras, como sentar à mesa, usar os talheres e, especialmente, o amor a Deus. Os internos não iniciavam as refeições e nem dormiam antes de fazer as orações. Às seis e meia da manhã, após o banho, as crianças deveriam estar à mesa para a primeira refeição do dia.

No período da manhã os internos iam à escola, e no período da tarde a atividade realizada no Lar Meimei se resumia à banca¹⁰⁹. No período vespertino os diretores do lar pagavam a um professor para auxiliar os internos nas atividades escolares, já que as guardiãs não eram pessoas letradas. Apenas, após a concretização das tarefas escolares estariam livres para brincar e assistir televisão. Dois lugares no lar eram os preferidos dos internos: a área externa cheia de “árvores, mangueira, tinha tudo” (CRUZ, 2009); e a sala, lugar esse em que havia uma televisão, e essa atraía as crianças, mas: “Tinha o horário! Horário de tudo, a gente

¹⁰⁹ Aula particular fora do curso regular, o conhecido reforço escolar.

não ficava na televisão (sic) direto, tinha o horário de fazer o dever, horário de estudar era tudo determinado”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Havia um controle do acesso do interno ao meio de comunicação, forma essa utilizada para precaver a aproximação deles às coisas mundanas, que poderiam levá-los as más inclinações.

Mas, mesmo com as restrições as crianças aproveitavam esse momento livre para brincar, diversão essa permitida até às cinco hora da tarde. Nesse horário recomeçava a rotina da higienização, estariam se preparando para o encerramento do dia: “Cinco e meia já tinha que tá todo mundo tomado banho de novo. E quando era seis, seis e dez, no máximo, já estávamos jantando; os horários de alimentação eram rígidos.” (CRUZ, 2009). O jantar era servido às dezoito horas. Brincavam um pouco, só o tempo de fazer a digestão, afinal às dezenove horas deveriam se recolher, não havendo uma duração ampla para as brincadeiras. “A brincadeira era dentro da casa, ninguém saía não! Era de portão fechado, muito, muito a gente ficava ali, um horinha, um instante, isso depois de mim (sic) adulta. Ficava ali no muro, ali na frente, mas o pequenos iam dormir e os maiores também!” (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Ao entrar os internos escovavam os dentes e começavam a preparação para finalização da rotina do Lar “Meimei”, mesmo sendo considerado por eles o momento cruel; ninguém gostava de ir para a cama às dezenove horas: “imagine sem está com sono”, (ANUNCIAÇÃO, 2016) ter que dormir, mas “orfanato é assim, precisa ter uma ordem”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). As regras existiam e deveriam ser cumpridas como em qualquer outra instituição. Esse ritual acontecia da seguinte maneira: as guardiãs orientavam as meninas a vestirem suas camisolas e os meninos seus pijamas, depois era pedido que agradecessem a Deus antes do apagar da luz, assim encerrava-se mais um dia no Lar “Meimei”.

4.3.1 - Hora de Comer!

Quadro 10: Cardápio refeição da manhã

CARDÁPIO CAFÉ DA MANHÃ		
Cuscuz com leite café com leite	Cuscuz com ovos café com leite	Cuscuz com manteiga café com leite

Fonte: ANUNCIAÇÃO, Maria. Entrevista concedida à autora em janeiro de 2016.

Não existia uma variação de cardápio para a refeição matutina. Apenas estas três opções eram servidas todos os dias da semana. O cuscuz na região nordeste era visto como

um alimento rico em vitaminas, além de ser um produto derivado do milho, o que ocasionaria um custo menor, e com isso a redução das despesas com alimentação. E, como a instituição sempre viveu de doações, o cardápio utilizado para o café da manhã seria uma maneira prática de não deixar faltar alimentos para os internos.

Porém, antes das refeições as crianças realizavam a seguinte oração: “Graças eu te dou senhor, por este pão que me deste a cada dia. Dai-me senhor agora e sempre”, (ANUNCIAÇÃO, 2016). A mesma era conduzida pela guardiã, cabendo aos internos fazerem o mesmo ritual, porém essa prática era feita com satisfação. “Antes de comer tínhamos que rezar de manhã, de tarde e à noite, isso era um ritual, mas um ritual que a gente gostava, ninguém sentava à mesa sem rezar e era todo mundo junto”. (SOUZA, 2013). A oração fazia parte da rotina da Casa do Pequenino.

Após, a refeição todos deveriam retirar os pratos e talheres da mesa e levá-los para a cozinha. Logo depois se dirigiam ao banheiro para a última lição de higiene do período do café da manhã. Assim, todos em fila, com seus dentes escovados e cabelos penteados, passavam pela supervisão da guardiã e saíam cantarolando em direção à Escola “Amélie Boudent” a seguinte canção: “criança linda semente, raio de luz a sorrir, é a este pinga de gente que Deus entrega o porvir”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). A música tem o poder de acalmar, fazer bem à alma e trazer esperança. Na doutrina espírita ela é compreendida como:

Instrumento de educação do Espírito e de sensibilização por excelência. A música que quando revestida de conteúdo edificante e significante nos une as esferas espirituais superiores, fortalecendo nossa vontade direcionando ao bem, no sentido de nosso auto aprimoramento, nos eleva o padrão vibratório, os pensamentos e os sentimentos nos liberta de amarras, tensões e atavismos do passado, melhorando a nossa sintonia e nos ilumina o coração e a mente, tornando mais suscetíveis e abertos ao aprendizado de novas atitudes e conhecimentos. (MELO, 2008, p.1).

Esta conceituação explica porque a música sempre foi utilizada dentro de escolas espíritas. Havia registro de uso da mesma na instituição fundada por Eurípedes Barsanuf e nas conduzidas por Anália Franco. A música que os internos do Lar “Meimei” – Casa do Pequenino tinham o hábito de cantar todos os dias, era apenas um pequeno verso, mas de uma imensidão para àquelas crianças que viam naquelas palavras a esperança depositada a elas, na construção de um futuro mais humano.

As outras refeições eram servidas nos seguintes horários: às nove horas da manhã lanche; ao meio dia o almoço; às quinze horas o lanche da tarde; às dezoito horas, o jantar. O horário para a alimentação era estabelecido, e deveria ser seguindo, assim como algumas práticas antes e durante, “quando chegavam do Colégio era 11 horas e meia, todo mundo de novo para o banho e aí quando saíam já estava o refeitório todo pronto e era só cada um sentar à mesa, orava primeiro” (CRUZ, 2009) e depois se alimentavam. Analisando o cardápio do almoço, nos primeiros anos da Casa do Pequenino, a pesquisa revelou que a alimentação era composta à base de nutrientes e que os internos gostavam dos alimentos servidos, ao ponto de construírem uma representação para determinados dias: “o domingo era o dia mais esperado, porque a gente comia galinha. Então, aquilo para a gente era demais, quando a gente vinha da Escola de Evangelização parecia que o cheirinho da galinha já nos acompanhava”. (SOUZA, 2013). Apesar de algumas dificuldades, a instituição mantinha um cautela com a comida dos internos.

Quadro 11: Cardápio refeição do almoço

CARDÁPIO DO ALMOÇO						
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Feijoada	Fígado	Carne cozida	Carne Assada	Ostra	Cozido	Frango

Fonte: ANUNCIACÃO, Maria. Entrevista concedida à autora em janeiro de 2016.

A partir do ano de 1980 a variedade no cardápio do almoço sofreu alterações. As doações já não vinham ocorrendo da mesma forma, havendo a necessidade de uma modificação. Apenas três dias permaneceram com o cardápio pré determinado, os outros ficavam a critério da guardiã, pois dependeria dos alimentos que seriam doados e estariam disponíveis na dispensa.

Quadro 12: Cardápio refeição do Almoço

CARDÁPIO DO ALMOÇO						
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Carne Cozida	Improviso	Improviso	Improviso	Improviso	Cozido	Frango

Fonte: ANUNCIACÃO, Maria. Entrevista concedida à autora em janeiro de 2016.

Quadro 13: Cardápio refeição do Jantar

CARDÁPIO JANTAR			
Cuscuz acompanhamento diversos: leite, manteiga, ovos café com leite	Batata doce café com leite	Sopa e pão café com leite	Cuscuz de Arroz café com leite

Fonte: Entrevista concedida à autora, Maria da Anunciação.

O jantar seguia a mesma forma do café da manhã: apenas três tipos de alimentos, sendo que a primeira opção variava apenas o acompanhamento. O lanche do primeiro período do dia sempre a base de frutas: “o lanche da manhã era mais frutas, no tempo de manga, ao ouvir pancada próximo a mangueira, os meninos já corriam para pegar; aí a guardiã dizia, vá guardar a manga na dispensa”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). O controle era mantido dentro da estrutura da instituição, não sendo permitida a alimentação fora do horário determinado. O lanche da tarde se resumia a suco e biscoito, “lá era tudo organizado”. (SANDRA, 2016).

Antes das refeições mais simples, as crianças deveriam fazer a higienização apenas das mãos, antes das refeições principais, a higiene do corpo, realizada por meio do banho. Era uma prática sempre perguntar: “Que vai primeiro? Os Meninos ou as meninas? Depois de decidido levavam o grupo que foi escolhido para o banheiro”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Não eram banheiros separados, era um único banheiro para meninos e meninas. Quando um grupo saía, o outro formava a fila. Havia todo um cuidado. Durante algumas práticas, o horário do banho estava no meio dessas aplicações, “tinha que ter cuidado, meninos e meninas juntos”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Essa era uma preocupação que fazia parte da Casa do Pequenino, mas no Colégio Allan Kardec, desde do seu princípio a convivência entre ambos os sexos era sadia, “as turmas mistas, trouxeram controvérsias, no seio da comunidade. De um lado, alguns pais de visão mais arejada nada viam de mal, em que suas filhas estudassem, ao lado de rapazes. Contudo, a outra parte mantinha o ponto de vista acanhado, salientando os perigos de tal convívio”. (NOVELINO, 1983, p.117). Porém, mesmo assim, o colégio manteve o ensino misto, embora não desenvolvia o formato de internato.

4.3.2 Higiene do corpo e do espaço

Os internos mais velhos conduziam os banhos dos menores. Não havia a presença das guardiãs durante esse momento, mas após a realização sempre havia alguém para conferir se as orelhas estavam limpas, se as unhas foram cortadas e se o banho foi executado direito.

Dentro do Lar “Meimei” existia uma preocupação com a higiene e a saúde. Nos relatórios, principalmente no referente a 1966¹¹⁰, observa-se que a instituição contava com alguns médicos que desempenhavam suas atividades a título de caridade. “Eles eram voluntários Dr. José Resende e Dr. Henrique os primeiros médicos que iam lá, Tinha Dr^a.

¹¹⁰ Relatório do ano de 1966. Acervo da Casa do Pequenino.

Lídia que de vez em quando também dava uma ajudinha, [...]mas que eu lembro eram eles dois”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Havia um rodízio no comparecimento deles ao Lar, porém se houvesse alguma necessidade, o senhor José Mesquita Neto, entrava em contato com eles, a exemplo do que ocorreu quando um interno levou uma queda da mangueira e quebrou o braço, “ligaram e eles pediram que levasse ao Pronto Socorro”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). O outro episódio foi o falecimento de uma interna, dentro das dependências do Lar “Meimei”.

Morreu uma lá, de sarampo, Railda. Eu lembro o pai dela era policial. Ai minha filha, foi triste! Não sei se a gente também né... ela se obrou toda, ela tava (sic) com Sarampo, aí a gente foi dá banho, foi limpar ela. A gente não sabe se foi isso também, a frieza, ninguém sabe. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Nesse caso, os médicos não chegaram a tempo, sendo esse o único registro de morte, durante o período de funcionamento do Lar. Apesar da causa morte ter sido registrada como sarampo, nenhum outro interno foi acometido pela doença. De acordo com os relatórios não há registro de nenhuma epidemia dentro da estrutura da Casa do Pequenininho, principalmente no espaço do Lar “Meimei”. Uma das preocupações dos organizadores era justamente a de não ultrapassar a quantidade de crianças estabelecidas no Regulamento da instituição, pois a estrutura não permitiria, além de contribuir para possíveis epidemias. Uma das doenças que de vez em quando rondava as estruturas do Lar “Meimei” era o comichão. Na fala da ex-interna, Anunciação (2016) ficou claro que “de vez em quando aparecia a coceira lá! Aí levava pro médico que passava aquele remédio de enxofre, aí a gente fazia direitinho e desaparecia”.

A arrumação durante o dia no Lar “Meimei” se processava da seguinte maneira: cada interno tinha a sua tarefa diária, independente da idade, mas havia um cuidado com os mais novos; esses apenas auxiliavam os mais velhos, pois desde de cedo era preciso discipliná-los na cooperação com o outro, assim:

Os meninos de manhã limpavam o corredor, recolham as folhas das mangueiras, lavavam as pias e os banheiros. As meninas ficavam com outras tarefas, arrumação dos quartos, da sala. Depois das refeições uma varria o refeitório, outra a cozinha, outra lavava a louça e outra secava. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

As duas senhoras que viviam no Lar “Meimei” eram responsáveis, uma pelas lavagens das roupas e a outra pelos afazeres domésticos, além de administrar a ordem dentro do espaço. Mas, mesmo com as duas guardiãs, as meninas e meninos quando entravam na adolescência colaboravam com os serviços de lavagem das roupas; cada um lavava as suas. Os pequenos que não lavavam, as guardiãs permaneciam lavando as vestimentas dos menores. Dessa forma os administradores do Lar “Meimei” – Casa do Pequenino, mantinham o espaço ordenado, e ensinavam às crianças o sentido de organização: “era tudo organizado, tinha que ter tarefa para todo mundo porque, na hora de sujar todo mundo não sujava? Então, tinha que organizar”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). E esse método não era apenas para o momento da lavagem, mas se estendia à arrumação das vestes nos armários: “cada um deveria se virar, pois as coitadas das guardiãs já faziam tanta coisa! Cada um de nós é que cuidava do seu armário mesmo os mais bagunceiros”. (SOUZA, 2013). Esse pode ter sido o modo encontrado para fazer os pequenos perceberem a importância da responsabilidade para a vida, mesmo com a execução de pequenas ações. Alguns meninos auxiliavam nos serviços elétricos e hidráulicos, sendo orientados por José Mesquita Neto: “normalmente ele procurava àquele que ele via que era mais responsável e que se adequava, e convidava para ensinar”. (CRUZ, 2009). Ensinava umas coisas simples, que um interno poderia resolver no dia a dia, na ausência do diretor.

No sábado acontecia a limpeza geral, internos e guardiãs se uniam para a lavagem da instituição; todos independente da idade participavam: “varrer era todos os dias, mas o sábado era para lavar o lar”. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

4.3.3 - A costureira chegou!

Dentro do Lar “Meimei” não havia uso de fardamento, o uniforme apenas seria utilizado pelos internos, no período em que estivesse na Escola “Amélie Boudet”, pois tudo era adquirido a título de doação e dos esforços dos seguidores da doutrina espírita. Duas vezes ao ano uma fábrica de tecido fazia doação de fazenda para que pudesse ser transformada em roupas para os órfãos, já que costumavam chegar ao lar munidos de pouquíssimo vestuário.

Tinha uma coisa: tia Neyde, mesmo com o espírito mais rígido que tio Mesquita, com as meninas ela tinha um cuidado assim: uma vez por ano,

quando estávamos ficando mocinha, vinha uma costureira para fazer roupa para a gente porque recebíamos tecido de graça da Fábrica Confiança. (SOUZA, 2013).

A fábrica costumava fazer a entrega dos tecidos nos meses de junho e dezembro. Eram guardados em um local específico; quando ia se aproximando as festas de final de ano, Maria da Anunciação, que nessa época já era uma das guardiãs, verificava os tecidos que melhor combinariam para as roupas e fazia a separação para cada interno.

Então ela via, pelo tecido, o corpinho da gente. Às vezes vinham peças, muitas peças, mas às vezes eram peças que não davam para fazer roupa, dava para fazer lençol. Aí essa senhora vinha, ficava dois a três dias, tia Neyde pagava para ela fazer roupas para as meninas. Todo mundo ganhava dois vestidos, eram vestidos novos que ela fazia. (SOUZA, 2016).

Uma vez por ano era preciso renovar o vestuário das crianças. Assim era contratada uma costureira, geralmente nos mês e dezembro, para confeccionar as vestimentas que seriam utilizadas durante todo o ano pelos internos. Frequentemente, chegavam ao Lar pessoas para fazerem doações de roupas usadas; eram recebidas e lavadas, para depois serem colocadas para uso dos internos que as usariam durante todo o ano, mas o momento mais esperado era a ida da costureira, porque eles já sabiam que teriam “roupas novas” (ANUNCIAÇÃO, 2016), para o natal.

4.3.4 - “A Festa Acabou”

Algumas comemorações aconteciam no Lar “Meimei” durante o ano, porém o natal era a festa mais aguardada. Na Escola de Evangelização “Lindolfo Campos” os internos aprendiam a representação do nascimento de Jesus Cristo para a doutrina espírita, que significava a chegada de um novo momento em que a justiça se converteria ao amor, e, com isso, nasceriam também virtudes e lições de simplicidade em cada pessoa.

Ao final do ano a citada escola costumava realizar as comemorações, por conta do espaço, sempre no Lar “Meimei” e a cada interno caberia uma apresentação com declarações de poemas e proposições musicais. A poesia abaixo transcrita foi declamada durante a comemoração de natal, no ano de 1973.

Dizem que sou a esperança da paz,
Não me induzas à guerra!
Não espero somente o teu pão,
Dá-me a luz e entendimento!
Não sou simples ornamento do teu carinho.
Sou alguém que te bate à porta em nome de Deus.
Dizem que sou a promessa do bem,
Não me desampares o presente.
Não desejo tão só a festa do teu carinho.
Suplico-te amor com que me eduques,
Corrige-me enquanto é tempo, ainda que sofras.
Ajuda-me hoje para que amanhã
Eu não te faça chorar!

(Autoria desconhecida)

As comemorações eram organizadas pelos evangelizadores, mas Neyde Mesquita se mantinha sempre à frente, conduzindo as festividades. Convidava pessoas externas à doutrina para prestigiarem o evento. “Ficávamos com uma vergonha, mas fazíamos. Cada um mandava o seu, sua poesia, sua música todo mundo tinha que falar”. (ANUNCIACÃO, 2016). Na realidade a intenção dos organizadores, ao convidar o público externo, era mostrar o trabalho desenvolvido na instituição na esperança, que pudessem assinar, juntamente com eles o compromisso de futuras doações para o Lar “Meimei”.

Mas para os pequenos internos, além de todo o ensinamento em torno do nascimento de Jesus Cristo, eles nutriam uma expectativa em torno da vinda do Papai Noel, e colocavam os sapatos nas janelas-basculantes na esperança que ali fosse depositado o tão esperado presente. “Teve um tempo quando eu era pequena, faziam assim: iam lá e colocavam. Acho que era de noite porque a gente não via [...]. Eu lembro que outra vez, estava lá na cama. Ainda hoje eu me lembro da boneca que ganhei. Olha só como marca!” (ANUNCIACÃO, 2016).

Figura 25 – Internos com os presentes de Natal



Autoria: Desconhecida. 1970. Acervo - Casa do Pequeno.

Os diversos dias de natal que passaram no Lar “Meimei” são lembrados pelo ex-internos com um saudosismo, como se fossem noites mágicas:

Outra vez, isso eu já estava maior, tinha “seu” (sic) Alencar que era um senhor do Banco do Brasil. Ele tinha três filhos adotados, acho que ele já morreu. Aí ele pegava os nomes da gente e no dia de Natal ele mandava os brinquedos, com o nome de todo mundo. Eram brinquedos bons! São momentos assim que dar alegria as crianças; já estávamos ali e ainda ninguém se lembrar é ruim!(ANUNCIAÇÃO, 2016).

O maior significado desse período, para as crianças, era a percepção de que o outro lembrou deles naquela noite, já que durante todo o ano, de certa forma eles se sentiam abandonados.

O dono da HUTEBA, os presentes era ele quem dava, mas nunca se identificou. A gente só sabia depois que ficamos grande. Ele trazia sempre perto da meia noite, eu lembro que a gente perguntava assim: Quem mandou? Diga que foi Papai Noel. Ele nunca se identificou, a gente soube depois, mas era pedido para dizer aos menores que foi Papai Noel quem trouxe. (CRUZ, 2009).

Dessa maneira seria possível cultivar nos menores a magia do natal, permitindo que eles continuassem sonhando, quem sabe, com um mundo melhor. Outra lembrança dos internos girou em torno do Colégio “Arquidiocesano” uma instituição católica, que usualmente, ao final do ano, os alunos costumavam produzir uma gincana e, ao término tudo

que havia sido arrecadado era entregue no Lar “Meimei”: “eles levavam brinquedos e alimentação para a gente”. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Durante o ano sempre recebiam algumas festas: “ganhávamos muitas festas” (SOUZA, 2013), as pessoas escolhiam o lar para comemorar o aniversário de seus filhos. “Tinham aniversários de vez em quando, que pessoas levavam os filhos para comemorar o aniversário. Ao invés de convidar as pessoas eles levavam, aí os convidados éramos nós e eles faziam a festa lá dentro do Lar “Meimei”. (CRUZ, 2009).

Quando os primeiros internos foram crescendo, começaram a tomar gosto pelas festividades e a organizar suas comemorações; “por exemplo as festas de São João e Natal quem organizava eram eles, ou quando era da evangelização era Maria, isso antes de eu (sic) ficar mocinha. Então, tínhamos de declamar poemas, quando fiquei mocinha fui fazendo até os bonequinhos e a decoração”. (SOUZA, 2013). A menina Souza, foi tomando gosto por atividades artísticas e começou a organizar. “As meninas dançavam, não sei como aprendeu a dançar, mas ensinava as outras”. (SANDRA, 2016). As apresentações aconteciam sempre dentro do Lar.

4.3.5 Domingo é? Dia de visita e passeio

Os passeios não eram realizados com frequência, seria um custo a mais para a instituição que sobrevivia por meio de doações e por meio dessas foram realizados alguns; existiram, mas não foram tantos. “Tinha passeio, mas muito raro, de vez em quando ofereciam, porque lá vivia de contribuição e a contribuição não dava condição de alugar um ônibus, e lá não tinha transporte próprio”. (CRUZ, 2009). “Isso ocorreu muito pouco. Assim, quando eu fiquei de maior eu levava aqueles que se comportavam bem! Mas não era para sair muito não, porque era uma preocupação”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). As atividades de diversão acabavam sendo dentro do próprio Lar, pois “às vezes umas pessoas que eram da doutrina; lembro que uma, duas vezes a gente passou o final de semana lá no sítio, aí tinha uma praia, tinha também tia Terezinha, ela tinha uma casa de praia e de vez em quando ela levava a gente para passar o dia”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Era divertindo, apesar de não ser uma ação constante. E em um desses passeios:

Na casa de uma senhora espírita, foi lá que eu fui apresentada a uma perereca. Eu estava com a saia cheia de castanha, porque eu não como caju; a senhora me olhou e disse: filha, vamos juntar (sic) as castanhas? A tia assa para você. E aí lá vai eu juntar castanhas, mas foi castanha para todo o lado, porque a perereca se armou e eu também. Um corre-corre pra um lado e pro outro, eu acabei desmaiando, nesse dia eu passei mal'. (SOUZA, 2013).

Os internos lembram que durante o governo de Paulo Barreto¹¹¹, ele costumava conceder um carro para levar as crianças, mas essa ação frequentemente acontecia, apenas nas festas realizadas pelo governo. “Sei que uma vez, quando tinha a festa de Paulo Barreto que era governador, aí tinha as mulheres lá que de vez em quando lembravam da gente, aí levava um carro (sic). Eu me lembro que fomos ao circo, ao cinema”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Existiram outros, porém eram raros:

Era uma raridade. Eu lembro de um que foi organizado pelo Presidente da Embratel, na época era doutor Antônio Silva. Pegou as Kombis da Embratel para levar todo mundo para a praia e depois ao cinema. Mas quando íamos à praia, tinha aquele horário que a direção exigia que estivéssemos de volta, por causa do sol. O horário de almoço, também era sagrado e a gente tinha que está de volta nesse horário. (CRUZ, 2009).

Para os passeios nem José Mesquita e Neyde Mesquita iam, apenas as guardiãs e os internos; porém os mais velhos ficavam sempre na responsabilidade de orientar e observar os mais novos. A ida ao Teatro Atheneu¹¹², também fez parte dos poucos passeios realizados pelos internos:

Nós íamos para o Teatro Atheneu. Esqueci o nome dele, mas até hoje ele é vivo, ele é professor de teatro. E acho que logo no início, quando ele começou, não tinha estrutura, não tinha público, aí ele saía na carreira e ia lá para informar, hoje à tarde vai ter espetáculo[...]. Mandava buscar a gente, íamos a pé, porque era ali perto, íamos todo mundo de mãozinha dada, ele

¹¹¹ Paulo Barreto de Menezes nasceu em Riachuelo, em 9 de outubro de 1925. Engenheiro civil, se apaixonou pela carreira política. Ocupou diversos cargos, como de Diretor de obras no governo de Lourival Batista, sendo responsável por grandes construções. Dirigiu a antiga Escola Técnica Federal de Sergipe. Exerceu o cargo de Governador do Sergipe, por eleição indireta, de 15 março de 1971 – 15 março de 1975. Durante o seu mandato foi construído a Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea, inaugurada no ano de 1974.

¹¹² Inaugurado em março de 1954, o Teatro Atheneu é o mais antigo espaço cênico de Sergipe. Foi criado como auditório para a execução das atividades complementares do Colégio Atheneu Sergipense, mas foi ganhando identidade própria com o passar do tempo. Durante décadas, o Atheneu foi o único teatro da capital do estado de Sergipe. Por seu palco, passaram grandes nomes da cultura brasileira e espetáculos internacionais como o ballet Imperial da Rússia. O espaço também foi cenário nas décadas de 70 e 80 de manifestações políticas. Consultar: < <http://www.teatro.atheneu.se.gov.br> >. Acessado em 15 de janeiro 2016.

tinha todo o cuidado de deixar a gente num lugarzinho para não ter problemas. (SOUZA, 2013).

Os internos do Lar “Meimei” consideravam o domingo como o verdadeiro dia de passeio, principalmente porque “iam de manhã cedo, para a Escola de Evangelização, e lá tinha brincadeira, lanche, tudo”. (CRUZ, 2009). Na evangelização, além da orientação religiosa as crianças também se divertiam. Esse divertimento tinha início desde da preparação: saindo da rua Dom José Thomas, iam até a rua Santa Luzia andando, cruzavam com carros, pessoas, imagens, situações, cenas diferentes ao seu cotidiano o que acabava sendo agradável; por isso, as crianças consideravam o domingo como o dia do passeio.

Uma vez ao mês os internos recebiam a visita de seus genitores, ou os responsáveis, porém a exigência dos Diretores do Lar era que essas pessoas não levassem apenas lanche e brinquedos para as crianças de sua família, o que fosse entregue a um interno deveria ser distribuído com os outros; essa era a maneira dos diretores ensinar o sentido de solidariedade.

Na época eu era a menorzinha (sempre) eu demorei muito tempo pequenininha, então eu era muito querida por eles, eu era bem cuidada por eles. Tinha uma coisa muito interessante, todos sabiam, que, minha mãe foi e me deixou e foi para o Rio de Janeiro. Eu não tinha visita, praticamente a única que não tinha visita era eu, e eu percebi que eles tinham um carinho por mim, talvez por isso muito maior (sic). (SOUZA, 2013).

No Lar “Meimei”, quando um pai ou responsável percebia que existia alguma criança sem visita, eles acolhiam como se fossem os seus filhos, existiam crianças que não recebiam visitas.

4.3.6 - Estrada

A Casa do Pequenino – Lar “Meimei”, mesmo sendo uma instituição que adotou a co-educação “ato educativo no qual ambos os sexos aprendem na mesma escola, na mesma classe, nas mesmas horas e utilizando-se os mesmos métodos, as mesmas disciplinas e com os professores, todo sob uma direção comum”. (ALMEIDA, 2005, p.65). Assim deveria ser, porém, dentro da instituição, em um determinado momento essa forma de educar não seria mais permitida, limitando a permanência dos internos do sexo masculino no mesmo espaço, ao completarem quinze anos de idade, embora a Casa do Pequenino abrisse as suas portas

para a educação de ambos os sexos. Mas, em um determinado momento a metodologia mudava, agindo assim, diferente de outras Instituições Espíritas que acolhiam ambos os sexos, como a “Mansão do Caminho” onde os internos:

Ao completarem o que se convencionou chamar “maior idade” continuam os nossos “filhos” no lar, como no lar, normalmente, continuam todos os filhos. A responsabilidade não estar caracterizada por determinação da idade cronológica. Enquanto necessitam do nosso concurso prosseguem conosco, ajudando nas diretrizes e tarefas dos diversos lares, trabalhando, preparando-se para a vida. Daqui saem por espontânea vontade, quando se crêem em condições de prosseguir a sós, sem que se rompam os laços que nos vinculam. (FRANCO, apud. PEREIRA, 1970, p. 63).

A “Mansão do Caminho” não via na maioria motivo para os internos serem mandado embora, isso só aconteceria por uma decisão própria do interno que ao perceber a possibilidade de se conduzir sozinho estaria livre para fazer o seu novo caminhar. O método utilizado nas escolas criadas por Anália Franco se resumia na preparação dos internos para uma vida fora da instituição, assim, enfatizava:

Que o nosso fim está em procurar diminuir cada vez mais em nosso meio, a necessidade de conceder a esmola, e isso só seria possível pelo desenvolvimento da educação e do trabalho. Via-se esta afirmação não só como uma possibilidade da retirada das crianças das ruas, porém como uma forma de libertar já que oferecendo-lhes educação e ensino profissional, elas futuramente poderiam guiar suas próprias vidas, conquistando sua autonomia sem precisar depender de auxílios contínuos. (SANTANA, MACIEL, SOUZA, 20015, p. 323-324).

Tanto a “Mansão do Caminho” e as escolas da espírita Anália Franco tiveram essa preocupação, já na Casa do Pequenino – Lar “Meimei” não havia um pensar em torno da preparação dos internos, que mais tarde seriam adultos para uma vida fora da instituição, o que prejudicou, de certa forma, os ex-internos, principalmente os meninos, já que os dirigentes demonstravam uma preocupação com o envolvimento de meninos e meninas. “A gente percebia que eles tinham pavor, nem diria medo, era pavor, de quando um rapazinho, ficava rapazinho com relação as mocinhas, mas nunca aconteceu nada lá dentro! [...] O Lourenço foi um que saiu por nada, porque estava um rapaz, porque estava cabeludo.” (SOUZA, 2013). Assim, os diretores, ao perceberem que os rapazes já estariam despertando para a sexualidade, o convidavam a sair. “Normalmente os rapazes aos quinze anos de preferência, era a idade que deveria sair. Mesmo porque naquela idade os jovens já estavam

com seu corpo em formação e tinha as mocinhas lá dentro”. (CRUZ, 2009). Com as meninas a postura se processava de maneira oposta; elas não eram convidadas a sair. Existiram internas que partiram com a idade na variação entre os vinte e trinta anos.

Apesar dos doze cômodos existentes na Casa do Pequenino, não se consolidava em uma estrutura grande, o que pode ter contribuído para a adoção dessa postura. Mas, porque a União Espírita de Sergipe não pensou desde do princípio, que isso poderia ser um problema a enfrentar? Não adiantava dizer eu atendo ambos os sexos, se em um determinado período, chegariam para o interno e diriam: você não pode mais ficar, o seu corpo já não é mais apropriado para o local, e simplesmente dispensá-lo: “exatamente na idade de aflorar a sexualidade tinham que sair”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Então, essa não seria uma forma de tratar com diferença os internos? Maneira essa tão questionada pelos espíritas nas ações de educação separatista das instituições asilar católica. A anulação da prática de separação foi vivenciada por Eurípedes Barsanulfo ao fundar o Colégio Allan Kardec, deixando nítido que as instituições espíritas atenderiam ambos os sexos no mesmo espaço. A educação espírita seria diferente do modelo católico, mas na Casa do Pequenino essa aplicação não foram compreendidas pelos diretores como um ponto fundamental da educação espírita.

A União Espírita do Estado de Sergipe, talvez no ímpeto de colocar em prática a possível educação espírita, não fez um planejamento da dimensão do espaço, e se aquele seria adequado para acomodar meninos e meninas sem perigo. Mesmo sabendo que a intenção dos dirigentes do Lar “Meimei” não era a de que as crianças crescessem na instituição, os internos deveriam permanecer no lar enquanto as famílias não estivessem em condição de conduzir a educação deles, mas os imprevistos ocorrem e no Lar “Meimei” não foi diferente: crianças ficaram órfãs enquanto estavam na instituição; existiram ainda outras situações, como as de pessoas que assinaram sendo responsáveis pelos internos, abrirem mão daquela responsabilidade. Na visão da ex-interna Souza (2013) era uma situação delicada, “é tão complexo isso, e da gente analisar, e ver como é difícil também para eles, pois não eram filhos deles. E se acontecesse alguma coisa? Seria uma responsabilidade enorme”. O grande obstáculo foi a não preparação dos internos para a vida fora da instituição, embora existissem algumas exceções, como no caso do Lourenço, que ao deixar o lar o diretor da instituição usou a sua influência e providenciou um emprego de office-boy no BANESE – Banco do Estado de Sergipe. Porém, apenas um no meio de tantos outros, e este interno foi justamente, um dos que ficaram órfãos enquanto estava na instituição. Além dele existiam irmãos mais

novos, e ao mesmo coube a função de educá-los, por ser o primogênito. É difícil você viver dez, doze, até vinte quatro anos em um espaço, e de repente sair sem saber o que acontecerá dali para frente.

Com as meninas, mesmo não havendo uma idade determinada para a saída, algumas internas se sentiram abandonadas, quando se viram obrigadas a recomençar uma nova vida, principalmente àquelas que não retornaram mais para meio familiar.

Sair já estava ficando moça, comecei a ficar ousada. Eu sair na realidade duas vezes, não tinha para onde ir, e a idade máxima de lá era até os dezoito, com dezessete anos arranjaram um lugar para eu cuidar de uma idosa, não tinha para onde ir e essa idosa me deixava com fome, mas mesmo assim, tive que ficar lá. Mas, depois voltei para o orfanato por conta disso, porém não podia, além da questão da idade, eu sentir que incomodava, eu estava realmente extrapolando, por que queria os meus direitos, não para mim, para os meninos, para a coletividade. Eu era muito da liderança, sempre tinha pauta impressionante, fazia pauta do que conversar. E senhor Sotero que estava lá como diretor me disse uma coisa, já pensando na minha saída. “Eu já te dei a carta de alforria”, e respondi, mas vocês têm que me arranjar um lugar para eu ficar, ou seja já não estava mais bem quista, porque eu sempre questionava o que me incomodava, principalmente a forma como era feitas as saídas. E sabia que a minha já estava mais que extrapolada, para eles não seria bem eu ficar, e eu também precisava crescer. (SOUZA, 2013).

Algumas internas ficaram na instituição até a data da desativação, viveram em um espaço em que a cobrança girava em torno da disciplina e oração falavam em virtudes e más inclinações, porém esqueceram de preparar os internos para a vida. “Eu só reclamo, que a gente não saía, aí não desenvolvemos. O erro foi esse, a gente entrava lá e não tínhamos uma desenvoltura para se achar na rua, saber outros lugares”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). Questionamento esse de vários internos, descrevendo como uma das falhas da Instituição a não preparação para o mundo lá fora, após a saída do internato: “não fomos preparados para a vida, que as coisas se pagam; a vida toda ali você não tinha dimensão da vida e das coisas. [...] Nós não saíamos de lá, só quando ficamos mocinha e começamos a frequentar o Colégio Atheneu que passou a ser o nosso refúgio. Lá a gente começou a ver a vida, os alunos gostavam de estudar, eram envolvidos com sindicatos e eram revolucionários. Levei essas ideias para o Lar, questionava muito”. (SOUZA, 2013). Estudar no Colégio Atheneu provocou, em alguns internos, a não aceitação quanto à forma como tinham sido educados, e contribuiu para a saída de outros. Mas o que eles questionavam era justamente a falta de

capacitações que contribuiriam para o momento em que fossem obrigados a sair da instituição.

No Lar “Meimei” não havia um sistematização de realizações de cursos para os internos. Os cursos que existiram na Casa do Pequenino acabava sendo uma questão de voluntariado; se surgisse alguém com interesse em ensinar, os internos seriam agraciados. “De vez em quando amigos dos espíritas faziam cursos para a gente, tipo de pintura e bordado. Orfanato em si não tinha nenhuma atividade”. (SOUZA, 2013). Existiam alguns voluntários que iam para contar histórias: “aprendi com eles a gostar de histórias, além da professora de evangelização que contava também”. (SOUZA, 2013). Teve um período que os internos foram ao Instituto de Ação Social - CAPEMI para ter aula de artes, mas foi temporário, e essas atitudes dava a eles o direito de pensar:

Nós não éramos preparado para a vida, essa foi uma coisa que falei ao senhor Sotero já foi o último diretor, porque tio Mesquita estava doente e havia se afastado, e D. Neyde ia lá, mas que estava como diretor era o senhor Sotero. O orfanato teve várias dificuldades, acho que eles não estavam preparados, foram colocando, colocando e não tiveram noção do que realmente estava acontecendo. Não foi culpa deles, mas acho que para montar uma coisa, você precisa se preparar para várias situações. (SOUZA, 2013).

Faltou aos diretores da Casa do Pequenino – Lar “Meimei”, compreenderem que os internos, não poderiam apenas contar com o ato de caridade; a eles era preciso também ensinar meios para se emanciparem.

4.4 – CULTO EVANGÉLICO NO LAR MEIMEI

Mesmo os espíritas dizendo que não havia ensinamentos doutrinal nas Escolas confessionais espíritas, a evangelização com as crianças assistidas acontecia “através de orações, durante as refeições e quando iam dormir, além das aulas de religiões, porém durante as aulas não se falava na doutrina espírita e sim na figura de Jesus Cristo”. (BEZERRA, 2009). Encontrou-se, de forma sutil, a realização de práticas que indicavam os ensinamentos espíritas por meio da evangelização às crianças assistidas pela Casa do Pequenino, principalmente às do Lar “Meimei”. Embora a oração fosse sempre antes das refeições havia um momento dentro daquela estrutura em que era utilizado o Evangelho Segundo o Espiritismo: “era realizado o Culto do Evangelho um dia na semana”.

(ANUNCIAÇÃO, 2016). O Culto do Evangelho acontecia sempre às quartas – feiras e não havia a presença de nenhum membro da União Espírita; os próprios internos, juntamente com as guardiãs conduziam esse momento, “não vinha ninguém da União, não! Era de lá mesmo, sempre Maria coordenando essa parte, porque Maria já era evangelizadora, ela já tinha passado por tudo, aí ela já orientava”. (CRUZ, 2009). Em um determinado período foi conduzido pelas guardiãs, mas como possuíam pouca leitura, com o passar do tempo Maria da Anunciação, interna da instituição, assumiu a condução da ação.

Assim, a pesquisa revelou que a oração dentro do Lar “Meimei” não era apenas desenvolvida, durante as refeições. Por mais que os seguidores da doutrina espírita dissessem que dentro dessas Instituições não havia lugar para o proselitismo, existiam nas pequenas ações as simbologias dos ensinamentos espírita; “as orações eram dentro da Doutrina Espírita, nós fomos criados com a Doutrina Espírita”. (SOUZA, 2013). O hábito da realização da mesma no Lar, mostra-nos que fazia parte de uma rotina e que os internos participavam: “a oração acontecia em todos os momentos das refeições, mas tinha um dia específico [...] Era lá dentro da Instituição que acontecia o que se chamava o Dia do Culto do Evangelho no Lar. (CRUZ, 2009). Normalmente acontecia às sete horas da noite, com a participação dos internos e “tinha que todos está ali”. (CRUZ, 2009). Na oportunidade era lida uma passagem do Evangelho Segundo o Espiritismo, e depois era disponibilizado um período de meia hora para os comentários.

O fato de ser utilizado o Evangelho Segundo o Espiritismo deixa evidente que havia ensinamentos com referência à doutrina espírita: “no Lar sim! Na escola não! E acontecia porque era um Lar Espírita”. (SANTOS, 2014). Apesar de na nomenclatura da Casa do Pequenino não existir o nome espírita, foi uma instituição construída e mantida pela União Espírita do Estado de Sergipe. Será que realmente não havia os ensinamentos doutrinários? Internos afirmaram que quando criança:

A oração praticada era sempre falar na figura de Deus, porque era mais fácil da criança entender, embora quando íamos ficando jovem os Diretores eles já oravam diferente, mas o que era ensinado a criança era o significado de Deus, os valores morais, o respeito ao ser humano e sobre a caridade. (CRUZ, 2009).

Alguns internos, entraram na instituição ainda criança, mas saíram na adolescência ou já adultos. Viveram os ensinamentos religiosos nas duas fases. Por mais que as fontes

pesquisadas, em nenhum momento, tenham sinalizado que dentro do Lar “Meimei” era dito aos internos, sigam a doutrina espírita; mas uma prática realizada diariamente, semanalmente e mensalmente, acaba por ter uma representação para os envolvidos no ritual. No pensamento de Divaldo Franco seria paradoxal se as Escolas Espíritas não realizassem tais práticas, que só por meio delas os internos “acompanhando o nosso dia-a-dia sentem todos eles a qualidade superior da fé que nos norteiam os passos e compreendem que foi essa abençoada Doutrina que a todos nos convocou ao trabalho de amor junto aos seus corações”. (FRANCO, 1970, 62). Então, essa prática era estrategicamente aplicada com a intenção que os ex-internos se tornassem seguidores da doutrina, porque a maioria das crianças que ali estava não vinham de famílias que professavam a fé espírita.

4.4.1 Escola de Evangelização

Mesmo havendo a prática da oração dentro do Lar Meimei todos os domingos pela manhã, os internos praticavam outro ritual dentro dos princípios religiosos. Iam à Escola de Evangelização “Lindolfo Campos”, localizada na antiga sede da União Espírita de Sergipe, situada à rua Santa Luzia, nº 164 na área central de Aracaju, “A evangelização era em uma casa na rua Santa Luzia que hoje está alugada e a renda é para a Casa do Pequenino.” (SOUZA, 2013). A ida à Escola de Evangelização aos domingos, talvez fosse a única distração dos internos fora do Lar: “era o melhor dia da gente, porque saíamos do orfanato, íamos em filinha, de três em três, todo mundo da rua já via a gente e já sabia. (SOUZA, 2013). Mesmo sabendo que a Escola de Evangelização, exercia também a função de disciplinar, “lá aprendíamos a maneira de sentar, que não deveríamos cuspir no chão, que não devíamos ir ao banheiro toda hora, tinha que chegar e já ter feito suas necessidades; que quando alguém estivesse falando era preciso prestar atenção”. (SANTOS, 2014). Esses ensinamentos eram passados pensando nos bons frutos que as crianças colheriam no futuro, se fossem bem disciplinadas.

Mas mesmo com tanta disciplina os internos acordavam, tomavam banho, faziam a refeição do café da manhã e começavam a se arrumar, o dia de domingo tinha um ar diferente para as crianças. Na Escola de Evangelização eles também participavam de dramatizações e brincadeiras, e o fato de sair da instituição já dava aos pequenos um ar de felicidade; viveriam no curto espaço de três a quatro horas uma determinada autonomia.

Os internos de certa maneira, ao saírem da instituição para irem a escola de evangelização, que acontecia das oito as dez horas da manhã, desfrutavam de um pequeno momento de liberdade. “Dia de domingo o catecismo, a gente ia lá! Eu, Lourdes (guardiã) e outros maiores, pegávamos nas mãos dos pequenos. Saíamos dali, lá para a rua de Santa Luzia, pegava ali na praça, passava pela Av. Barão de Maruim e pegava a rua direto”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). No início Maria da Anunciação era evangelizada, depois passou a evangelizadora, e com isso assumiu a responsabilidade de levar as crianças, todos os domingos. “Eu fazia esse percurso com eles, ia levando, os internos maiores também ajudavam, e antes de sairmos já combinávamos: você segura na mão de fulano e fulano(sic)”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). A partida das crianças à escola de evangelização, requeria uma atenção redobrada; o interessante é que nenhum diretor do Lar “Meimei” acompanhavam as crianças, essa responsabilidade ficava a cargo de uma guardiã e dos internos mais velhos. “Graças a Deus nunca aconteceu nenhum acidente, e as pessoas assim, quando viam o batalhão, paravam e a gente só passava no sinal vermelho. Às vezes, no retorno, levávamos eles para a pracinha pra brincar um pouco na praça, ali na Tobias Barreto que era perto”. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Apesar da distância, e de fazer o percurso a pé, os internos não reclamavam: “eu preferia as aulas de evangelização do que as da Escola “Amélie Boudet”. Na evangelização contavam histórias, de uma forma que eu entrava na história [...].Tinha um homem que tocava violão, parecia Jesus, tinha barba e o cabelão”. (SOUZA, 2013). Os internos acabavam se apropriado de maneira mais aprazível dos ensinamentos, por conta das práticas utilizadas na Escola de Evangelização. Os seguidores da Doutrina Espírita ao pensar nas aulas de evangelização, imaginavam formas criativas, acreditavam segundo Ramos (2011) que “as crianças evangelizadas, seriam homens de bem” e assim as práticas utilizadas na Escola de Evangelização “Lindolfo Campos”, deveriam servir de encantamento aos internos, e a forma para que isso acontecesse era justamente por meio da arte, no formato de poesia, música e história.

Ah! Contar histórias, principalmente histórias referente ao Evangelho de Jesus. Todas as histórias, mesmo as de La Fontaine. Contava uma história, aí na recapitulação dizia assim Jesus abraçou a criança. Aí tinha três quadros, era perguntado as crianças: Qual da figuras representava à cena? A outra forma era contar a história e ir colocando as personagens naquelas pregas. Contavam histórias, fazia teatro (sic) e cantavam músicas. (RAMOS, 2011).

Mas, na escola de Evangelização também usavam “fichinhas, cartazes para ilustrar, e tinha as chamadas em um papelzinho de cartolina e lá tinha pregas o quadro de pregas. O evangelizador chamava e as crianças iam colocando o nome nas pregas”. (RAMOS, 2011). Essa prática leva ao entendimento que métodos são munidos de um propósito e:

A tarefa de Evangelização Espírita infanto-juvenil é um dos mais altos significados dentre as atividades desenvolvidas pelas Instituições Espíritas, na sua ampla e valiosa programação de apoio à obra educativa do homem. Não fosse a evangelização, o Espiritismo, diante de sua função evangélica, perderia sua missão de Consolador, retendo-se com as diversidades das escolas religiosas no mundo que, embora úteis e oportunas, estiolaram-se no tempo absorvendo posições de determinidade e dogmatismo. (MENEZES, 1986, Pp.10-11).

O da Escola de Evangelização “Lindolfo Campos”, não diferente das outras, era ensinar às crianças, para mais tarde passar de evangelizando a evangelizador: “aconteceu comigo, eu aprendi e comecei a evangelizar os pequenos”. (RAMOS, 2013). Maria da Anunciação, foi um desses casos, a Escola de Evangelização fez da pequena interna uma evangelizadora e multiplicadora da doutrina espírita dentro do Lar “Meimei”.

4.5 – SISTEMA DISCIPLINAR

O dia a dia na Casa do Pequenino era organizado com disciplina considerada como fator primordial para se estabelecer a ordem e o respeito. Ali as regras eram repassadas, tanto pelos professores da Escola “Amélie Boudet”, pelas guardiãs do Lar “Meimei” quanto pelos diretores da Casa do Pequenino. Essa era uma prática forte em Laura Amazonas, porém não era de se estranhar que tal postura fosse ativa. Dentro do Lar “ela nos ensinava a sermos crianças disciplinadas, ela tinha esse cuidado, ela sabia orientar, cobrava a disciplina, mas ao mesmo tempo era meiga, carinhosa e muito nobre na sua maneira de tratar, jamais humilhava quem quer que fosse”. (SANTANA, 2010). As escolas espíritas deveriam manter uma educação disciplinadora, não apenas nas escolas de evangelização, mas também nas escolas formais e nos Lares.

Ah, minha filha, era uma disciplina! Tinha horário para acordar, horário de comer, tinha hora para tomar banho, tinha hora para estudar, tinha hora para tudo! Nós sabíamos até o cardápio, todos nós sabíamos o que íamos comer

de manhã, de tarde e de noite; segunda-feira, terça-feira e aí por diante. (SOUZA, 2013).

Após o falecimento de Laura Amazonas, justamente dois anos depois da inauguração da Casa do Pequenino, ocorreram modificações nas práticas. No Lar “Meimei” não se admitia nenhum ato de desobediência, atitude considerada como indisciplinar. “A desobediência lá era uma coisa não tolerável, e aí é isso que estou falando; tinha limites, a gente era colocada de castigo e obedecíamos os castigos, mesmo os mais danados obedeciam”. (SOUZA, 2013). Na base da educação espírita não seria permitida a aplicação de castigos como forma de corrigir algum ato considerado como inapropriado. O que deveria reparar posturas realizadas pelos internos, fora do que se esperava os diretores da instituição, seria o diálogo, e o dialogar fazia parte dos métodos de Laura Amazonas, até porque a educação disciplinadora no espiritismo nada mais é do que a orientação.

Mas na Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino” os castigos, punições e humilhações, foram executados por seus diretores. “No início houve, logo quando eu entrei, havia aplicação da palmatória para os danados, mas pouco tempo também, foi instituído”. (CRUZ, 2009). Os internos não compreendiam essa educação disciplinadora. Dentro do Lar “Meimei” não havia tolerância, “o limite era, desobedeceu uma, desobedeceu duas, desobedeceu três, e não sei a quantidade, mais tinha a tolerância. E essa tolerância eu não entendia! Chamavam os pais e a criança não ficava mais lá”. (SOUZA, 2009). Após, a advertência se não houvesse mudança por parte do interno, ele seria convidado a deixar a estrutura do Lar, não fazendo mais parte da instituição.

“Isso eu me questionava muito, quer dizer não entendia, mas me questionava: primeiros eles queriam resguardar o orfanato e segundo tinham regras [...] Mas, como é que você pega alguém para cuidar? Aí desobedeceu uma, duas, três, quatro vezes, você diz vá embora! Vá para casa de seu pai! Vá para a casa de seu avô! Não quero mais ser sua mãe! E a responsabilidade deles? Porque não eram nossos pais, ou porque achavam que já cuidavam e zelavam da gente? (SOUZA, 2013).

A educação espírita que deveria ser colocada em prática nessas instituições era “amemo-nos uns aos outros e façamos a outrem o que queríamos que nos fosse feito” (KARDEC, 2008, p. 132), assim, realizariam a “caridade moral, que consiste em se suportar uns aos outros” (KARDEC, 2008, p. 132), mas essa última não era praticada na Casa do

Pequenino, eles até orientavam, mas se a criança não mudasse imediatamente eles simplesmente desistiam.

E também a desobediência, assim, como eles tinham isso uma questão de limites, eu percebia que eles não sabiam lidar muito com isso, e por isso era muito mais fácil devolver para os pais. Interessante que era um orfanato, mas acho que eles viam mais como uma questão de escola, porque é na escola que fazem isso. (SOUZA, 2013).

As crianças que ficavam sofriam com a saída do outro. “Imagine a decepção dessa criança, e nós que ficávamos, cada vez que um saía era um irmão, e nós ficávamos muito sentido, porque era um irmão que ia embora”. (SOUZA, 2013). E nas escolas e lares espíritas isso não poderia acontecer, principalmente pela sua:

Visão filosófica superior, cabe a tarefa imediata de voltar os seus valiosos recursos para a família, trabalhando o homem e conscientizando-o das suas responsabilidades inalienáveis perante a vida, quanto informando-o sobre a finalidade superior da sua existência corporal. Demonstrando-lhe a indestrutibilidade do ser, bem como preparando-o para as vitórias sobre si mesmo, o conhecimento espírita fará que se esforce por agir com acerto, recuperando-se, na convivência de que a reencarnação ora lhe faculta dos erros transatos, enquanto lhe oferece as oportunidades superiores para o seu futuro ditoso. Com o homem renovado e responsável, surge o lar equilibrado e sadio onde se formará a criança enobrecida. Rumando para uma sociedade melhor a criança deverá ser sempre a preocupação primeira. (MANUAL DA ESCOLA ESPÍRITA, 2007, p. 158).

Talvez os diretores da Casa do Pequenino não soubessem o real sentido da educação disciplinadora: orientar e dar exemplo com suas próprias ações. De acordo com Souza (2013), “eles não souberam trabalhar a disciplina, assim, se tem uma coisa que eu posso dizer do orfanato, não vou dizer pecou, mas escorregou, não souberam lidar foi com a indisciplina”. Assim, era mais viável desistir daquela criança, mesmo sabendo que essa prática contrariava todo ensinamento espírita.

4.5.1 - As práticas na Escola “Amélie Boudet”

Ainda analisando os relatórios, começa-se a entender como se processava a educação dos internos, que a partir dos sete anos passavam a frequentar a Escola “Amélie Boudet” que

só funcionava no período da manhã e por isso eles eram obrigados a estudar no primeiro turno do dia.

A arrumação das salas era parecida com a de qualquer outra escola, “como ainda hoje é na questão professor-aluno, organizada em fileiras; só o infantil que tinha as cadeirinhas”. (SOUZA, 2013). O único detalhe nas salas de aula da referida escola consistia nas paredes, que eram de divisória; isso, por vezes, acabava atrapalhando a concentração dos alunos e os distraíndo. “Eram cadeiras antigas, tipo banco da praça, e tinha uma salinha dos pequeninos com as mesinhas; era um salão e tinha as divisórias de quadro para separar as salas. Era um salão enorme, dividido em quatro salas”. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Nas salas de aula havia toda uma preocupação com a ornamentação, resumindo-se a artefatos simples como cartazes e mapas. “Tinha uma coisa que tio Mesquita se preocupava muito, era com esses materiais, ele pedia na Prefeitura e em outros locais”. (SOUZA, 2013). Mas, segundo os alunos, a utilização dos mapas era quase inexistente, usavam “pouco, eles ficavam na parede, o mapa de Sergipe, do Brasil, mas ajudavam na hora das aulas de história” (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Para a execução das atividades escolares na Escola “Amélie Boudet” os alunos utilizavam mais os cadernos. As professoras copiavam no quadro e os alunos repassavam para o seu suplemento. “Era mais o caderno, eu lembro que fazia umas composições e tinha ditado, leitura, ah! Tinha o livro de leitura, mas os assuntos eram muito mais matemática e português; às vezes tinha história, geografia e ciências muito pouco” (ANUNCIAÇÃO, 2016), mas o educador também trabalhava contando histórias infantis aos alunos. A professora Maria Augusta Melo Santos, que no primeiro ano de funcionamento da instituição foi contratada como professora auxiliar para a primeira série, fez uma descrição de como eram as aulas. Disse que: “a aula era normal, tinha português, tinha matemática, introdução à matemática; eram lições, assim, básicas. As salas eram arrumadas com cartazes, as mesinhas com as cadeirinhas, tudo apropriado para a idade deles”. (SANTOS, 2014). Na hora do lanche, assim como no Lar “Meimei”, os professores exerciam uma preocupação com a higiene.

Na hora do lanche tinha que lavar as mãos de todo mundo e enxugar, após o lanche formava a fila para a escovação dos dentes; trabalhávamos a limpeza do corpo. E sempre nesse horário tinham alunos que faziam coco na calça, tínhamos que dar banho, era aquele trabalho todo. (SANTOS, 2014).

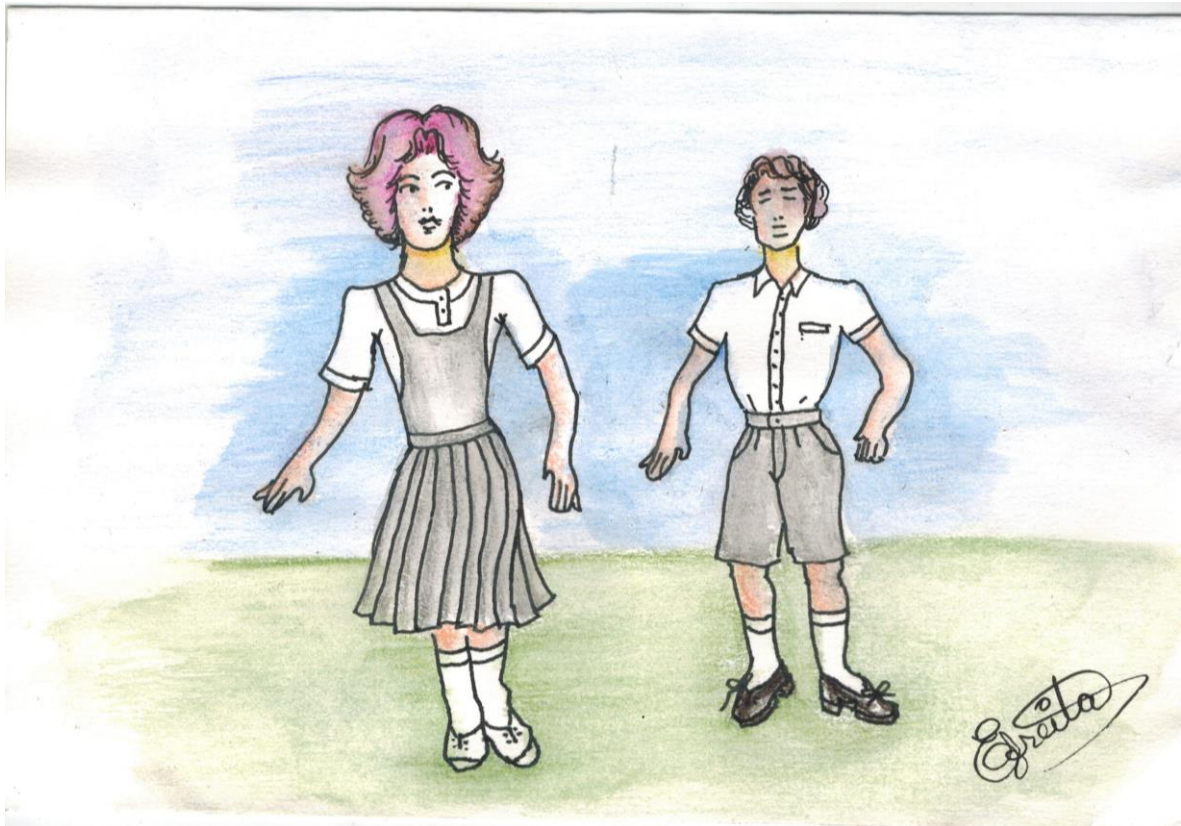
A escola tinha uma merendeira própria, que não era guardiã do Lar “Meimei”. Ela preparava o lanche que seria servido na hora do recreio “ali no balcão. Tinha o lanche e depois da merenda iam brincar”. (ANUNCIAÇÃO, 2016). As brincadeiras se concretizavam na própria sala de aula, pois mal tinha o espaço das salas.

Na turma da professora Maria Augusta, especificamente, havia a efetivação de pequenas experiências como plantar o feijão; “isso fazíamos com o algodãozinho, era na aula de ciências”. (SANTOS, 2014). As práticas da Escola “Amélie Boudet” eram sempre nas salas de aula, até porque a sua estrutura não dava condição de acomodar atividades fora da sala. Dentro da metodologia dos primeiros anos da escola não existiram passeios e nem atividade extraclasse, todas as tarefas aconteceram no espaço escolar.

Os ensinamentos religiosos, ao contrário do Lar “Meimei”, que mantinha na sua prática esse método, na Escola “Amélie Boudet” não havia nenhum sinal com referência à doutrina espírita.

A escola cobrava o uso da farda, mesmo aos internos. Deveriam usar o fardamento que seguia a seguinte composição: para as meninas, “jardineira de brim na cor acinzentada (sic), uma blusa branca de tergal e o tênis conga na cor branco” (ANUNCIAÇÃO, 2016); o dos meninos era “bermuda de brim na cor acinzentada, blusa de tergal branca com botões na frente, com gola de colarinho e mangas curtas, sapato vulcabras na cor preta”. (ANUNCIAÇÃO, 2016).

Figura 26 – Descrição do Fardamento



Fonte: Ilustração - Eduardo Freitas. Acervo: Autora

Os professores da Escola “Amélie Boudet”, no início era a própria União Espírita de Sergipe que contratava, depois, por meio de um convênio firmado com a Prefeitura de Aracaju, esses eram enviados pela mesma para prestarem serviços na instituição. A professora Neyde Mesquita, que ficava à frente da escola, era a responsável pelos professores: “tia Neyde monitorava, mas quando ia estava pronta para resolver alguma coisa ou fiscalizar, porque a preocupação maior dela era com a escola; ela que coordenava os professores e mantinha a rédea”. (CRUZ, 2009). Assim acompanhava os trabalhos desenvolvidos pelos mestres.

De acordo com a professora Maria Augusta, que trabalhou na Casa do Pequenino no período de 1967 a 1970, na rotina da casa, as atividades por ela descritas aconteciam da seguinte maneira: “tinha a parte de estudo, da alfabetização; tinha a parte da recreação; tinha a parte da merenda. Essa merenda era eu que fazia também, e depois distribuía. Catávamos piolho nas meninas, aquela turma do Japãozinho”. (SANTOS, 2014). Os professores não

usavam medicamentos para o tratamento do piolho, preferiam tirá-los “porque os meninos eram cheios”. (SANTOS, 2014). O Japaozinho é um bairro periférico da cidade. Na pesquisa ficou comprovado, com a afirmação da professora, “que a maioria dos alunos externos era do Japaozinho”. (SANTOS, 2014). Anteriormente havia-se informado que os endereços dessas crianças, possivelmente se referiam ao local de trabalho dos pais.

No período de 1966 a 1982, naquele pequeno espaço escolar da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, mil cento e trinta e dois alunos estudaram e deram vida à instituição e as suas práticas.

Quadro 14: Número de alunos matriculados entre 1966 a 1982

LIVROS DE MATRÍCULA (1966 a 1982)		
Ano	Total de Matrícula	Genêro
1966	17 alunos	Masculino (07) Feminino (10)
1967	48 alunos	Masculino (29) Feminino (19)
1968	79 alunos	Masculino (47) Feminino (32)
1969	41 alunos	Masculino (22) Feminino (19)
1970	46 alunos	Masculino (22) Feminino (24)
1971	55 alunos	Masculino (27) Feminino (28)
1972	45 alunos	Masculino (23) Feminino (22)
1973	77 alunos	Masculino (48) Feminino (29)
1974	54 alunos	Masculino (34) Feminino (20)
1975	74 alunos	Masculino (55) Feminino (19)
1976	54 alunos	Masculino (27) Feminino (27)
1977	85 alunos	Masculino (44) Feminino (41)
1978	77 alunos	Masculino (35) Feminino (42)
1979	96 alunos	Masculino (63) Feminino (33)
1980	82 alunos	Masculino (35) Feminino (47)
1981	86 alunos	Masculino (34) Feminino (52)
1982	116 alunos	Masculino (58) Feminino (58)

Fonte: Livros de Matrícula (1966 a 1982). Arquivo da Casa do Pequenino.

Nesses dezessete anos sempre houve uma variação no número de matrícula. Apenas no ano de 1982 a escola conseguiu ultrapassar a faixa de cem alunos. Durante esse período, o número de meninos correspondeu a seiscentos e doze alunos; já o equivalente ao total de meninas matriculadas girou em torno de quinhentos e vinte e dois. Assim, pode-se afirmar que nesse espaço de tempo a Casa do Pequenino – “Amélie Boudet” proporcionou educação a mais meninos do que a meninas.

A Escola “Amélie Boudet” só ensinava até a quarta série primária, e após a conclusão do curso primário os internos eram encaminhados para frequentarem o curso ginásial na Escola “Governador Lourival Baptista” e “Oito de Julho”, e o ensino secundário nos Colégios “Atheneu Sergipense” ou “Tobias Barreto”. Os diretores da Casa do Pequenino, após os

internos concluírem a quarta série se responsabilizavam por consumir suas matrículas em outras escolas. O “tio Mesquita tinha contato, era uma pessoa cativa e tinha conhecimento na época com o diretor Leão Magno Brasil, e conseguia até o fardamento de graça para a gente; nós não comprávamos nada, nem fardamento”. (CRUZ, 2009).

E durante a solenidade de formatura dos alunos da quarta série do primário, percebemos que algumas práticas realizadas na Casa do Pequenino, no momento desse rito foram vistas como distantes de uma possível educação espírita, ou seja, havia um confronto entre a escola concreta e a escola ideal. Tem-se como exemplo o primeiro ano de funcionamento da Escola “Amélie Boudet”, quando das comemorações de encerramento do ano letivo, ocorrido aos vinte e sete dias do mês de novembro de 1967, na sede da escola.

Foi iniciada a solenidade com a presença do presidente da União Espírita, diretora e vice diretor da Casa do Pequenino, e a professora Ana Maria Fontes. Foi aberta a solenidade para a entrega das provas aos 17 alunos matriculados, iniciada pela confreira Neyde Mesquita que convidou, para tomar parte na mesa, dona Laura Amazonas e Sandoval Barros. Feita a prece inicial pelo confrade Sandoval Barros que, em seguida, teceu comentários sobre a Escola - Casa do Pequenino, destacando o objetivo da União, a maneira como é ministrado o ensino. Foi concedida a palavra à professora dona Ana Maria Fontes, que dirigiu uma aula arguindo as crianças. Depois de cantado o hino da escola entregou as provas junto com um presente, um corte de tecido, oferta da União Espírita Sergipana. Com a palavra final a confreira Neyde Mesquita fez a prece final. (LIVRO DE ATAS DO LANÇAMENTO DA PEDRA E OUTRAS INAUGURAÇÕES, 05.12.49 – 23.12.1988, p. 4).

Nesta cerimônia, há a presença do sistema de arguição o que seria uma prática não condizente com os métodos de educação espírita. Essa ação, na realidade, nada mais era do que a colocação do aluno em exposição, sem levar em consideração que cada um é único e terá o seu tempo. Além do mais, nos conceitos de Pestalozzi com referência à criança, ele defende que esta é um ser autônomo, não precisando de imposições e testes, ou seja, de uma educação limitada a uma absorvência de informações. Acreditava que essa poderia englobar a cabeça, a mão e o coração, levando a uma formação tripla do homem: a intelectual, a física e a moral; assim o aluno adquiriria liberdade e autonomia moral.

Figura 27 - Primeira formatura da “Amélie Boudet”



Autoria desconhecida. 1966. Acervo da Casa do Pequeno.

Por mais uma vez pode-se constatar a ausência de uma possível pedagogia espírita, durante a solenidade de encerramento do segundo ano de atividade da Casa do Pequeno - “Amélie Boudet”, na ação de atos como premiação dos melhores alunos por nota e comportamento.

Aos vinte e seis dias do mês de novembro de 1968, no salão nobre da Escola “Amélie Boudet”, anexo à Casa do pequenino teve lugar, com início às dezesseis horas, sob a direção da professora Neyde de Albuquerque Mesquita, as solenidades de comemoração do encerramento do ano letivo da mencionada Escola “Amélie Boudet”, sob calorosas salvas de palmas pelo anúncio dos melhores aproveitamentos em média ou em conduta escolar. Foi também anunciada a abertura de matrículas para o próximo ano. Concluindo sua missão, a senhora Neyde Mesquita desejou a todos os presentes os melhores votos de paz e prosperidades com assistência de nossos amigos espirituais. Houve distribuição de doces e guloseimas às crianças, encerrando-se a solenidade. (LIVRO DE ATAS DO LANÇAMENTO DA PEDRA E OUTRAS INAUGURAÇÕES, 05.12.49 - 23.12.1988, p.8). (Grifo nosso).

Essas atitudes foram eliminadas por Eurípedes Barsanulfo na implantação da primeira escola espírita, que levou para dentro da sua estrutura escolar a visão do educador Pestalozzi que “não acreditava em julgamento externo, por isso nas suas escolas não havia notas, provas,

castigos ou recompensas, a disciplina externa daria lugar à interna”. (INCONTRI, 2001). De acordo com esse pensamento, Barsanulfo criou a seguinte concepção: o importante seria “incentivar sempre, por diferentes modos, os alunos, objetivando o maior nível de aproveitamento [...], mas era contrário, porém à instituição do prêmio. Considerava a concorrência perigoso fator de íntimos descontentamentos e, não raro, de assinaladas injustiças”. (NOVELINO, 1983, p. 132). Na educação espírita, o que deveria se levar em conta era a oportunidade que seria dada a todos na mesma proporção, assim o coletivo chegaria ao mesmo nível, dependendo apenas da “trajetória íntima” (INCONTRI, 2001) de cada aluno; dessa forma não haveria espaço para concorrência.

As atividades propostas na Escola “Amélie Boudet” para aplicação aos alunos, em termos de prioridades contradizem o que uma escola espírita sugere: em primeira escala as virtudes e depois os conteúdos formais que devem estabelecer uma ligação com os conteúdos espíritas. Na Casa do Pequenino se processava de forma inversa. Em contato com o roteiro programático da primeira série do ano de 1974, é possível perceber com nitidez essa distorção. Nas escolas espíritas, além do plano de curso havia uma rotina que deveria ser seguida diariamente.

Quadro 15: Plano de Curso de Ciências

ÁREA: Ciências	
I - Corpo Humano 1 - Partes externas do corpo e suas funções 2 - Funções dos sentidos 3 - Saúde - Cuidados higiênicos: (corpo - vestíário - lar - escola) 4 - Origens dos alimentos 5 - Importância da alimentação 6 - A água como alimento 7 - Posição correta do corpo	II – Avaliação

Fonte: Planejamento anual (1974). Arquivo da Casa do Pequenino.

Quadro 16: Plano de Comunicação e Expressão

ÁREA: Comunicação e Expressão		
I - Linguagem Oral 1 - Interpretação 2 - Reprodução e dramatizações de textos lidos 3 - Relatos de experiências vividas sugeridas pelas lições 4 - Hora de novidades 5 - Coro falado 6 - Composição de histórias 7 - Formação e oração 8 - Entrevistas 9 - Jornal falado 10 - Conversações 11 - Discussões 12 - Recado 13 - Convite 14 - Telegrama 15 - Relatório 16 - Auto avaliação	II - Linguagem Escrita 1 - Cópia e ditado palavras e orações 2 - Legendas para gravuras apresentadas 3 - Composição simples 4 - Confeção de álbuns, cartazes e quadros de notícias ditados para fins de estudo. 5 - Anúncios 6 - Treino ortográfico de palavras de dificuldade auditivas e visuais 7 - Relatório das atividades de área Obs.: Acompanhar o desenvolvimento da escrita referente à margem, espaçamento, parágrafo, traçado das letras. Aproveitar as situações de escrita para desenvolver as habilidades	III - Aspectos Gramaticais 1 - Emprego de maiúscula em todos os casos 2 - Acentuação, pontuação, separação de sílabas 3 - Concordância verbal (casos mais simples) 4 - Concordância nominal 5 - Flexões Obs.: Explorar todos os aspectos gramaticais existentes no livro básico do aluno

Fonte: Planejamento anual (1974). Arquivo da Casa do Pequeno.

Quadro 17: Plano de Curso de Matemática

ÁREA: Matemática		
I - Conjunto 1 - Ideia de conjunto e de elemento 2 - Relação de Pertinência 3 - Conjuntos Especiais (vazio e unitário) 4 - Subconjuntos 5 - Relações entre conjuntos (igualmente e equivalência) 6 - Operações (união e diferença) 7 - Sistema de Numeração <ul style="list-style-type: none"> Ideia de número Número e numeral Número ordinal Número cardinal Numeração Números pares e ímpares 	II - Operações Fundamentais 1 - Adição e Subtração de números naturais (fatos fundamentais, ideia de subtração, propriedade da adição, comutabilidade, elemento neutro) 2 - Adição e subtração de números representados por dois ou mais algarismos (sem reagrupamento)	III – Avaliação

Fontes: Planejamento anual (1974). Arquivo da Casa do Pequeno.

Quadro 18: Plano de Curso de Estudos Sociais

ÁREA: Estudos Sociais				
I - A Escola 1 - O porquê do nome 2 - Dependência e sua utilização 3 - Área e localização (da escola e da sala) 4 - Planta 5 - Jardim 6 - Funcionários diretor <ul style="list-style-type: none"> secretária vigia porteiro merendeira servente 7 - Corpo docente <ul style="list-style-type: none"> professor supervisor 8 - Corpo discente <ul style="list-style-type: none"> alunos 	II - O Lar 1 - Localização Nome do bairro Nome da rua e número Cidade, povoado 2 - Utilização 3 - Dependência 4 - Tipos de casas 5 - Material empregado Auxiliares na construção	III - A Família 1 - Membros que compõe: Responsabilidades e deveres Tratamento adequado aos seus auxiliares 2 - Atividades diárias 3 - Cooperação dos filhos 4 - Economia no Lar 5 - Participação na comunidade 6 - Meios de comunicação 7 - Meios de transportes 8 - Comemorações Sociais	IV- Comemorações 1 - Cívicas 2 - Sociais 3 - Religiosas	V – Avaliação

Fonte: Planejamento anual (1974). Arquivo da Casa do Pequeno.

A diferença não está na não utilização dos conteúdos formais e sim na não adequação de conteúdos espíritas, pois o que se espera de uma escola espírita, segundo Ney Lobo (1990), é que ela imprima os princípios da educação espírita em todas as suas atividades pedagógicas educacionais e administrativas, estabelecendo o enfoque da educação sobre a instrução e primazia da conduta sobre o conhecimento.

Aqui percebe-se que mesmo sendo dito, que essas escolas, deveriam agir contrariando o pensamentos de outras crenças, não levando para suas estruturas simbologias da doutrina. Traços do espiritismo foi focado em algumas delas, o Colégio Espírita Allan Kardec, fundado há 109 anos, não seguiu o documento Base da Doutrina, e seus diretores até hoje acreditam que a metodologia adotada nesse espaço, seria a de uma real escola espírita ideal, assim na primeira escola espírita do Brasil segue a seguinte rotina: O dia inicia-se com a presença da educadora à escola quinze minutos antes de começar as atividades com as crianças, para realizarem o Culto do Evangelho de Lucas, devendo ser sempre preparado com antecedência por dois professores: um que fará a leitura de uma pequena mensagem e outro que organizará o estudo em torno da missão do dia, que consiste em uma reflexão em torno dos ensinamentos de Jesus à luz do livro Elucidações Evangélicas, de Antônio Luiz Sayão, bem como a leitura da Agenda de Reforma Íntima.

A recepção dos alunos tem um carácter especial, o de envolver a escola em um clima vibratório e que deve se manter durante todo o dia de estudo. O aluno tem que se sentir bem e ser calorosamente, acolhido através do canto de músicas alegres, harmoniosas e declamações de versos que expressem lições.

O primeiro momento do aluno em sala de aula é com o exercício de meditação que deve ser sempre um louvor aos recursos naturais, enquanto comprovação da existência de Deus, e agradecimento a Ele por tudo que existe ao nosso redor. O aluno deverá estar deitado em seu tapetinho para aprender a relaxar e respirar tranquilamente, prática essa que conduzirá seus pensamentos às obras da natureza, e deve ter a duração máxima de dez minutos. O momento é encerrado com uma prece de agradecimento a Deus.

Após a meditação é realizado o Culto do Evangelho de Lucas, no qual são trabalhados os mesmos itens de estudo do culto preparatório do professor, que faz a leitura dos versículos, na íntegra, e tece comentários para a vida prática da criança. Após o término será realizada a leitura da Agenda Íntima, como facilitadora do processo de educação e assimilações de valores humanos e espirituais, a fim de promover mudanças reais no carácter do educando.

A integração dos conteúdos espíritas aos formais proporciona um novo conceito de conhecimento da ciência universal, como nos orienta o Evangelho Segundo o Espiritismo, e tem por objetivo aliar ciências, filosofia, e religião ao processo de ensino e aprendizagem formando uma nova geração que valorizará a ética, a bondade e o amor.

A oficina do conhecimento desenvolve o conteúdo trabalhado na aula, através de atividades práticas, tais como experiências, jogos, materiais que enriquecem as demonstrações relacionando as vivências dos alunos.

O primeiro momento do intervalo é o da alimentação. Nele, o aluno é estimulado a uma alimentação natural e a efetuá-la de maneira correta. Em seguida há o acompanhamento das atividades recreativas dos alunos, que visa estimular a participação, criatividade e elaboração das suas emoções, através de momentos lúdicos, utilizando recursos simples e variados. Por último o aluno receberá orientação quanto à higienização do corpo e do ambiente, no momento destinado a sua higienização, sob acompanhamento da professora.

Logo após o intervalo os alunos retornam às suas atividades em sala. Os conteúdos formais são desenvolvidos por dois professores, mediante composição de horários, sendo que cada um ministra duas disciplinas, podendo aprofundar o estudo com mais tranquilidade e

conviver com duas séries. Os conteúdos programáticos são ministrados segundo o plano de curso e de unidade, fazendo integração com o conteúdo espírita e seguindo, criteriosamente, os temas propostos. Após todas as atividades do dia os alunos deixam as salas limpas e organizadas, facilitando o trabalho dos servidores.

Na sexta-feira a escola oferece aos alunos e professores o passe magnético¹¹³, através do qual são valorizados os recursos fluídicos que auxiliam todo o processo ensino-aprendizagem pelo caráter de saneamento físico e espiritual que a atividade proporciona.

Também na sexta acontece o grupo da gratidão que é uma atividade significativa para o ambiente da escola espírita no qual todas as doações e auxílios feitos por aqueles que se interessam em ajudar, de alguma forma, a escola ou a instituição, devem ser anotados em fichas ou em caderno próprio e levados nos dias da aula da gratidão para que sejam distribuídos em grupos de alunos a fim de que eles confeccionem cartas, bilhetes e lembranças de agradecimento às pessoas. Essa atividade ensina os alunos a terem humildade e saberem reconhecer a generosidade dos doadores.

Ainda na sexta-feira são realizadas as atividades de desenvolvimento do sentimento, que consiste em atividades práticas, despertando o aluno para a necessidade do outro, quer seja elementos da natureza: animais, plantas, água; quer seja outro indivíduo.

Talvez a execução das práticas desejadas em uma escola espírita não tenha se concretizado completamente na Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino” - “Amélie Boudet” porque os condutores não tinham conhecimento do real sentido da educação espírita, ou o fato dos professores serem cedidos pelo município tenha dificultado o objetivo da Casa do Pequenino, levando-a, assim, ao distanciamento da proposta educacional espírita.

Ocasionalmente um confronto entre a Escola Espírita concreta e a ideal. Mas o que seria a Escola Espírita Ideal? Nem os seguidores da doutrina chegaram a um consenso sobre ela, mesmo existindo documentos que comprovem como deveria ser essa Pedagogia Espírita, o que se via eram grupos trabalhando de acordo com seus pensamentos, não existia uma única voz condutora, capaz de conduzir todos da mesma forma, as metodologias usadas nas escolas conduzidas por Anália Franco, foram diferentes das de Eurípedes Barsanulfo e das de Divaldo Franco, e a Casa do Pequenino não foi semelhantes a essas, mas o mundo é assim:

¹¹³ O Colégio Allan Kardec de que se tem conhecimento é o único no Brasil que utiliza, na sua metodologia, as sessões de passe, aliás desde da sua fundação por Eurípedes Barsanulfo.

Plural...
O viver é plural,
A visão é plural.
Porque não existe
Nem homem são
Nem homem louco.
Nem branco, nem preto.
Nem gordo, nem magro.
Nem baixo, nem alto.
Nem feio, nem bonito.
Nem mais, nem menos.
O que existem são pessoas diferentes.¹¹⁴

O que nos faz observámos que os indivíduos são plurais, são educadores espíritas, mas também são homens e mulheres cada um com seus ideais e sua forma de exergar o mundo. Essa multipossibilidade de visão nos fez descobrir que o pequeno número de alunos que passaram pela Casa do Pequenino foi capaz de construir as suas lembranças, em torno do espaço, das práticas, professores e diretores da instituição, mesmo com a pluralidade de pensamento.

¹¹⁴ A citação é fragmento do poema não publicado “Plural”, construído em 2002 de autoria de Raimundo de Medeiros Venâncio.

5. O FIM É O COMEÇO

Durante dois anos transitou-se por vários espaços, arquivos, salas de aula, histórias de vida, cultura material escolar, educação espírita, crianças abandonas, estes objetos começaram a fazer parte da rotina, como se fossem apenas da pesquisadora, invadiram seu sono, seus dias, deixou-a inquieta todas às vezes que tentou dialogar com essas fontes e não obtinha uma resposta. Aprendeu a escutar o silêncio, principalmente dos seus entrevistados, que às vezes lhe diziam apenas com o olhar, outras com as lágrimas que eram trazidas por conta de uma lembrança; ela fez o exercício de compreender a leitura do que estava nas entrelinhas. O processo de pesquisa é formado de idas e vindas, é árduo, exige leitura e tempo, nos levando a um diálogo, por vezes, aberto, tranquilo; porém em muitos casos, conflituoso e aflitivo principalmente, quando no desenrolar do caminhar vão surgindo novas perguntas que nos induzem a uma eterna andança à procura de respostas, assim é preciso trilharmos novos trajeto a busca de materiais para as interrogações e às vezes, corremos o risco de não respondermos a todas, pois nem sempre o tempo é favorável. Foi um percurso intenso, mas gratificante, pois permitiu se entender aspectos de uma escola espírita, e, com isso, uma possível pedagogia espírita, mostrando-se como deveria ocorrer o funcionamento e as práticas educativas em uma instituição dentro desses preceitos. Além de nos ajudar a ver as formas de educação implementadas por outros organismos religiosos, que não católicos e protestantes.

A princípio a Casa do Pequenino foi idealizada por Laura Amazonas e unificada ao desejo de outros seguidores da doutrina. Passaram-se vinte anos para realmente ser colocado em prática o que se pretendia evangelizar, educar e instruir, contribuindo, principalmente, para a educação de crianças pobres. Pode-se dizer que essa instituição, de carácter espírita e filantrópico, foi construída pouco a pouco, retalhos foram juntados, ideais e sonhos edificadas e, assim, formou-se a história da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, essa instituição conduzida pela UES, vem contribuindo para a História da Educação em Sergipe com a prestação de serviços à sociedade aracajuana há meio século.

Funcionava no começo com duas vertentes: o internato e a escola de ensino primário. A partir de 1992 sofreu uma reorganização na sua estrutura, devido ao advento da LOAS-Lei Orgânica de Assistência Social, orientando que a criança assistida deveria voltar a viver no núcleo familiar e não mais em instituições assistencialistas como internato e orfanato. Após

essa determinação alguns internos retornaram para as famílias de origem, os que não tinham mais pais e nem parentes foram entregues ao juizado de menores para possíveis adoções. O Lar “Meimei” chegava ao final de uma história que durou vinte e quatro anos. A Casa do Pequenino permaneceu apenas com a Escola “Amélie Boudet”.

A ideia de implantação de escolas espíritas pelo Brasil teve seu marco com o pensamento de Anália Franco, juntando-se à disposição de Leopoldo Cirne de enfrentarem a Igreja Católica. Também porque viram na aprovação e assinatura do Documento Base da Organização Espírita que determinava, a partir daquela data, a construção de escolas espíritas ao lado de cada Centro, ficando sob a responsabilidade do mesmo o gerenciamento da escola, a possibilidade de trazer para à cena do país a propagação e legitimação da doutrina espírita, por meio de ações caritativas. A condução dessas escolas os levaria a dois caminhos: atenderem a orfandade e crianças carentes, com a construção de asilos; reduzirem o índice de analfabetismo, com a edificação de escolas que proporcionariam o conhecimento da leitura, servindo de base para a retirada das crianças da margem da ignorância, ao ponto de futuramente fazerem suas escolhas doutrinárias. E, com essas ações, sairiam do anonimato, tornariam-se figuras vistas pela população e pelo poder público que, por vezes, auxiliou com subvenções para a concretização das escolas e asilos espíritas.

Sergipe não ficou fora do palco começando a acompanhar este capítulo da história a partir do momento que o espiritismo chegou a essa terra, não se sabe exatamente por onde, o que se sabe é que chegou e fincou suas raízes ao ponto de sergipanos contribuírem nacionalmente com a doutrina, como o caso de Bittencourt Sampaio e Martins Peralva. Os seguidores da doutrina em Sergipe, envolvidos pelas determinações do documento Base, iniciaram o pensamento na construção de uma escola confessional espírita. A forma educativa que deveria ser colocada em prática nessas escolas vinha dos princípios educativos de Heinrich Pestalozzi, por dar autonomia e liberdade ao educando com ausência de castigos e punições, a fim de construir um homem ético por meio da dignidade humana, sua característica fundamental, pois traria respeito às pessoas: “criança e aluno, pelas práticas do afeto, amor e carinho, rompendo com o caráter de educação repressora das escolas católicas”.

Os espíritas sergipanos queriam colocar em prática essa maneira de educar e por isso deram início a várias campanhas para a construção da Casa do Pequenino, no que não foram bem vistos pela Igreja Católica que fez uso da sua bandeira, o Jornal A Cruzada, para impossibilitar o crescimento da doutrina e a realização de ações pelo grupo espírita. No período de vinte anos, tempo que levou para a construção da instituição espírita, a disputa

entre católicos e espíritas esteve presente na cidade de Aracaju. Os católicos não desejavam perder adeptos e nem queriam que outras religiões dominassem o que até então era domínio seu, a educação religiosa; os espíritas pretendiam se legitimar e mostrar, da mesma maneira que os católicos, o seu método de educar.

No ano de 1966, enfim, a Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino” abria suas portas à comunidade. A instituição possuía um formato simples, nada de grandiosidade, como prega a própria doutrina. A partir desse ano as crianças foram chegando para uma possível educação espírita. Mas nem todas as práticas dessa educação foram vivenciadas na rotina da instituição, semelhanças e distorções acabaram por estabelecer um longo caminho entre o discurso e a prática.

Essas contradições, principalmente no sentido do ensino religioso, ocorreram em outras escolas espíritas: as Instituições de Anália Franco, o Colégio Allan Kardec, o Educandário Ituitabano, traços da Doutrina Espírita foram levados para dentro da instituição e, porque não dizer que a Casa do Pequenino - Lar “Meimei” procedeu da mesma forma que essas instituições, executando práticas do Culto do Evangelho no Lar, e a participação de internos na Escola de Evangelização “Lindolfo Campos”, apesar de o documento Base estabelecer que a diferença dessas escolas para as católicas e protestantes consistia justamente em não ensinar o espiritismo e não fazer ligação com nenhum símbolo da doutrina.

Alguns aspectos no Lar “Meimei” lembram os objetivos da educação espírita, dentre eles a disciplina, o cuidado com a saúde e higiene e a limpeza do espaço como responsabilidade de todos. As distorções ocorreram na prática da educação mista, com a eliminação dos meninos aos quinze anos, a não preparação dos internos para a reconstrução de suas vidas e a aplicação de castigos e punições. Na Escola “Amélie Boudet” poucas foram as semelhanças; quanto às diferenças, giraram em torno das premiações e da não utilização de conteúdos confessionais no plano de curso da escola. O real sentido da educação espírita na execução das práticas dentro da Casa do Pequenino pode ter se perdido no caminho, após a morte de Laura Amazonas, e os que conduziram a instituição não conseguiram viver o que seria uma pedagogia espírita.

A Casa do Pequenino perdeu seu real sentido de escola espírita, passando para uma escola mantida por espírita, mas mesmo não conseguindo consolidar as práticas de uma pedagogia espírita foi o sustentáculo de dezenas de crianças que hoje levam, em suas lembranças, os tempos vividos na Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”.

Então, hoje na solidão dos meus pensamentos, ao olhar para o tempo, parceiro inseparável desta jornada, psicografo-o para dizer que o fim na verdade é o começo para outras pesquisas. Por isso, ao sair deixo a porta entreaberta para que outros pesquisadores se sintam atraídos a empurrá-la e com suas penas de preservar, possam escrever outras páginas desta história, acrescentando uma palavra, uma frase, uma vírgula para encurtar os espaços de histórias tão distante, mas que se fazem tão presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, Jane Soares de. Co-educação ou classes mistas? Indícios para a historiografia escolar (São Paulo – 1870 -1930). In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, V. 83, nº 213/214, Pp. 64-78, maio/dez. 2005.

ANDRADE, Élia Barbosa. **Nas trilhas da co-educação e do ensino misto em Sergipe (1842-1889)**. São Cristóvão, Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado).

ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. **A presença missionária norte-americana no Educandário Americano Batista**. São Cristóvão, Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

AZEVEDO, Alexandre Ramos de. **Abrigos espíritas para a infância**: uma descoberta da infância sob o lema “fora da caridade não há salvação”. XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Leopoldo, p. 1-8, 2007.

_____. **Os Espíritas e Anália Franco**: práticas de Assistência e escolarização da infância no início do século XX. In: **Caderno de História de Educação**. São Paulo: v.9, nº 2. p. 294, jul/dez. 2010.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os Padres de D.José**: Seminário Sagrado Coração de Jesus. S. Cristóvão: UFS, 2004. (Dissertação de Mestrado).

BASSANEZI, Maria Silvia. Os eventos vitais na reconstituição da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi. LUCA, Tânia Regina (orgs). **O Historiador e suas fontes**. 1ª ed; São Paulo. Contexto. 2012.

BISPO, Alessandra Barbosa. **A educação dos menores abandonados em Sergipe**: A cidade de Menores “Getúlio Vargas” (1939 – 1954). São Cristóvão: UFS/DHI. 2003. Monografia (Conclusão de Curso).

BONIFÁCIO, Nádja Santos. Oratório Festivo de D.Bosco: reflexões sobre práticas e métodos de ensino. In: **Colóquio Internacional de História e Memória da Educação no Ceará/VI Encontro Cearense de Historiadores da Educação**: Interfaces metodológicas na História da Educação. Aracati/CE: Edições UFC, 2007.

BONIFÁCIO, Nadja Santos; SANTANA, Josineide Siqueira de. Catequese e assistência, fins de associações de caridade no início do século XX: a atuação de Genésia Fontes em Sergipe. **In: III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biografia: formação, território e saberes.** Natal. UFRN. 2008. p. 1-13.

BONIFÁCIO, Nádja Santos. **Acolher, evangelizar e educar:** contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para a educação feminina em Aracaju (1914 – 1952). São Cristóvão, Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2011 (Dissertação de Mestrado).

BOGO, César. **1880 -1980 Fraternidade Centenária** – Sínteses dela atividade despregado em 100 años por laAsociación La Fraternidade, 1980.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTTO, Carlota. **A escola do homem novo:** entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2011.
_____. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989) a revolução da historiografia.** São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

CALEFFE, Luiz G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Fora da Caridade não há Religião! Breve histórias da competição religiosa entre catolicismo e espiritismo kardecista e de suas obras sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. In: **LOCUS:** revista de história. Vol. 7, nº 1. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Departamento de História/ArquivoHistórico/EDUFJF, 2001. p 131-154.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. História da Educação: notas em torno de uma questão de fronteiras. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios.** Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p.257-286.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Mundo Invisível:** cosmologia, sistema. Ritual e noção de pessoas no espiritismo, 1983.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano.** Artes de Fazer. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Pedagogia de internar:** uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão/SE (1934 – 1967). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Gaduação em Educação/UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado).

COSTA, Celma Laurinda Freitas. **A Noção de Ciências e Educação no Espiritismo**. Departamento de Educação – Universidade Católica de Goiás, 2009. (Dissertação de Mestrado).

COSTA, Kátia Regina Lopes. **Disciplinar, regenerar e punir: os caminhos do menor delinquente sergipano (1891 – 1927)**. São Cristóvão. Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2013. (Dissertação de Mestrado).

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Instrução: as Memórias de Ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973)**. São Cristóvão. Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2003. (Dissertação de Mestrado).

DAMAZIO, Sylvia. F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. – Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

FELIPOZZI, Rosana. Meimei: Uma Vida de Dedicação e Amor. In: **Revista Espiritismo & Ciências – Especial Meimei**. Editora Mythos, São Paulo, n.1, p. 22-28, out. 2004.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1854-1914)**. Brasília. Programa de Pós-graduação em Sociologia/UNB, 2008. (Dissertação de Mestrado).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteiras S.A., 1986.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa, Livraria. Editora Tavares Cardoso e Irmão, 1899. Vol.2. Biblioteca Nacional

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão: tradução de Raquel Ramalhete**. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRAGO, Antônio Viñao; ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP 7ª, 1998.

FRAGO, Antônio Viñao. **História de La Educación e História Cultural: possibilidades, problemas, cuestiones**, 1994. (mimeo)

FREI BOAVENTURA, O.F.M. **Material para instruções sobre a heresia espírita**. Petrópolis: Editora Vozes, 1954.

FREIRE. Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.vol.5.1954.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Vestígios da Dr^a Laura Amazonas: Aspectos da condição feminina em Sergipe. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol.6, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**: processo de desintegração da sociedade patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república. São Paulo: Global Editora, 2004.

GONÇALVES, Irlen; FARIAS, Filho. História das Culturas e das Práticas Escolares: Perspectivas e Desafios Teóricos-Metodológico. In: SOUZA; VALDEMARIN, Vera Tereza. **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GUIMBELE, Emerson. **Em nome da caridade**: assistência social e religião nas instituições espíritas. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisa ISER, 1997.

HAGUETE, Teresa Maria Frota. **Metodologia Qualitativas na sociologia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990

HORTA, José Silvério Baia. **O Hino, O sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas. São Paulo, FEUSP, 2001. (Tese de Doutorado)

KUHLMANN Junior, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

JESUS, Antônio Monteiro de. **Memórias**: Excertos do Movimento Espírita Pioneiro em Sergipe. 2^a ed. Aracaju: Editora Triunfo, 2006.

JULIA, Dominique. “**A Cultura escolar como objeto histórico**”. In: Revista Brasileira de História da educação. Campinas: Editora Autores Associados nº 01 jan/jun 2001.p.9-43

KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. São Paulo, Edicel. 1971.

KARDEC, Allan. **A Gênese**: os milagres e as predições segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1988.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Trad. Salvador Gentile. Araras, SP, IDE, 349^a edição, 2008.

KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Trad. Salvador Gentile. Catanduva, SP: Boa Nova Editora, 2004.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 1. Memória-História. Lisboa, Imprensa Nacional. Casa da Moeda. 1994.

LEAL, Rita de Cássia Dias. **O primeiro jardim de infância de Sergipe: Contribuição ao estudo da educação infantil (1932 – 1942)** São Cristóvão. Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2004. (Dissertação de Mestrado).

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 1996.

LIMA, Solyane Silveira. “**Uma maneira de proteger e educar**”: a casa maternal Amélia Leite (1947-1970). São Cristóvão. Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2009. (Dissertação de Mestrado).

LOBO, Ney. **Filosofia Espírita da Educação**. Vol. 3. 1º ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

LOPES, Eliana Marta Teixeira e Galvão, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2001.

LOURO, Guaraci Lopes. **Genêro, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, Leopoldo. **O Espiritismo é obra de Educação**. 2ª ed. Matão, SP, O Clarim, 1944.

MARCILIO, Maria Luiza. **História Social da Criança Abandonada**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

_____. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar de Freitas. **História social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Contributo para a História das Instituições Educativas: entre a memória e o arquivo**. Lisboa 1996. p.1-18.

Manual da Escola Espírita. 3[editor] Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza. Brasília: Ed. Auta de Souza, 2007.

Matrizes do discurso pedagógico contemporâneo. Texto Básico: PESTALOZZI, Johann Heinrich. Cartas sobre Educación Infantil. Madri: Tecnos, 2006.

MELINS, Murilo. **Aracaju Romântica que vi e vivi**. 3ª ed. Aracaju: UNIT, 2007

MELO, Valéria Alves. **As filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre a educação católica (1915 – 1970)** São Cristóvão, Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado).

MENDES, Alessandro Araújo. **O menor abandonado e delinquente em Sergipe: da instrução ao cárcere (1942 – 1974)**. São Cristóvão, Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2014. (Dissertação de Mestrado).

-
- MENEZES, Bezerra de. **Separata do Reformador**, 2. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1986.Pp. 10-11.
- MENEZES, Eufrázia C. O espiritismo em Sergipe. In:**TomoRevista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**. São Cristóvão – Sergipe, n. 1, 2000.Pp.159-174.
- MEYLAN, Louis. **Os Grandes pedagogistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Papéis Guardados**. Rio de Janeiro: Editora Rede Sirius, 2003.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco: a grande dama da educação brasileira**. São Paulo: Madras, 2004.
- MORAIS, Gizelda. **Dom Luciano José Cabral Duarte**. Relato biográfico. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.
- MÜLER, Álvaro. A saga de Marta Batista: de moradora de rua a professora universitária. In: **Revista Cumbuca**. Editora EDISE, Aracaju, ano. I, n. 4, p. 66-73, dez. 2013.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional sergipana: Uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2003. (Coleção e história 1).
- _____, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe**. Maceió: Edições Catavento, 2004.
- NASCIMENTO, José Anderson. A Contribuição da maçonária para a prática educativa em Aracaju (1970 – 1980). São Cristóvão, Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2010. (Dissertação de Mestrado).
- NERY, Marco Arlindo Amorim. **A Regeneração da Infância pobre Sergipana do século XX:O Patronato Agrícola de Sergipe e suas práticas educativas**, São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado)
- NETO, Nicola José Frattari. Educandário Espírita Ituiutabano: da laicidade à fé perante as transformações na educação brasileira (Ituiutaba: 1958 – 1973). In: SAULÓEBER, Társio de Souza; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza (org). **Do público ao privado, do confessional ao laico: a história das instituições escolares na Ituiutaba do século XX**.Uberlândia: EDUFU, p. 233-273, 2009.
- NOVELINO, Corina. **Eurípedes: O homem e a missão**. Araras-SP, Ed. IDE, 5ª, 1983.
- NUNES, Clarice. **História da Educação: espaço do desejo**. Em aberto – Revista do INEP/MEC. Brasília, v. IX, n. 47, p. 37-45, 1990.

-
- NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista–SP, EDUSF, 2000.
- NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.
- OLIVEIRA, Iranilson Buríti de. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidade médicas no Segundo Império**. Campina Grande: EDUFPG, 2010.
- OLIVEIRA, Paloma Rezende de. **Vinde a mim os pequeninos: políticas de educação e assistência às infâncias**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2012.
- PATRÍCIO, Solange. **Educando para o trabalho: a implantação da Escola de Aprendizizes Artífices de Sergipe (1910-1930)**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2003. (Dissertação de Mestrado).
- PERALVA, J. Martins. O Espiritismo em Sergipe. In: **Anuário Espírita**. São Paulo. Instituto de Difusão Espírita, 1970. Pp.148-165.
- PEREIRA, Nilson. S. Divaldo Franco e a criança. In: **Anuário Espírita**. São Paulo. Instituto de Difusão Espírita, 1970. Pp. 57-64.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PESTALOZZI, Johann Heinich. *Sämtliche Werke und Briefe*. Kritesche Ausgabe. Zurich, OrellFüssli, 1927 1980. Obras, vol. I a XXVIII. **Cartas, vol, I a XIII**.
- PIRES, J,Herculano. **Introdução à Filosofia Espírita**. 2ª ed. FEESP, São PAULO, 1993.
- POLLACK, Michel. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos. Vol. 5, n.10, Rio de Janeiro, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civittella Val diChiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 1ªed. 1996. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 103-130.
- PRANDI, Reginaldo. Modernidade com Feitiçaria: Candomblé e Umbanda no Brasil no Século XX. In: **Revista de Sociologia I**, SUSO, 1990, p. 49-74.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é Positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- RIVAIL, H.L.D. **Textos pedagógicos**. São Paulo, Comenius. 1997.
- RIZZINI, Irma. Meninos desvalidos e menores transviados: a trajetória da Assistência até a Era Vargas. In: PILLOTTI, Francisco; RIZZINI, IRENE (orgs). **A arte de governar crianças**.

Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Nino, Editora Universitária Santa Úrsula, 1995, p. 243-298.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil:** Percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro. Editora Autores Associados, Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2004.

RIZZINI, Irene. **O Século Perdido:** Raízes Históricas das Políticas Públicas para a Infância no Brasil. 2 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou Da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTANA, Josineide Siqueira de. **Entre bordados, cadernos e orações:** a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922 -1969) São Cristóvão. Núcleo de Pós-graduação em Educação/UFS, 2011 (Dissertação de Mestrado).

SANTANA, Josineide Siqueira de; Rosemeire Siqueira de. RODRIGUES, Inácia Maria Nascimento. Para se Maria: fontes para uma História da Educação Feminina. In: **Anais Eletrônicos – XI Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil**). João Pessoa, 2012.

SANTANA, Rosemeire Siqueira de; SANTANA, Josineide Siqueira de. Laura Amazonas: sua contribuição para as instituições educacionais espíritas e suas práticas pedagógicas. In: **Revista do Instituto Geográfico de Sergipe**, n. 42. 2012.

SANTANA, Rosemeire Siqueira de; MACIEL, Ane Rose de Jesus; SOUZA, Josefa Eliana. “De Volta ao Começo: A (re) construção da trajetória e contribuições da educadora Anália Franco. In: **Interespaço – Revista de Geografia e interdisciplinaridade**. V. 1, nº 2, p. 311-329, Grajaú/MA, jul/dez. 2015.

SANTOS, Isidoro Duarte. **O Espiritismo no Brasil:** Ecos de uma viagem. Vol. 1. Rio de Janeiro: J. OZON Editor, 1960.

_____. **O espiritismo no Brasil: Ecos de uma viagem.** Vol. 2. Rio de Janeiro: J.Ozon Editor, 1960.

SCHUELLE, Alessandra F. Martinez. A associação Protetora da Infância Desvalida e as Escolas de São Sebastião e São José: Educação e Instituição no Rio de Janeiro do século XIX. In: MONARCHA, Carlos (org.) **Educação da Infância Brasileira: 1875 -1983**. Campinas: Editora Autores Associados, 2001. p. 157-184.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo:** história e poder (1938 – 1949). Londrina: EDUEL, 2005.

SOARES, Ana Lorym. A **‘orientação pelo Evangelho’** e a consolidação do Espiritismo no Brasil (1860 – 1940). Revista Eletrônica História em Reflexão: vol.7, nº 14 – UFGD\Dourados, jul\dez 2013.

SOUZA, Marta Batista. **Educação, memória e fotografia:** uma análise das narrativas de mulheres idosas do bairro Palestina, Aracaju/Se. Universidade Tiradentes - Dissertação (Mestrado em Educação) - 2014 .

SOUZA, Raymundo S. **Gente que conheci, coisas que ouvi contar.** 3 ed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. Itinerário de Pesquisa sobre Cultura Escolar. In: CUNHA, marcus Vinícius. **Ideário e imagens da educação escolar.** Campinas: Autores Associados, Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e letras da UNESP. 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. **As lentes da história:** estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP. Autores Associados, 2005.

Fontes

Documentos Institucionais

Carta de Deusdedit Fontes a José Gonçalves de Oliveira – Presidente da União Espírita. Sergipe. 17 de novembro 1947. Acervo: UES.

Ofício s/n – 06 de janeiro 1947. Acervo: União Espírita de Sergipe.

Folhetim de Divulgação do Espetáculo Tapete Mágico. Ano: 1951. Acervo: família de Neyde Mesquita.

Livro de Atas nº III – 02.06.1947 a 29.02.1964. Acervo União Espírita de Sergipe.

Livro de Atas do Lançamento da pedra e Outras Inaugurações – 05.12.1949 – 23.12.1988.

Regulamento Interno. Acervo Casa do Pequenino.

Programa do Espetáculo Tapete Mágico.

Plano de Curso 1974. Acervo Casa do Pequenino.

Livros de Matricula – 1966 – 1982. Acervo Casa do Pequenino.

Jornais

A Cruzada, 23 de setembro de 1951.

A Cruzada, 30 de setembro de 1951.

Diário de Sergipe, 19 de setembro de 1951.

Jornal Juvenil Espírita, setembro – dezembro, 1951.

Sergipe Jornal, 1 de outubro de 1951.

SANTANA, Rosemeire Siqueira de. **Casa do Pequenino:** Memória de uma instituição educativa. Jornal Cinform. Aracaju, 15 a 21 de mar.2010.Caderno Cultura, p.19.

Revistas

Revista Reformador 1905.
Revista Reformador 1909.
Revista Reformador 1910.
Revista Reformador 1919.

Entrevistas

ANUNCIACÃO, Maria. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 4 de janeiro de 2016. (Aluna e interna da Casa do Pequenino). Aracaju/SE.

BEZERRA, Devanir. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 01 de abril de 2009. (Ex- diretora da Casa do Pequenino). Aracaju/SE.

CRUZ, José Lourenço Bispo da. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 17 de outubro 2009. (Aluno e interno da Casa do Pequenino). Aracaju/SE.

LIMA, Edilma Menezes Santo. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 24 de setembro de 2014. (Aluna da Escola de Evangelização Lindolfo Campos). Aracaju/SE.

MESQUITA, Neyde de F. Albuquerque. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana, 28 de outubro de 2009. (Primeira Diretora Pedagógica Casa do Pequenino). Aracaju/SE.

NOVAES, Carmem Aguiar. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 03 de março de 2012. (Contemporânea de Laura Amazonas). Aracaju/SE.

SANDRA, Maria. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 11 de janeiro de 2016. (Aluna e interna da Casa do Pequenino). Aracaju/SE.

SANTANA, João Batista. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 05 de maio de 2010. (Quando criança foi criado por Laura Amazonas). Itabaiana/SE.

SANTOS, Esmeralda Menezes. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 24 de setembro de 2014. (Contemporânea de Laura Amazonas). Aracaju/SE.

SANTOS, Maria Augusta de Melo. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 4 de outubro de 2014. (Ex-professora auxiliar da Casa do Pequenino). Aracaju/SE.

SOUZA, Marta Batista de. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 28 de janeiro de 2013. (Aluna e interna da Casa do Pequenino). Aracaju/SE.

RAMOS, Mariulurdes. Entrevista concedida a Rosemeire Siqueira de Santana a 20 de agosto de 2011. (Atriz do espetáculo Tapete Mágico). Aracaju/SE.

Sites

YSHIYAMA, Mary. AmélieGrabielleBoudet. In: **Jornal Mundo Espírita**. Disponível em: <<http://www.mundoespirita.com.br>>. Acesso em 12 de janeiro de 2015.

SILVA, Roberto da. A construção do Estatuto da Criança e do Adolescente. In: **Revista Jurídica Trimestral**. Disponível em: <<http://www.ambito-juridico.com.br/aj/eca008.htm>>. Acesso em 09 de março 2015.

<<http://www.lyon.cidadesvirtuais.net/historia.htm>> Acesso em 09 de março de 2015.

<<http://www.historiadaarte.com.br>>. Acesso em 5 de março de 2015.

<<http://www.historiadaarte.com.br>>. Acesso em 15 de março de 2015.

<<http://www.espirita.org.br>> . Acesso em 19 de março de 2015.

<<http://www.dinamicaespirita.com>>. Acesso em 19 de março de 2015.

<<http://www.revistaeletronicaemreflexão>>. Acesso em 22 de março 2015.

<<http://www.iebm.org.br>>. Acesso em 25 de março de 2015.

<<http://www.feparana.com.br>>. Acesso em 27 de março de 2015.

<<http://www.legis.senado.gov.br>>. Acesso em 29 de março de 2015.

<<http://www.minhateca.com.br>>. Acesso em 03 de abril de 2015.

<<http://www.geeb.org.br>>. Acesso em 05 de abril de 2015.

MARIO, Marcus Alberto de. **A Escola Espírita**. Disponível em: <<http://www.espirita.org>>. Acessado a 27 de abril 2015.

SCHULZ, Gerson Nei Lemos; VITÓRIO, Fernando Bilhalva. Positivismo e Espiritismo. **[Blog.] Filosofiadomarcozero**, 06 de outubro 2012. Disponível em: <<http://www.filosofiadomarcozero.com>>. Acesso em 17 de outubro de 2015.

<<http://www.waymemorial.org/andrewdavis.htm>>. Acesso em 23 de maio de 2015.

<<http://www.camara.leg.br>>. Acesso em 23 de maio de 2015.

<<http://www.snu.org.uk/lyceum/history.html>>. Acesso em 23 de maio de 2015.

<<http://www.rcespiritismo.com.br>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

<<http://www.livrosdosmediuns.wordpress.com>>. Acesso de 13 de outubro de 2015.

<<http://www.dicionárioenciclopedico.com.br>>. Acesso em 16 de outubro de 2015.

<<http://www.divinismo.org>>. Acesso em 17 de outubro de 2015.

MELO, GRAÇAS. **A arte e a música e sua importância na evangelização do ser.** Disponível em:<<http://www.searadomestr.com.br>>. Acessado a 18 de janeiro 2016.

<<http://www.teatroatheneu.se.gov.br>>. Acesso em 19 de janeiro de 2015.

Roteiro de entrevista utilizado para a construção da pesquisa *Vinde a mim os Pequeninos*: História da educação de crianças desamparadas na Instituição Educativa Espírita (1947-1992).

(Ex-Diretores)

- 1ª) Nome completo:
- 2ª) Data de Nascimento:
- 3ª) Filiação:
- 4ª) Fale um pouco sobre a origem da sua família.
- 5ª) Qual a sua profissão?
- 6ª) Como era o aspecto físico da Casa do Pequenino?
- 7ª) Qual o objetivo da Casa do Pequenino dentro da perspectiva da religião espírita?
- 8ª) Como era desenvolver a função de diretor (a)?
- 9ª) Qual a origem social das crianças que frequentavam a Casa do Pequenino?
- 10ª) Qual a faixa etária dos alunos que estudavam na Casa do Pequenino?
- 11ª) Como era a farda?
- 12ª) Quem eram os professores?
- 13ª) E como era a seleção dos professores?
- 14ª) Tinha festa na Casa do Pequenino? Quais? Quem organizava?
- 15ª) As famílias participavam das atividades da escola? E a comunidade?
- 16ª) Como eram as formaturas?
- 17ª) Havia reuniões de pais?
- 18ª) Tinha reuniões de professores?
- 19ª) Como era a entrada e a saída na Casa do Pequenino?
- 20ª) E no tocante a religião, quais eram as práticas na Casa do Pequenino?
- 21ª) Os alunos eram obrigados a irem as reuniões espíritas?
- 22ª) Como eram as instalações da Casa do Pequenino? O que mudou?
- 23ª) Como era a disciplina na Casa do Pequenino?
- 24ª) Quais atitudes cometidas, pelo aluno, eram passíveis de punições? Como a Instituição lidava com isso?
- 25ª) Quais os alunos de que o senhor (a) se lembra? E um em especial? Por quê?
- 26ª) Como era a rotina no Lar Meimei
- 27ª) Quais as causas que levaram ao término do Lar Meimei?

Roteiro de entrevista utilizado para a construção da pesquisa *Vinde a mim os Pequeninos*: História da educação de crianças desamparadas na Instituição Educativa Espírita (1947-1992).

(Contemporâneos de Laura Amazonas)

1ª) Nome:

2ª) Data de nascimento:

3ª) Natural:

4ª) Quando se deu o primeiro contato com Laura Amazonas?

5ª) Como o senhor(a) a definiria?

6ª) O senhor (a) era frequentador (a) da Escola de Evangelização Lindolfo Campos?

7ª) Quais as práticas pedagógica da doutora Laura Amazonas na evangelização de crianças?

8ª) Em quais instituições Laura Amazonas, desenvolveu seu trabalho?

9ª) Na sua opinião, houve uma rejeição por parte da sociedade a doutora Laura pela sua opção religiosa?

10ª) Quais os motivos que levaram Laura Amazonas a fazer doação do terreno para a construção da Escola Espírita Casa do Pequenino?

11ª) Por que a doutora Laura Amazonas não constituiu uma família?

12ª) Como o movimento Espírita de Sergipe via a figura de Laura Amazonas?

13ª) Para o senhor (a) que conviveu com a doutora Laura Amazonas, o que a fez abrir mãos de seus bens em prol dos menos favorecidos?

14ª) Ela tinha uma boa relação com os governantes e políticos?

15ª) O senhor (a) foi ao sepultamento dela? De acordo, com os jornais que divulgaram o falecimento de Laura Amazonas, centena de pessoas compareceram ao enterro dela. Aque atribuiria essa comoção?

16ª) Qual a participação de Laura Amazonas na implantação do Asilo Rio Branco e da Cruz Vermelha?

Roteiro de entrevista utilizado para a construção da pesquisa *Vinde a mim os Pequeninos*: História da educação de crianças desamparadas na Instituição Educativa Espírita (1947-1992).

(Atores do Espetáculo Tapete Mágico)

- 1ª) Por que o espetáculo “Tapete Mágico” gerou uma polêmica?
- 2ª) Como surgiu a ideia da peça de teatro?
- 3ª) Como foi a repercussão do espetáculo?
- 4ª) Como foi participar de um espetáculo de teatro naquela época, sendo mulher?
- 5ª) Como aconteceu o processo de seleção dos atores?
- 6ª) Como se deu o processo de escolha do texto? Por que foi escolhido esse texto?
- 7ª) Como foi a repercussão do espetáculo?

Roteiro de entrevista utilizado para a construção da pesquisa *Vinde a mim os Pequeninos*: História da educação de crianças desamparadas na Instituição Educativa Espírita (1947-1992).

(Alunos e Internos da Casa do Pequenino)

- 1ª) Nome:
- 2ª) Atualmente qual a sua idade?
- 3ª) Como chegou a Casa do Pequenino?
- 4ª) Você passou por outras instituições, antes de ingressar na Casa do Pequenino?
- 5ª) Com qual idade começou a frequentar as aulas?
- 6ª) Como se relacionava com seus colegas tanto do Lar como da escola?
- 7ª) No espaço da Casa do Pequenino havia formação de grupos?
- 8ª) O que costumava acontecer, quando algum interno cometia atos de transgressão?
- 9ª) Lembra de alguma professora em especial?
- 10ª) Como era organizado o dia a dia na Casa do Pequenino? Havia uma rotina a ser cumprida?
- 11ª) Quais suas aulas preferidas? E por quê?
- 12ª) Quais os espaços do Lar Meimei e da escola mais frequentados?
- 13ª) Como se processava a arrumação da Casa do Pequenino?
- 14ª) Qual o horário que vocês se acostumavam acordar?
- 15ª) Havia um horário e cardápio estabelecidos para as refeições?
- 16ª) Ocorria prática de evangelização na Casa do Pequenino?
- 17ª) Como era o disciplinar em uma Escola Espírita?
- 18ª) Como se processava as práticas de higiene?
- 19) Havia comemorações na Casa do Pequenino? Quem as organizavam?
- 20ª) Quais as outras atividades que eram desenvolvidas na Casa do Pequenino?
- 21ª) Você consegue descrever a arrumação das salas de aula da escola?
- 22ª) O uso da farda era obrigatório? Havia apenas um fardamento?
- 23ª) Ocorreu algum passeio, durante o período que você esteve na Casa do Pequenino?
- 24ª) Por que você saiu do Lar Meimei?

25ª) Depois que saiu continuou estudando?

26ª) O que significou para você ser aluno (a) e interno (a) da Casa do Pequenino?

27ª) Como você definiria a figura de José Mesquita Neto, diretor administrativo da Casa do Pequenino?

28ª) Como você a definiria a professora Neyde Mesquita?

Carta de Atas do Lançamento da Pedra e Cantos Inaugurativos 1
 05.12.49. 23.12.1988

Ata da solenidade do lançamento da primeira pedra para a construção da "Casa do Pequeno Pê", ao cargo da União Espirita Suijpana.

Aos vinte e cinco dias do mês de Dezembro do ano de mil novecentos e quarenta e nove, da era Cristã, às nove horas, no Terrem taldis, sito à rua N. Senhora da Glória, entre a rua "Canguê de bacias" e "Av. Augusto Maynard", tiveram este Meeting 23º 8088 de laizma por H.º 10005 de Compromisso, entre os Senhores de d. Leonor Zedi de alencar pelo lado do Norte, pela frente do p. pelo lado do Sul, com o terreno do Jardim Beneditos: pelo frente, limitada com a rua de N. Senhora da Fome, e finalmente, pelo fundo, com o muro da casa do Dr. Manoel Kahly, Luito Brado, por escritura pública, pela Graça. Souto Laura Amagochas, a União Espirita Suijpana instituiu esta, com personalidade jurídica. Presentes o presidente desta mesma instituição o cidadão Francisco Oliva, José Mesquita Neto, secretário da mesma, que escreveu a presente ata e assim os demais membros da comissão; vários confrades, mesmo bem como os presentes de outras instituições congêneras, desta capital, altas autoridades civis e militares especialmente convidados para atestarem esta significativa solenidade. Ainda com a presença de alguns jornalistas, obedeceu em todos as forma bidade de estilo, foi dito pelo cidadão Francisco Oliva que o presente ramial tinha como objectivo lançar a primeira pedra da "Casa do Pequeno Pê". Adiantou ainda que, para digna da alta finalidade da referida obra, fora levantada antecipadamente o capitão Camião Mendonça de Sampaio, dando-lhe atribuições para cuidar em m assistente para lançar, na casa, esta ata, promettendo que os objectos de estilo significativos, que terão um dia, no futuro, possam causar surpresas bem surpresas como já tem acontecido, b.º o cidadão, e finalmente para agradecer a todos, o cumprimento desta brilhante solenidade. Pelo

[illegible]

Francisco Elva - Presidente, João Rêgo -
de, Secretário.

Coronapapua living 2: 200 faris
Hains' Mole - reppe pentando a Hurora
goro fannu an selway com selisa

queção "Amélie Bonnet" sob os aus-
pícios da União Espirita Congrega-
da por Father Johann a todos do Círculo
de Jure Mesquita Neto que a seguir
passam a direção do Dr. Manoel Ca-
lças Machado, muito grato e ex-
celente de Educação e Cultura do Estado.
Mo. por isso, o Centro Manoel Ca-
lças Machado deu a palavra à Con-
freira Professora R. Neide de Albu-
querque Mesquita que passou a pre-
sente iniciar. Ao contrário o grande
Jure Mesquita Neto passou a leitura
do Estatuto da escola ora inaugura-
da, fazendo a todos, ligar os pontos de
e assim os "Cada do Espiritismo", polien-
tando os nomes dos membros, Cam-
pênia que constituiram para a
"Casa do Espiritismo" se tornasse reali-
dade. O Centro Manoel Calças Ma-
chado passou a trabalhar de acordo e
realizando a obra de que com a in-
suação a realização com profundiza-
ção filosófica, a expressão - Trabalho - So-
lidariedade - Volontariado - sendo pela
professora R. Neide no início
a seguir em ritmo e tudo contado. Jure
Calças Machado da Escola e evangélica "In-
dole do Caminho" to professora R. Neide
passam a passar a palavra para o
claro e muito de usagem e de
do pela Escola "Amélie Bonnet" a
realizando, a seguir, a possibilidade de

Simultaneamente da "Casa do Pequenino", em
 Jericó, até, a uma longa e realização,
 e balança. Uma foi concedida a "Pro-
 priedade" de todos os frutos, que, com sua tri-
 butação gradativa, foram destinados à edu-
 cação, a saúde, a cultura, a reforma,
 a ciência, a saúde pública e ao ensino.
 Aquele, a saúde, a cultura, a reforma,
 a ciência, a saúde pública e ao ensino.
 Aquele, a saúde, a cultura, a reforma,
 a ciência, a saúde pública e ao ensino.

[illegible]

Ana Santos Brater
 Francisca Ludgera
 Maria Isolda Mendonça
 Creusa Macieira Santos
 Carmo Aquino Nogueira
 Osear Reguiao de Brito
 Eusebio Luciene Reguiao
 Lucelia Jussara Reguiao
 Laura Amazonas
 Yocana Atanazia
 Cícero Augusto Oltico Gint
 Marcilia Pereira Santos
 João Teirina de Moraes
 Otacilio Oliveira Dantas
 Rydia Mesquita Solimão
 Ruy - May de A. Mesquita
 Luis Gomes Moraes
 João Dias Nogueira
 Josival Pinheiro Moura
 Petrarca Cícero de Siqueira
 Jansenbach de Amorim
 Orlando Figueiras Macêdo
 Estefaneta
 Jurellas Fonseca
 Maria Francisca dos Santos
 Myde Figueiredo de Albuquerque Mesquita
 Ana Maria Fontes

Sta da plenitude do sacramento de
 primeiro com lito da Escola Alente
 Baurist na Casa do Pequeno. Ato de
 praticar a duras rapista Luperana.
 Aos vinte e sete dias do mês de Novem-

do do ano de mil novecentos e sessenta e seis no edifício da Escola
 'Albino e Brando'. Foi iniciada a reunião com a presença do Presi-
 dente da União Espirita, deitina e vice-deitina da Casa do Pequeno.
 A professora da Escola deu uma Maria Pontes, foi sobre a reunião
 de para a entrega dos livros aos 17 alunos matriculados. Foi dada
 a ordenação foi dada pela conferência de Merquita que contou
 para uma parte, de uma dona Laura Amegones, Silvestre
 Barros. Foi a primeira reunião pela conferência Silvestre Barros e con-
 siderada tem importância para a Escola, a Casa do Pequeno destacando
 o objetivo da União, a maneira como foi ministrada os cursos.
 Foi concluída a palestra a professora deu uma Maria Pontes que
 deu uma aula a alguns alunos, depois de cantado o Hino
 da Escola. Entregue as flores, com seguinte um presente de um
 corte de tecido, oferta da União Espirita. Com a pala-
 va final a conferência de Merquita fez a sua parte e em segun-
 da de seguintes horas a palestra foi dada por um senhor.

José Merquita
 Laura Amegones
 José do Carmo

José Maria Pontes

Alindirinha Cardoso

Pedro Sacramento

Quintina Teófilo Barão

João de Santos

Declaração M. Barros

Edalva Santos

Maria Edna Tiedes

Terezinha Lima Amegones

Maria Lúcia Lima de Almeida

Maria Augusta de Melo

Maria Estina Silva

Maria do Carmo Gomes

Maria do Carmo Santos

M^{te} de Lourdes R. Rezende.
 Antônia Maria Costa
 Diana Maria Mesquita Berqueiro
 Glória Glória Rezende
 Laura Amadoral
 Cilene Machado Rezende
 Maria José Santos
 Persson, Eze dos Santos
 Petronio Francisco II
 Maria Lúcia Costa
 Eze Maria dos Santos
 José Mendes
 Joazeiro Gonzaga
 Maria Rosa Oliveira
 Neide Mesquita
 Eze Maria Mesquita Berqueiro
 Emílio Filho
 Maria Glória Mendonça
 João dos Santos
 Maria Augusta de Melo.

Ata da solenidade de inauguração do "Bar Meinie" da "Casa do Pequeno", sob o patrocínio da União Espírita Sergipana de Br. caju.

Dos nove de abril do ano de mil novecentos e sessenta e sete (9-4-1967) realizou-se, no salão da Escola Dulce Boudet, a solenidade de inauguração do "Bar Meinie", da Casa do Pequeno, sob o patrocínio da União Espírita Sergipana. Sob a direção da irmã D. Neide Mesquita representante do Sr. Prefeito da Capital, foi dado início à

solenidade com o convite ao confrade José Smith, que
 fez a Prece Inicial. Em seguida falou o Sr. José Mes-
 quita dando pormenores sobre o Bar Meinier. Antes, po-
 rém, foram convidados os srs. Carlos Satter - Venerável do
 Loja Maçônica Capitular "Estinguita", sr. Capitão Djalma
 Varas - representante da CHPEMI, orador oficial da so-
 lenidade Sr. Divaldo Pereira Franco, representantes da
 Casa da Fraternidade, Centro Espírita "Amor e Caridade",
 Grupo de Estudo "Caminho da Redenção", Centro Espí-
 rita Cristão, Grupo Espírita "Imão Fogo", Grupo Es-
 pírita "Caminho da Luz", Centro Espírita "Assembleia
 de Jesus", bem como os visitantes D. Irma de Castro
 Rocha, do Centro Espírita "Audiência", do Rio e Lige-
 Ferreira de Sá, de Salvador, D. Laura Diniz, D. Ben-
 jamin Leite e muitos outros. Convidado o Orador Oficial
 Divaldo Pereira Franco para a oração oficial, deslum-
 bou este, com sua palavra fácil, exemplificante
 e cheia de amor à humanidade, a todos os presentes,
 fazendo incisivos à educação da criança, as cuidados
 para com a criança, pois este é glória da vida, são as
 flores da terra. Fazendo um elogio ao Trabalho exaltou
 a divina tarefa de "plantar almas no 'Bar Meinier',
 construindo aí um 'lar do amor'. Complementando a magní-
 fica palestra dissertou sobre a biografia de Meinier,
 produzindo, nos corações presentes, lágrimas ávidas
 de ternura pela querida irmã Irma. Sendo um exemplo
 marcante do 'amor' contou a história geral de "Napete", sensibi-
 lizando a todos os presentes, chegando às lágrimas de
 quase todos. O agradecendo com uma prece em versos, deu
 aos frequentes do Bar Meinier palavras de esperança para
 um futuro edificante. Foi convidada a confrade D.
 Laura Diniz para cortar a fita simbólica
 do Bar Meinier. E nada mais havendo a tratar

determinou o presente que se tornasse a presente
 lista por mim, Maria Tolanda Mendonça, Secretária,
 que assinou, tem como os demais.

Diacaça, 9 de abril de 1964.

Maria Tolanda Mendonça

Maria Hefezia Silva

Maria Hefezia Silva

Cláudio

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

Wilton

José da Rocha de Paiva
 Silvana Guedes Santo
 Daniel Filho
 Cecília Moreira Silveira
 Guionmar Figueiredo
 Aurora N. Andrade
 Lígia Marquês
 Wladimir de Oliveira
 Paulo Monturo de Jesus
 Maria Goretti Rodrigues
 Jovival Pinheiro
 Antonio Rodrigues
 José de Araújo Santos
 Agostinho Francisco
 Moisés dos Santos
 Abelardo Solidade
 Amália Barreto Colis
 Maria Hermosa de Aguiar
 José Mendes
 Francisco Baldo de N. S.
 Silvio Guedes Santos
 Carmen Aguiar Novais
 Aurea Aguiar
 Ana Maria Lima
 José Smith
 Oswaldo Pereira Franco
 Lygia Barros
 Liza Oliveira

Antônio Lenteiro, 1º Secretário.
Ata da nonagésima oitava (98ª) Sessão
da Diretoria da União Espírita Perugi-
pana, como abaixo se declara:

Os oito (8) dias do mês de setembro
do ano de mil novecentos e cinquenta e seis, 1956, reuniram-se
extraordinariamente os Diretores desta Entidade para apreci-
arem o projeto do Regulamento Interno da "Casa do Pequeno".
A Sessão verificou-se na sede da própria União à Rua
S. Ruzia n.º 146, às 15,00 hs., sob a presidência do confrade
João Mesquita Neto que após declarar a ordem, pediu ao Se-
cretário fazer a leitura do projeto, artigo por artigo e que oli-
vidamente apreciado pelos presentes, ficou aprovado com a se-
guinte redação: Regulamento Interno da "Casa do Pequeno" Ca-
pítulo I - Da Instituição, sua Sede e fins - Artigo 1.º - A "Ca-

sa do Pequeno" fundada em 25-12-1949 pela União Espírita Sergipana, em cumprimento ao artigo 1º e § 3º dos seus Estatutos, passará a reger-se por este Regulamento na conformidade do que dispõe o artigo 2º do referido Estatuto. Artigo 2º - Terá sua sede e domicílio nesta Capital de Aracaju, Estado de Sergipe, à Rua D. Frei Tomaz, com ilimitado número de pócos maiores de dezasseis (18) anos, sem distinção de sexo, credo religioso, nacionalidade ou raça. Artigo 3º - Esta Instituição durará por tempo indeterminado e será mantida e desenvolvida pela União Espírita Sergipana com o donatário que for angariando entre associados, instituições particulares ou pessoas, e pelas subvenções e auxílios do Poder Público, tomados a ela concedidos diretamente. Artigo 4º - A "Casa do Pequeno" compreenderá creche, escola maternal e jardim de infância, com a finalidade de proteger, educar e instruir a infância de ambos os sexos, sem qualquer distinção. Artigo 5º - O funcionamento das dependências desta organização (creche, escola maternal e jardim de infância), obedecerá rigorosamente às normas indicadas pelo Departamento Nacional da Criança. Capítulo II - Da Diretoria e do Pessoal - Artigo 6º - A "Casa do Pequeno" será administrada por uma Diretoria composta dos seguintes membros: a) - Diretora; b) - Vice-Diretora; c) - Diretor-Secretário e d) - Diretor-Tesoureiro. § 1º - Os membros compreendidos nas alíneas deste artigo, serão nomeados pelo Presidente da União Espírita Sergipana. § 2º - Sob a guarda do membro Diretor-Tesoureiro, ficarão as importâncias destinadas ao pagamento das despesas com a existência desta Instituição, competindo-lhe apresentar balancete mensal acompanhado dos comprovantes dos gastos e discriminação dos saldos em banco e em seu próprio poder. Artigo 7º - Das atribuições da Diretoria: a) - cumprir e fazer cumprir o presente Regulamento, resolvendo os casos omissos; b) - tomar conhecimento das propostas para admissão de sócios; c) - apresentar, anualmente, relatório de suas atividades para conhecimento dos associados.

dos; d) - deliberar sobre medidas tendentes à boa administração dos serviços e e) - prover os cargos na forma dos §§ 1º e 2º do art. 8º do presente Regulamento. Artigo 8º - O pessoal técnico será constituído de um médico, um assistente social, um dentista além de outros auxiliares, necessários ao funcionamento de todos os departamentos. § 1º - Os membros referidos neste artigo, serão admitidos pela Diretoria desta Casa, respeitada a capacidade profissional para cada função, de preferência diplomados no provimento aos cargos técnicos. § 2º - Os cargos serão providos de acordo com as leis do trabalho, em vigor, exceto quando desempenhados gratuitamente. § 3º - Os servidores auxiliares obedecerão, rigorosamente, as Ordens de Serviço que forem expedidas para o bom funcionamento das tarefas. Capítulo III - Dos sócios e seus Direitos - Artigo 9º - O Quadro da "Casa do Pequeno", será constituído das seguintes categorias de sócios: a) - fundadores: os membros da Diretoria da União Espírita Sergipana desde 25/12/1949 até à inauguração; as pessoas que assinaram a Ata do lançamento da pedra fundamental; b) - beneméritos: os que fizeram doação de importância nunca inferior a R\$ 10.000,00 ou que prestaram, serviços destacados, a critério de sua Diretoria e c) - cooperadores: os que pagarem a mensalidade de R\$ 10,00. Artigo 10º - Para ser admitido como associado, deverá o candidato ser apresentado por proposta assinada por um sócio. § Único - O sócio proponente é o responsável pela idoneidade moral indispensável a todo candidato à admissão. Artigo 11º - É dever do associado prestar todo concurso material e moral para a existência da Instituição. Capítulo IV - Do Patrimônio - Artigo 12º - O patrimônio da "Casa do Pequeno" é constituído de imóveis, utensílios, documentos, biblioteca, contribuições de sócios, móveis, arquivo, etc. § 1º - O patrimônio desta Sociedade, salvo o caso de dissolução, não poderá ser doado no todo ou em parte a qualquer pessoa ou entidade. § 2º - Na hipótese de ser extinta, por qualquer motivo, todo o patrimônio pertencerá à União Espírita Sergipana, sua organizadora e mantenedora. Capítulo V - Da Creche e Escola Maternal - Artigo 13º - A creche destina-se à guarda diurna de crianças sócias, de três (3) meses até os três (3) anos de idade, assegurando-lhes

Livro de Ata nº 4
06.11.64 a 01.01.1979

jun 6

foi presidente do seu grande interesse em fazer funcionar a Escola "Amélie Boudet" no posto no qual ele está. Para trabalhar o regulamento da referida escola, de acordo com o estatuto da "União Espírita Sergipana" e seu regulamento interno, reuniu a seguinte comissão: S. Ney de Mesquita, S. Luiz de Magalhães, S. Lourival Magalhães e o corpo de funcionários. Logo após a sua fala, saudaram a presença dos presentes, que unanimemente ^{promoveram} no atendimento da comissão. Foi eleito pelo corpo de presidente, e mais foram eleitos a todos os presentes e foram feitas a prova de nomeamento pelo corpo de Orlando Macêdo e seu secretário, fez esta ata que vai por todos os membros.

Jose Afonso de
Ney de Mesquita
Lourival Magalhães
Orlando Macêdo

Ata

Ata da 142ª sessão, reunião extraordinária de Diretoria, da União Espírita Sergipana, em sua sede, à sua 1ª Rua, 146, em Aracaju, para leitura e aprovação do Regulamento Interno da Escola "Amélie Boudet", anexa à Casa de Pesquisas, apresentado pelo comitê nomeado anteriormente pelo Presidente, conforme consta da ata da sessão passada. Depois de lido, analisado e aprovado passamos a transcrever-lo como segue: "Regulamento Interno da Escola "Amélie Boudet". Capítulo I - Da Instituição, sua sede e fins. Art. 1º - A Escola "Amélie Boudet", fundada em 14 de março de 1966, título em homenagem a grande mulher, esposa do missionário Allan Kardec, acha-se devidamente registrada no Departamento de Educação, de acordo com as leis em vigor. Art. 2º - A Escola "Amélie Boudet" é um anexo da "Casa de Pesquisas", funcionando sob sua direção e se propõe a administrar o ensino

primário, gratuitamente, obedecendo ao programa oficial adotado no Brasil, preparando seus alunos para admissão ao ginasio ou qualquer curso secundário nacional e, ainda se propõe: a) - despertar na criança o sentimento de amor à Pátria; b) - fazê-la agir dentro do código de civismo, dando-lhe hábitos sadios, ordem, honestidade, cooperação e trabalho; c) - e, acima de todos esses princípios, o mais elevado, o mais sincero e conciente amor a Deus. Art. 3º. Tem sua sede e funcionamento no conjunto "Casa do Pequeno", à rua D. José Tomaz, 588, nesta capital, por tempo indeterminado e será mantida pela "Casa do Pequeno", patrimônio da União Espírita Sergipana. Poderá receber ajuda, donativos, de Instituições particulares ou pessoas, subvenções dos poderes públicos, etc. Capítulo II. Do Pessoal. Art. 4º. A Escola "Amélie Boudet", sob a direção da "Casa do Pequeno", terá o número necessário de professores e auxiliares, regendo de acordo com as normas do ensino. Capítulo III. Do Patrimônio. Art. 5º. O patrimônio da Escola "Amélie Boudet", adquirindo, ou que venha a adquirir, em qualquer espécie, pertencerá à "Casa do Pequeno", patrimônio inalienável da União Espírita Sergipana. Capítulo IV. Das disposições gerais. Art. 6º. Este Regulamento será reformável em parte, ou no todo, quando por deliberação da direção da "Casa do Pequeno", sempre em harmonia com as normas do ensino, com a aprovação da diretoria da União Espírita Sergipana, sua patrocinadora. Qualquer quantia destinada a Escola "Amélie Boudet", poderá ser recebida pelo Tesoureiro da "Casa do Pequeno", com o visto do presidente da União Espírita Sergipana, conforme dispõe o artigo 36º do Regulamento Interno dessa Instituição. Art. 7º. Este Regulamento aprovado pela Diretoria da União Espírita Ser.

July 7

gipana, em sessão de hoje, dois de abril, esta' em consonância com o art. 1º, parágrafo 3º, dos Estatutos e os artigos 35º, 36º e 37º, do Regulamento Interno da União Espírita Sergipana sua posto em execução depois do registro legal. Art. 8º - Devem-se as disposições em contrário. Aracaju, dois de abril de mil novecentos e sessenta e seis. Nada mais havendo a tratar, depois de encerrada a sessão, com a prece a Jesus, eu, secretário, lavrei a presente ata que vai por mim e por todos assinada.

Junta de Honorária - Sacramento
 Orlando Macedo - Obedor
 Myde Magalhães - Tesoureiro
 João Fernandes - Presidente.

Cartório do 1º Ofício Pessoas Jurídicas Títulos e Documentos ARACATU (Pelo)	Registrado em 22/06/1966
	no Livro F/11 de fls. 59 e 60.
	sob o nº 1.535, dor. fe.
	Aracaju, 22/ Junho / 1966
	Antônio Mendes - Oficial

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO
Antônio Mendes - Oficial
Registro de Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas
ARACATU - SERGIPE

Ata da 143ª sessão ordinária da "União Espírita Sergipana", em sua sede, à rua Santa Luzia, 146, em Aracaju.

Aos vinte e dois dias do mês de abril de mil novecentos e sessenta e seis, sob a presidência do conde João Mesquita Neto, foi aberta a sessão de abertura, com a prece inicial, seguida pela leitura do livro que lê a ordem da reunião. Foi lido o expediente seguinte: Circulares recebidas dos trabalhos Caminho da Redenção, desta capital, e do "Caminho da Redenção" de São Luiz do Maranhão e

1966

Registro de Nascimentos

Ordem	Nome do aluno	Sexo	Data de Nascimento	Nacionalidade	Religião			
Matrícula			dia	mês	ano			
1	Maria de Fatima Santos	M.	4	10	951	6	Br-Se	
2	João Carlos dos Santos	M.						
3	Maria de Fatima Santos	F.	4	5	49	7		Port
4	Helena Roldão Santos	F.	25	4	51	5		
5	João Cândido dos Santos	M.	1	10	60	5		
6	Orlando Santos	M.	25	3	61	5		
7	Quintina Cruzes dos Santos	F.	28	2	60	6		
8	Marcos António Gomes Sales	M.	19	9	60			Japão
9	Elizabete Gomes Sales	F.	4	10	61			
10	Orlando Martins Barros	M.						
11	Orlando	M.						
12	Maurício	M.						
13	Roselene Rodrigues Santos	F.	25	5	60			
14	Orlando	M.						
15	João Luiz dos Santos	M.						
16	Helena Maria Santos	F.	7	4	61	5		
17	M ^{te} Valdeir Silva de Oliveira	M.	8	8	59			
18	Nazeli Santos	F.	31	10	60		Br-Se	
19	Vera Lucia Silva	F.	1	1	61		Br-Se	
20	Edraldo Santana Teles	M.						
	Uesquinta							

Matriculas de 1975

1975

Nº e data da matrícula	Nome do aluno	Sexo	Série	Nº R	Data de Nascimento	Idade	Naturalidade
1	11-12-74	Andrassy A. Soral	F	1º	N		Aracaj
2	11-12-74	Lassie M ^{te} Soares	F	Pri	R	05 02 69	11
3	11-12-74	Elza M ^{te} Magalhães Gubaldi	F	1º	N	21 09 68	11
4	11-12-74	Elizete O. de Jesus	F	1º	N	19 03 68	11
5	11-12-74	Edilma Cristina	F	Pri	R		11
6	11-12-74	Eduardo S. D. de Oliveira	M	Pri	R	07 09 69	11
7	11-12-74	Edmilson Santos Santana	M	1º	N	24 06 69	11
8	11-12-74	Fátima M ^{te} dos Santos	F	Pri	R	08 10 68	11
9	11-12-74	Claudio de Oliveira	M	Pri	R		11
10	11-12-74	Iranira Santos Cruz	F	Pri	R	01 05 69	11
11	11-12-74	Jussilide M. da Silva	F	1º	N	14 03 68	11
12	11-12-74	Guilherme M. da Silva	M	1º	N	28 03 67	11
13	11-12-74	Guize V. O. Farias	F	1º	N	29 07 68	11
14	11-12-74	Genilde M. Costa	F	Pri	R	09 05 69	11
15	11-12-74	Guiz Jorge L. de Olir.	M	1º	N	12 08 67	11
16	11-12-74	Marcelo Lima Santos	M	1º	N	09 10 67	11
17	11-12-74	João Bêneo Bispo	M	1º	N	26 10 68	11
18	11-12-74	Mari Accyoli dos Santos	M	1º	N	28 10 67	11
19	11-12-74	Pazarito R. Santos	M	1º	N	21 01 69	11
20	11-12-74	Rosineide R. dos Santos	F	Pri	R	12 04 69	11
21	11-12-74	Rosolino R. dos Santos	M	Pri	R	12 04 69	11
22	11-12-74	Seivaldo F. de Araújo	M	1º	N	05 01 68	11
23	11-12-74	Silma L. Santana	M	1º	N	15 05 68	11
24	11-12-74	Roberto	M	1º	N	-	-
25	11-12-74	Oswanildo Martins Ribeiro	M	Pri	N	8 03 67	8
26	11-12-74	Marly Socorro de Souza	F	1º	N		9
27		Jorge Luiz dos Santos	M	1º	N		7
28		Maurício Conceição	M	Pri	N		

1975

Matrícula de 1975

Nº de Índice	Data	Nome do Aluno	Sexo	Série	Nº	Data do Nascimento	Idade	Naturalidade
21		Adson A. Beal	M	2ª				
22		Antonio Bealdo C. Beneses	"	2ª		09/01/66	9 anos	Aracaju
23		Jose Adilson dos Santos	"	2ª		02/06/65	9 anos	"
24		M ^{rs} Helenice da Silva	F	2ª		06/11/65	8 anos	"
25		M ^{rs} Eugênia de Jesus	F	1ª		27/12/67	7 anos	"
26		Belafonte Ramos Santos	M	1ª		10/10/67	7 anos	"
27		Wailton dos Santos	"	1ª		10/02/68	7 anos	"
28		Jose Paulo Melo	"	2ª		03/10/67	7 anos	"
29		Herzizinha de Jesus	F	2ª		30/04/65	9 anos	"
30		Wellington Matias Melo	M	2ª		07/07/66	8 anos	"
31		Jose dos Santos	"	2ª		13/09/64	10 anos	"
32		Anderson A. Beal	"	2ª		17/06/65	10 anos	"
33		Wailton Magalhães da Silva	"	2ª		10/01/61	14 anos	"
34	22/01/75	Marcos Aurélio dos Santos	"	2ª		17/06/65	10 anos	"
35	22/01/75	Dalter dos Santos	"	2ª		22/11/67	8 anos	"
36	28/01/75	Kleverton Avelino dos Santos	"	Pré		16/01/71	5 anos	"
37	28/01/75	M ^{rs} dos Passos Silva Santos	F	2ª		14/03/65	10 anos	"
38	"	Edson Silva dos Santos	M	2ª		07/10/66	8 anos	"
39	"	Valdemar Herminio dos Santos Filho	"	1ª		12/06/68	7 anos	"
40	"	Katia Silva dos Santos	F	Pré		28/05/69	6 anos	"
41	20/02	Ana M ^{rs} da Silva Costa	"	1ª			9 anos	Goitara - S.
42	25/02	Eduardo Jose Santos	M	1ª		27/03/68	7 anos	Aju
43	31/3	Eduardo Maximo dos Santos	"	Pré		08/10/70	4 anos	"
44	31/3	Marcos Antonio Ramos	"	Pré		05/10/70	4 anos	"
45	03/03	Paulo Roberto Ramos	"	Pré		21/08/68	6 anos	"
46	04/03	Magaly Soares de Oliveira Lima	F	Pré		08/04/71	4 anos	"
47	05/03	Morge Luiz Dias Santos	M	Pré		30/06/70	4 anos	"
48	06/03	Evertton Vieira Dias	"	Pré		26/11/71	3 anos	"
49	06/03	Denilson Santos Braga	"	2ª			8	"
50	06/03	Denilson Santos Braga	"	1ª			10	"

1975

de	Data	Nome do Aluno	Sexo	Série	N.º Data de Insc. Naturalidade	P. Nascimento
31		Carlos dos Santos	M	Pré		5
32		Edson José dos Santos	"	Pré		6
33		Edmo José Oliveira de Jesus	"	Pré		4
34		Claudio de Oliveira dos Santos	"	Pré		5
35		José Ricardo Santos de Jesus	"	Pré		5
36		José Ademir Nascimento Almeida	"	Pré		5
37		George Luiz dos Santos	"	1ª		7
38	04-04-75	Van Santos da Cruz	"	2ª		12
39	9-04-75	Jucilene Magalhães Silva	F	1ª		9
40	19-05-75	José Lourenço da Cruz	M	Pré		8
41	19-05-75	José Wellington da Cruz	M	Inf		6
42		José Carlos Santos	"	Pré		6
43		Jefferson dos Santos	"	Inf		5
44		Dillon Oliveira Santos	"	1ª		7
45	19-05-75	Wellington Bispo da Cruz	M	Inf	N 12/04/68	07
46	02-08-75	Guilherme dos Santos Mussinga	M	Inf	N 06/07/69	06

1974	11 ^o e data da matrícula	Nome do aluno	sexo	serie	N	Data de nascimento	idade	Natural		
					R	dia	mês	ano		
1	09/03/74	Antônio Realdo ^{leite} Mendes	masculino	1 ^o	R	09	01	66	8 anos	Aracaju
2	04/03/74	Edinaldo Almeida Filho	"	"	"	29	04	66	7 "	"
3	01/07/74	Yosé Adilson dos Santos	"	"	"	02	06	65	8 "	"
4	05/07/74	Celia Cardoso Pires	feminino	"	"	15	08	64	9 "	"
5	05/03/74	Adson Araújo Leal	masculino	"	N	08	10	66	7 "	"
6	05/07/74	Antônio Marcos Moura	"	"	N	08	07	63	10 "	"
7	05/07/74	M ^{te} Helenice da Silva	feminino	1 ^o	R	06	11	65	7 "	"
8	05/07/74	M ^{te} Eugénia de Jesus	feminino	Pie	R	37	12	67	6 "	"
9	05/03/74	Belajante Ramos Santos	masculino	Pie	R	10	10	67	6 "	"
10	06/03/74	Jailton Alves Oliveira	"	"	R	10	09	67	6 "	"
11	06/03/74	Jailton dos Santos	"	"	R	11	02	68	6 "	"
12	06/03/74	Gore Paulo Melo	"	1 ^o	R	03	10	67	6 "	"
13	03/03/74	Guilherme Silva Almeida	feminino	"	R	03	08	67	6 "	"
14	07/03/74	Guilherme Magalhães da Silva	masculino	1 ^o	R	28	03	67	6 "	"
15	07/03/74	Terzinhão de Jesus	feminino	1 ^o	R	30	04	65	8 "	"
16	07/03/74	Tereza Cristina Andrade	"	Pie	R	04	03	68	6 "	"
17	03/03/74	Wanderlândia Silva ^{Almeida}	masculino	1 ^o	R	11	02	67	7 "	"
18	08/07/74	Wellington Matos Melo	"	"	R	07	07	66	7 "	"
19	08/03/74	Guilherme Cardoso Pires	"	"	R	27	01	67	7 "	"
1	05/03/74	Anderson Araújo Leal	masculino	2 ^o	N	17	06	65	8 "	"
2	08/03/74	Yosé dos Santos	"	"	R	13	09	64	9 "	"
3	08/03/74	Loisiana Ramos Santos	feminino	"	R	12	01	66	8 "	"
4	09/03/74	Gláucide Silva Almeida	"	"	R	16	07	63	10 "	"
5	05/03/74	Jailton Magalhães da Silva	masculino	"	N	10	01	61	13 "	"
6	03/03/74	Marcos Antônio Moura	"	"	N	08	07	63	10 "	"
7	08/03/74	Fernando Santos Melo	"	1 ^o	R	26	05	66	7 "	"

Alvesquist

11 ^o e data da matrícula	Nome do aluno	sexo	serie	N	Data do nascimento	idade	Naturalidade
				R	dia mês ano		
1 07/03/74	Antônio Realde ^{lobo} Mendes	mascul	1 ^o	R	09 01 66	8 anos	Aracaju
2 07/03/74	Edinaldo Almeida Filho	"	"	"	29 04 64	7 "	"
3 07/03/74	Yosi Adilson dos Santos	"	"	"	02 06 65	8 "	"
4 05/03/74	Celia Cardoso Paes	femin	"	"	15 08 64	9 "	"
5 05/03/74	Adson Araujo Leal	mascul	"	N	08 10 66	7 "	"
6 05/03/74	Antônio Marcos Moura	"	"	N	08 07 63	10 "	"
7 05/03/74	M ^o Helenir da Silva	femin	1 ^o	A	04 11 65	7 "	"
8 05/03/74	M ^o Eugênio de Jesus	femin	Pré	R	37 12 67	6 "	"
9 05/03/74	Belajante Ramos Santos	mascul	Pré	R	10 10 67	6 "	"
10 06/03/74	Yairton Alves Oliveira	"	"	R	10 09 67	6 "	"
11 06/03/74	Yairton dos Santos	"	"	R	11 02 68	6 "	"
12 07/03/74	Yosi Paulo Melo	"	1 ^o	A	03 10 67	6 "	"
13 07/03/74	Guilherme Silva Almeida	femin	"	R	03 08 67	6 "	"
14 07/03/74	Guilherme Magalhães da Silva	mascul	1 ^o	R	28 03 67	6 "	"
15 07/03/74	Fernandinho de Jesus	femin	1 ^o	R	30 04 65	8 "	"
16 07/03/74	Thiery Cristina Andrade	"	Pré	R	06 03 68	6 "	"
17 07/03/74	Wanderlândia Silva Almeida	mascul	1 ^o	R	11 02 67	7 "	"
18 08/03/74	Wellington Matias Melo	"	"	R	07 07 66	7 "	"
19 08/03/74	Guilherme Cardoso Paes	"	"	R	27 01 67	7 "	"
1 08/03/74	Anderson Araujo Leal	mascul	2 ^o	N	17 06 65	8 "	"
2 08/03/74	Yosi dos Santos	"	"	R	13 09 64	9 "	"
3 08/03/74	Isaaciana Ramos Santos	femin	"	R	12 01 66	8 "	"
4 09/03/74	Giandine Silva Almeida	"	"	R	16 07 63	10 "	"
5 09/03/74	Yairton Magalhães da Silva	mascul	"	N	10 01 61	13 "	"
6 09/03/74	Marcos Antonio Moura	"	"	N	08 07 63	10 "	"
7 08/03/74	Fernando Santos Melo	"	1 ^o	R	26 08 66	7 "	"

Escola Amélia Bandet

ROTEIRO PROGRAMÁTICO DE LINGUAGEM PARA A 1ª SÉRIE.

CONTEÚDO	SUGESTÕES DE ATIVIDADES
<p>- Linguagem Oral e Audição</p> <p>A. Conversas</p> <p>B. Pantomimas</p> <p>C. Discursões informais</p> <p>E. Excursões</p> <p>F. Entrevistas</p> <p>G. Relatórios orais</p> <p>1. de experiências pessoais</p> <p>2. de assuntos especiais</p> <p>H. Poesias e Coro falado</p> <p>1. jogos e brinquedos</p> <p>I.-Leitura</p> <p>A. Leitura incidental de cartazes de experiências infantis e outros materiais ao alcance da criança.</p> <p>B. Leitura incidental de fichas, ordens, avisos e adivinhações.</p> <p>C. Experiências dentro e fora da Escola</p> <p>II.-Linguagem escrita.</p> <p>A. Cópia e ditado de palavras e orações</p> <p>B. Legendas para gravuras apresentadas</p> <p>C. Composição simples</p> <p>D. Treino ortográfico de palavras de dificuldade auditiva e visual.</p> <p>Lembramos ao professor que:</p> <p>1. sejam treinadas poucas palavras de cada vez por dia</p> <p>2. a aprendizagem vem da repetição consciente e atenta.</p>	<p>Ler histórias reais ou fantásticas e poesias silenciosas e independentes.</p> <p>Ouvir histórias contadas ou lidas pelo professor.</p> <p>Fazer um coro falado de uma poesia</p> <p>Contar histórias, ilustrando-as no flanelógrafo</p> <p>Planejar e apresentar uma pantomima de histórias</p> <p>Apresentar histórias no teatrinho de sombras.</p> <p>Dramatizar histórias e poesias</p> <p>Pedir aos alunos que fechem os olhos e adivinhem o barulho que o professor faz (deixar cair um objeto, manusear um livro, etc.)</p> <p>Imitar vozes de animais e outros sons como: apito do trem, badalar dos sinos, etc.</p> <p>Falar baixinho e pedir aos alunos que repitam as palavras pronunciadas.</p> <p>Seguir os passos básicos da leitura.</p> <p>- Divisão de palavras em sílabas</p> <p>- Formação de palavras com sílabas dadas</p> <p>- Ditado de pequenas orações</p> <p>Exercícios para:</p> <p>. correção de concordância verbais</p> <p>. correção da pronúncia . correção da troca de letras com os seus respectivos fonemas . distinguir o som fechado, aberto e nasal.</p>

CONTEÚDO

- Os meios de comunicação
Lugares de Recreação e Esporte
- Educação
 - Arte e Literatura
 - Festa Sociais e Cívicas

1. Corpo Humano

A. Aparelho motor:

- 1. Formação
- 2. funções

2. Água e Tempo

A. Evaporação da água

B. Fatores que influem na evaporação

C. Formação da Chuva

D. Nuvens:

- 1. Formação

- 2. Tipos.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Observações

As sugestões de atividades ficará a cargo de cada professora de acordo com as necessidades surgidas dentre o conteúdo apresentado nas áreas de ação, através de conversas, discussões, comentários com os alunos.

CIÊNCIA 2ª SÉRIE.

Discussão com as crianças sobre o corpo humano

Mostrar o próprio corpo:

Formação

Divisões

Valor de cada parte, etc.

Discussão acerca dos lugares onde vemos água.

Experimentações para entender o fenômeno da evaporação, tirar conclusões.

Comentários acerca das doenças trazidas pela água e os meios de evitá-los. Fazer cartazes, desenhos.

Exatidão a uma caixa d'água para verificar de onde vem e como é tratada a água que abastece a nossa comunidade.

Observação das nuvens para notar que variam de cor, forma, tamanho.

Desenho de vários tipos de nuvens

Experimentação para entender o fenômeno da chuva.

Discussão acerca da atualidade da chuva e os prejuízos causados por chuvas contínuas.

Enumerar as diversas maneiras que as pessoas usam para se protegerem contra a chuva.

